

SANDRA DE JESUS DA AVÓ CATARINO

“COM E NO GRUPO, EU CONSIGO APRENDER”

**UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM
COOPERATIVA, NUMA TURMA DE 3º ANO**

Trabalho de Projecto apresentado para
obtenção do grau de Mestre em Ciências da
Educação – Educação Especial: Domínio
Cognitivo e Motor, no curso de Mestrado em
Ciências da Educação – Educação Especial:
Domínio Cognitivo e Motor conferido pela
Universidade Lusófona de Humanidades e
Tecnologias.

Orientadora: Professora Doutora Isabel
Rodrigues Sanches da Fonseca

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Educação

Lisboa

2011

Aprende-se fazendo, experimentando, avaliando, modificando, partindo das virtualidades do que já se fez. Reflectindo e procurando resolver problemas, cooperando, partilhando dificuldades e sucessos. Sempre, portanto, numa atitude de permanente aprendizagem.

(Leitão, 2007:6)

Sandra Catarino - “Com e no grupo, eu consigo aprender”. Uma experiência de aprendizagem cooperativa, numa turma de 3º ano.

Ao Bernardo e à Isabel, as minhas estrelinhas;

Ao Fernando, por caminhares ao meu lado.

Agradecimentos

Após uma longa caminhada, eis que consigo avistar a meta de mais uma etapa da minha vida. Ao percorrê-la contei com a colaboração de muitas pessoas, o que a tornou mais fácil e possível. Jamais me esquecerei de todos e de como contribuíram para esta jornada. O meu muito obrigada!

A todos os meus alunos, por me despertarem a paixão pela Educação Especial, com os quais aprendi a ser a professora que sou e que lado a lado enfrentámos dificuldades e festejámos conquistas. Aos alunos com quem partilho o meu dia-a-dia, trabalhando na expectativa de conseguirmos um amanhã com oportunidades. A todos eles, em especial ao Pedro, à Núria e à Ana.

À Professora Doutora Isabel Sanches, minha orientadora, pela disponibilidade, compreensão, paciência e simpatia com que sempre me recebeu, pelas sugestões e ensinamentos sempre pertinentes.

Aos alunos da turma A, do 3º ano de escolaridade da EB1 de Borba, do ano lectivo 2009/2010, pela disponibilidade, curiosidade e participação em todas as actividades desenvolvidas.

À professora Paula Lobo e à encarregada de educação do Joaquim, pela receptividade e cooperação no projecto.

À Margarida Maçaneiro, pela disponibilidade para corrigir a tradução para Inglês do resumo deste trabalho.

À minha mãe, pela ajuda nas tarefas que eu não conseguia fazer.

Ao meu marido, pelo incentivo e apoio.

Ao meu filho, pela compreensão.

A todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste projecto.

Resumo

Este Trabalho de Projecto foi desenvolvido numa turma de 3º ano de escolaridade que integrava quatro alunos considerados com necessidades educativas especiais, que, apesar de estarem na mesma sala de aula dos colegas, estavam afastados, ao fundo da sala, num subgrupo a desenvolver actividades diferenciadas na turma. A par desta situação, a encarregada de educação de dois destes alunos, com diagnóstico de deficiência mental, mostrava-se insatisfeita com o trabalho desenvolvido na escola. A intervenção assentou numa metodologia de planificação - acção – reflexão contínua (metodologia de investigação-acção) e em estratégias de aprendizagem cooperativa. Conseguiram-se resultados positivos nos diferentes contextos de intervenção, provando a eficácia da aprendizagem cooperativa e da acção/reflexão/acção que poderão ser desenvolvidas noutras situações com os ajustes necessários à sua especificidade.

Palavras – chave: investigação - acção, dificuldades intelectuais e desenvolvimentais, socialização das aprendizagens, aprendizagem cooperativa, inclusão

Abstract

"Socializing the learnings, through cooperative learning, a class of 3rd year of schooling"

This Project work was developed in a 3rd year class which integrated four pupils with special educational needs, who, despite being in the same class with other colleagues, were apart from the class at the end of the room in a sub-group developing differentiated activities. Aware of this situation, one parent responsible for the education of two of these students, children with intellectual and developmental difficulties, showed to be unsatisfied with the work done at school. The intervention assented in a planning - action - reflection methodology (investigation - action methodology) and in cooperative learning strategies. We have accomplished positive results in different intervention contexts, proving the efficiency of cooperative learning and action/reflection/action which could be developed in other situations with the necessary adjusts according to its specificity.

Key Words: action research, intellectual and developmental difficulties, socialisation of learnings, cooperative learning, inclusion

Índice

Agradecimentos.....	5
Resumo.....	6
Índice.....	7
Índice de quadros	9
Índice de apêndices	10
Índice de anexos	10
Introdução	12
1.Enquadramento teórico	15
1.1- Inclusão: dos conceitos à prática	15
1.2- Aprendizagem cooperativa: características	18
1.3-Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais: definição, etiologia e características	20
2- Enquadramento metodológico	24
2.1- Caracterização do projecto	24
2.2. Problemática e questão de partida	26
2.3. Objectivos gerais do trabalho	26
2.4.Técnicas e instrumentos de pesquisa de dados	27
2.4.1- Pesquisa documental.....	27
2.4.2-Sociometria.....	27
2.4.3- Técnica de entrevista.....	28
2.4.4- Observação	29
2.5- Procedimentos para a recolha e análise de dados	29
3- Caracterização da situação de intervenção e dos contextos em que a mesma se insere	34
3.1- O contexto escolar	34
3.1.1- Espaço físico e logístico	34
3.1.2- Recursos humanos.....	34
3.1.3- Dinâmica educativa	35
3.1.4- Preocupações explícitas para dinamização de uma escola para todos e com todos	36
3.2- A turma	36
3.2.1- Caracterização estrutural	36
3.2.2- Caracterização dinâmica.....	36
3.2.3- Casos específicos da turma.....	39
4- Plano de acção.....	45

4.1- Pressupostos teóricos	46
4.2. Planificação, realização e avaliação da intervenção	46
4.2.1-Planificação global da intervenção	47
4.2.2- Planificação, intervenção e avaliação, a curto prazo.....	53
4.3- Avaliação global	124
4.3.1- A nível do grupo.....	125
4.3.2- A nível do contexto escolar	132
4.3.3- A nível da família	135
4.3.4- A nível da equipa de apoio	141
4.3.5- A nível da Escola	142
4.3.6- A nível do processo.....	143
Reflexões conclusivas	144
Referências bibliográficas	146
Apêndices	I
Anexos.....	LXIII

Índice de quadros

QUADRO 1- PLANIFICAÇÃO DA INTERVENÇÃO, A LONGO PRAZO, NA SALA DE AULA/ EB1, COM OS ALUNOS.....	47
QUADRO 2- PLANIFICAÇÃO DA INTERVENÇÃO, A LONGO PRAZO, NA SALA DE AULA/ EB1, COM A PROFESSORA (PARCERIA PEDAGÓGICA)	50
QUADRO 3- PLANIFICAÇÃO DA INTERVENÇÃO, A LONGO PRAZO, NA FAMÍLIA.....	51
QUADRO 4- PLANIFICAÇÃO DA INTERVENÇÃO, A LONGO PRAZO, NA EQUIPA DE APOIO	52
QUADRO 5- PLANIFICAÇÃO DA INTERVENÇÃO, A LONGO PRAZO, NA ESCOLA	53
QUADRO 6- 1ª SEMANA - PLANO DE SESSÃO	57
QUADRO 7- 1ª SEMANA - AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIAS DA TURMA	57
QUADRO 8- 1ª SEMANA - GRELHA DE AVALIAÇÃO DE SESSÃO	58
QUADRO 9- 2ª SEMANA - PLANO DE SESSÃO.....	62
QUADRO 10- 2ª SEMANA -AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIAS DA TURMA	63
QUADRO 11- 2ª SEMANA - GRELHA DE AVALIAÇÃO DE SESSÃO	63
QUADRO 12- 3ª SEMANA - PLANO DE SESSÃO	66
QUADRO 13- 3ª SEMANA - AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIAS DA TURMA	67
QUADRO 14- 3ª SEMANA - GRELHA DE AVALIAÇÃO DE SESSÃO	68
QUADRO 15- 4ª SEMANA - PLANO DE SESSÃO	70
QUADRO 16- 4ª SEMANA - AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIAS DA TURMA	71
QUADRO 17- 4ª SEMANA - GRELHA DE AVALIAÇÃO DE SESSÃO	72
QUADRO 18- 5ª SEMANA - PLANO DE SESSÃO	75
QUADRO 19- 5ª SEMANA - AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIAS DA TURMA	76
QUADRO 20- 5ª SEMANA - GRELHA DE AVALIAÇÃO DE SESSÃO	77
QUADRO 21- 6ª SEMANA - PLANO DE SESSÃO	80
QUADRO 22- 6ª SEMANA - AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIAS DA TURMA	81
QUADRO 23- 6ª SEMANA - GRELHA DE AVALIAÇÃO DE SESSÃO	82
QUADRO 24- 7ª SEMANA - PLANO DE SESSÃO	85
QUADRO 25- 7ª SEMANA - AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIAS DA TURMA	86
QUADRO 26- 7ª SEMANA - GRELHA DE AVALIAÇÃO DE SESSÃO	87
QUADRO 27- 8ª SEMANA - PLANO DE SESSÃO	92
QUADRO 28- 8ª SEMANA - AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIAS DA TURMA	92
QUADRO 29- 8ª SEMANA - GRELHA DE AVALIAÇÃO DE SESSÃO	93
QUADRO 30- 9ª SEMANA - PLANO DE SESSÃO	97
QUADRO 31- 9ª SEMANA - AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIAS DA TURMA	98
QUADRO 32- 9ª SEMANA - GRELHA DE AVALIAÇÃO DE SESSÃO	99
QUADRO 33- 10ª SEMANA - PLANO DE SESSÃO	103
QUADRO 34- 10ª SEMANA - AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIAS DA TURMA	104
QUADRO 35- 10ª SEMANA - GRELHA DE AVALIAÇÃO DE SESSÃO	105
QUADRO 36 – RESULTADOS DA AUTO-AVALIAÇÃO DA ACTIVIDADE “DEFESA DOS ANIMAIS”	108
QUADRO 37- RESULTADOS DA AVALIAÇÃO DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO DA ACTIVIDADE DO CALENDÁRIO	111
QUADRO 38- 11ª SEMANA - PLANO DE SESSÃO	111
QUADRO 39- 11ª SEMANA - AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIAS DA TURMA	112
QUADRO 40- 11ª SEMANA - GRELHA DE AVALIAÇÃO DE SESSÃO	113
QUADRO 41- RESULTADOS DA AUTO-AVALIAÇÃO DOS ALUNOS DA ACTIVIDADE “A FESTA DE ANOS”	115
QUADRO 42- 12ª SEMANA - PLANO DE SESSÃO	118
QUADRO 43- 12ª SEMANA - AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIAS DA TURMA	119

QUADRO 44- 12ª SEMANA - GRELHA DE AVALIAÇÃO DE SESSÃO	119
QUADRO 45- RESULTADOS DA AVALIAÇÃO DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO DA ACTIVIDADE DA CARTA	121
QUADRO 46- RESULTADOS DA AVALIAÇÃO DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO RELATIVAMENTE AO POWERPOINT	122
QUADRO 47- SÍNTESE DA AVALIAÇÃO DO TRABALHO DESENVOLVIDO COM O GRUPO-TURMA	126
QUADRO 48- SÍNTESE DA AVALIAÇÃO DO TRABALHO DESENVOLVIDO COM A PROFESSORA TITULAR DE TURMA	133
QUADRO 49- QUADRO SÍNTESE DO TRABALHO DESENVOLVIDO COM A FAMÍLIA	137
QUADRO 50- SÍNTESE DO TRABALHO DESENVOLVIDO COM A EQUIPA DE APOIO.....	142

Índice de apêndices

APÊNDICE 1- FICHA DE PESQUISA DOCUMENTAL	II
APÊNDICE 2-1ª MATRIZ SOCIOMÉTRICA - ESCOLHAS	V
APÊNDICE 3 - 1ª MATRIZ SOCIOMÉTRICA – REJEIÇÕES.....	VI
APÊNDICE 4-1º GUIÃO DE ENTREVISTA PROFESSORA TITULAR DE TURMA.....	VII
APÊNDICE 5 -1º PROTOCOLO DE ENTREVISTA – PROFESSORA TITULAR DE TURMA	IX
APÊNDICE 6– 1ª GRELHA DE ANÁLISE DO CONTEÚDO – ENTREVISTA PROFESSORA TITULAR DE TURMA	XI
APÊNDICE 7 -1º GUIÃO DE ENTREVISTA ENCARREGADA DE EDUCAÇÃO.....	XIII
APÊNDICE 8– 1º PROTOCOLO DE ENTREVISTA – ENCARREGADA DE EDUCAÇÃO	XV
APÊNDICE 9 – 1ª GRELHA DE ANÁLISE DO CONTEÚDO – ENTREVISTA À ENCARREGADA DE EDUCAÇÃO.....	XVII
APÊNDICE 10– 1ª PLANTA DA SALA.....	XIX
APÊNDICE 11-1º- PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO NATURALISTA.....	XX
APÊNDICE 12-ANÁLISE DO 1º PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO NATURALISTA.....	XXVII
APÊNDICE 13- 2ª MATRIZ SOCIOMÉTRICA – ESCOLHAS.....	XXXII
APÊNDICE 14-2ª MATRIZ SOCIOMÉTRICA – REJEIÇÕES	XXXIII
APÊNDICE 15- 2º GUIÃO DE ENTREVISTA À PROFESSORA TITULAR DE TURMA.....	XXXIV
APÊNDICE 16- 2º PROTOCOLO DE ENTREVISTA – PROFESSORA TITULAR DE TURMA	XXXVI
APÊNDICE 17–2ª GRELHA DE ANÁLISE DO CONTEÚDO – ENTREVISTA PROFESSORA TITULAR DE TURMA	XXXVII
APÊNDICE 18 -2º GUIÃO DE ENTREVISTA ENCARREGADA DE EDUCAÇÃO.....	XXXVIII
APÊNDICE 19 -2º PROTOCOLO DE ENTREVISTA – ENCARREGADA DE EDUCAÇÃO	XL
APÊNDICE 20-2ª GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA À ENCARREGADA DE EDUCAÇÃO.....	XLI
APÊNDICE 21– 2ª PLANTA DA SALA, OBSERVAÇÃO AULA.....	XLII
APÊNDICE 22 -2º PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO NATURALISTA	XLIII
APÊNDICE 23– ANÁLISE DO 2º PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO NATURALISTA	LI
APÊNDICE 24– IMAGENS DE TRABALHOS REALIZADOS E DOS GRUPOS DE TRABALHO, AO LONGO DA INTERVENÇÃO	LVI

Índice de anexos

ANEXO 1– TESTE SOCIOMÉTRICO	LXIV
ANEXO 2- PROGRAMA EDUCATIVO INDIVIDUAL	LXV
ANEXO 3- RELATÓRIO TÉCNICO-PEDAGÓGICO	LXXVIII
ANEXO 4- 1º RELATÓRIO DA TERAPIA DA FALA.....	LXXXI
ANEXO 5 - 2º RELATÓRIO DE TERAPIA DA FALA	LXXXIII
ANEXO 6- 1º RELATÓRIO MÉDICO.....	LXXXV

Sandra Catarino - “Com e no grupo, eu consigo aprender”. Uma experiência de aprendizagem cooperativa, numa turma de 3º ano.

ANEXO 7- 2º RELATÓRIO MÉDICO.....	LXXXVI
ANEXO 8- 3º RELATÓRIO MÉDICO.....	LXXXVII
ANEXO 9 - 3º RELATÓRIO TERAPIA DA FALA	LXXXVIII
ANEXO 10- 4º RELATÓRIO DE TERAPIA DA FALA.....	LXXXIX
ANEXO 11- RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA	XC
ANEXO 12- RELATÓRIO PEDAGÓGICO	XCII

Introdução

Ao longo dos últimos anos, a Educação Especial tem sido tema de interesse para muitos, acompanhando a evolução da sociedade. Todos falamos dos princípios da Declaração de Salamanca (1994), de inclusão, integração, ensino especial e educação especial com a única certeza de que **todos** os alunos, sem excepção, devem estar na Escola. Contudo, estes conceitos não estão bem clarificados no nosso discurso e principalmente nas nossas práticas educativas. Para todos, pais, professores, alunos e técnicos, é indiscutível que as estratégias utilizadas na sala de aula influenciam a aprendizagem, atendendo aos alunos e às finalidades a que se destinam. Mas, para quem define estas estratégias, a diversidade da turma é tida em conta? Há ainda um longo caminho a percorrer. Sabemos que “uma escola inclusiva tem de ser capaz de olhar para a diferença de cada um como uma mais – valia e essa diferença servir para o enriquecimento do grupo e de cada um em particular” (Sanches, 2001:91). Foi neste contexto que surgiu o presente trabalho.

A intervenção desenvolveu-se numa turma do terceiro ano de escolaridade do primeiro ciclo do ensino básico, na qual desempenhamos a função de professora de Educação Especial. Pertence a uma EB1/JI de um Agrupamento de Escolas da Direcção Regional da Educação do Alentejo. Foi a primeira vez que trabalhámos neste Agrupamento e consequentemente, com a turma em que decorreu a intervenção bem como com a professora titular de turma e com a equipa de apoio.

Optámos por desencadear a nossa intervenção nesta turma por se apresentar com uma diversidade de especificidades individuais. Era constituída por vinte alunos, dos quais quatro eram considerados com Necessidades Educativas Especiais (NEE's). Destes, três usufruíam da medida educativa currículo específico individual ao abrigo do decreto-lei 3/2008, de 7 de Janeiro. Desde o início do ano lectivo que a professora titular de turma mostrou resistência ao trabalho desenvolvido pela professora de Educação Especial, insistindo na separação deste “pequeno grupo” em relação à turma e na diferenciação pedagógica assente em fichas de trabalho. A par desta situação, a encarregada de educação de dois alunos considerados com NEE's (gémeos), com diagnóstico de deficiência mental, mostrou desconhecimento do trabalho desenvolvido pelos alunos e “desânimo” em relação à escola. Ao longo do percurso escolar, a atitude desta perante as expectativas dos seus

educandos foi diferente, um foi sempre muito valorizado e o outro muito desvalorizado. Optámos por desencadear a intervenção a partir do aluno do qual a encarregada de educação tinha menos expectativas relativamente ao percurso escolar.

Assim, na nossa situação inicial os alunos considerados com NEE's, apesar de estarem na sala de aula dos colegas, estavam sentados ao fundo da sala, num subgrupo, ao qual era aplicada diferenciação pedagógica com recurso a fichas de trabalho.

Foi neste contexto que desenvolvemos a nossa intervenção com o intuito de introduzir mudanças na dinâmica da sala de aula, envolvendo todo o grupo na socialização das aprendizagens independentemente do seu perfil cognitivo, através de um trabalho de parceria entre os professores promovendo práticas de educação inclusiva.

A intervenção assentou numa metodologia de investigação - acção privilegiando a prática reflexiva contínua e sistemática.

Para procedermos à recolha de dados, recorremos à pesquisa documental, à observação naturalista, à sociometria e às entrevistas à professora titular de turma e à encarregada de educação.

O trabalho foi dividido em quatro capítulos. No primeiro, enquadramento teórico, apresentámos uma revisão bibliográfica de educação inclusiva e de deficiência mental, actualmente dificuldades intelectuais e desenvolvimentais.

No segundo capítulo, enquadramento metodológico, caracterizámos o projecto, explicámos as técnicas e instrumentos de pesquisa de dados utilizados e os procedimentos para a recolha e análise de dados.

No que concerne ao terceiro capítulo, em função dos resultados das técnicas e dos instrumentos utilizados, procedemos à caracterização da situação em que se interveio e dos contextos em que a mesma se inseriu, nomeadamente o contexto escolar, a turma, casos específicos da turma, história compreensiva do aluno, caracterização do percurso escolar e o nível actual de competências do aluno.

No quarto capítulo, mostrámos o plano de acção baseado em pressupostos teóricos, a formulação da pergunta de partida e a planificação, realização e avaliação da intervenção.

Por último, expusemos as reflexões conclusivas, nomeadamente as mudanças na dinâmica educativa com a passagem da sistemática diferenciação pedagógica assente em fichas de trabalho para a socialização das aprendizagens com e através dos pares e a cooperação entre os todos os intervenientes no processo. Destacámos também os aspectos

Sandra Catarino - “Com e no grupo, eu consigo aprender”. Uma experiência de aprendizagem cooperativa, numa turma de 3º ano.

mais importantes do projecto, designadamente os benefícios da metodologia de investigação - acção na implementação das práticas inclusivas.

1.Enquadramento teórico

1.1- Inclusão: dos conceitos à prática

Desde a sua criação que a escola se organizou com base numa “indiferença às diferenças”, i.e., recusou formalmente a valorização dos contextos socioculturais dos alunos. A imposição de uma mesma organização a todos os alunos e para todos os fins, é factor de exclusão para muitos alunos, disfarçada com “falta de motivação”, “indisciplina” ou “falta de inteligência”, quando muitas vezes se trata de incompatibilidade entre os seus valores, ritmos e interesses com os que são veiculados pela escola.

A Declaração de Salamanca (1994) defende o princípio da inclusão, a escola para todos, atendendo à especificidade de cada um. Mas, para tal é necessária uma mudança na prática educativa, nomeadamente: assumir como ponto de partida as práticas e os conhecimentos existentes, entender as diferenças como oportunidades para a aprendizagem, inventariar as barreiras à participação, usar os recursos disponíveis para apoiar a aprendizagem, desenvolver uma linguagem ligada à prática e criar condições que incentivem aceitar riscos.

Correia (2001:125) considera que a educação inclusiva ambiciona que “ todos os alunos, com as diversas capacidades, interesses, características e necessidades, possam aprender juntos, (...) promover uma cultura de escola e de sala de aula que adopte a diversidade como lema e que tenha como objectivo primeiro o desenvolvimento global dos alunos”.

Booth e Ainscow (2002:8) afirmam que “a inclusão consiste na minimização de todas as barreiras à educação de todos os alunos”.

César (2003:119) explica que:

escola inclusiva é uma escola onde se celebra a diversidade, encarando-a como uma riqueza e não como algo a evitar, em que as complementaridades das características de cada um permitem avançar, em vez de serem vistas como ameaçadoras, como um perigo que põe em risco a nossa própria integridade, apenas porque ela é culturalmente diversa da do outro, que temos como parceiro social.

No conceito de inclusão, a criança é vista como um todo (desenvolvimento académico, socioemocional e pessoal), defendendo-se a presença, não só a nível educativo mas também social, de todos os alunos considerados com NEE's nas classes/regulares da sua residência, respeitando os seus direitos e evitando ambientes segregadores. Sanches e

Teodoro (2007:108) explicam que “com a escola inclusiva, os alunos, todos os alunos, estão na escola para aprender, participando”. Aqui têm acesso a um currículo comum através de um conjunto de serviços educativos adequados e de acordo com as suas características e necessidades, promovendo-se a colaboração e a solidariedade em vez da competição. Os serviços especializados são complementados com actividades de envolvimento com a comunidade de modo a que o jovem desenvolva aptidões inerentes ao seu quotidiano. Pretende-se o fim da rotulação e melhorar a sua qualidade de vida. Por outro lado, aproveitam-se as mais-valias das heterogeneidades e da diversidade que levam à igualdade de oportunidades educacionais e ao desenvolvimento de comunidades escolares mais ricas.

A inclusão envolve a escola, a família, a comunidade, os professores e os próprios indivíduos e o êxito da escola inclusiva depende da importância que os intervenientes lhe dão e à forma como podem contribuir para que esta se concretize.

A escola inclusiva rompe com os valores da escola tradicional, com o conceito de desenvolvimento curricular único, com o conceito de aluno-padrão estandardizado e de aprendizagem como transmissão.

Com a criação de escolas inclusivas pretende-se conseguir um sistema educativo que responda às necessidades dos alunos, respeite a individualidade, colabore na resolução de problemas, incentive a formação de professores e aumente a igualdade de oportunidades para que se consiga uma melhoria educativa.

As escolas inclusivas caracterizam-se por apresentar (Working Forum on Inclusive Schools, 1994 cit. in Correia, 2003:30):

um sentido de comunidade e de responsabilidade, uma liderança crente e eficaz, padrões de qualidade elevados, colaboração e cooperação, mudança de papéis por parte de educadores, professores e demais profissionais de educação, disponibilidade de serviços, criação de parcerias, designadamente com os pais, ambientes de aprendizagem flexíveis, estratégias de aprendizagem baseadas na investigação, novas formas de avaliação, desenvolvimento profissional continuado e participação total.

A escola inclusiva é virada para a diversidade, para as diferenças e para a pertença (Sanches, 2007).

A sociedade levanta inúmeros obstáculos a uma pessoa com qualquer tipo de dificuldade, impedindo-lhe, muitas vezes, que tenha uma vida com qualidade. Segundo Rodrigues (2003) não é possível criar uma escola inclusiva numa sociedade que não o é. Da mesma forma, a escola não pode ser, nem seria desejável, uma ilha de inclusão num mar de exclusão pois, os valores transmitidos não seriam expressivos no seu exterior, pelo

que não fariam sentido nem teriam sustentabilidade. Cabe à escola alterar esta situação, influenciar a mudança social, começando por si própria.

A escola inclusiva, com os meios mais adequados para eliminar barreiras deverá fomentar um sentido comunitário com forte ligação ao meio local, pensar nas pessoas e trabalhar para as aspirações culturais destas em que o professor terá uma relação face a face com cada pessoa e situação. De acordo com Barroso (2001, cit. in Barroso, 2003) são quatro as condições básicas para a criação de uma escola sociocomunitária, designadamente: serviço local de estado, organização de profissionais, serviço público de solidariedade social e associação local. Estes quatro aspectos devem ser geridos de modo flexível atendendo à diversidade dos intervenientes e aos seus interesses. Uma escola enquanto projecto global deverá contemplar os quatro referenciais de modo integrado e distributivo.

Uma escola como organização sociocomunitária deverá abrir as portas à diversidade dos seus públicos, ser intransigente no reconhecimento dos seus direitos e solidária com as suas necessidades, interesses e anseios. De acordo com Booth e Ainscow (2002:9) “as escolas podem trabalhar com outras organizações e com as comunidades, de forma a desenvolver oportunidades educativas e promover as condições sociais dentro das suas localidades.”

Marchesi (2001) considera cinco factores essenciais para a mudança nas escolas, designadamente a transformação do currículo, o desenvolvimento profissional dos professores, uma liderança efectiva, a modificação da cultura e da organização da escola e um compromisso de mudança.

Educação inclusiva exige mudança de mentalidades, para que todos possam ter acesso e sucesso na educação, a criação de condições e recursos adequados a cada situação e mudanças nas metodologias.

Por outro lado, “a educação inclusiva não se fará se não forem introduzidos na sala de aula instrumentos diferentes dos que têm vindo a ser utilizados” (Sanches, 2005:131).

De acordo com Ainscow (1997, cit. in Sanches & Teodoro, 2007), para a existência de salas de aula mais inclusivas é necessário planificar as actividades para todo o grupo, como um todo, rentabilizar os conhecimentos, as experiências e as vivências de cada aluno, envolvendo-o na própria aprendizagem com metodologias cooperativas.

A diferenciação apresenta a diversidade como um recurso fundamental da aprendizagem, integra novas formas de tutoria entre alunos, a aprendizagem com os pares, elege a colaboração dos alunos no estudo e adota metodologias de trabalho cooperativo.

Segundo a Agência Europeia para o Desenvolvimento das pessoas com necessidades educativas especiais (Sanches & Teodoro, 2007) exemplos de estratégias promotoras de classes mais inclusivas são o trabalho cooperativo, a intervenção em parceria, a aprendizagem com os pares, o agrupamento heterogéneo, o ensino efectivo e a tutoria entre alunos. Sanches (2001) acrescenta ainda o brainstorming, a socialização do saber (partilhar) e as aprendizagens significativas.

Não se pode falar de inclusão se não se atender à diferenciação pedagógica, de acordo com a especificidade dos alunos. Sanches e Teodoro (2007) referem que a educação inclusiva prevê que todos os alunos aprendam juntos, estando o processo de aprendizagem assente na diferenciação curricular inclusiva, desenvolvida mediante os contextos de pertença dos alunos, através de respostas educativas diferentes que atendam aos ritmos e estilos de aprendizagem dos alunos. “É aprender no grupo e com o grupo, em situações de verdadeira aprendizagem cooperativa, responsável e responsabilizante” (Sanches & Teodoro, 2007:115). Se pretendermos ajudar o aluno, temos que ajudar “o todo”, a turma evidenciando a aprendizagem com a diversidade e destacar a riqueza das aptidões dos alunos procurando inclui-las na planificação.

Segundo Sanches (2001) faz-se diferenciação pedagógica ao se perceber os estilos de aprendizagem dos alunos para diversificar as estratégias, com a aposta em aprendizagens significativas, na planificação de tarefas diferentes para cada grupo, ao negociar actividades/conteúdos com os alunos, com a realização de parcerias pedagógicas, na orientação das aprendizagens, na organização da sala, com a criação de um clima estimulante para as aprendizagens e com o reforço oportuno e imediato.

1.2- Aprendizagem cooperativa: características

Segundo Balkcom (1992, cit. in Lopes, 2009), a aprendizagem cooperativa caracteriza-se como uma estratégia com pequenos grupos, heterogéneos relativamente às capacidades, em que cada elemento é responsável não só pela sua aprendizagem, mas também por ajudar os colegas. Fathman e Kessler (1993, cit.in Lopes & Silva, 2009:3)

definem-na “como um trabalho em grupo que se estrutura cuidadosamente para que todos os alunos interajam, troquem informações e possam ser avaliados de forma individual pelo seu trabalho”. Para Lopes e Silva (2009:4) “é uma metodologia com a qual os alunos se ajudam no processo de aprendizagem, actuando como parceiros entre si e com o professor, visando adquirir conhecimentos sobre um dado objecto.”

Johnson e Johnson (1989, cit. in Leitão, 2006) e Lopes e Silva (2009) consideram que os grupos cooperativos se caracterizam pela interdependência positiva, pois os alunos trabalham em conjunto com o intuito de conseguir os objectivos do grupo que dependem do esforço de todos os elementos; pela responsabilidade individual dentro do grupo e de grupo; pelo desenvolvimento das competências sociais; pelas interacções face – a – face, uma vez que os alunos devem interagir directamente uns com os outros enquanto trabalham; e pela avaliação dos procedimentos do grupo realizada pelos próprios alunos. No trabalho de grupo tradicional não existe o verdadeiro trabalho de cooperação relativamente à partilha de responsabilidades, às hipóteses de intervenção e à criação de relações positivas entre os elementos do grupo.

Os papéis atribuídos aos alunos são também uma característica da aprendizagem cooperativa. Permitem que cada elemento do grupo saiba o que tem que fazer e o que espera que os outros façam. Das vantagens desta atribuição destacamos a menor possibilidade de alguns alunos terem uma atitude passiva ou dominante no grupo, a interdependência entre os membros e é uma forma de certificar que todos trabalham juntos mas sem se atrapalharem uns os outros.

Os benefícios da aprendizagem cooperativa podem ser analisados nas seguintes categorias: sociais, psicológicas, académicas e em termos de avaliação. Os benefícios sociais relacionam-se com o desenvolvimento das relações interpessoais, facilitando a responsabilidade e o respeito pelos outros, a co-responsabilização de todos os elementos do grupo, a compreensão pela diversidade, o espírito de constituição de equipa e consequentemente a criação de um ambiente de cooperação entre pares estimulando o desenvolvimento de competências sociais e a inclusão de todos os alunos. Por outro lado, o professor deixa de ser o centro do processo de ensino para ser mediador e a aprendizagem passa a estar centrada no aluno. A nível psicológico, há uma promoção da auto-estima dos alunos que se sentem mais valorizados, uma vez que o sucesso individual está correlacionado com o sucesso colectivo e consequentemente, o aluno sente-se reconhecido e valorizado pelas suas competências. Ao mesmo tempo, os alunos são estimulados a

procurar e a aceitar ajuda de outros colegas. Ao partilhar as dificuldades com os pares, esbatem-se diferenças individuais o que promove uma maior motivação para aprender. Relativamente aos benefícios académicos, destacamos as actividades de aprendizagem mais estimuladoras e atractivas, o desenvolvimento da competência da comunicação oral, a participação dos alunos na própria aprendizagem, o ser mais fácil recordar conteúdos que são discutidos em grupo, a valorização dos alunos como fonte de conhecimentos e a maior capacidade dos alunos em permanecer numa actividade. Quanto aos benefícios na avaliação, salientamos novas formas de avaliação e o feedback imediato aos alunos e ao professor sobre os progressos dos alunos. “Com o trabalho cooperativo, da competição passa-se à cooperação, privilegiando o incentivo do grupo em vez do incentivo individual, aumenta-se o desempenho escolar, a interacção dos alunos e as competências sociais” (Sanches, 2005:134). É uma estratégia muito versátil, com uma grande variedade de métodos, podendo ser aplicada a todos os níveis de ensino e áreas curriculares.

Contudo, também existem desvantagens da aprendizagem cooperativa. A título de exemplo, pode ocorrer uma dispersão da responsabilidade, ser mais importante fazer e acabar a tarefa rápido do que reflectir e aprender, a dependência que existia face ao professor passar para o perito do grupo, continuando a aprendizagem a ser passiva ou a socialização e as relações interpessoais passarem a ser muito mais importantes que a aprendizagem conceptual.

1.3-Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais: definição, etiologia e características

Em Abril de 2007, a Associação Americana para a Deficiência Mental (AAMR) passou a designar-se Associação Americana para as Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais (AAIDD) e apresentou a proposta para o conceito de Deficiência Mental passar a Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais (DID). Esta mudança está relacionada com a problemática associada ao termo deficiência que tem associada uma enorme conotação negativa, reflectindo poucas expectativas e estando sempre centrada no sujeito. Actualmente, sabemos que não é possível estudar o sujeito isolado sem atender ao contexto em que está inserido e à interacção com este. O objecto de estudo deixa de ser o

sujeito para ser a relação deste com o meio. O uso do termo dificuldade é mais adequado não só por ser menos estigmatizante mas também porque lhe estão associadas expectativas positivas. Contudo, este termo também não é rigoroso. Por outro lado, a substituição da terminologia mental para intelectual deve-se à avaliação se realizar sobre factores intelectuais implícitos ao constructo do funcionamento da inteligência que é mais analítico que o constructo da mente, ou mental que é mais global (Morato, 2010).

A AAIDD, em 2007, propôs que DID é “caracterizada por significativas limitações do funcionamento intelectual e do comportamento adaptativo em três domínios fundamentais: conceptual, social e prático (habilidades adaptativas). Esta dificuldade manifesta-se antes dos 18 anos” (Morato, 2010:6). A sua aplicação tem que ser fundamentada em cinco factores fundamentais, nomeadamente: as limitações observadas no funcionamento têm que ser contextualizadas no meio em que o sujeito se insere, com destaque para a expectativa cultural que a comunidade tem para os pares da sua idade. O segundo factor diz respeito à avaliação que tem que atender à diversidade cultural e linguística, à comunicação e aos aspectos sensoriais, motores e adaptativos. Em seguida, é necessário definir o sujeito tanto pelas suas limitações como pelas suas capacidades e a par destas limitações, criar um plano de desenvolvimento das necessidades de apoio. Por último, a aplicação destes apoios individualizados apropriados durante um determinado período de tempo permitirão melhorias ao nível da funcionalidade da vida do sujeito com DID. A DID deixou de ser perspectivada como um défice de natureza individual para ser considerada como uma expressão da interacção entre o sujeito e o meio envolvente. Em simultâneo, passou a ser vista em termos de apoios necessários ao exercício de diferentes papéis sociais em vez de défices e são consideradas as áreas fortes.

Segundo Belo (2008) a definição de dificuldades de aprendizagem tem inerentes três conceitos – chave. Dificuldades, que dizem respeito às limitações que deixam o sujeito em desvantagem quando este age em sociedade. Estas limitações têm que ser tidas em função do contexto e dos factores pessoais, assim como às necessidades de apoios individualizados. A definição e implementação eficaz destes apoios permitirão melhorar a qualidade de vida do sujeito. O segundo conceito, inteligência, tem subjacente a capacidade de pensar, planear, resolver problemas, compreender e apreender. Finalmente, o conceito de comportamento adaptativo (CA) que se traduz pelas competências conceptuais, práticas e sociais necessárias para funcionar no quotidiano. O comportamento adaptativo é, para Lambert, Nihira e Leland (1996,1993 cit. in Santos & Morato, 2002:98)

“composto por um número de capacidades, para lidar com as situações que quando combinadas permitem ao indivíduo a aquisição da integração na comunidade”.

A associação do termo desenvolvimental com dificuldade intelectual traz mais objectividade relativamente aos factores adaptativos, como a interacção pessoa - meio na sua diversidade contextual e respectiva validade ecológica (Santos & Morato, 2007 cit. in Belo, 2008).

No processo de avaliação das DID é utilizado o Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (2002) e a Escala de Comportamento Adaptativo. A Escala de Comportamento Adaptativo, apresentada por Santos e Morato (2002), inclui parâmetros dedicados à autonomia (incluindo alimentação, higiene, aparência, postura corporal), o desenvolvimento da linguagem (a comunicação verbal com os seus componentes paralinguísticos e de conversação e não-verbal, escrita e leitura), números e tempo, o desenvolvimento físico, a actividade vocacional e profissional, a personalidade, a socialização e a responsabilidade. A segunda parte da escala tem em consideração o contexto cultural dos indivíduos. A utilização desta tem como vantagens avaliar todas as áreas do indivíduo e não somente o QI, proporcionar situações de ensino-aprendizagem ajustadas às necessidades educativas específicas de cada aluno, conhecer as características individuais do aluno e aplicar os resultados como base para a elaboração dos programas educativos individuais e do respectivo desenho curricular. Esta escala apresenta ainda outras vantagens relativamente a outros testes utilizados, na medida em que consiste num conjunto de questões individuais, que podem ser respondidas através da observação directa ou da intervenção de uma terceira pessoa, próxima do indivíduo, familiarizada com os hábitos e condutas do observado (Santos & Morato, 2002).

Conforme a American Psychiatric Association (2002) podem ser distinguidos quatro graus de incapacidade intelectual: ligeiro, moderado, grave e profundo.

Os sujeitos que apresentam DID manifestam dificuldades de atenção (seleccionar, focar e fixar dados), concentração e memorização (registar, rechamar e reutilizar a informação), baixa resistência à frustração, fraca motivação (desinvestimento emocional que conduzem à desistência de situações de aprendizagem), comportamentais (impulsividade e perseverança) atrasos no desenvolvimento da linguagem (receptiva, integrativa e expressiva: segmentação fonética, elaboração semântico-sintáctica, disnomias, etc), desajuste do seu reportório social (realizar funções sociais, estabelecer vínculos afectivos e interacções sociais estáveis) e dificuldades no processo de ensino-aprendizagem

(Fonseca, 1995 cit. in Santos & Morato, 2002), dificuldades ao nível da mobilidade e coordenação. Vaughn et al (1989 cit.in Santos & Morato, 2002) acrescentam ainda as dificuldades na adequação da interacção com os outros com consequências no sucesso e no sentimento de competência noutras situações diárias.

Segundo Santos e Morato (2002), as aprendizagens desenrolam-se em ambientes o menos restritivos possíveis, com recurso à adaptação das actividades, contextualizando-as, ao apoio individualizado e à avaliação dos resultados mediante indicadores.

A Ligue Internationale des Associations pour les Personnes Handicapées (cit. in Santos & Morato, 2002) considera que o principal objectivo da intervenção assenta no seu desenvolvimento global, potencializando as qualidades e as capacidades individuais estimulando a autonomia e a participação na vida em comunidade.

2- Enquadramento metodológico

2.1- Caracterização do projecto

O presente projecto baseou-se na metodologia de trabalho da investigação–acção.

A investigação – acção, modalidade da investigação aplicada, tem como finalidade a promoção da mudança social, pressupondo a compreensão de como os indivíduos implicados vivenciam a sua situação e envolve-los nessa mesma mudança. Benavente e Machado (1990) defendem que se intervém sobre o que se observa. O investigador envolve-se de forma activa na causa da investigação, recorrendo a métodos qualitativos e/ou quantitativos.

Segundo Ainscow (2000, cit. in Sanches, 2005:128) a investigação – acção “obriga a que os próprios grupos-alvos assumam a responsabilidade de decidir quais as mudanças necessárias e as suas interpretações e análises críticas são usadas como base para monitorizar, avaliar e decidir qual o próximo passo a dar no processo de investigação”.

Bogdan e Biklen (1994:292) consideram que a investigação – acção “consiste na recolha de informações sistemáticas com o objectivo de promover mudanças sociais”.

As mudanças, conscientes e envolventes de todos os intervenientes, que se pretendem fazer exigem uma dinâmica de acção/reflexão/acção contínua e sistemática.

A resolução de problemas será tanto mais eficaz quanto mais os seus intervenientes cooperam entre si, disponibilizando os recursos adequados ao ambiente em que se desenrola a acção.

Na era da Escola para todos, em que é preciso responder à diversidade, é essencial a pratica reflexiva.

Sanches (2005) identifica seis fases da investigação – acção. A primeira consiste na formulação do problema de partida. Segue-se a avaliação da situação recorrendo a diferentes técnicas: entrevistas, observações, inquérito por questionário, sociometria e/ou análise documental. Posteriormente, há o cruzamento da informação recolhida, a sua análise compreensiva para a respectiva definição da intervenção e dos objectivos a alcançar. Elabora-se o plano de intervenção que inclui os objectivos gerais e específicos, estratégias, recursos, intervenientes, calendarização e avaliação a realizar. Finalmente, há a execução do plano, definindo-se objectivos intermédios e timings, com uma reflexão/avaliação intermédia contínua e de forma sistemática que levará à esquematização

de novas intervenções. “A reflexão sistemática feita por todos os intervenientes, num processo interactivo e cooperativo, ditará o caminho a percorrer, tendo em conta os objectivos traçados (...) mas suficientemente flexível para introduzir, eliminar ou adequar o que a situação no momento exige” (Sanches, 2005:138).

A investigação – acção visa a mudança, num processo dinâmico, em espiral (Marques & Sarmiento, 2007), sistemático e contínuo da aprendizagem, participativo, envolvendo todos os intervenientes, responsabiliza e responsabilizante e exige a auto - crítica e reflexão sobre as práticas, fundamentando-as. Fischer (2001 cit. in Máximo - Esteves, 2008) aponta cinco operações inerentes a este processo, sendo elas: planear com flexibilidade, agir, reflectir, avaliar/validar e dialogar.

A investigação – acção, enquanto estratégia formativa de professores, permite a prática reflexiva. De acordo com Moreira (2001 cit. in Sanches, 2005), trata-se de uma dinâmica cíclica de acção reflexão, em que o professor avalia continuamente a sua prática e com base nessa avaliação vai planear novas etapas da intervenção pedagógica. Ou seja, o professor intervém, reflecte e avalia o que faz para redefinir a intervenção de maneira mais rigorosa e eficaz e assim sucessivamente, criando contextos favoráveis à aprendizagem e à mudança de comportamentos.

No campo educativo, a investigação – acção apresenta muitas vantagens, das quais se destacam: a análise de caso-a-caso, com as respostas adequadas; responsabilização de todos os intervenientes na resposta aos problemas dos alunos; fomentação da colaboração entre professora da turma/professora de apoio; contextualização das várias etapas da investigação – acção o que facilita a intervenção; maior autonomia nas decisões dos intervenientes; papel activo dos alunos no processo, rentabilizando o seu desempenho; maior disponibilidade de todos os intervenientes à mudança; práticas mais fundamentadas cientificamente; maior valorização e aproveitamento dos recursos da escola.

Arends (1995 cit. in Sanches, 2005) afirma que o sucesso da implementação das práticas inclusivas pode estar associada aos princípios da investigação – acção que permitem melhorar o ensino e os ambientes de aprendizagem, praticando uma diferenciação curricular e pedagógica inclusiva.

Conforme Máximo - Esteves (2008), os instrumentos ou técnicas mais utilizadas pelos professores – investigadores são a observação, a entrevista, os documentos e a imagem (fotografias e vídeos). A sua escolha está associada às questões enunciadas.

2.2. Problemática e questão de partida

A situação inicial caracterizava-se por apresentar três problemas em contextos diferentes. Assim, no contexto de sala de aula, existiam quatro alunos considerados com NEE's, que apesar de estarem na mesma sala de aula dos colegas, estavam afastados, ao fundo da sala, num subgrupo a desenvolver actividades diferenciadas dos colegas. Por outro lado, a professora titular de turma mantinha uma postura de resistência em alterar esta situação e insistia na necessidade de mais apoio individualizado a estes alunos por parte de um professor de Educação Especial ou de Apoio Educativo. A encarregada de educação mostrava-se insatisfeita com o trabalho desenvolvido na escola designadamente a falta de apoio dentro da sala de aula, a formação de um subgrupo dentro da sala de aula com os alunos considerados com NEE's e as actividades diferentes desenvolvidas por estes alunos.

O grupo-turma manteve-se desde o primeiro ano de escolaridade, sendo que parte destes alunos já frequentavam a mesma turma no ensino pré-escolar. A turma tem tido apenas vinte alunos e aos quatro alunos considerados com NEE's têm sido atribuídas horas de apoio por parte de professores de Apoio Educativo, reforçadas ao longo do decorrer do ano lectivo por insistência dos pais e da professora titular de turma, como solução do problema. A professora titular de turma com a qual decorreu a intervenção foi o primeiro ano que trabalhou com a turma.

Perante este panorama, formulámos a seguinte questão de partida: *Como desenvolver as actividades de sala de aula de modo a fazer interagir e fazer aprender todos os alunos, independentemente do seu perfil cognitivo?*

2.3. Objectivos gerais do trabalho

De acordo com a problemática apresentada, consideramos que os objectivos gerais do trabalho foram: socializar as aprendizagens através de actividades dirigidas a todo o grupo - turma independentemente das especificidades de cada um, mostrar que a aprendizagem cooperativa diminui a necessidade de apoio individualizado, uma vez que os alunos aprendem com e através dos pares e envolver todos os intervenientes no processo de ensino - aprendizagem.

2.4. Técnicas e instrumentos de pesquisa de dados

2.4.1- Pesquisa documental

De acordo com Albarello (2005), as fontes de documentação são um recurso diversificado na investigação-acção consultadas de acordo com os objectivos dessa mesma investigação. Estas fontes podem ser escritas ou não. Tratando-se de fontes somente escritas, falamos em pesquisa bibliográfica. Por outro lado, a pesquisa documental é um método de recolha e de verificação de dados mediante o acesso às fontes pertinentes tanto escritas como não escritas.

Paralelamente, a pesquisa documental remete para a utilização de outras técnicas de investigação, nomeadamente observação, inquérito e análise de conteúdo complementando-se e originando, por vezes, novo material empírico.

O investigador não deve menosprezar nenhuma fonte, mesmo aquelas que pareçam insignificantes, que estejam inexploradas ou as mais informais pois qualquer uma pode conter informação relevante para a nossa investigação, basta “olhá-la com outros olhos”, analisando-as numa outra perspectiva.

2.4.2-Sociometria

Segundo Estrela (1994:367) os testes sociométricos “permitem, em pequenos grupos, pouco organizados, captar de modo fácil as relações espontâneas, destacando, ainda, a posição de cada indivíduo no grupo, em função dessas relações”, possibilitando um “feedback” ao professor, fundamentando as suas opiniões acerca das relações que os alunos têm no grupo e a definição de estratégias de intervenção ao nível das aprendizagens e dos comportamentos.

Mediante a aplicação desta técnica é possível conseguir dados sobre as representações individuais da dinâmica do grupo a que pertencem, identificar redes sociométricas que se entrecruzam, determinadas pelas representações das inter-relações dos membros do grupo e identificar se à volta de cada indivíduo representado se constitui um núcleo mais ou menos rico de relações.

A avaliação dos resultados do teste é relativa, pelo que devem ser cruzados com os dados obtidos de outros instrumentos.

O teste sociométrico é elaborado tendo em conta três categorias: o tempo (presente e futuro), espaço (dentro e fora da sala de aula) e actividades (escolares e não escolares).

Os resultados do teste são registados numa matriz sociométrica, a partir da qual se elabora o sociograma do grupo.

2.4.3- Técnica de entrevista

O recurso à entrevista é muito frequente na investigação educacional. Trata-se de uma conversação intencional e orientada, que envolve uma relação pessoal, na qual os participantes têm papéis fixos, nomeadamente o entrevistador, que pergunta e o entrevistado, que responde. Tem como objectivo conhecer o ponto de vista do outro.

Há diversos tipos de entrevista tendo em conta os diferentes organizadores conceptuais: a formalidade e a directividade da situação e o padrão de estrutura do seu conteúdo.

Esta técnica pode ser aplicada em diferentes momentos do trabalho. Pretende-se a recolha de dados de opinião para a caracterização do processo em estudo e dos intervenientes do processo.

Estrela (1994) aponta três princípios orientadores na realização da entrevista: evitar, dentro do razoável, direccionar a entrevista; não limitar a temática abordada e clarificar os quadros de referência utilizados pelo entrevistado.

Afonso (2005) refere três tipos de entrevistas: estruturadas, semi-estruturadas e não estruturadas.

Segundo Máximo - Esteves (2008), a entrevista semi-estruturada permite uma intervenção mútua. O investigador faz um conjunto de questões amplas, ao encontro de um significado comum para ambos. Realiza-se numa só sessão, sendo a sua duração máxima de quarenta e cinco minutos. É organizada por objectivos, questões e itens ou tópicos. A cada questão correspondem vários itens ou tópicos que serão utilizados na gestão do discurso do entrevistado em relação a cada pergunta. Tem como orientação um guião estruturado elaborado a partir das questões de pesquisa e eixos de análise do projecto. A ordem de colocação das questões não é rígida, contemplando a imprevisibilidade da pergunta em consequência da inesperada resposta. Pretendem-se respostas amplas, com pormenores, em que o entrevistado fala do que sabe e o que pensa. Muitas vezes, o

entrevistador tem que clarificar respostas, no acto da entrevista para que posteriormente consiga realizar a sua categorização de acordo com o pensamento do entrevistado.

A entrevista deve ser avaliada de forma contínua pelo entrevistador durante a sua realização relativamente ao tema e à dinâmica.

Kvale (1996 cit. in Máximo - Esteves, 2008) sugere a seguinte tipologia de formação de questões: questões de introdução, questões de seguimento, questões de aprofundamento, questões especificadoras, questões directas, questões indirectas, questões estruturantes, silêncio e questões de interpretação.

2.4.4- Observação

Máximo - Esteves (2008:87) atesta que a observação “ permite o conhecimento directo dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto (...), ajuda a compreender os contextos, as pessoas que nele se movimentam e as suas interacções”.

Estrela (1994) define a observação naturalista como um tipo de observação sistematizada, efectuada em contexto natural com o objectivo de descrever e/ou quantificar os comportamentos.

2.5- Procedimentos para a recolha e análise de dados

As técnicas de recolha e análise de dados utilizadas foram as apresentadas anteriormente, nomeadamente: pesquisa documental, sociometria, entrevista e observação naturalista.

Contactámos a professora titular de turma, informando-a do nosso projecto e solicitámos a sua participação no processo, nomeadamente a disponibilidade para a aplicação das técnicas da observação naturalista da aula da turma, entrevista, aplicação dos testes sociométricos, a consulta do projecto curricular de turma e de documentos de avaliação do aluno emergente. Do mesmo modo, pedimos a participação da encarregada de educação do aluno emergente para uma entrevista e a autorização para a consulta dos documentos referentes ao seu educando que constam no processo individual do aluno. Informámos ainda o Director da Escola e a coordenadora dos Apoios Educativos do

trabalho a desenvolver. A todos os intervenientes garantimos confidencialidade e todos se mostraram disponíveis a participar.

Começámos a recolha de dados com a consulta do projecto educativo de Escola (datado de Julho de 2007), do regulamento interno e do plano anual de actividades com o intuito de caracterizar o contexto escolar onde se desenrolou a intervenção. Posteriormente, consultámos o projecto curricular de turma para conhecer a turma e os casos emergentes referidos neste documento. Por fim, consultámos os relatórios técnicos e pedagógicos constantes no processo do “Joaquim” e o respectivo programa educativo individual com o objectivo de recolher informação relativamente à sua história compreensiva, à caracterização do percurso escolar e ao nível actual de competências. Esta pesquisa foi como que uma base que sustentou a aplicação das restantes técnicas assim como a delineação dos seus objectivos. Os dados considerados pertinentes foram registados na respectiva ficha de pesquisa documental (apêndice 1).

Após o conhecimento prévio das características da turma, no dia 25 de Novembro procedemos à aplicação dos testes sociométricos. Estes testes foram elaborados de acordo com o modelo apresentado por Estrela (1994:370) e adaptados ao grupo etário do grupo-alvo (anexo 1). Assim sendo, foram realizados três critérios: colega de carteira, situação de trabalho de grupo e recreio. De acordo com as condições de realização sugeridas por Estrela (1994), no dia previsto, solicitou-se à professora titular de turma a cedência de quinze minutos da aula e o seu afastamento durante a realização da actividade. Motivámos a turma para o preenchimento do teste explicando os objectivos do questionário, garantindo a confidencialidade em relação aos dados obtidos, pedindo sinceridade nas respostas, informando que se trata de respostas individuais, que só podem ser mencionados os colegas daquela turma, sendo que nome a escrever é o nome real e não a alcunha e no caso de existirem dois alunos com o mesmo nome, escrever também o apelido. Alertámos para o facto da professora não pode ser escolhida e que devem ser considerados todos os alunos da turma, mesmo os dois alunos que faltaram, escrevendo-se o seu nome no quadro.

Aos alunos considerados com NEE's, o questionário foi aplicado sob a forma de entrevista.

Posteriormente, preenchemos as sociomatrizes das escolhas e das rejeições e analisaram-se os dados obtidos (apêndices 2 e 3).

Nos dias 9 e 17 de Dezembro, realizámos as entrevistas tipo semi-estruturadas à professora titular de turma e à encarregada de educação, respectivamente tendo presentes

os princípios apresentados por Estrela (1994). Anteriormente, foram elaborados os guiões (apêndices 4 e 7) e os respectivos formulários, tendo em consideração o modelo apresentado por Estrela (1994:343) e aos objectivos da entrevista. A entrevista à professora tinha como objectivos recolher informação para caracterizar o entrevistado, a turma e sua inserção no contexto escolar, os casos emergentes da turma, o caso concreto do “Joaquim”, para fazer o levantamento de estratégias e actividades que tenham resultado bem e implicar o entrevistado no desenvolvimento do processo de investigação-acção em curso. A entrevista à encarregada de educação visava recolher informação para caracterizar a entrevistada, o ambiente sócio - familiar do “Joaquim”, o “Joaquim” no ambiente familiar e com adultos e pares, o “Joaquim” em termos escolares e educativos e a relação família/escola e implicar a entrevistada no desenvolvimento do processo de investigação-acção em curso.

Nos dias marcados, realizaram-se as entrevistas, gravadas, atendendo aos aspectos de ordem geral apresentados por Estrela (1994). Durante as entrevistas surgiram algumas imprevisibilidades nas respostas, sendo necessário reformular as questões e, por outro lado, foi necessário clarificar respostas, como adverte Máximo - Esteves (2008).

Depois, fizemos os respectivos protocolos e a categorização das entrevistas (apêndices 5 e 8) tendo em conta os seus objectivos. Tendo em conta as categorias definidas nos guiões elaborámos as grelhas de análise de conteúdo (apêndices 6 e 9) para registo da informação retirada dos protocolos para posterior interpretação e utilização funcional.

No dia 16 de Dezembro, realizámos a observação naturalista recorrendo a uma filmagem com a duração de trinta minutos. Com a observação pretendíamos observar a dinâmica da turma, a postura da professora face ao aluno emergente e a relação dos colegas com este aluno. Segundo Henry (cit. in Estrela, 1994:46) “a observação naturalista é o estudo de um fenómeno no seu meio natural”.

A priori estudámos a melhor localização para colocar a câmara de filmar, de modo a não interferir no comportamento e desempenho dos alunos e elaborámos a planta da sala.

Dando cumprimento aos procedimentos sugeridos por Estrela (1994), momentos antes da observação, realizámos uma mini - entrevista sob a forma de um diálogo informal com o intuito de recolher informação sobre o plano de aula, nomeadamente a actividade a desenvolver, os objectivos, os conteúdos, a organização da sala e a disposição dos alunos. Confirmou-se a planta da sala (apêndice 10) com a que já tinha sido elaborada. Não faltava

nenhum aluno. A actividade consistia na leitura de uma história seguida de exploração oral com perguntas dirigidas à turma. Os objectivos da actividade eram ouvir a história, compreendê-la e recontá-la oralmente e os conteúdos relacionavam-se com o desenvolvimento da compreensão da leitura e da expressão oral.

No fim da observação, aferimos a opinião da professora sobre a actividade que acabou de desenvolver relativamente aos objectivos, conteúdos, dinâmica da aula e outros aspectos que considerou pertinentes. A professora considerou que tinha conseguido motivar e envolver os alunos na actividade tendo atingindo os objectivos propostos.

Posteriormente, com recurso ao filme gravado, realizámos a observação da actividade com o preenchimento do protocolo de observação naturalista (apêndice 11) e à análise de conteúdo do protocolo atendendo aos objectivos definidos (apêndice 12).

As técnicas utilizadas na fase inicial do projecto bem como os procedimentos que lhe estão associados, foram realizadas na fase final da intervenção com o intuito de averiguar os seus resultados. Assim, no dia 15 de Junho aplicámos os testes sociométricos com todos os procedimentos, condições de realização da primeira aplicação e registo das sociomatrizes das escolhas e das rejeições (apêndices 13 e 14).

No dia 17 de Junho repetimos as entrevistas tipo semi-estruturadas à professora titular de turma e no dia 23 de Junho à encarregada de educação. Estas entrevistas basearam-se nos pressupostos teóricos das anteriores, tendo sido elaborados os respectivos guiões (apêndices 15 e 18) e formulários. Os objectivos da entrevista à professora titular de turma eram: recolher informação para fazer o levantamento das estratégias e actividades que tenham resultado bem, para caracterizar as mudanças no grupo/turma decorrentes do processo de investigação-acção, para caracterizar os progressos dos alunos emergentes, para fazer o levantamento das mudanças na prática lectiva da entrevistada, sobre os reflexos do trabalho desenvolvido na comunidade escolar e agradecer à entrevistada a sua cooperação no processo de investigação-acção. A entrevista à encarregada de educação visou os seguintes objectivos: recolher informação para caracterizar o “Joaquim” em termos escolares e educativos, a relação família/escola e agradecer à entrevistada a sua cooperação no processo de investigação-acção. À semelhança das primeiras entrevistas, depois, elaborámos os protocolos e a categorização das entrevistas (apêndices 16 e 19) e as respectivas grelhas de análise de conteúdo (apêndice 17 e 20).

No dia 9 de Junho realizámos uma observação naturalista recorrendo a uma filmagem com a duração de trinta minutos. Os objectivos da observação eram observar a

dinâmica da turma, a postura da professora face ao aluno emergente e a relação dos colegas com este aluno. A actividade consistia na elaboração de uma notícia, em grupo, de forma a desenvolver a expressão escrita e a criatividade. Não faltava nenhum aluno mas, no decorrer da actividade, cinco alunos tiveram que sair da sala para participar no ensaio da festa do final do ano lectivo. Segundo a professora titular de turma, em diálogo com a professora de Educação Especial após a observação, todos os grupos escreveram a notícia. Contudo, por falta de tempo não foram lidas as notícias elaboradas pelos grupos 2 e 3, não foi feita a autoavaliação e nem entregue o prémio à notícia mais original. A professora titular de turma informou que terminaria a actividade da parte da tarde. Depois, com recurso ao filme, procedemos ao preenchimento do protocolo de observação naturalista (apêndice 22) e à análise de conteúdo do protocolo atendendo aos objectivos definidos (apêndice 23).

3- Caracterização da situação de intervenção e dos contextos em que a mesma se insere

3.1- O contexto escolar

3.1.1- Espaço físico e logístico

O Agrupamento de Escolas ao qual pertence a escola onde se desenvolveu a intervenção localiza-se no interior do Alentejo, no distrito de Évora.

O Agrupamento de Escolas era composto por quatro Jardins-de-Infância, quatro escolas do 1º ciclo e uma escola do 2º e 3º ciclos (escola sede). Em todas as freguesias rurais existiam Jardins-de-Infância e Escolas do 1º ciclo.

A escola onde se desenvolveu a intervenção era uma EB1/JI localizada na sede de concelho. O edifício tinha seis salas de aulas, repartidas por rés-do-chão e 1º andar, e uma biblioteca. Funcionavam duas salas de 2º ano, duas salas de 3º ano e duas salas de 4º ano de escolaridade.

3.1.2- Recursos humanos

No ano lectivo em que decorreu a intervenção, no Agrupamento existiam trinta e sete alunos considerados com NEE's. As problemáticas eram, na sua maioria, deficits cognitivos e problemas emocionais. Havia dois alunos com hiperactividade e um aluno diagnosticado com Trissomia 21. Não existia nenhum aluno com compromissos motores nem nenhum que recorresse a sistemas aumentativos de comunicação.

No Agrupamento de Escolas, existiam três professores de Educação Especial. A nível de terapias, havia um acordo com o Centro de Recursos para a Inclusão da A.P.P.A.C.D.M. para as valências de psicologia, terapia da fala e terapia ocupacional com a seguinte distribuição horária: catorze horas, sete horas e sete horas semanais, respectivamente.

Na EBI/JI existiam seis professores titulares de turma, dois professores de apoio educativo, dois professores de educação especial (que cumpriam serviço noutras escolas), um professor bibliotecário, um monitor e três auxiliares de acção educativa.

3.1.3- Dinâmica educativa

A Escola revelava uma preocupação em responder às necessidades da comunidade e da população escolar. Procedeu à abertura do Centro de Novas Oportunidades, dos cursos de Educação e Formação e dos cursos EFA. No ano lectivo em que decorreu a intervenção, foram criados a horta pedagógica e o clube de BTT com o objectivo de proporcionar o desenvolvimento de competências que permitam desenvolver uma actividade profissional.

Tinha a pretensão de criação de laços com as instituições locais. Com Câmara Municipal existiam acordos de acordo com a legislação em vigor.

Consciente de que os pais têm poucas expectativas relativamente à escola, não valorizando e não acompanhando a sua vida escolar, a Escola sugeria, no Projecto Educativo de Escola, a criação de actividades apelativas à vinda dos pais à Escola assim como a valorização da participação activa de todos os intervenientes na Escola.

Nos objectivos do Agrupamento havia destaque para a integração dos alunos com NEE's bem como a promoção da sua realização pessoal e social. Como estratégias para conseguir os objectivos, havia a indicação para a implementação dos apoios e complementos educativos e a criação de protocolos/parcerias, a facilitação dos contactos entre a escola e a família. O Regulamento Interno previa a possibilidade do desenvolvimento de parcerias com as instituições consideradas pertinentes para respostas adequadas aos alunos de educação especial, existindo, um acordo com o Centro de Recursos para a Inclusão da A.P.P.A.C.D.M. como atrás foi referido.

Do plano anual de actividades constavam actividades que envolviam toda a comunidade como e.g. a comemoração do dia de S. Martinho, a participação da Escola na Festa da Vinha e do Vinho, festa de Natal, decoração das árvores de Natal do comércio local, Natal no Lar de Idosos, Cantar das Janeiras, celebração do Carnaval, feira do livro, comemoração do dia da Criança e comemoração do final do ano lectivo.

As visitas de estudo e o passeio de BTT eram actividades em que também havia o envolvimento entre as turmas.

3.1.4- Preocupações explícitas para dinamização de uma escola para todos e com todos

O Regulamento Interno tinha como primeiro critério na definição do número de alunos por turma, os alunos considerados com NEE's. Explicava ainda, que a educação especial se desenvolvia de acordo com os princípios da escola inclusiva, estando os alunos em ambientes o menos restritivos possível.

3.2- A turma

3.2.1- Caracterização estrutural

Segundo o projecto curricular de turma (PCT), a turma de 3º ano de escolaridade tinha vinte alunos, sendo cinco do género feminino e quinze do género masculino, dos quais quatro eram considerados com NEE's. Tinham idades compreendidas entre os oito e os nove anos.

Funcionava com um despacho autorizador da Direcção Regional de Educação do Alentejo porque havia quatro alunos considerados com NEE's.

Dois alunos eram de uma aldeia que sita a cinco quilómetros da sede de concelho, sendo transportados pela Câmara Municipal. Todos os alunos acompanhavam a turma desde o 1º ano de escolaridade, existindo ainda um grupo que já vinha do pré-escolar, nos quais se integram os alunos considerados com NEE's. De uma forma geral, pertenciam a famílias estruturadas e de classe média, não se verificando problemas sociais. Os encarregados de educação compareciam à escola quando solicitados e nas reuniões para os quais eram convocados, mostrando-se interessados pela vida escolar dos seus educandos. Quando convidados a participar nas actividades, colaboravam (apêndice 8).

3.2.2- Caracterização dinâmica

3.2.2.1- Actividades de ensino/aprendizagem

Durante a observação realizada (apêndice 11) constatámos que os alunos estavam interessados na história, gostaram de participar na aula e de contar as suas experiências. A

professora explicou o significado de palavras do texto que poderiam ser desconhecidas aos alunos. Fez perguntas dirigidas à turma e a alunos individualmente e de uma forma geral, deu oportunidade de participar aos alunos que cumpriam a regra definida, levantar o dedo pedindo autorização. Valorizou as respostas dos alunos, recorrendo a elogios. Salientamos o facto de a professora não ter colocado nenhuma questão ao aluno que motivou a nossa intervenção (C7) assim como este não se ter proposto para responder às questões. Por outro lado, o aluno C8, considerado com NEE's, cumpriu a regra para participar mas a professora não lhe deu a oportunidade de responder. Dos quatro alunos considerados com NEE's, a professora dirigiu perguntas a dois: C5 e C6. Quando os alunos eram solicitados a repetir frases do texto, todos os alunos o faziam sem excepção.

Do protocolo da observação naturalista (apêndice 11), destacamos ainda, a pergunta do aluno B5 “E então os outros?”, referindo-se aos alunos considerados com NEE's ao que a professora responde “que eles também vão fazer um trabalhinho”. O aluno B5 questiona se esse trabalho é sobre a história e a professora responde que “não têm nada a ver com isso e o que é que acham”.

A professora titular de turma manifestava a necessidade de apoio a tempo para os alunos considerados com NEE's para que as aulas decorressem com normalidade, como referiu na entrevista (apêndice 5).

3.2.2.2- Participação dos alunos nas tarefas

Durante a observação, verificámos a participação activa dos alunos na actividade proposta. Em algumas situações, os alunos responderam em coro às questões da professora. Não registámos nenhuma situação em que o aluno não tivesse realizado a tarefa.

A nível comportamental, eram alunos um pouco conversadores mas que obedeciam às chamadas de atenção (apêndice 6). Durante a observação, verificámos que os alunos nem sempre cumpriram a regra de pedir autorização para intervir, sendo esta repetida muitas vezes pela professora. Registámos dezasseis situações de controlo das regras na sala de aula, sendo a sua maioria o respeito pela regra de participação (apêndice 11). Relativamente, à postura na sala de aula, foram advertidos dois alunos, A1 e C5, por estar com os pés na cadeira e estar em pé, respectivamente.

3.2.2.3- Interacção professora/alunos

Durante a observação (apêndice 11), o aluno B5, um dos alunos com mais rejeições e apontado pela professora como um dos alunos com mais dificuldades, participou na actividade, intervindo voluntariamente. Não verificámos reforços positivos pela sua participação por parte da professora. O aluno C5, também um dos alunos com mais rejeições, considerado com NEE's, que a professora, na entrevista, identificou como o aluno que perturbava o funcionamento normal da aula em determinados momentos, com o decorrer da actividade da observação, começou a apresentar um comportamento um pouco irrequieto, levantando-se da cadeira, mexendo no cachecol sucessivamente e debruçando-se sobre o colo do colega. No entanto, não perturbou o decorrer da actividade. Nos momentos, em que toda a turma era solicitada a repetir as frases em voz alta, o aluno fazia-o com entusiasmo acompanhado com o baloiçar do corpo. A professora colocou-lhe uma pergunta à qual respondeu correctamente, sendo elogiado de seguida. Salientamos o facto de alguns alunos lhe baterem as palmas nesse momento. “ O elogio tem de ser oportuno, adequado, no momento exacto e de acordo com o perfil de quem o faz e de quem o recebe” (Sanches, 2001:58).

3.2.2.4 – Interacção com os pares

Através da análise da matriz sociométrica das escolhas (apêndice 2), constatamos que o aluno C5 não foi escolhido em nenhum critério. Os alunos mais escolhidos foram os alunos C4 e B6, com vinte e três e vinte e duas escolhas respectivamente, existindo reciprocidade entre si no primeiro critério, situação de classe, e no terceiro critério, situação de recreio. Segundo a professora estes alunos juntamente com os alunos C3 e A1 destacavam-se pela positiva. Na observação da aula, verificámos que todos eles tiveram uma participação activa na actividade (códigos A1, C4, C3 e A1, respectivamente).

De seguida, os alunos com maior número de escolhas foram os alunos B1, B2 e B7, sendo que os dois primeiros são do género feminino. Entre elas existe reciprocidade em todos os critérios e como primeira opção. Na observação, confirmámos na planta da sala que estas duas alunas estão sentadas na mesma secretária. Os alunos A3 e B7 também se escolheram mutuamente em primeiro lugar em todos os critérios. Em conversa informal

com a professora, confirmou-nos que estes alunos eram muito amigos. Identificamos ainda a formação de um outro grupo formado pelos alunos C3, A1, C4 e B6. Verificámos ainda que existe uma maior reciprocidade no primeiro critério. Existe a tendência para os rapazes se escolherem, tendencialmente entre si, tal como as raparigas. Entre géneros, destacou-se a reciprocidade entre os alunos B1 e A1 e entre os alunos B1 e A3 no primeiro critério, situação de classe e entre os alunos B2 e A3 no terceiro critério, situação de recreio não sendo nenhuma de primeira opção. O aluno desencadeador da nossa intervenção (C7) e o seu irmão gémeo (C8) tinham uma reciprocidade de escolhas no terceiro critério, situação de recreio, mas com prioridades diferentes. Acrescentamos ainda que os alunos que apresentavam uma rede mais densa de reciprocidade assim como aqueles que registavam um maior número de escolhas, não registavam nenhuma rejeição.

No que concerne às rejeições (apêndice 3) os alunos B1, C2, A5 e C8 escolheram sempre o mesmo colega. Verificaram-se reciprocidades entre os alunos B5 e B4 e os alunos A4 e C1 mas em critérios diferentes.

Segundo a professora titular de turma, existiam alguns conflitos entre pares e rejeição de alguns alunos, sendo estas situações trabalhadas na Formação Cívica e através de actividades lúdicas (apêndice 5).

3.2.3- Casos específicos da turma

A turma integrava quatro alunos considerados com NEE's. O aluno C5, apresentava hiperactividade do tipo impulsivo e atraso psicomotor. Beneficiava de alínea e) currículo específico individual ao abrigo do decreto-lei 3/2008, de 7 de Janeiro. O aluno C6, apresentava Perturbação da Linguagem de Tipo Expressivo - Dispraxia Verbal associada a um Défice de Atenção e Concentração. Beneficiava de alínea e) currículo específico individual ao abrigo do decreto-lei 3/2008, de 7 de Janeiro. O aluno C7, tinha um diagnóstico de Deficiência Mental e dificuldades na expressão e comunicação. Usufruía de alínea e) currículo específico individual ao abrigo do decreto-lei 3/2008, de 7 de Janeiro. O aluno C8, estava diagnosticado com Deficit cognitivo ligeiro e dificuldades na expressão e comunicação. Beneficiava das alíneas a), b) e d) do decreto-lei 3/2008, de 7 de Janeiro. Destacavam-se ainda quatro alunos que apresentavam muitas dificuldades ao nível da linguagem que se reflectiam na expressão escrita.

De entre os alunos considerados com NEE's, desencadeámos a nossa intervenção a partir do “Joaquim” (nome fictício, aluno C7). Nasceu a vinte e oito de Agosto de 2001, frequentava o 3º ano de escolaridade pela primeira vez e, como referido anteriormente, apresentava um diagnóstico de deficiência mental e dificuldades na expressão e comunicação.

A razão pela qual desencadeamos a nossa intervenção a partir deste aluno deve-se ao facto da sua situação ser aquela que nos desperta mais interesse, uma vez que o seu percurso escolar tinha sido caracterizado por um “desconforto” dos pais face à Escola. Após muitas consultas e terapias, principalmente a nível particular, o aluno no momento usufruía das terapias oferecidas pela Escola, na fase de avaliação, não estando ainda a intervenção planeada. O irmão gémeo, por sua vez, usufruiu de terapias a nível particular.

3.2.3.1- História compreensiva do aluno

O “Joaquim” é gémeo do “José”. Segundo a mãe, após o nascimento estiveram no serviço de neonatologia, não adiantando as razões para tal.

Segundo a encarregada de educação aquando da entrevista (apêndice 8), o “Joaquim” era uma criança meiga, calma, afectiva, “muito pieguinhas” e que “não dá grandes trabalhos”. Durante a observação, esteve calmo.

Ao entrar para o Jardim-de-Infância da Santa Casa da Misericórdia, com o irmão gémeo, foram detectados problemas ao nível do desenvolvimento, da linguagem e da atenção/concentração. Todavia, não existem dados que confirmem o despiste ou o acompanhamento do aluno por parte dos serviços de saúde.

Na entrada para o 1º ciclo, a família tinha muitas expectativas em relação ao desempenho escolar do aluno, apesar das evidências mostradas pela educadora e pela psicóloga da Intervenção Precoce. Contudo, verificado o grande distanciamento face à turma, a família assumiu uma atitude de negação, sendo os professores os responsáveis pela situação.

Mais tarde, e após insistência dos docentes, os pais começaram a entregar relatórios médicos, psicológicos e de terapia da fala.

Segundo o programa educativo individual (PEI, anexo 2), o apoio dado ao aluno em casa era quase inexistente devido à ocupação profissional dos pais, o que contribuiu para a

falta de responsabilização e autonomia do aluno. Todavia, a encarregada de educação, na entrevista, referiu estar em casa desde que os gémeos nasceram de forma a prestar-lhe mais apoio.

De acordo com o relatório pedagógico, durante o 3º período do ano lectivo 2007/2008 verificou-se uma preocupação acrescida dos pais na procura de respostas para as dificuldades apresentadas pelo aluno.

O aluno frequentou sessões de terapia da fala com a periodicidade de uma vez por semana na Cruz Vermelha Portuguesa de uma localidade próxima da sua residência, por apresentar “um diagnóstico de Atraso de Desenvolvimento da Linguagem (ADL)”, conforme relatório de 12 de Maio de 2008 (anexo 4). Da mesma terapeuta constava um outro relatório datado de 19 de Setembro de 2008 (anexo 5) que descrevia as dificuldades do aluno, nomeadamente: “ (...) vocabulário abaixo do que é esperado para a sua idade, (...) frases pouco criativas no seu discurso, (...) dificuldades em organizar as ideias para as expressar numa conversação, (...) na articulação de alguns fonemas, (...) na consciência fonológica (...)”.

Foi acompanhado pelo Centro de Apoio ao Desenvolvimento Infantil (CADIN), existindo um relatório médico datado de 27 de Maio de 2008 (anexo 6), referindo que o “Joaquim” apresenta:

“Atraso a nível do desenvolvimento psicomotor mais evidentes a nível da linguagem, sobretudo expressiva. (...) valores abaixo do esperado sobretudo na área da Audição/Fala e Raciocínio Prático (...) Atraso do Desenvolvimento da Linguagem do tipo misto (compreensão e expressão)”.

Ao mesmo relatório estava anexo um outro da terapeuta da fala que indicava que o aluno necessitava de atendimento individualizado a nível da terapia da fala, bi-semanal no CADIN.

A 19 de Setembro de 2008, o Presidente do Conselho Executivo da Escola recebeu uma carta do médico pedopsiquiatra da Equipa da Lapa do Hospital de Dona Estefânia (anexo 7) informando que o aluno se encontrava em período de observação e que já estava diagnosticado “atraso significativo do seu desenvolvimento, com compromisso intelectual e psicomotor importante.” O mesmo médico a 3 de Novembro de 2008 fez um relatório (anexo 8) em que o “Joaquim” apresentava “Deficiência Mental Moderada e atraso importante do seu desenvolvimento, com inquietude marcada e acentuada dificuldade na manutenção da atenção”.

Em Janeiro de 2009 começou a ser acompanhado pela terapeuta da fala do Centro de Saúde local. Em Fevereiro do referido ano, a terapeuta da fala considerava que o aluno apresentava “um nível de vocabulário razoável, (...) o discurso é um pouco desorganizado, (...) muita dificuldade no reconhecimento de frases agramaticais (...), na ordenação de palavras na frase (...), na derivação de palavras, na discriminação auditiva e na identificação de rimas” (anexo 9). Em Maio, a terapeuta da fala afirmava que o “Joaquim” apresentava “ainda um atraso significativo na aprendizagem da leitura e escrita” (anexo 10). Em Junho sugeriu a continuidade das sessões no próximo ano lectivo.

O aluno continuou o acompanhamento no Hospital de Dona Estefânia e a 7 de Julho de 2009, a psicóloga atestava que “a avaliação da eficiência intelectual é reveladora de grandes dificuldades que tendem a reflectir-se na sua adaptação às exigências escolares. Apresenta ainda uma irrequietude motora e dificuldades ao nível da concentração e mobilização da atenção (...)” (anexo 11).

O “Joaquim” tinha muitas dificuldades ao nível da atenção/ concentração e de memória, esquecendo muito facilmente aquilo que lhe é transmitido, parecendo que ele próprio tem essa noção. Segundo a encarregada de educação (apêndice 8), “o cérebro dele parece que está adormecido”, tendo momentos de ausência. Tinha uma baixa auto-estima, necessitando de estímulos constantes.

Desde o ano lectivo anterior que toma medicação para aumentar os períodos de atenção e concentração. Inicialmente, tomou Ritalina mas, posteriormente passou a tomar Rubifen.

O “Joaquim” tem ainda um outro irmão com doze anos. A relação entre todos é caracterizada como boa, com os desentendimentos normais entre irmãos (apêndice 8).

O irmão gémeo frequentou a mesma turma e apresentava um deficit cognitivo ligeiro e dificuldades na expressão e comunicação. Em contexto de sala de aula, observámos uma certa competição entre ambos, em que o “José” tentava superar o “Joaquim”, falando por ele e corrigindo-o. Por sua vez, o “Joaquim” tentava primar pela perfeição dos trabalhos, pela organização e pela ajuda aos colegas.

A encarregada de educação valorizava o discurso infantil e incorrecto do “Joaquim”, a título de exemplo: “eu digo à pussora pa pôr num papel pa na me esquecer” (apêndice 8). Gostaria que o seu filho passa-se de ano. Considerava que a evolução nas aprendizagens se processava de forma lenta e o acompanhamento por parte das terapias era insuficiente, prejudicando o desenvolvimento do “Joaquim”.

3.2.3.2- Caracterização do percurso escolar

O “Joaquim” entrou pela primeira vez para o Jardim de Infância da Santa Casa da Misericórdia no ano lectivo 2004/2005 com três anos de idade, acompanhado pelo irmão gémeo, tendo sido acompanhado pela Equipa de Intervenção Precoce nos dois anos lectivos seguintes por revelar um atraso de desenvolvimento global e perturbações da linguagem e fala. Não beneficiou de adiamento ao 1º ciclo por decisão do encarregado de educação, apesar da educadora e da psicóloga que o acompanhava serem a favor do adiamento dado a grande imaturidade do aluno.

Neste contexto, ao integrar o 1º ciclo revelou muitas dificuldades, estando as suas aprendizagens muito distanciadas do resto do grupo, mostrando apatia, desinteresse e desmotivação. Não se verificavam problemas ao nível das relações interpessoais. Os pais assumiram uma atitude de negação, responsabilizando os professores pelo insucesso do seu educando. Desde logo, beneficiou de um Plano de Recuperação e de apoio individualizado por parte de um professor de apoio educativo (dezassete horas semanais). Integrou o regime educativo especial no final do 1º ano de escolaridade usufruindo das seguintes medidas educativas ao brigo do decreto-lei 3/2008, de 7 de Janeiro: a) apoio pedagógico personalizado, b) adequações curriculares, d) adequações no processo de avaliação e f) tecnologias de apoio.

Referimos ainda que no processo do aluno existiam duas respostas do Director Regional da Educação a pedidos dos pais, nomeadamente a solicitação de mais horas de apoio e a não transição para o 2º ano de escolaridade. Estes pedidos foram indeferidos.

No 2º ano de escolaridade beneficiou das medidas educativas atrás referidas, de vinte horas semanais de apoio por parte de um professor de apoio educativo, terapia da fala, uma vez por semana e acompanhamento psicológico e clínico por parte da Equipa da Lapa do Hospital de Dona Estefânia. No final do ano lectivo, em virtude da sua problemática e das reavaliações psicológicas e pedagógicas, o Conselho de Docentes e a Equipa de Educação Especial decidiram ser necessário alterar as medidas educativas definidas anteriormente, passando a usufruir de alínea e) currículo específico individual.

No ano lectivo em que decorreu a intervenção, frequentou o 3ºano de escolaridade pela primeira vez. A turma teve apoio por parte de uma professora de Educação Especial, seis horas semanais, e de dezassete horas por parte de uma professora de apoio educativo. Beneficiou de sessões de Terapia da fala e de Terapia Ocupacional pela equipa da Escola.

3.2.3.3- Nível actual de competências

Pela análise do relatório de avaliação do 1º período (anexo 12) do ano lectivo em que decorreu a intervenção e de acordo com as competências definidas no PEI, o aluno dominava as seguintes competências, área sócio – afectiva: esperava a sua vez, seguia regras em jogos de grupo, respeitava os objectos pessoais dos colegas, ajudava por vezes o adulto em tarefas simples, seguia ordens dos adultos, controlava as suas emoções e melhorou a auto-estima.

Na área psico-motora, identificava a lateralidade em si próprio, identificava a cabeça, tronco e membros do seu corpo, desenhava livremente, melhorou a pintura, colorindo os desenhos e atribuindo-lhe as cores correctas.

Na área de Língua Portuguesa, lia e escrevia pequenas frases com alguma ajuda, com palavras de duas sílabas e com consoantes até à letra s. Conseguia identificar os sons das letras trabalhadas, no início e fim da palavra, dividir silabicamente palavras de três sílabas. Expressava-se por iniciativa própria, relatava acontecimentos do seu quotidiano, embora de forma confusa tanto na sequência temporal como espacial. Descrevia imagens ou gravuras com um vocabulário pouco diversificado, compreendia mensagens simples e transmitia recados simples.

Na área da Matemática, realizava contagens até aos catorze representando e associando os números envolvidos, embora confundisse o doze e o treze, tinha dificuldade na decomposição a partir dos dez, ordenava por ordem crescente até dez e calculava somas e subtracções simples com concretização. Conhecia as noções de dentro/fora, alto/baixo, grande/pequeno e grosso/fino. Identificava os dias da semana e as estações do ano com ajuda. Ordenava acontecimentos temporais que envolvessem três sequências. Conhecia as figuras geométricas com alguma ajuda.

Na área de Estudo do Meio, sabia oralmente e escrevia apenas o seu nome próprio sem consulta, conhecia o nome próprio dos pais e dos irmãos, identificava alimentos do seu quotidiano e alimentos saudáveis e conhecia os hábitos de higiene.

Mostrou-se um aluno muito interessado, empenhado, motivado, responsável e não desistia das tarefas mesmo quando se deparava com dificuldades.

4- Plano de acção

A intervenção desenvolveu-se em diferentes contextos: sala de aula: grupo - turma e professora titular de turma, família, equipa de apoio e escola. Todavia, demos particular destaque à intervenção no grupo - turma, com a professora titular de turma e com a família.

No grupo - turma pretendemos desfazer o afastamento físico e pedagógico do subgrupo formado pelos alunos considerados com NEE's, o fim da diferenciação pedagógica exclusiva e consequentemente, promover a socialização das aprendizagens com actividades dirigidas a todos os alunos através de estratégias de aprendizagem cooperativa.

Com a professora titular de turma, a intervenção assentou na cooperação na planificação, realização e reflexão das práticas inclusivas evidenciando que a aprendizagem cooperativa diminui a necessidade de mais apoio individualizado. Houve reuniões semanais para planear a intervenção e construir os materiais necessários e depois para avaliar e reflectir sobre essa intervenção de forma a planear a seguinte. A avaliação foi registada em grelhas de avaliação elaboradas pelas intervenientes e que foram sendo adaptadas conforme a necessidade de ajustes.

A intervenção com a família baseou-se em mostrar aos pais o trabalho desenvolvido na escola, envolvendo-os na sua realização e avaliação. Realizaram-se reuniões para sugerir actividades a realizar em casa e com a equipa de apoio para dar conhecimento da situação escolar do aluno. Os pais, tanto do aluno emergente como de todo o grupo – turma, conforme a actividade, foram envolvidos na avaliação de trabalhos com o registo numa ficha própria criada para o efeito.

A nível da equipa de apoio pretendemos a articulação da intervenção com a professora de Educação Especial e com a encarregada de educação na indicação de áreas a trabalhar e no acompanhamento do trabalho desenvolvido estimulando a partilha de experiências e saberes (Sanches, 1996). Para tal, fizemos reuniões com periodicidade consoante os intervenientes e a disponibilidade da equipa técnica.

Na escola tencionámos mostrar o trabalho desenvolvido no decorrer da intervenção e sensibilizar para práticas inclusivas recorrendo ao jornal da escola, à Biblioteca Escolar e às reuniões de núcleo de Apoio Educativo.

4.1- Pressupostos teóricos

A Declaração de Salamanca (1994) defende o princípio da inclusão, a escola para todos, atendendo à especificidade de cada um. Mas, para tal é necessária uma mudança na prática educativa, nomeadamente: assumir como ponto de partida as práticas e os conhecimentos existentes, entender as diferenças como oportunidades para a aprendizagem, inventariar as barreiras à participação, usar os recursos disponíveis para apoiar a aprendizagem, desenvolver uma linguagem ligada à prática e criar condições que incentivem aceitar riscos.

Por outro lado, hoje em dia, é cada vez mais solicitada a intervenção activa dos pais na vida escolar num processo de parceria na gestão das escolas, utilizando as suas potencialidades e a partilha de responsabilidades e experiências.

“A Escola, a Família e a Comunidade são três contextos predominantes no mundo do aluno e a Parceria Escola/Família/Comunidade pode constituir um poderoso instrumento para a melhoria da qualidade da aprendizagem, da imagem da escola e da dinamização da vida local” (Martins, 2002:226).

Para uma educação para todos e com todos é imprescindível o equilíbrio social no respeito pelas diferenças, o reconhecimento da riqueza da diversidade, o recurso a metodologias activas, promotoras de aprendizagens com significado, a aprendizagem cooperativa e a socialização das aprendizagens. Por outro lado, o trabalho em parceria entre professores e a sua acção reflexiva deve ser uma prática diária conscientes de que aprender exige mudanças, mudar implica saber para quê e porquê, exige tempo, um caminho a percorrer e predisposição para o fazer.

“As aprendizagens são para ser feitas pelos alunos e com eles” (Sanches, 2001:58).

4.2. Planificação, realização e avaliação da intervenção

A planificação da intervenção foi elaborada de forma a introduzir mudanças na dinâmica da sala de aula envolvendo todo o grupo – turma na socialização das aprendizagens independentemente do seu perfil cognitivo através de um trabalho de parceria entre as professoras e de estratégias de aprendizagem cooperativa. Por outro lado,

pretendemos evidenciar que a aprendizagem cooperativa diminui a necessidade de mais apoio individualizado uma vez que os alunos aprendem com e através dos pares.

4.2.1-Planificação global da intervenção

A nossa intervenção desenvolveu-se nos seguintes contextos: na sala de aula/ EB1, com os alunos e com a professora titular de turma, família, equipa de apoio e escola.

Na planificação da intervenção na sala de aula/ EB1, com os alunos, foram definidos os seguintes objectivos gerais: desenvolver a comunicação oral e escrita, promover a participação de todos os alunos nas actividades da turma em situações de aprendizagens significativas, desenvolver competências essenciais ao trabalho cooperativo, diminuir situações de dependência em relação às professoras, desenvolver o espírito cooperativo da turma e trabalhar de forma autónoma, quadro 1. Foi tido em conta que para a existência de salas de aula mais inclusivas é necessário planificar as actividades para todo o grupo, como um todo, defendido por Aiscow (1997, cit in Sanches & Teodoro, 2007). Por outro lado, tivemos em consideração os elementos básicos a uma aula inclusiva, apresentados por Lopes e Silva (2009), nomeadamente: interdependência positiva, responsabilidade individual e de grupo, interacção estimuladora, preferencialmente face – a – face, competências sociais e o processo de avaliação do grupo.

Quadro 1- Planificação da Intervenção, a longo prazo, na sala de aula/ EB1, com os alunos

Objectivos gerais	Objectivos específicos	Actividades / Estratégias	Calendari-zação	Recursos	Avaliação
-Desenvolver a comunicação oral e escrita; - Promover a participação de todos os alunos nas actividades académicas da	-Ouve com atenção; -Respeita diferentes opiniões; -Participar activamente; -Respeita a sua vez; -Escuta os outros; - Fala num tom de	Exploração de conteúdos curriculares, a nível da comunicação oral e escrita: - Brainstroming; -Trabalho cooperativo; - Trabalho de pares;	Fevereiro a Junho	-Alunos; -Professora titular de turma; -Professora de Educação Especial; -Manual	-Auto-avaliação; - Avaliação da sessão; -Avaliação das competências da turma

turma; - Desenvolver competências sociais essenciais ao trabalho cooperativo; - Diminuir as situações de dependência em relação às professoras.	voz adequado à actividade; -Participa de forma igual; -Respeita as regras de participação na actividade; -Partilha ideias; -Ajuda os colegas;			Escolar	
	-Interage com os pares em situações de aprendizagens significativas; -Coopera com os pares; -Colabora nas tarefas de grupo; -Respeita a opinião dos outros; -Exprime a sua opinião.	Exploração de uma história para escrever um trabalho para o jornal da escola : - Trabalho de pares	Março 2 sessões	-Alunos; -Professora titular de turma; -Professora de Educação Especial; - Livro da história	-Auto-avaliação; - Avaliação da sessão; -Avaliação das competências da turma
	-Interage com os pares em situações de aprendizagens significativas; -Interage com os pares em	Exploração de uma história para construção de um painel para a sala de aula: -Aprendizagem cooperativa;	Março e Abril 3 sessões	-Alunos; -Professora titular de turma; -Professora de Educação	-Auto-avaliação; - Avaliação da sessão; -Avaliação das

	situações de aprendizagens cooperativas; -Respeita as regras de participação na actividade; - Partilha ideias	-Trabalho de grupo		Especial; -Livro; - Computador; -Folhetos; -Cartolinas	competências da turma
	-Interage com os pares; -Colabora nas tarefas de grupo; -Ajuda os colegas; -Respeita a opinião dos pares; -Defende posições; -Dá sugestões; -Partilha ideias; -Elogia os colegas	Resolução de problemas associado ao quotidiano: -Aprendizagem cooperativa	Maio e Junho 2 sessões	-Alunos; -Professora titular de turma; -Professora de Educação Especial.	-Auto-avaliação; - Avaliação da sessão; -Avaliação das competências da turma

Com a professora titular de turma pretendemos fomentar o espírito de colaboração e de partilha de saberes e experiências, na preparação, realização e avaliação das actividades, estabelecendo uma verdadeira parceria pedagógica atendendo a todos os alunos, os seus diferentes pontos de partida, vivências e a forma como aprendem. “Quando as actividades educativas são planeadas para apoiar a participação de todos os alunos, diminui a necessidade de apoio individualizado” (Booth & Ainscow, 2002:11). O quadro 2 apresenta a planificação da intervenção, a longo prazo, na sala de aula/ EB1, com a professora.

Quadro 2- Planificação da Intervenção, a longo prazo, na sala de aula/ EB1, com a professora (parceria pedagógica)

Objectivos gerais	Objectivos específicos	Estratégias/ Actividades	Calendarização	Recursos	Avaliação
Ajudar a mudar as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula, de modo a incluir todos os alunos nas actividades	- Planifica as actividades e estratégias, em conjunto, de acordo com as capacidades dos alunos	Planificação das actividades	Semanalmente	-Grelha de planificação -Profesoras	
	-Coopera na realização das actividades	Realização das actividades	De Fevereiro a Junho	-Profesoras	-Notas de campo
	-Identifica aspectos positivos da actividade; -Identifica aspectos negativos da actividade; -Confere se os objectivos propostos foram conseguidos; -Identifica as causas, se os objectivos não foram alcançados; -Identifica as estratégias para os conseguir atingir os objectivos, se estes não foram alcançados	Avaliação das actividades	Semanalmente	-Relatório; -Grelhas de avaliação da actividade; -Profesoras	-Relatório; -Grelhas de avaliação da actividade; -Notas de campo

Relativamente à família, propomo-nos a chamar os pais a colaborar (Sanches, 2001), levando a níveis diferenciados de envolvimento, como ouvir as suas sugestões, anseios e expectativas tendo-as em linha de conta na definição de objectivos e na continuidade das actividades em casa. Apresentamos a planificação da intervenção no quadro 3 que se segue.

Quadro 3- Planificação da Intervenção, a longo prazo, na família

Objectivos gerais	Objectivos específicos	Actividades	Calendari-zação	Recursos	Avaliação
-Fazer com que a família tome consciência das potencialidades dos filhos; - Promover o diálogo com a família para valorizar as aprendizagens com os pares; -Promover o trabalho em casa para aquisição de competências	Acompanha o trabalho desenvolvido na escola	-Pergunta sobre as actividades realizadas na escola; -Ajuda nos trabalhos de casa; -Treina o dizer e escrever os dados pessoais: nome completo, morada, número de telefone, idade e data do aniversário; os meses e as estações do ano; -Faz reuniões periódicas com a Professora de Educação Especial e a Equipa de Apoio	- De Fevereiro a Junho;	-Professora de Educação Especial; -Terapeurta Ocupacio-nal; -Terapeuta da Fala; -Encarrega-da de Educação;	Registo na síntese descritiva, semanal, das actividades
	Realiza e participa na avaliação do trabalho realizado em casa e na escola	- Avalia as tarefas propostas a realizar em casa; -Avalia os textos realizados pelos alunos; -Avalia a carta enviada para casa; -Avalia o powerpoint com as fotografias das actividades	De Fevereiro a Junho Março Maio Junho	Encarrega-da de Educação;	Grelhas de registo

Na equipa de apoio tivemos como objectivo incentivar a partilha de experiências e saberes (Sanches, 1996) possibilitando uma intervenção articulada e a avaliação da evolução da situação escolar do aluno, quadro 4.

Quadro 4- Planificação da Intervenção, a longo prazo, na equipa de apoio

Objectivos gerais	Objectivos específicos	Actividades	Calendari-zação	Recursos	Avaliação
-Articular a intervenção -Avaliar o trabalho desenvolvido	-Identifica competências actuais do aluno; - Indica barreiras ao processo de ensino-aprendizagem; -Define objectivos a curto prazo; - Define áreas a trabalhar em cada contexto; -Define estratégias	Reuniões semanais com os técnicos	De Fevereiro a Junho	Professora de Educação Especial; -Terapeurta Ocupacio-nal; -Terapeuta da Fala; -Encarregada de Educação;	Registo na síntese descritiva, semanal, das actividades
Fazer propostas de actuação	- Informa sobre o trabalho realizado na escola; - Informa sobre o trabalho realizado em casa; - Identifica competências actuais do aluno; - Indica barreiras ao processo de ensino-aprendizagem; -Define objectivos a curto prazo; - Define áreas a trabalhar em cada contexto.	Reuniões mensais com os técnicos e a encarregada de educação	De Março a Junho		

Na Escola pretendemos sensibilizar para a importância de práticas inclusivas, quadro 5.

Quadro 5- Planificação da Intervenção, a longo prazo, na Escola

Objectivos gerais	Objectivos específicos	Actividades	Calendarização	Recursos
Promover o trabalho realizado por todos os alunos	Mostra à comunidade escolar o trabalho realizado	-Exposição de trabalhos na sala de aula; -Exposição de trabalhos na Biblioteca Escolar	De Fevereiro a Junho Junho	Cartazes dos trabalhos
Sensibilizar para a importância de práticas inclusivas	-Apresenta as vantagens da aprendizagem cooperativa; -Mostra as vantagens da parceria pedagógica; -Apresenta os ganhos do aluno durante a intervenção	- Reuniões de Núcleo; - Conversas informais	De Fevereiro a Junho	Professores

4.2.2- Planificação, intervenção e avaliação, a curto prazo

A intervenção decorreu entre os meses de Fevereiro e Junho. Em contexto de sala de aula, as sessões de intervenção tiveram a duração de noventa minutos semanais e desenvolveram-se às quintas-feiras. Inicialmente estava previsto que excepcionalmente se efectuariam às quartas-feiras mas, devido a mudança de horário da professora de Educação Especial tal não foi possível de concretizar.

A proposta da planificação da intervenção, a longo prazo, na sala de aula, com os alunos foi alterada uma vez que assentava nas actividades e não nas estratégias inclusivas. As actividades e os objectivos relacionavam-se somente aspectos académicos muito direccionados para a área curricular de Língua Portuguesa, sendo esta a área em que os alunos revelavam mais dificuldades, segundo a professora titular de turma na entrevista realizada (apêndice 5).

Na proposta da planificação da intervenção, a longo prazo, com a professora (parceria pedagógica) retirámos o objectivo geral relativo ao avaliar o PEI, pois este faz parte das nossas competências enquanto professoras.

Quanto à proposta da planificação da intervenção, a longo prazo, na família clarificámos os objectivos gerais. Assim, tomar conhecimento das avaliações realizadas passámos a designar como tomar conhecimento da situação escolar, tomar conhecimento do trabalho desenvolvido pelo seu educando alterámos para acompanhar o trabalho desenvolvido e participar na implementação das estratégias corrigimos para participar na definição de estratégias e actividades. O objectivo participar no desenvolvimento das actividades, em contexto de sala de aula foi retirado uma vez que estava relacionado com a proposta de planificação da intervenção, a longo prazo, na sala de aula, com os alunos.

Relativamente à proposta da planificação da intervenção, a longo prazo, na equipa de apoio alterámos o seu conteúdo uma vez que a considerámos muito generalista e não integrava a cooperação com a encarregada de educação.

A planificação, a intervenção e a avaliação da intervenção foi elaborada por semanas, sendo estas ordenadas desde a primeira semana de intervenção. Para cada semana apresentaram-se os objectivos prioritários para cada contexto de intervenção, o plano de sessão da intervenção no contexto de sala de aula e as respectivas grelhas de avaliação das competências da turma e de avaliação da sessão e por fim, a descrição e balanço das actividades desenvolvidas nos diferentes contextos de intervenção.

Os elementos constantes do plano da sessão foram: número da sessão, data da mesma, objectivos gerais, objectivos específicos, objectivos da actividade, estratégias, descrição das actividades e metodologias a desenvolver, recursos e avaliação.

A avaliação foi feita por actividade, desenvolvida por todos os intervenientes num processo cooperativo (Sanches, 2005), utilizando grelhas criadas para o efeito.

A grelha de avaliação de competências da turma foi preenchida pela professora de Educação Especial, durante a intervenção mediante observação, avaliada e corrigida pela professora titular de turma e pela professora de Educação Especial no final da sessão de intervenção. A análise do conteúdo foi apresentada na descrição e balanço das actividades desenvolvidas nos diferentes contextos de intervenção. Nesta tabela foi utilizada a seguinte simbologia: + - Sim, $\pm$ - Às vezes e _ - Não à qual tivemos necessidade de associar cores para uma leitura e análise mais fácil dos resultados. A grelha foi sendo modificada ao

longo das sessões de acordo com os objectivos da actividade, assim como o inquérito de auto-avaliação da actividade.

A grelha de avaliação da sessão foi adaptada de Lopes e Silva (2009:67-68). Esta grelha foi completada pela professora titular de turma e pela professora de Educação Especial, no final da sessão da intervenção mediante a observação da aula, a análise da grelha de avaliação de competências da turma e a auto-avaliação dos alunos. A leitura desta grelha foi feita na descrição e balanço das actividades desenvolvidas nos diferentes contextos de intervenção, assim como os resultados da auto-avaliação dos alunos apresentados, por vezes, em quadro como e.g. nas sessões número dez e onze.

Para cada semana de intervenção, após o plano da sessão e as grelhas de avaliação, apresentamos a descrição e balanço das actividades desenvolvidas nos diferentes contextos de intervenção onde também foram referenciados alguns dos trabalhos realizados pelos alunos e fotografias alusivas a algumas das actividades desenvolvidas, apresentadas posteriormente em apêndice. Esta reflexão foi da responsabilidade da professora de Educação Especial.

No início da semana, as professoras titular de turma e de Educação Especial reuniram para fazer o plano da sessão de intervenção, no qual se definiam os objectivos, a actividade, as estratégias e a avaliação. Elaborámos ainda os materiais necessários, a grelha de avaliação de competências da turma e os questionários de auto-avaliação, quando tal era contemplado. Durante a intervenção, cooperámos de modo a criar um clima propício à aprendizagem, implementando as estratégias previamente definidas, prestando ajuda aos grupos de trabalho, quando solicitadas, controlando o comportamento da turma e elogiando o desempenho dos alunos.

Nas primeiras quatro sessões de intervenção tivemos necessidade de reformular os objectivos da actividade por estes não serem suficientemente elucidativos do que se pretendia.

Há medida que fomos reflectindo no processo foram feitas alterações, e.g. na grelha de avaliação da sessão em que a partir da quarta sessão acrescentámos o item “*propostas para a sessão seguinte*” uma vez que na reflexão das sessões havia aspectos importantes a reter que deveriam ser contemplados na planificação da sessão seguinte. A título de exemplo, na quinta sessão em que propomos a elaboração de um mapa de comportamento a afixar na sala que passou a fazer-se até à nona sessão em que propusemos deixar-se de completar uma vez que os objectivos a que se destinavam estavam alcançados. Outro

exemplo, na décima sessão, sugerimos a atribuição de papéis de forma a promover a participação de todos os alunos tal como se verificou na décima – primeira sessão.

Outra alteração introduzida foi a síntese passar a ser mais descritiva a partir da sexta sessão.

Relativamente à intervenção com a família, nas três primeiras semanas apenas se realizou com a mãe do aluno desencadeador da mesma. Desde então, considerámos importante também trabalhar com as famílias dos alunos C5, C6 e C8 uma vez que também eram contemplados na intervenção dentro da sala de aula.

No que diz respeito à equipa de apoio, o trabalho registado foi apenas o de o aluno desencadeador da intervenção.

Quanto à intervenção na Escola foi sendo feita ao longo dos meses através da divulgação e partilha de saberes nas reuniões do núcleo de Educação Especial e Apoios Educativos, de conversas informais com os restantes colegas da Escola e ainda na exposição dos trabalhos realizados na sala de aula, e.g. os cartazes da actividades “Come a sopa, Marta!”, da quarta sessão, e alusiva ao 25 de Abril, sétima sessão, e na Escola, como se pode verificar no descritivo da décima – segunda sessão.

4.2.2.1- Semana de 22 a 26 de Fevereiro

Para esta semana, em contexto de sala de aula, definimos o seguinte objectivo: promover a participação de todos os alunos nas actividades da turma desfazendo o “subgrupo” formado pelos alunos considerados com NEE’s que ocupavam uma disposição diferente na sala de aula.

A intervenção com a família assentou no acompanhamento do trabalho desenvolvido para que esta tomasse conhecimento do trabalho realizado pelo seu educando, por um lado e por outro contribuisse para a estimulação das suas capacidades, nomeadamente a memória e a expressão oral.

Com a equipa de apoio, pretendeu-se articular a intervenção.

Sandra Catarino - “Com e no grupo, eu consigo aprender”. Uma experiência de aprendizagem cooperativa, numa turma de 3º ano.

Quadro 6-1ª semana - Plano de sessão

Sessão nº 1	Data: 25 de Fevereiro de 2010
Objectivos gerais	
- Promover a participação de todos os alunos nas actividades da turma; - Desenvolver a comunicação oral e escrita.	
Objectivos específicos	
- Interage com os pares em situações de aprendizagens significativas; - Colabora nas tarefas de grupo; - Respeita a opinião dos colegas.	
Objectivo da actividade	
Classificar as palavras quanto à posição da sílaba tónica: palavras agudas, graves e esdrúxulas.	
Estratégias	
Trabalho de pares	
Descrição das actividades e metodologias a desenvolver	
- Diálogo inicial com o grupo-turma onde se relembra a divisão silábica e se expõe o tema que se vai abordar: identificação da sílaba tónica e classificação das palavras quanto à posição da sílaba tónica; - Pede-se aos alunos que juntem 2 a 2; - Solicita-se a cada par de alunos que indique um tipo de animal, e.g.: insectos, répteis, mamíferos; - Cada grupo, através de um aluno, informa a turma do tipo de animal que escolheu; - Cada grupo escreve o nome de quatro animais. Divide-os em sílabas, identifica a sílaba tónica e classifica-os quanto à posição da sílaba tónica; - Cada aluno vai ao quadro e escreve o nome de dois animais definidos pelo grupo, faz a respectiva divisão silábica e oralmente identifica a sílaba tónica e classifica a palavra quanto à posição da sílaba tónica.	
Recursos	
- Professoras; - Alunos; - Quadro.	
Avaliação	
- Diálogo final com o grupo-turma onde se faz um comentário à actividade, procedendo-se à auto-avaliação através da selecção de uma imagem ilustrativa; - Preenchimento da grelha de avaliação de competências da turma; - Preenchimento da grelha de avaliação da sessão em conjunto com a Professora Titular de Turma.	

Quadro 7- 1ª semana - Avaliação de competências da turma

Sessão nº 1

Data: 25 de Fevereiro de 2010

Aluno		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
		B3	C3	B1	A1	C5	C2	A4	B5	C6	C1	A2	B2	A3	A5	C7	C8	B7	C4	B6	B4
Competências sociais	Levanta o dedo para participar	+	+	+	-	±	±	±	±	+	+	+	±	±	+	+	±	±	+	±	+
	Está atento aos colegas enquanto estes falam	+	±	+	-	-	-	-	-	±	+	+	±	±	+	+	±	+	+	±	+
	Coopera com os pares	+	+	+	+	-	±	+	+	+	+	+	+	+	+	+	±	+	+	+	+
	Respeita a opinião dos colegas	+	+	+	-	±	±	±	+	+	+	+	±	+	+	+	±	+	+	±	+

	Espera pela sua vez para falar	+	±	+	-	-	-	-	±	±	+	+	±	±	+	+	+	±	±	±	+
	Permanece na tarefa	+	+	+	+	-	±	±	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Comunica de forma perceptível	±	+	±	+	-	±	±	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Competências académicas	Indica um tipo de animal	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Escreve o nome de quatro animais	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Divide o nome dos animais em sílabas	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Identifica a sílaba tónica	+	+	+	+	±	+	+	±	±	±	+	+	±	+	±	±	+	+	+	+
	Classifica quanto à posição da sílaba tónica	+	+	+	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+

Legenda : + - Sim ± - Às vezes - - Não

Quadro 8- 1ª semana - Grelha de avaliação de sessão

Sessão nº 1

Data: 25 de Fevereiro de 2010

		Sim	Não	Observações
Plano de sessão	Os objectivos foram alcançados	X		
	A tarefa foi adequada ao grupo	X		
	Os recursos fornecidos foram suficientes	X		
Funcionamento dos grupos de trabalho	A constituição do grupo foi a mais correcta	X		
	Todos os membros do grupo participaram activamente na tarefa		X	O aluno C5 esteve muito agitado e a partir de determinado momento começou a perturbar o funcionamento da aula.
	Todos os membros do grupo contribuíram para a realização da tarefa		X	O aluno C5 necessitou de muita ajuda da colega para realizar a tarefa e não conseguiu concluir.
	Os membros do grupo ajudaram-se mutuamente a alcançar os objectivos da actividade		X	O aluno C5 não ajudou o grupo a alcançar os objectivos da actividade.
	Os grupos foram produtivos		X	O comportamento do aluno C5 prejudicou o funcionamento do grupo.
Participação dos alunos	Os alunos aderiram à tarefa	X		
	Os alunos tinham noção das suas responsabilidades	X		
	Os alunos realizaram a tarefa com sucesso		X	O aluno C5 apenas conseguiu indicar oralmente o tipo de animal e escrever, com ajuda, o nome dos quatro animais.
	Houve alunos que não participaram		X	
	Houve alunos que dominaram os colegas		X	
Papel das professoras	A tarefa foi demonstrada de forma clara	X		

	Os alunos foram motivados para a execução da tarefa	X		
	A supervisão do trabalho foi a adequada		X	Não se conseguiu controlar o comportamento do aluno C5.
	As docentes cooperaram no desenvolvimento da sessão	X		
	Foi promovida a reflexão dos alunos sobre as suas aprendizagens	X		

O que foi particularmente conseguido nesta actividade	Os alunos considerados com NEE's “saíram do subgrupo” para trabalhar com a turma. Nos grupos de trabalho, estes alunos foram todos separados e trabalharam com os colegas da turma. Foram trabalhados conteúdos programáticos, tanto da turma como dos programas educativos individuais, com e através dos pares. Os colegas da turma mostraram uma grande receptividade em relação aos alunos considerados com NEE's nos grupos de trabalho, tendo valorizado o seu desempenho, nomeadamente quando era solicitado que fossem ao quadro escrever a resposta. Também a professora da turma elogiou o trabalho dos alunos. Todos os grupos, à excepção do grupo do aluno C5, conseguiram realizar a actividade com sucesso e sem problemas entre os membros do grupo.
Que dificuldades foram encontradas	Comportamento perturbador do aluno C5. Inicialmente, ficou muito contente por trabalhar na mesma actividade e no “espaço” da turma. A colega com quem trabalhou ajudou-o nas tarefas. Contudo, com o decorrer da actividade começou a ficar muito agitado e quando repreendido pela professora, reagia com gritos e choro levantando-se do lugar. Há a salientar o facto do estado do tempo interferir no seu comportamento, nomeadamente as trovoadas e vento forte o qual se verificou durante toda a semana. Tentámos acalmar o aluno C5, estimulando-o para a actividade e para a importância de trabalhar com a colega para que os objectivos propostos ao grupo fossem conseguidos, sendo o seu contributo muito importante. O aluno seguia as nossas recomendações e começava a trabalhar, nós elogiávamos o seu desempenho mas logo de seguida começava a gritar, a olhar pela janela e a perguntar se estava a trovejar. Quando a professora titular de turma o repreendeu de forma brusca, o aluno descontrolou-se e começou a gritar e a chorar, levantando-se constantemente do lugar. Então, peguei-lhe na mão calmamente e levei-o para fora da sala até este se acalmar. Depois, regressámos para a sala, e de mão dada comigo, assistimos à actividade da turma. O aluno foi ao quadro e realizou com sucesso a escrita das palavras e a sua colega classificou-as quanto à acentuação. Por outro lado, os alunos tiveram dificuldade em estar calados enquanto cada colega ia ao quadro, não cumprindo uma das regras de funcionamento da sala de aula. Durante a actividade, as professoras controlaram o comportamento dos alunos, chamando a atenção para a necessidade de estarem calados, não fazendo comentários inoportunos à intervenção dos colegas.
Que mudanças permitiriam melhorar a actividade	Será importante reduzir o tempo da tarefa em que a turma tem que ouvir todos os alunos individualmente e em simultâneo fomentar a noção de respeito pelos colegas, fazendo cumprir as regras de funcionamento da sala de aula.
Auto - avaliação dos alunos	Dos vinte alunos, dezoito auto-avaliaram-se com a imagem correspondente ao ter conseguido alcançar os objectivos propostos e dois alunos auto-avaliaram-se com a imagem equivalente ao ter conseguido alcançar parcialmente, entre os quais o aluno C5.

Descrição e balanço das actividades desenvolvidas nos diferentes contextos de intervenção

Sala de Aula

No início da semana, reunimos para planificar a actividade, nomeadamente a definição dos conteúdos programáticos, as estratégias e como promover a reflexão dos alunos sobre as suas aprendizagens. A professora titular de turma começou por referir que está atrasada no cumprimento da planificação e que terá que faltar às aulas para a realização de exames médicos. De acordo com os conteúdos programáticos a leccionar e após análise dos quatro PEI's, decidimos quais os objectivos da actividade de forma que todos os alunos os conseguissem concretizar com sucesso. A professora de Educação Especial sugeriu as estratégias a utilizar que após discutidas, foram aceites.

Durante o desenvolvimento da actividade, cooperámos de modo a criar um clima propício à aprendizagem, implementando as estratégias previamente definidas, prestando ajuda aos grupos de trabalho, quando solicitadas, controlando o comportamento da turma e elogiando o desempenho dos alunos.

No final da actividade, avaliámos a sessão com suporte da grelha de avaliação da sessão e as competências dos alunos com recurso à respectiva grelha.

Da análise da grelha de avaliação das competências da turma, concluímos que a concretização das competências académicas foi superior às competências sociais.

Relativamente às competências sociais, destacam-se o não respeito em levantar o dedo para falar, estar atento aos colegas enquanto estes falam e o esperar pela sua vez para falar.

Quanto às competências académicas, apenas um aluno não conseguiu classificar as palavras quanto à posição da sílaba tónica, nomeadamente o aluno C5. Seis alunos tiveram algumas dificuldades em identificar a sílaba tónica mas depois conseguiram classificar. Na próxima aula, estes conteúdos serão reforçados para estes alunos.

Família

Através de contacto telefónico informámos a mãe do aluno desencadeador da nossa intervenção que esta teve início esta semana e quais os objectivos que visamos alcançar. Explicámos ser importante que em casa fosse perguntado ao aluno o que fez na escola e

qual a sua opinião, exercitando a memória e a expressão oral. A mãe informou que o aluno foi a uma consulta à Equipa da Lapa no dia 23 de Fevereiro de 2010.

Equipa de Apoio

No dia 23 de Fevereiro a equipa de apoio reuniu, não estando presente a terapeuta da fala por não se encontrar no Agrupamento às 3ªs feiras. Com esta técnica trocamos informações às 5ªs feiras.

Atendendo ao elevado número de casos propostos e tendo alguns já sido avaliados, decidimos prevalecer o critério da qualidade em vez da quantidade, i.e., é preferível que os alunos usufruam apenas de uma terapia semanalmente em vez das três terapias, sendo o acompanhamento destas pontual. Elaborou-se assim um mapa de alunos a atender em cada valência bem como as horas para fazer avaliação a novos casos sinalizados. Pedi para que o atendimento da terapia da fala, na 5ª feira, aos alunos da turma onde faço a intervenção se realizasse da parte da tarde, uma vez que no período da manhã estou a trabalhar com a turma. Analisámos ainda os novos casos sinalizados.

Escola

Em reunião de Núcleo informámos os colegas da intervenção que se iniciou, nomeadamente em que âmbito se desenvolveu e os objectivos a que se destinou.

Observações

Ao registar a avaliação dos alunos na grelha de competências, sentimos a necessidade de atribuir ao respectivo código também uma cor para uma melhor análise dos resultados.

4.2.2.2- Semana de 1 a 5 de Março

Os objectivos definidos para esta semana, por contextos de intervenção, foram: em contexto de sala de aula, promover a participação de todos os alunos nas actividades da turma desfazendo o “subgrupo” formado pelos alunos considerados com NEE’s que ocupavam uma disposição diferente na sala de aula; com a família, acompanhar o trabalho desenvolvido pelo aluno.

Quadro 9- 2ª semana - Plano de sessão

Sessão nº 2	Data: 4 de Março de 2010
Objectivos gerais	
- Promover a participação de todos os alunos nas actividades da turma; - Desenvolver a comunicação oral e escrita.	
Objectivos específicos	
- Interage com os pares em situações de aprendizagens significativas; - Coopera com os pares; - Colabora nas tarefas de grupo; - Respeita a opinião dos colegas.	
Objectivos da actividade	
- Nomeia, oralmente, as personagens principais da história; - Identifica, oralmente, o grau de parentesco entre as personagens; - Identifica, oralmente, o tema da história; - Colabora na elaboração do texto; - Colabora na ilustração do texto.	
Estratégias	
- Leitura e interpretação oral da história; - Trabalho de pares	
Descrição das actividades e metodologias a desenvolver	
- Análise da imagem da capa do livro: qual será o tema da história e personagens principais; - Leitura da história “Adivinha quanto eu gosto de ti” de Sam McBratney à turma e em simultâneo a explicação de significado das palavras e a análise das imagens; - Exploração oral da história: personagens, tema, grau de parentesco; - Formação de grupos de 2 alunos, pela professora em função das competências para a expressão escrita; - Exercício de expressão escrita a pares: “Se eu fosse uma lebre”. - Ilustração do texto.	
Recursos	
- Professoras; - Alunos; - Livro “Adivinha quanto eu gosto de ti” de Sam McBratney; - Folha para o exercício de expressão escrita.	
Avaliação	
- Diálogo final com o grupo-turma onde se faz um comentário à actividade, procedendo-se à auto-avaliação através da selecção de uma imagem ilustrativa; - Preenchimento da grelha de avaliação de competências da turma; - Preenchimento da grelha de avaliação da sessão em conjunto com a Professora Titular de Turma.	

Sandra Catarino - “Com e no grupo, eu consigo aprender”. Uma experiência de aprendizagem cooperativa, numa turma de 3º ano.

Quadro 10- 2ª semana -Avaliação de competências da turma

Sessão nº 2

Data: 4 de Março de 2010

Alunos		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
		B 3	C 3	B 1	A 1	C 5	C 2	A 4	B 5	C 6	C 1	A 2	B 2	A 3	A 5	C 7	C 8	B 7	C 4	B 6	B 4
Competências sociais	Levanta o dedo para participar	+	+	+	-	±	±	±	±	+	+	+	±	±	+	+	±	±	+	±	+
	Está atento aos colegas enquanto estes falam	+	±	+	-	-	-	-	-	±	+	+	±	±	+	+	±	+	+	±	+
	Coopera com os pares	+	+	+	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	±	+	+	+	+
	Respeita a opinião dos colegas	+	+	+	-	±	±	±	+	+	+	+	±	+	+	+	±	+	+	±	+
	Espera pela sua vez para falar	+	±	+	-	-	-	-	±	±	+	+	±	±	+	+	+	±	±	±	+
	Permanece na tarefa	+	+	+	+	-	±	±	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Comunica de forma perceptível	+	+	±	+	-	±	±	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Competências académicas	Nomeia, oralmente, as personagens principais	-	+	-	+	+	+	+	+	+	-	-	+	+	-	+	+	+	+	+	-
	Identifica oralmente, o grau de parente entre as personagens	-	+	-	+	+	+	+	+	+	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Identifica oralmente, o tema da história	-	+	-	+	±	+	+	+	+	-	-	+	±	-	+	+	+	+	+	+
	Colabora na elaboração do texto	+	+	+	+	±	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Colabora na ilustração do texto	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+

Legenda: + - Sim ± - Às vezes - - Não

Quadro 11- 2ª semana - Grelha de avaliação de sessão

Sessão nº 2

Data: 4 de Março de 2010

		Sim	Não	Observações
Plano de sessão	Os objectivos foram alcançados	X		
	A tarefa foi adequada ao grupo	X		
	Os recursos fornecidos foram suficientes	X		
Funcionamento dos grupos de trabalho	A constituição do grupo foi a mais correcta	X		
	Todos os membros do grupo participaram activamente na tarefa		X	O aluno C5 teve uma fraca participação na elaboração do texto. O colega
	Todos os membros do grupo		X	

	contribuíram para a realização da tarefa			perguntava-lhe a sua opinião sobre os diferentes aspectos como o nome da personagem, onde vivia....
	Os membros do grupo ajudaram-se mutuamente a alcançar os objectivos da actividade		X	Mas o aluno encolhia os ombros e dizia que não sabia. Estava muito retraído... É normal ficar muito intimidado quando tem que dar a sua opinião.
	Os grupos foram produtivos		X	
Participação dos alunos	Os alunos aderiram à tarefa	X		
	Os alunos tinham noção das suas responsabilidades	X		
	Os alunos realizaram a tarefa com sucesso	X		
	Houve alunos que não participaram na tarefa		X	
	Houve alunos que dominaram os colegas		X	
Papel das professoras	A tarefa foi demonstrada de forma clara	X		
	Os alunos foram devidamente motivados para a sua execução	X		
	A supervisão do trabalho foi a adequada		X	
	As docentes cooperaram no desenvolvimento da sessão	X		
	Foi promovida a reflexão dos alunos sobre as suas aprendizagens		X	

O que foi particularmente conseguido nesta actividade	Os alunos considerados com NEE's desenvolveram a actividade a mesma actividade da turma com os pares. Todos os alunos mostraram receptividade pela actividade e pelas estratégias utilizadas. Não se verificaram objecções na constituição dos grupos. Os grupos de trabalho funcionaram e verificou-se a participação dos alunos na concretização da tarefa. Trocavam impressões entre si e nada era escrito sem o consenso do grupo. Nos grupos em que estavam os alunos considerados com NEE's, era o outro elemento que escrevia o texto. A participação dos alunos foi sempre valorizada pelas professoras.
Que dificuldades foram encontradas	Na tarefa de identificar, oralmente, o tema da história verificou-se alguma dispersão na temática. Contudo, surgiram algumas questões interessantes como e.g.: “ Porque é que os pais fazem mal aos filhos?”; “Porque é que os pais não nos compreendem?”, “ O meu pai costuma bater-me com o cinto!”, “O meu pai dá-me pontapés!”. Ficámos a saber que o aluno desencadeador da nossa intervenção e o seu irmão gémeo levam com o cinto por parte do pai, com alguma regularidade. Relativamente às competências sociais, durante o brainstorming registou-se o incumprimento no levantar o dedo para participar, por esperar a sua vez para falar e no estar atento aos colegas enquanto estes falam. Por vezes, os alunos participaram sem terem cumprido as regras. Os alunos parece não terem interiorizadas as regras de participação na sala de aula e de respeito pelos colegas em actividades que visam a expressão oral. Durante a actividade de grupo, elaboração e ilustração do texto apenas se registou uma nota relativamente à participação do aluno C5. Salientamos o facto deste aluno ter participado activamente durante o brainstorming, revelando algumas dificuldades em identificar o tema da história.

Que mudanças permitiriam melhorar a actividade	Dever-se-ão criar condições para que todos os alunos participem oralmente fazendo cumprir as regras de participação na sala de aula, relembrando-as e autorizando somente a participação de quem as cumpra. Por outro lado, deveremos prestar maior apoio ao grupo do aluno C5, incentivando-o a uma participação mais activa.
Auto - avaliação dos alunos	Todos os alunos se auto-avaliaram com a imagem correspondente ao ter conseguido alcançar os objectivos.

Descrição e balanço das actividades desenvolvidas nos diferentes contextos de intervenção

Sala de Aula

No início da semana, reunimos para planificar a actividade, nomeadamente a definição dos conteúdos programáticos, as estratégias e como promover a reflexão dos alunos sobre as suas aprendizagens. A professora de Educação Especial sugeriu as estratégias a utilizar que, após discutidas, foram aceites.

Durante o desenvolvimento da actividade, cooperámos de modo a criar um clima propício à aprendizagem, incentivando à participação de todos os alunos na actividade, mesmo quando estes não colocavam o dedo no para responder, eram-lhe colocadas questões como aconteceu aos alunos C6 e C7. As regras de participação na sala de aula eram relembradas com regularidade.

No final da actividade, avaliámos a sessão com suporte da grelha de avaliação da sessão e as competências dos alunos com recurso à respectiva grelha.

Da análise à grelha de avaliação das competências da turma concluímos que a concretização das competências académicas foi superior às competências sociais.

Relativamente às competências sociais, destacam-se o não respeito em levantar o dedo para falar, estar atento aos colegas enquanto estes falam e o esperar pela sua vez para falar com maior incidência nos alunos que já tinham manifestado esse comportamento na sessão anterior, nomeadamente: B1, A1, C5, C2, A4, B5 e C6. Apesar do aluno C5 ainda não ter conseguido respeitar as competências sociais, o seu comportamento melhorou relativamente à sessão anterior.

Quanto às competências académicas, durante o brainstorming quatro alunos não participaram, apesar de estarem atentos ao diálogo dos colegas. Outros três alunos não participaram na totalidade das tarefas da oralidade.

As imagens 1 e 2 são exemplos dos trabalhos elaborados pelos alunos.

Família

A mãe foi informada das terapias de que o aluno usufruiu, nomeadamente terapia ocupacional e terapia da fala.

A mãe informou de que o aluno, na semana passada, tinha contado, sem que ninguém lhe perguntasse, que esteve a trabalhar com um colega da turma numa actividade da turma, mostrando-se muito satisfeito.

Pedimos à mãe para voltar a falar do que se faz na escola, com sequência temporal, e o nome completo do aluno, a morada e o número de telefone de contacto, exercício que estamos a desenvolver desde o início do 2º período. A mãe considerou este exercício muito importante pois é fundamental que o aluno saiba estes dados pessoais.

4.2.2.3- Semana de 8 a 12 de Março

Os objectivos gerais propostos para esta semana, por contexto de intervenção foram: em contexto de sala de aula, desenvolver competências sociais essenciais ao trabalho cooperativo; com a família, tomar conhecimento da situação escolar do aluno e participar na definição das estratégias e actividades; com a equipa de apoio, reunir com a encarregada de educação e com a professora de Educação Especial com o intuito de trocar impressões sobre o trabalho desenvolvido.

Quadro 12-3ª semana - Plano de sessão

Sessão nº 3	Data: 11 de Março de 2010
Objectivos gerais	
• Desenvolver competências sociais essenciais ao trabalho cooperativo; • Desenvolver a comunicação oral e escrita.	
Objectivos específicos	
• Interage com os pares em situações de aprendizagens significativas; • Exprime a sua opinião; • Respeita a opinião dos pares.	
Objectivos da actividade	
• Avalia os textos elaborados; • Elege o texto mais criativo.	
Estratégias	
• Brainstroming • Trabalho de pares	

Descrição das actividades e metodologias a desenvolver	
• Cada grupo de trabalho da sessão anterior, nomeia um porta-voz; • Cada porta-voz lê o texto que o grupo escreveu à turma; • A turma dá a sua opinião relativamente ao texto; • Cada grupo selecciona o que considera ser o melhor texto através de voto secreto. • O texto mais votado é publicado no jornal da Escola.	
Recursos	
• Professoras; • Alunos; • Textos escritos pelos alunos; • Quadro, • Giz; • Boletim de voto.	
Avaliação	
• Diálogo final com o grupo-turma onde se faz um comentário à actividade, procedendo-se à auto-avaliação através da selecção de uma imagem; • Preenchimento da grelha de avaliação de competências da turma; • Preenchimento da grelha de avaliação em conjunto com a Professora Titular de Turma.	

Quadro 13- 3ª semana - Avaliação de competências da turma

Sessão nº 3

Data: 11 de Março de 2010

Aluno		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
		B 3	C 3	B 1	A 1	C 5	C 2	A 4	B 5	C 6	C 1	A 2	B 2	A 3	A 5	C 7	C 8	B 7	C 4	B 6	B 4
Competências sociais	Levanta o dedo para participar	+	±	+	±	±	±	±	±	+	+	+	±	±	+	+	+	±	±	±	±
	Está atento aos colegas quando estes falam	+	±	+	±	±	±	±	±	+	+	+	±	±	+	+	+	±	±	±	±
	Fala com um tom de voz adequado à actividade	+	±	+	-	±	-	-	-	+	+	+	±	±	+	+	+	±	±	-	±
	Coopera com os pares	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Respeita a opinião dos colegas	+	+	+	±	+	±	±	±	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Espera pela sua vez para falar	+	±	+	±	+	±	±	±	+	+	+	±	±	+	+	+	±	±	±	±
	Permane- ce na tarefa	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Comuni- ca de forma perceptí- vel	+	+	+	+	±	+	+	+	±	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Exprime a sua opinião	+	+	+	+	±	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+

Legenda : + - Sim ± - Às vezes - - Não

Quadro 14- 3ª semana - Grelha de avaliação de sessão

Sessão nº 3

Data: 11 de Março de 2010

		Sim	Não	Observações
Plano de sessão	Os objectivos foram alcançados	X		
	A tarefa foi adequada ao grupo	X		
	Os recursos fornecidos foram suficientes	X		
Funcionamento dos grupos de trabalho	A constituição do grupo foi a mais correcta	X		
	Todos os membros do grupo participaram activamente na tarefa	X		
	Todos os membros do grupo contribuíram para a realização da tarefa	X		
	Os membros do grupo ajudaram-se mutuamente a alcançar os objectivos da actividade	X		
	Os grupos foram produtivos	X		
Participação dos alunos	Os alunos aderiram à tarefa	X		
	Os alunos tinham noção das suas responsabilidades	X		
	Os alunos realizaram a tarefa com sucesso	X		
	Houve alunos que não participaram		X	
	Houve alunos que dominaram os colegas		X	
Papel das professoras	A tarefa foi demonstrada de forma clara	X		
	Os alunos foram devidamente motivados para a sua execução	X		
	A supervisão do trabalho foi a adequada	X		
	As docentes cooperaram no desenvolvimento da sessão	X		
	Foi promovida a reflexão dos alunos sobre as suas aprendizagens	X		

O que foi particularmente conseguido nesta actividade	A participação de todos os alunos na actividade com os pares. Mantiveram-se os grupos de trabalho da sessão anterior, uma vez que esta sessão terminou com o projecto iniciado anteriormente. Os grupos desenvolveram as actividades propostas com a participação e colaboração de todos os alunos.
Que dificuldades foram encontradas	Continuamos a encontrar dificuldades no cumprimento das regras de sala de aula, nomeadamente o falar alto em grupo, o levantar o dedo para participar, o estar atento aos colegas quando estes falam e esperar pela sua vez para falar.
Que mudanças permitiriam melhorar a actividade	Há que melhorar o ambiente de trabalho designadamente o barulho.
Auto - avaliação dos alunos	Todos os alunos se auto-avaliaram com a imagem correspondente ao ter conseguido alcançar os objectivos. Os alunos verbalizaram que querem continuar a trabalhar em grupo.

Descrição e balanço das actividades desenvolvidas nos diferentes contextos de intervenção

Sala de aula

A actividade tem continuidade da sessão anterior, sendo o concluir do projecto iniciado: escrever um texto e eleger o melhor texto da turma. Deste modo, a sua planificação foi delineada juntamente com a sessão anterior.

Durante o desenvolvimento da actividade, controlámos o comportamento dos grupos de trabalho, alertando para a necessidade de falar mais baixo entre os colegas do grupo, o estar atento à leitura dos textos e às regras de participação na sala de aula. Foi dada prioridade de participação aos alunos que respeitavam a regra e aqueles que não o faziam ficavam impossibilitados de participar.

Relativamente às competências sociais, destacam-se o não respeito em levantar o dedo para falar, estar atento aos colegas enquanto estes falam, o falar num tom de voz adequado à actividade, o esperar pela sua vez para falar, o respeitar a opinião dos colegas e esperar pela sua vez para falar com maior incidência nos alunos C3, A1, C5, C2, A4, B5, B2, A3, B7, C4, B6 e B4.

O aluno C5 tem muita dificuldade em exprimir a sua opinião e quando o faz, fá-lo de forma pouco perceptível.

No final da actividade, avaliámos a sessão com suporte da grelha de avaliação da sessão e as competências dos alunos com recurso à respectiva grelha.

Família/ Equipa de Apoio

No dia 10 de Março reunimos com a equipa de apoio e com a mãe com o intuito de trocar impressões sobre o trabalho que está a ser desenvolvido. A mãe informou que tem acompanhado os trabalhos de casa, perguntado o que foi feito na Escola, o que almoçou e que tem ajudado a memorizar os dados pessoais: nome, morada, nome dos pais e número de telefone de contacto. Neste momento, o aluno já memorizou todos os seus dados pessoais. O irmão gémeo ainda não memorizou o número de telefone de contacto, pois segundo a mãe, não lhe apetece estudar. Reforçámos a necessidade deste aluno se envolver nas tarefas das escola e se fazer sentir a sua importância.

Escola

O texto seleccionado pelos alunos seria publicado na próxima edição do jornal da Escola.

Observações

Uma vez que temos verificado que os alunos têm dificuldade em cumprir as regras necessárias para o funcionamento da aula, tendo sido o barulho o aspecto que mais se destacou do ambiente de sala de aula, achámos ser necessário acrescentar o *item fala com um tom de voz adequado à actividade* na grelha de avaliação de competências.

4.2.2.4- Semana de 15 a 19 de Março

Para esta semana, em contexto de sala de aula, dando continuidade à semana anterior, expusemos como objectivo desenvolver competências sociais essenciais ao trabalho cooperativo; com a família, acompanhar o trabalho desenvolvido pelo seu educando e participar na avaliação do trabalho deste.

Quadro 15- 4ª semana - Plano de sessão

Sessão nº 4	Data: 18 de Março de 2010
Objectivos gerais	
• Desenvolver competências sociais essenciais ao trabalho cooperativo; • Desenvolver a comunicação oral e escrita.	
Objectivos específicos	
• Interage com os pares em situações de aprendizagens cooperativas; • Respeita as regras de participação na actividade; • Partilha ideias.	
Objectivos da actividade	
• Diz o nome da personagem principal; • Descreve as imagens; • Identifica o tema da história; • Colabora na elaboração do texto; • Conta, oralmente, a história com apoio a imagens projectadas.	
Estratégias	
• Diálogo com os alunos, através de perguntas sobre o texto; • Aprendizagem cooperativa.	
Descrição das actividades e metodologias a desenvolver	
• Projectação de cinco slides com imagens do livro “Come a sopa, Marta!”, de Marta Torráo;	

Sandra Catarino - “Com e no grupo, eu consigo aprender”. Uma experiência de aprendizagem cooperativa, numa turma de 3º ano.

• Exploração oral de cada uma das imagens, criando várias hipóteses de capítulos de uma história para cada imagem; • Não se podem repetir respostas (sugestões) já dadas; • Exploração do tema da história: Alimentação e a importância de comer sopa; • Formação de cinco grupos de trabalho com quatro elementos cada, pela professora; • Cada grupo de trabalho escreve o capítulo para uma das imagens analisadas; • No final, juntam-se os textos escritos e forma-se o livro da história.
Recursos
• Professoras; • Alunos; • Cinco slides em Powerpoint com imagens; • Computador; • Datashow.
Avaliação
• Diálogo final com o grupo-turma onde se faz um comentário à actividade; • Preenchimento da grelha de avaliação de competências da turma; • Preenchimento da grelha de avaliação em conjunto com a Professora Titular de Turma.

Quadro 16- 4ª semana - Avaliação de competências da turma

Sessão nº 4

Data: 18 de Março de 2010

Aluno		1 B	2 C	3 B	4 A	5 C	6 C	7 A	8 B	9 C	10 C	11 A	12 B	13 A	14 A	15 C	16 C	17 B	18 C	19 B	20 B
		3	3	1	1	5	2	4	5	6	1	2	2	3	5	7	8	7	4	6	4
Competências sociais	Levanta o dedo para participar	+	±	+	±	+	±	±	±	+	+	+	±	±	±	+	+	±	±	±	±
	Está atento aos colegas	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Fala com um tom de voz adequado à actividade	+	±	+	-	±	-	-	-	+	+	+	±	±	+	+	+	±	±	-	±
	Coopera com os pares	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Respeita a opinião dos colegas	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Espera pela sua vez para falar	+	±	+	±	+	±	±	±	+	+	+	±	±	±	+	+	±	±	±	±
	Permanece na tarefa	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Comunica de forma perceptível	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Não repete as respostas dadas	±	+	±	+	±	±	±	+	±	±	±	±	±	+	±	±	+	+	+	+
Competências académicas	Diz o nome da personagem principal	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Descreve imagens	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Identifica o tema da	+	+	+	+	+	+	±	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+

história																					
Colabora na elaboração do texto	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Conta, oralmente a história com apoio a imagens projectadas	+	+	+	+	-	+	+	+	-	+	+	+	+	+	-	-	+	+	+	+	+

Legenda :+ - Sim ± - Às vezes - - Não

Quadro 17- 4ª semana - Grelha de avaliação de sessão

Sessão nº 4

Data: 18 de Março de 2010

		Sim	Não	Observações
Plano de sessão	Os objectivos foram alcançados	X		
	A tarefa foi adequada ao grupo	X		
	Os recursos fornecidos foram suficientes	X		
Funcionamento dos grupos de trabalho	A constituição do grupo foi a mais correcta	X		
	Todos os membros do grupo participaram activamente na tarefa	X		
	Todos os membros do grupo contribuíram para a realização da tarefa	X		
	Os membros do grupo ajudaram-se mutuamente a alcançar os objectivos da actividade	X		
	Os grupos foram produtivos	X		
Participação dos alunos	Os alunos aderiram à tarefa	X		
	Os alunos tinham noção das suas responsabilidades	X		
	Os alunos realizaram a tarefa com sucesso	X		
	Houve alunos que não participaram		X	
	Houve alunos que dominaram os colegas		X	
Papel das professoras	A tarefa foi demonstrada de forma clara	X		
	Os alunos foram devidamente motivados para a sua execução	X		
	A supervisão do trabalho foi a adequada		X	
	As docentes cooperaram no desenvolvimento da sessão	X		
	Foi promovida a reflexão dos alunos sobre as suas aprendizagens	X		

O que foi particularmente conseguido nesta actividade	Os alunos C5, C6, C7 e C8 “saíram do subgrupo” para trabalhar com a turma. Nos grupos de trabalho, estes alunos foram todos separados e trabalharam com os colegas da turma. A participação de todos os alunos na mesma actividade e a aprendizagem com e
--	--

	através dos pares. Todos os alunos manifestaram vontade em participar e fizeram-no com entusiasmo e criatividade. Os alunos ficaram muito curiosos por conhecer a história original e o título do livro. Levantaram algumas hipóteses, não só na sala mas também fora da escola, nos dias seguintes, e perguntaram quando iam ler a história. Os alunos manifestaram interesse na actividade.
Que dificuldades foram encontradas	Incumprimento pelas regras de participação na sala de aula: não respeitar a vez para falar; falar num tom de voz desadequado à actividade e esperar pela sua vez para responder. Uma das regras de participação durante o brainstorming era não repetir as sugestões dadas pelos colegas o que revelou falta de atenção por parte de alguns colegas, nomeadamente do aluno B3, B1, C5, C2, A4, C6, C1, A2, B2, A3, C7 e C8 que o fizeram algumas vezes.
Que mudanças permitiriam melhorar a actividade	Maior supervisão das professoras no cumprimento das regras de participação na sala de aula.
Auto-avaliação dos alunos	No diálogo com os alunos, todos consideraram que a actividade correu bem e que conseguiram escrever a história.
Observações	Os alunos C5, C6, C7 e C8 tinham lido o livro em casa no âmbito do projecto “Já sei ler! Estes alunos não reconheceram as imagens nem conseguiram contar a história.
Propostas para a sessão seguinte	Maior cumprimento das regras de participação na sala de aula e sensibilização dos alunos para a sua importância.

Descrição e balanço das actividades desenvolvidas nos diferentes contextos de intervenção

Sala de aula

No início da semana, planificámos a actividade atendendo aos conteúdos programáticos, às estratégias e à avaliação. Atendendo ao incumprimento das regras de participação verificadas nas últimas sessões decidimos que quem não as cumprir não poderá participar no brainstorming. Por outro lado, com o intuito dos alunos perceberem a necessidade de estar com atenção às respostas dos colegas, decidimos que não se podem repetir as respostas já dadas.

A professora titular de turma voltou a manifestar interesse por actividades relacionadas com a leitura, uma vez que valoriza o Plano Nacional de Leitura, tendo feito formação nesta área. Considera pertinente partir da leitura de um texto ou livro para a actividade em si. Escolhemos o livro “Come a sopa, Marta!”, de Marta Torráo uma vez que os alunos C5, C6, C7 e C8 o tinham lido em casa no âmbito do projecto “Já sei ler!”. Decidimos não informar os alunos do título da história nem fornecer qualquer pista sobre o seu conteúdo com o objectivo de aferir o que os alunos atrás referidos se lembravam da história. De entre as imagens do livro seleccionámos cinco, sendo quatro as primeiras do

livro, digitalizámo-las e elaborámos um *powerpoint*. Realizámos ainda a ficha de avaliação da história por parte dos pais que se baseia no registo de opinião.

Durante a actividade de exploração oral das imagens de *powerpoint*, as professoras apenas sugeriram algumas questões (será um menino ou uma menina, o que estará a fazer) mas não forneceram qualquer indicação da história original bem como o seu título, tal como o previsto, apesar de muita insistência por parte dos alunos.

Os grupos de trabalho foram formados pelas professoras, tentando que fossem o mais heterogéneo possível de acordo com as capacidades dos alunos.

No final da actividade, avaliámos a sessão com suporte da grelha de avaliação da sessão e as competências dos alunos com recurso à respectiva grelha. De acordo com esta grelha, doze alunos levantaram, apenas às vezes, o dedo para participar; sete falaram, às vezes, com um tom de voz adequado à actividade; cinco não falaram com um tom de voz adequado à actividade; doze esperaram, às vezes, pela sua vez para falar; doze repetiram, às vezes, as respostas dadas. Os alunos representativos são: C3, A1, C5, C2, A4, B5, B2, A3, A5, B7, C4, B6 e B4. Relativamente às competências académicas, um aluno identificou, às vezes, o tema da história, nomeadamente o A4; quatro alunos não contaram, oralmente, a história com apoio a imagens projectadas, sendo o C5, C6, C7 e C8.

Na próxima sessão de intervenção, deverá haver um maior cumprimento das regras de participação na sala de aula e as professoras deverão promover uma sensibilização dos alunos para a sua importância.

Família

Após os alunos terem escrito o capítulo correspondente a cada imagem projectada, por cada grupo de trabalho, foram compilados os textos num livro e rotativamente cada aluno leva-o para casa para ler aos pais. Depois, os pais fizeram a avaliação do trabalho, através de um comentário, que se pode ler na imagem 3.

Equipa de Apoio

Esta semana não se realizou a reunião semanal da equipa de apoio, pois as técnicas não se dirigiram ao Agrupamento no dia previsto.

4.2.2.5- Semana de 22 a 26 de Março

À semelhança da semana anterior, em contexto de sala de aula, definimos como objectivo desenvolver competências sociais essenciais ao trabalho cooperativo; com a família, acompanhar o trabalho desenvolvido pelo seu educando e participar na avaliação do trabalho deste; com a equipa de apoio propôs-se a avaliação das estratégias implementadas. Na Escola, pretendemos sensibilizar para as práticas inclusivas.

Quadro 18-5ª semana - Plano de sessão

Sessão nº 5	Data: 25 de Março de 2010
Objectivos gerais	
• Desenvolver competências sociais essenciais ao trabalho cooperativo; • Desenvolver a comunicação oral e escrita.	
Objectivos específicos	
• Interage com os pares em situações de aprendizagens cooperativas; • Respeita as regras de participação na actividade; • Partilha ideias.	
Objectivos da actividade	
• Diz o nome da personagem principal; • Descreve, oralmente, imagens; • Conta, oralmente, a história com apoio a imagens projectadas; • Forma palavras a partir de sílabas; • Lê as palavras formadas; • Selecciona correctamente os ingredientes da sopa.	
Estratégias	
• Leitura da história; • Trabalho de grupo.	
Descrição das actividades e metodologias a desenvolver	
• A professora conta a história cujas imagens foram tratadas na aula anterior; • Os alunos compararam a história do livro com aquela que escreveram; • Formação dos grupos de trabalho da aula anterior; • A cada grupo é dado um conjunto de cartões com sílabas (incluindo so e pa) ; • Cada grupo forma o maior número de palavras possíveis, colando-as numa folha; • As professoras passam pelos grupos para que os alunos C5, C6, C7 e C8 leiam as palavras formadas; • A cada grupo é entregue um prato plástico e diversos folhetos de supermercado; • Cada grupo selecciona, recorta e cola os ingredientes necessários para fazer uma sopa.	
Recursos	
• Livro “Come a sopa, Marta!” de Marta Torrão; • Cartões com sílabas; • Folhas de papel; • Cola; • Pratos plásticos;	

Sandra Catarino - “Com e no grupo, eu consigo aprender”. Uma experiência de aprendizagem cooperativa, numa turma de 3º ano.

- Folhetos de supermercado; - Tesoura
Avaliação
- Diálogo final com o grupo-turma onde se faz um comentário à actividade; - Preenchimento da grelha de avaliação de competências da turma; - Preenchimento da grelha de avaliação em conjunto com a Professora Titular de Turma.

Quadro 19- 5ª semana - Avaliação de competências da turma

Sessão nº 5

Data: 25 de Março de 2010

Aluno		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
		B 3	C 3	B 1	A 1	C 5	C 2	A 4	B 5	C 6	C 1	A 2	B 2	A 3	A 5	C 7	C 8	B 7	C 4	B 6	B 4
Competências sociais	Levanta o dedo para participar	+	±	+	±	+	±	±	±	+	+	+	±	±	±	+	+	±	±	±	±
	Está atento aos colegas	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Coopera com os pares	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Fala com um tom de voz adequado à actividade	+	±	+	-	±	-	-	-	+	+	+	±	±	+	+	+	±	±	-	±
	Respeita a opinião dos colegas	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Espera pela sua vez para falar	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Permaneça na tarefa	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Comunica de forma perceptível	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Competências académicas	Diz o nome da personagem principal	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Descreve, oralmente, imagens	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Conta, oralmente, a história com apoio a imagens projectadas	+	+	+	+	-	+	+	+	-	+	+	+	+	+	-	-	+	+	+	+
	Forma palavras a partir de sílabas	+	+	+	+	+	+	±	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Lê as palavras formadas	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Selecciona correctamente os ingredientes da sopa	±	±	+	+	±	±	±	+	±	+	±	+	+	+	±	±	+	+	+	±

Legenda : + - Sim ± - Às vezes - - Não

Quadro 20- 5ª semana - Grelha de avaliação de sessão

Sessão nº 5

Data: 25 de Março de 2010

		Sim	Não	Observações
Plano de sessão	Os objectivos foram alcançados	X		
	A tarefa foi adequada ao grupo	X		
	Os recursos fornecidos foram suficientes		X	Os folhetos distribuídos tinham pouca quantidade e diversidade de legumes.
Funcionamento dos grupos de trabalho	A constituição do grupo foi a mais correcta	X		
	Todos os membros do grupo participaram activamente na tarefa	X		
	Todos os membros do grupo contribuíram para a realização da tarefa	X		
	Os membros do grupo ajudaram-se mutuamente a alcançar os objectivos da actividade	X		
	Os grupos foram produtivos	X		
Participação dos alunos	Os alunos aderiram à tarefa	X		
	Os alunos tinham noção das suas responsabilidades	X		
	Os alunos realizaram a tarefa com sucesso	X		
	Houve alunos que não participaram		X	O aluno C6 teve uma postura um pouco apática.
	Houve alunos que dominaram os colegas		X	
Papel das professoras	A tarefa foi demonstrada de forma clara	X		
	Os alunos foram devidamente motivados para a sua execução	X		
	A supervisão do trabalho foi a adequada	X		
	As docentes cooperaram no desenvolvimento da sessão	X		
	Foi promovida a reflexão dos alunos sobre as suas aprendizagens	X		

O que foi particularmente conseguido nesta actividade	Os alunos C5, C6, C7 e C8 “saíram do subgrupo” para trabalhar com a turma. Nos grupos de trabalho, estes alunos foram todos separados e trabalharam com os colegas da turma. A aprendizagem com e através dos pares de todos os alunos, a vontade e o entusiasmo de todos os alunos para participar, a colaboração de todos os alunos e a cooperação entre grupos. O que inicialmente foi uma dificuldade, o facto de existir pouca quantidade de ingredientes para a sopa, acabou por se tornar um elemento de cooperação entre os diferentes grupos, que trocaram entre si recortes para que todos os grupos tivessem todos os ingredientes necessários para as suas sopas.
Que dificuldades foram encontradas	Os alunos demoram mais tempo que o previsto na selecção e recorte dos ingredientes, assim como a troca de recortes entre grupos não estava prevista, logo a actividade não ficou concluída. Os alunos continuam a não falar num tom de voz adequado à actividade provocando barulho na sala de aula. O aluno C6 mostrou-se um pouco apático na realização da actividade de formar as

	palavras, talvez pela dificuldade que revela neste tipo de exercícios. No entanto, leu as palavras formadas pelo grupo. Alguns alunos tiveram dificuldade na selecção correcta dos ingredientes para a sopa, escolhendo frutas ou misturando diversas qualidades de peixe e hortaliça, e.g. grão e feijão em simultâneo.
Que mudanças permitiriam melhorar a actividade	Ter previsto mais tempo para a actividade. Solicitar aos alunos a recolha de ingredientes e de receitas de sopa, em casa. Desta forma, os alunos saberiam, e.g., os ingredientes da sua sopa preferida, as aprendizagens seriam mais significativas e funcionais e os pais estavam envolvidos na actividade.
Auto-avaliação dos alunos	Uma vez que a tarefa não foi concluída, o diálogo final com os alunos incidiu sobre o comportamento na sala de aula. Os alunos chegaram à conclusão que existe barulho a mais na sala de aula o que provoca alguma confusão.
Observações	Os grupos não concluíram a actividade proposta, a alguns ainda lhe faltam ingredientes e a todos colá-los nos pratos.
Propostas para a sessão seguinte	Elaboração de um mapa de comportamento a afixar na sala, em que a cada aluno, no final de cada sessão de intervenção, é colocada a imagem relativa à avaliação das competências sociais e académicas, em colunas separadas.

Descrição e balanço das actividades desenvolvidas nos diferentes contextos de intervenção

Sala de Aula

No início da semana, definimos os objectivos da sessão, elaborámos os cartões com as sílabas e juntámos os folhetos para a actividade. As sílabas seleccionadas permitiam formar palavras que todos os alunos conseguissem ler. As imagens 4,5 e 6 são exemplos das palavras formadas pelos alunos a partir dos cartões fornecidos.

As imagens 7 e 8 mostram os diferentes grupos de trabalho durante a actividade.

Durante a sessão, prestámos ajuda aos grupos sempre que tal era solicitado, o que aconteceu com pouca frequência. Verificámos que o aluno C6 se mostrou um pouco apático na tarefa de formação de palavras a partir de sílabas. Salientamos que o aluno tem algumas dificuldades neste tipo de exercícios. No entanto, leu as palavras formadas pelo grupo.

Os alunos melhoraram relativamente ao barulho, mas continua a destacar-se pela negativa.

No final da actividade, em diálogo com os alunos sobre a sua auto-avaliação chegámos ao consenso de que existiram regras que não foram cumpridas, especialmente por alguns alunos, o que provocou barulho e confusão na sala de aula. A professora titular de turma mostrou-se muito desagradada com a situação e ameaçou não voltar a fazer trabalhos de grupo. Os alunos pediram à professora para que não tomasse essa decisão e disseram que se iriam comportar correctamente. A professora de Educação Especial

sugeriu a elaboração de um mapa de comportamento a afixar na sala, em que a cada aluno, no final de cada sessão de intervenção, é colocada a imagem relativa à avaliação das competências sociais. Todos concordaram com a estratégia apontada. Os alunos sugeriram ainda, que a sua auto-avaliação pudesse ser marcada também num mapa. Assim, decidiu-se que a auto-avaliação se fará no mesmo mapa, numa coluna respectiva.

Avaliámos a sessão com suporte da grelha de avaliação da sessão e as competências dos alunos com recurso à respectiva grelha.

Família

Quatro alunos levaram a história para casa. No registo de opinião lê-se: “Está bonito”, “Está maravilhoso”, “Gostei bastante”, “Está um trabalho muito interessante”. A história continuará a ser levada por outros alunos para que os pais a leiam e avaliem o trabalho.

Equipa de Apoio

Esta semana realizámos um breve balanço do trabalho desenvolvido.

A terapeuta da fala informou que tem vindo a trabalhar rimas, segmentação frásica e silábica. A terapeuta ocupacional tem realizado actividades que envolvem capacidades sensorio - perceptivas, como puzzles e labirintos e capacidades cognitivas como sequências temporais. O aluno tem conseguido desenvolver as tarefas propostas com algum apoio. A professora de Educação Especial informou as técnicas do trabalho desenvolvido durante as sessões de intervenção.

Escola

Esta semana saiu a última edição do jornal da escola, na qual constavam alguns trabalhos da turma onde estamos a desenvolver a intervenção. Contudo, estes e outros artigos do jornal vinham com erros estruturais que comprometem o desempenho dos alunos. Face a esta situação, a professora titular de turma mostrou o seu desagrado à equipa responsável pelo jornal e à Direcção da Escola e ponderou não enviar mais trabalhos, nomeadamente o texto eleito na terceira sessão da intervenção.

Em reunião de Núcleo, informámos que com as estratégias implementadas até então, todos os alunos participam nas actividades da turma, interagindo com os pares em

situações de aprendizagens significativas. Contudo, temos tido como barreira no desenrolar das actividades a falta de respeito pelas regras de participação na aula.

Observações

Uma vez que o principal problema nas actividades desenvolvidas até aqui tem sido o incumprimento das competências sociais, decidimos, professoras e alunos, que a partir da próxima sessão faremos um mapa de avaliação destas competências e de auto-avaliação.

4.2.2.6- Semana de 12 a 16 de Abril

Para esta semana os objectivos definidos para cada contexto de intervenção mantiveram-se relativamente à semana anterior.

Quadro 21- 6ª semana - Plano de sessão

Sessão nº 6	Data: 15 de Abril de 2010
Objectivos gerais	
- Desenvolver competências sociais essenciais ao trabalho cooperativo; - Desenvolver a comunicação oral e escrita;	
Objectivos específicos	
- Interage com os pares em situações de aprendizagens cooperativas; - Respeita as regras de participação na actividade; - Partilha ideias.	
Objectivos da actividade	
- Selecciona correctamente os ingredientes da sopa; - Cola os ingredientes da sopa no prato de plástico; - Diz, oralmente, o nome da sopa; - Escreve o nome da sopa; - Cola o cartaz do grupo no cartaz da turma.	
Estratégias	
Trabalho de grupo.	
Descrição das actividades e metodologias a desenvolver	
- Cada grupo (os mesmos da sessão anterior) recorta e cola no prato de plástico os ingredientes necessários para fazer uma sopa; - O grupo decide o nome da sopa, escrevendo-o e colando-o no respectivo prato; - O grupo cola o prato no cartaz em que colou as palavras formadas; - Elabora-se um cartaz da turma onde cada grupo afixa o seu trabalho; - Os alunos escrevem a palavra sopa e o título do livro numa cartolina que se cola no cartaz da turma.	
Recursos	
- Folhas de papel; - Cola;	

• Pratos plásticos; • Folhetos de supermercado; • Tesoura; • Cartolina.
Avaliação
• Diálogo final com o grupo-turma onde se faz um comentário à actividade, procedendo-se à auto-avaliação através da selecção de uma imagem; • Preenchimento da grelha de avaliação de competências da turma; • Preenchimento da grelha de avaliação em conjunto com a Professora Titular de Turma.

Quadro 22- 6ª semana - Avaliação de competências da turma

Sessão nº 6

Data: 15 de Abril de 2010

Aluno		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
		B 3	C 3	B 1	A 1	C 5	C 2	A 4	B 5	C 6	C 1	A 2	B 2	A 3	A 5	C 7	C 8	B 7	C 4	B 6	B 4
Competências sociais	Levanta o dedo para participar	+	+	+	±	+	+	+	±	+	+	+	±	±	±	+	+	±	+	+	+
	Está atento aos colegas	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Coopera com os pares	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Fala com um tom de voz adequado à actividade	+	±	+	±	±	±	±	±	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Respeita a opinião dos colegas	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Espera pela sua vez para falar	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Permanece na tarefa	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Comunica de forma perceptível	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Competências académicas	Selecciona correctamente e os ingredientes da sopa	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Cola os ingredientes da sopa no prato de plástico	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Diz, oralmente, o nome da sopa	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Escreve o nome da sopa	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Cola o cartaz do grupo no cartaz da turma.	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+

Legenda : + - Sim ± - Às vezes - - Não

Quadro 23- 6ª semana - Grelha de avaliação de sessão

Sessão nº 6

Data: 15 de Abril de 2010

		Sim	Não	Observações
Plano de sessão	Os objectivos foram alcançados	X		
	A tarefa foi adequada ao grupo	X		
	Os recursos fornecidos foram suficientes	X		
Funcionamento dos grupos de trabalho	A constituição do grupo foi a mais correcta	X		
	Todos os membros do grupo participaram activamente na tarefa	X		
	Todos os membros do grupo contribuíram para a realização da tarefa	X		
	Os membros do grupo ajudaram-se mutuamente a alcançar os objectivos da actividade	X		
	Os grupos foram produtivos	X		
Participação dos alunos	Os alunos aderiram à tarefa	X		
	Os alunos tinham noção das suas responsabilidades	X		
	Os alunos realizaram a tarefa com sucesso	X		
	Houve alunos que não participaram		X	
	Houve alunos que dominaram os colegas		X	
Papel das professoras	A tarefa foi demonstrada de forma clara	X		
	Os alunos foram devidamente motivados para a sua execução	X		
	A supervisão do trabalho foi a adequada	X		
	As docentes cooperaram no desenvolvimento da sessão	X		
	Foi promovida a reflexão dos alunos sobre as suas aprendizagens	X		

O que foi particularmente conseguido nesta actividade	A inclusão dos alunos considerados com NEE's na actividade da turma e consequente alteração na mudança da planta da sala. A participação activa de todos os alunos em grupos heterogéneos que contribuíram para a realização de um trabalho único da turma. Os alunos foram autónomos na execução das tarefas propostas. A melhoria na avaliação das competências sociais.
Auto-avaliação dos alunos	Todos os alunos se auto-avaliaram com a imagem  tanto nas competências académicas como sociais.

Descrição e balanço das actividades desenvolvidas nos diferentes contextos de intervenção

Sala de Aula

No início da semana, verificámos as etapas que faltavam para a conclusão do projecto de elaboração de um cartaz de turma alusivo ao livro: “Come a sopa, Marta!”. Dado o atraso da última sessão, a alguns grupos faltava ainda seleccionar ingredientes e a todos colar os ingredientes, seleccionar e escrever o nome da sopa e com estes trabalhos de cada grupo fazer o cartaz de turma. Elaborámos ainda o mapa de avaliação de competências. Os símbolos a utilizar são as imagens que os alunos já conheciam da auto-avaliação realizada até aqui. O mapa é formado pelas linhas correspondentes ao nome dos alunos. Para cada sessão, existem duas colunas, uma para as competências sociais e outra para as competências académicas.

Durante a sessão, sugerimos algumas indicações na elaboração dos cartazes de grupo, como e.g. escrever com letra maior para que seja perceptível e usar diferentes cores apelativas. Verificou-se uma melhoria no ambiente de sala de aula, designadamente o barulho. Solicitámos a dois alunos, os mais rejeitados na turma, de acordo com os resultados dos testes sociométricos, que escrevessem a palavra *sopa* e o título do livro, em cartolina, para colar no cartaz da turma.

As imagens 9,10,11 e 12 ilustram diferentes grupos de trabalho na execução da actividade. As imagens 13,14 e 15 mostram o trabalho realizado pelos alunos.

No final da sessão, a professora titular de turma mostrou-se satisfeita com o comportamento da turma e com o cartaz elaborado, tal como os alunos. Professoras e alunos discutiram, ainda sobre a importância de trabalhar em grupo, estando todos de acordo quanto às suas vantagens e à necessidade de respeito pelas regras.

Avaliámos a sessão com suporte da grelha de avaliação da sessão e as competências dos alunos com recurso à respectiva grelha.

Verificámos que seis alunos levantaram, às vezes, o dedo para participar, nomeadamente A1, B5, B2, A3, A5 e B7, sendo reincidentes relativamente à sessão anterior. Registou-se um progresso de seis alunos. Seis alunos falaram, às vezes, num tom de voz adequado à actividade, designadamente C3, A1, C5, C2, A4 e B5. Estes alunos já tinham revelado desrespeito por esta competência na sessão anterior. Contudo, registou-se uma melhoria dos alunos A1, C2, A4 e B5 pois anteriormente tinham manifestado total incumprimento. Aferimos ainda o progresso de seis outros alunos.

Quanto às competências académicas, vinte alunos, i.e., todos, conseguiram atingir com sucesso.

No dia da intervenção, ao chegarmos à sala de aula estava um desenho feito pelo aluno C5, numa das actividades extracurriculares, colado no quadro com a seguinte frase escrita por baixo: “ O desenho mais feio da turma”. Foi o aluno C7 que chamou a atenção para o desenho dizendo que foi o aluno C5 que o fez. A professora questionou a turma sobre quem colou o desenho e a frase. A turma apontou a aluna A4, que admitiu o acto afirmando que a professora da respectiva actividade dissera para ela o fazer. Os colegas corrigiram-na, pois a referida professora dissera que tinha vontade de o fazer. A professora falou com a aluna sobre a sua atitude, questionando-a se gostaria que lhe fizessem o mesmo, pondo-a de castigo durante o intervalo. Por outro lado, iria falar com a referida professora. De seguida, pegou no desenho (eram riscos, não se percebendo do que se tratava) e dirigiu-se ao aluno C5 e perguntou-lhe qual o tema do desenho, que lhe respondeu ser sobre as férias da Páscoa. A professora explicou-lhe que durante as férias, muito provavelmente, foi passear com a mãe e ao ATL e que poderia desenhar isso, não sendo aquele desenho de um aluno de 3º ano. O aluno C5 assistiu a toda a situação sossegado e assentiu o que lhe foi dito pela professora. Todos os alunos da turma reprovaram a atitude da aluna A4.

Família

A história escrita pelos alunos continua a ser levada para casa por cada um dos alunos à vez. Os comentários os pais foram: “ Está muito interessante. Gostei muito”; “Foi uma iniciativa muito interessante. Parabéns!”; “Com este tipo de trabalhos eles se sentem mais motivados”; “Está muito bom, eles assim ficam mais motivados para aprender mais”.

Esta semana, em casa, os alunos C5, C6, C7 e C8 tiveram que memorizar os primeiros quatro meses do ano.

Equipa de Apoio

A psicóloga considerou que a mãe do aluno desencadeador da nossa intervenção é uma pessoa muito instável, desorganizada psicologicamente, carente emocionalmente e com muita necessidade de evidenciar a sua riqueza económica, transmitindo essa instabilidade e desorganização aos filhos. Por outro lado, no seu discurso e atitudes é

bastante notória a diferenciação entre os dois filhos gémeos. O C8 é muito valorizado e as suas capacidades são enaltecidas em detrimento do C7, que é sempre inferiorizado.

Toda a equipa que trabalha com estes alunos considerou ser mais difícil trabalhar com o aluno C8, pois este aluno julga saber tudo, o que não corresponde à realidade. O aluno C7, por sua vez é muito empenhado, interessado em aprender e não desiste face às dificuldades que encontra. É um aluno com uma baixa auto-estima, necessitando de reforços positivos.

O aluno C6 apresenta muitas dificuldades na organização do pensamento e na atenção/concentração. Distrai-se com muita facilidade, é muito inseguro e pouco autónomo. A estabilidade familiar e o apoio por parte desta, são um pilar fundamental no desenvolvimento do aluno.

O aluno C5 é muito instável e a sua situação é agravada pela instabilidade familiar.

Escola

O cartaz realizado pelos alunos no âmbito da actividade foi exposto na sala de aula.

Em conversa com as restantes colegas da EB1, a professora titular de turma e a professora de Educação Especial verbalizaram que os alunos melhoram relativamente às competências sociais, o que conduziu ao sucesso da actividade.

4.2.2.7- Semana de 19 a 23 de Abril

Os objectivos a trabalhar nesta semana, por contexto de intervenção foram: em contexto de sala de aula, desenvolver competências sociais essenciais ao trabalho cooperativo; com a família, tomar conhecimento da situação escolar do aluno e participar na definição de estratégias e actividades; com a equipa de apoio reunir com a encarregada de educação e com a professora de Educação Especial a fim de entregar os relatórios de avaliação psicológica e informar do trabalho desenvolvido pelo aluno. Na Escola, pretendemos sensibilizar para as práticas inclusivas.

Quadro 24-7ª semana - Plano de sessão

Sessão nº 7	Data: 22 de Abril de 2010
Objectivos gerais	
• Desenvolver competências sociais essenciais ao trabalho cooperativo;	

• Desenvolver a comunicação oral e escrita.
Objectivos específicos
• Interage com os pares em situações de aprendizagens significativas; • Respeita as regras de participação na actividade; • Partilha ideias.
Objectivos da actividade
• Escreve uma palavra alusiva ao 25 de Abril; • Respeita o tempo dado para a tarefa; • Diz porque razão escreveu aquela palavra.
Estratégias
• Mesa Redonda
Descrição das actividades e metodologias a desenvolver
• Os alunos formam grupos de quatro elementos segundo as indicações da professora; • Em cada grupo, um aluno lê o texto do manual sobre o 25 de Abril; • É distribuída uma folha de papel por grupo; • Cada aluno, individualmente, escreve uma palavra sobre o 25 de Abril, na folha e passa ao colega do grupo que está ao seu lado direito. Começa o aluno que leu o texto; • Depois de todos os alunos do grupo escreverem a respectiva palavra, cada aluno diz porque razão escreveu aquela palavra; • Cada grupo partilha o trabalho realizado à turma, através de um porta-voz do grupo.
Recursos
• Manual; • Folha de papel.
Avaliação
• Preenchimento da grelha de avaliação de competências da turma; • Preenchimento da grelha de avaliação em conjunto com a Professora Titular de Turma.

Quadro 25- 7ª semana - Avaliação de competências da turma

Sessão nº 7

Data: 22 de Abril de 2010

Aluno		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
		B 3	C 3	B 1	A 1	C 5	C 2	A 4	B 5	C 6	C 1	A 2	B 2	A 3	A 5	C 7	C 8	B 7	C 4	B 6	B 4
Competências sociais	Está atento aos colegas	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Coopera com os pares	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Fala com um tom de voz adequado à actividade	+	+	+	±	+	+	+	±	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Respeita a opinião dos colegas	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Espera pela sua vez para falar	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Permanece na tarefa	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Comunica de forma perceptível	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+

Sandra Catarino - “Com e no grupo, eu consigo aprender”. Uma experiência de aprendizagem cooperativa, numa turma de 3º ano.

	Respeita o tempo dado para a tarefa	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Competências académicas	Escreve uma palavra alusiva ao 25 de Abril	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Diz porque razão escreveu aquela palavra	+	+	+	+	±	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+

Legenda : + - Sim ± - Às vezes _ - Não

Quadro 26- 7ª semana - Grelha de avaliação de sessão

Sessão nº 7

Data: 22 de Abril de 2010

		Sim	Não	Observações
Plano de sessão	Os objectivos foram alcançados	X		
	A tarefa foi adequada ao grupo	X		
	Os recursos fornecidos foram suficientes	X		
Funcionamento dos grupos de trabalho	A constituição do grupo foi a mais correcta	X		
	Todos os membros do grupo participaram activamente na tarefa	X		
	Todos os membros do grupo contribuíram para a realização da tarefa	X		
	Os membros do grupo ajudaram-se mutuamente a alcançar os objectivos da actividade	X		
	Os grupos foram produtivos	X		
Participação dos alunos	Os alunos aderiram à tarefa	X		
	Os alunos tinham noção das suas responsabilidades	X		
	Os alunos realizaram a tarefa com sucesso	X		
	Houve alunos que não participaram		X	
	Houve alunos que dominaram os colegas		X	
Papel das professoras	A tarefa foi demonstrada de forma clara	X		
	Os alunos foram devidamente motivados para a sua execução	X		
	A supervisão do trabalho foi a adequada	X		
	As docentes cooperaram no desenvolvimento da sessão	X		
	Foi promovida a reflexão dos alunos sobre as suas aprendizagens		X	

O que foi particularmente conseguido nesta actividade	A participação de todos os alunos nas actividades da turma. A aprendizagem de todos e com todos na sala de aula. A interacção com os pares em situações de aprendizagens significativas, a melhoria
--	---

	no respeito das regras de participação na actividade e a partilha de ideias.
Que dificuldades foram encontradas	Os alunos tiveram alguma dificuldade em encontrar diferentes palavras. A mais frequente era “liberdade” e “revolução”. Contudo, com recurso ao texto do manual conseguiram encontrar outras. Os alunos precisaram de mais tempo para escrever a palavra, uma vez que “essa era aquela que eu ia escrever!”
Que mudanças permitiriam melhorar a actividade	Ter dado mais tempo para a tarefa de escrita da palavra e mesmo da explicação da palavra aos colegas do grupo.
Auto-avaliação dos alunos	Todos consideraram ter conseguido realizar os objectivos propostos.
Propostas para a sessão seguinte	Continuar a usar o manual escolar dos alunos.

Descrição e balanço das actividades desenvolvidas nos diferentes contextos de intervenção

Sala de Aula

No início da semana definimos o conteúdo a trabalhar e as estratégias a desenvolver. A professora titular de turma informou que no final da semana queria tratar o assunto da Comemoração do 25 de Abril. Assim, seleccionámos, do manual de Língua Portuguesa, um texto alusivo ao tema. A professora pediu aos alunos que em casa falassem com os pais, avós, tios ou outros familiares e/ou amigos sobre o 25 de Abril e que pesquisassem sobre o tema. Durante esta reunião a professora referiu que: “Eles até já trabalham em grupo com a turma noutras situações.” Desta forma, decidimos ainda, que na sexta-feira, em Expressões, os alunos, em grupo, fizessem um cravo em papel, escrevessem um pequeno texto e elaborassem um cartaz alusivo ao 25 de Abril. Uma vez que a actividade terminou na sexta-feira, a auto-avaliação dos alunos só se realizou neste dia, com a colocação da respectiva imagem no quadro da turma. Apesar da professora de Educação Especial considerar que esta última actividade pudesse ser desenvolvida na sessão de intervenção, eliminando a primeira, concordou com a proposta da professora titular de turma porque seria mais uma vez que toda a turma trabalhava em grupo para o mesmo objectivo.

No dia da intervenção, pedimos aos alunos que se juntassem em grupos de quatro. Em cada grupo, os alunos seleccionaram um aluno para ler o texto do manual. Depois, distribuímos uma folha por grupo e explicámos que cada aluno individualmente escreveria uma palavra sobre o tema, definindo o tempo para a tarefa, três minutos. A folha circulou pela direita, pelos diferentes elementos até que todos escreveram a palavra, sendo o

primeiro a escrever aquele que leu o texto. Depois, entre si, no grupo explicaram a escolha da palavra que escreveram, durante dez minutos. Finalmente, cada grupo partilhou o trabalho realizado à turma, através de um porta-voz do grupo. Os alunos tiveram alguma dificuldade em encontrar diferentes palavras. A mais frequente era “liberdade” e “revolução”. Contudo, com recurso ao texto do manual conseguiram encontrar outras. Desta forma, os alunos precisaram de mais tempo para escrever a palavra. Os alunos C5, C6, C7 e C8 estavam entusiasmados por estarem a trabalhar como manual escolar do terceiro ano de escolaridade, pelo que deveremos continuar a fazê-lo na próxima sessão de intervenção.

A imagem 16 representa o cartaz de turma alusivo à temática abordada.

Da avaliação de competências da turma, concluímos que apenas dois alunos, A1 e B5, falaram, às vezes, num tom de voz adequado à actividade e um aluno, C5, manifestou alguma dificuldade em dizer porque razão escreveu aquela palavra. Salientamos o facto deste aluno ter dificuldade em expressar a sua opinião, mostrando-se muito introvertido. Contudo, têm-se registado progressos na relação com os pares, na participação das tarefas de grupo e no comportamento.

Na sexta-feira, segundo a professora titular de turma, uma vez que a professora de Educação Especial não se encontrava presente, a actividade decorreu com normalidade, não se registaram comportamentos desajustados e os alunos concluíram a tarefa. Os alunos pintaram um cravo e em grupo, escreveram umas pequenas frases que depois colaram no cartaz que está exposto na sala de aula. Os grupos foram formados de acordo com as preferências dos alunos. A professora disse que vários alunos chamaram os diferentes colegas a juntaram-se a eles, inclusivamente o aluno C5.

Após a análise do quadro da auto-avaliação dos alunos, as professoras verificaram que os alunos se auto-avaliaram com a imagem correspondente ao ter conseguido realizar os objectivos propostos.

Equipa de Apoio/Família

Esta semana a equipa de apoio reuniu individualmente com as encarregadas de educação dos alunos C5, C6, C7 e C8 uma vez que a psicóloga concluiu todos os relatórios de avaliação.

A todas as encarregadas de educação foi entregue o respectivo relatório, sendo-lhe explicadas todas as dúvidas e perguntado se concordavam com o discriminado. Todas concordaram.

A mãe do aluno C5 disse estar muito satisfeita com a evolução do aluno no presente ano lectivo e que tinha consciência das dificuldades do filho e do quanto é difícil trabalhar e lidar com ele. Em casa, é muito instável, faz muitas birras e impulsivo, principalmente depois das 11 horas da manhã e ao final da tarde, quando começa a passar o efeito da Retalina. O aluno sente-se muito revoltado com o pai e com a separação dos pais, acabando por manifestar essa revolta com o avô com quem vive. A mãe queixou-se de um aluno da turma que nos últimos tempos tem agredido verbalmente e fisicamente o aluno C5. Manifestei a minha preocupação e responsabilizei-me por esclarecer essa situação com a professora titular de turma. A mãe afirmou: “Eu gostava muito que o meu filho acompanhasse a turma no próximo ano e depois no 2º ciclo, ele já os conhece e isso dá-lhe estabilidade.”

A mãe do aluno C6 afirmou que o aluno conta em casa que já trabalha com todos os colegas da turma em trabalhos de grupo e que gosta muito desses dias. Por outro lado, andou muito empolgado em saber os dados pessoais e ficou muito orgulhoso quando o conseguiu. Informei a mãe, que neste momento, estamos a fazer o mesmo tipo de exercício com os meses do ano. Inicialmente, terão que saber os primeiros quatro meses do ano e só depois passaremos a mais, fazendo por etapas. Por um lado, é-lhe mais fácil memorizar e por outro lado conseguirão vencer pequenas etapas e ficarem motivados para continuar. A mãe respondeu.” Agora já sei porque é que ele começou a perguntar em que mês em que estamos, qual é o primeiro mês do ano, em que estação do ano é que estamos, qual a estação que vem a seguir à Primavera?”. Conversei com a mãe sobre o facto do aluno ser pouco autónomo na execução dos trabalhos, dependendo de um adulto e que em contexto de sala de aula estamos a trabalhar nessa vertente. Em casa seria importante também ser feito. A mãe respondeu:”Neste momento, está ele muito melhor! Agora, quando eu ou o pai saímos do lado dele, enquanto está a fazer os T.P.C., já fica sentado porque há algum tempo levantava-se e vinha atrás de nós. Ele nunca faz os trabalhos sozinho. Tem sido muito protegido!”. Explicámos-lhe a importância do aluno ser o mais autónomo possível.

A mãe do aluno C7 informou que, desde que o aluno sabe o número de telefone do pai, só quer é que seja ele a telefonar porque já sabe, todo contente. “No outro dia, o cão estava doente e eu disse que ia telefonar ao meu marido para ele o levar ao veterinário.

Qual não foi o meu espanto quando o Joaquim me disse que já tinha telefonado ao pai e que ele devia estar a chegar”, disse a mãe com muito entusiasmo. “Ele anda muito contente, até já trabalha com os colegas”, continuou. A mãe afirmou que gostaria que os seus filhos reprovassem porque assim quando chegaram ao 5º ano não sabem nada e porque não estão ao mesmo nível dos outros alunos, ainda deveriam estar no 1º ano porque não sabem ler e escrever correctamente. Expliquei-lhe que os dois alunos estão a cumprir os respectivos programas educativos e a importância de acompanharmos pares da mesma idade, e.g. “Quando a professora Paula conta uma história, fá-lo com um livro para o 3º ano e se eles tivessem no 1º ano, estariam com meninos mais novos com um outro desenvolvimento, tipo de brincadeiras e vivências”. Por outro lado, queixou-se da falta de professores de apoio na sala de aula e das terapias. Explicámos-lhe que dentro dos recursos disponíveis no agrupamento e de acordo com a definição de prioridades, dado o elevado número de alunos a precisarem de acompanhamento, estes dois alunos eram considerados prioritários no atendimento. “Por exemplo, em todo o agrupamento, a terapeuta ocupacional só atende oito alunos, sendo dois os seus filhos. Quanto ao apoio dentro da sala de aula, esta turma é aquela que tem mais horas em todo o agrupamento”. Queixou-se ainda do aluno C5 dando a entender que ele não deveria estar dentro da sala de aula. Explicámos-lhe que todos os alunos têm o direito de estar na escola, na sala de aula e de socializar com os seus pares. Quanto ao trabalho a desenvolver neste período, a mãe disse que o aluno C7 já sabia os quatro primeiros meses do ano, que já estudou e que o aluno C8 ainda estava um pouco trapalhão.

Escola

O cartaz realizado pelos alunos no âmbito da actividade foi exposto na sala de aula.

Em reunião de Núcleo, foi dado a conhecer o trabalho desenvolvido, nomeadamente as estratégias desenvolvidas na sala de aula e a parceria pedagógica.

4.2.2.8- Semana de 26 a 30 de Abril

Para esta semana, em contexto de sala de aula, considerámos como prioritários os seguintes objectivos: desenvolver competências sociais essenciais ao trabalho cooperativo, diminuir as situações de dependência em relação às professoras e desenvolver o espírito

Sandra Catarino - “Com e no grupo, eu consigo aprender”. Uma experiência de aprendizagem cooperativa, numa turma de 3º ano.

cooperativo da turma. A intervenção com a família assentou no acompanhar do trabalho desenvolvido pelo aluno. A nível da equipa de apoio, definir as áreas a trabalhar.

Quadro 27- 8ª semana - Plano de sessão

Sessão nº 8	Data: 29 de Abril de 2010
Objectivos gerais	
- Desenvolver competências sociais essenciais ao trabalho cooperativo; - Diminuir as situações de dependência em relação às professoras; - Desenvolver a comunicação oral e escrita.	
Objectivos específicos	
- Ajuda os colegas; - Partilha ideias; - Respeita a sua vez; - Escuta os outros; - Respeita a opinião dos outros.	
Objectivos da actividade	
- Lê o texto da página 104 do manual escolar, “Uma história de amor”; - Realiza a ficha de trabalho do manual escolar.	
Estratégias	
Verificação em pares	
Descrição das actividades e metodologias a desenvolver	
- Os alunos formam grupos de quatro elementos segundo as indicações da professora; - Em grupo, os alunos indicam um aluno para ler o texto em voz alta, enquanto os outros seguem a leitura em silêncio; - Após a leitura do texto, os alunos resolvem as questões em pares. - Em cada par, cada um dos elementos resolve uma questão com a ajuda dos outros; - Na resolução da segunda questão, invertem os papéis; - Trocam de papéis a cada questão; - Depois de cada duas questões resolvidas, verificam os resultados com o outro par.	
Recursos	
Manual	
Avaliação	
- Autoavaliação constante do manual escolar; - Registo da auto-avaliação no mapa da turma; - Preenchimento da grelha de avaliação de competências da turma; - Preenchimento da grelha de avaliação em conjunto com a Professora Titular de Turma.	

Quadro 28- 8ª semana - Avaliação de competências da turma

Sessão nº 8

Data: 29 de Abril de 2010

Aluno		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
		B3	C3	B1	A1	C5	C2	A4	B5	C6	C1	A2	B2	A3	A5	C7	C8	B7	C4	B6	B4
Co	Coopera	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
mpe	com os																				
	pares																				

	Aceita a ajuda dos pares	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Fala com um tom de voz adequado à actividade	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Partilha ideias	+	+	+	+	±	+	+	+	±	+	±	+	+	+	+	+	+	+	+
	Espera pela sua vez para falar	+	+	+	±	+	±	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Está atento aos colegas	+	+	+	+	±	+	+	+	±	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Respeita a opinião dos colegas	+	+	+	±	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Competências Académicas	Acompanha a leitura do texto	+	+	+	+	±	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Responde oralmente às questões	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Responde por escrito às questões, com ajuda	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+

Legenda : + - Sim ± - Às vezes _ - Não

Quadro 29- 8ª semana - Grelha de avaliação de sessão

Sessão nº 8

Data: 29 de Abril de 2010

		Sim	Não	Observações
Plano de sessão	Os objectivos foram alcançados	X		Todos os alunos concluíram a ficha de trabalho.
	A tarefa foi adequada ao grupo	X		
	Os recursos fornecidos foram suficientes	X		Alguns alunos consultaram o dicionário para procurar o significado de algumas palavras, como e.g. frondoso. Não revelaram dificuldades na tarefa, sendo autónomos na sua execução.
Funcionamento dos grupos de trabalho	A constituição do grupo foi a mais correcta	X		
	Todos os membros do grupo participaram activamente na tarefa	X		A estratégia utilizada implicou a participação de todos os alunos, mesmo quando alguns tinham dificuldade na resposta.
	Todos os membros do grupo contribuíram para a realização da tarefa	X		
	Os membros do grupo ajudaram-se mutuamente a alcançar os objectivos da actividade	X		Os alunos C5, C6, C7 e C8 foram ajudados pelos seus pares na escrita das respostas, dadas as suas dificuldades na expressão escrita.
	Os grupos foram produtivos	X		

Participação dos alunos	Os alunos aderiram à tarefa	X		
	Os alunos tinham noção das suas responsabilidades	X		
	Os alunos realizaram a tarefa com sucesso	X		
	Houve alunos que não participaram		X	
	Houve alunos que dominaram os colegas		X	Em algumas situações, o aluno A1 tentou uma postura de liderança, de imposição da sua opinião face aos colegas, mas estes não o permitiram.
Papel das professoras	A tarefa foi demonstrada de forma clara	X		
	Os alunos foram devidamente motivados para a sua execução	X		
	A supervisão do trabalho foi a adequada	X		
	As docentes cooperaram no desenvolvimento da sessão	X		
	Foi promovida a reflexão dos alunos sobre as suas aprendizagens	X		

O que foi particularmente conseguido nesta actividade	A realização de uma actividade relacionada com os conteúdos programáticos do ano de escolaridade de todos os alunos no respectivo manual escolar sem a necessidade permanente da ajuda das professoras.
Que dificuldades foram encontradas	Alguns grupos demoraram mais tempo a concluir a tarefa, pois alguns dos seus elementos demoraram mais tempo a escrever a resposta, necessitando ainda de ajuda dos pares.
Auto-avaliação dos alunos	Todos os alunos seleccionaram a imagem ilustrativa do melhor desempenho.
Reflexão para a sessão seguinte	Cooperação entre os pares nas tarefas de leitura e escrita.

Descrição e balanço das actividades desenvolvidas nos diferentes contextos de intervenção

Sala de Aula

Na sequência da conversa da mãe do aluno C5 relativamente às agressões de um colega perante este aluno, a professora de Educação Especial transmitiu as suas preocupações à professora titular de turma, que de início duvidou da sua veracidade mas que depois confrontou os dois alunos e a turma, que confirmaram as agressões. O aluno A1, o agressor, alegou tratar-se de brincadeiras e noutras situações de defesa dos colegas. Estes disseram que o assunto era com eles e que o A1 não tinha que se meter e fazer o que lhe apetecesse. A professora chamou a atenção do aluno A1, ameaçando-o de ficar de castigo e de chamar a mãe à escola, à semelhança do que aconteceu no início do 2º período

quando fez uma ferida no aluno B5, que precisou de cuidados médicos. Alertou ainda o aluno C5 para ter cuidado com as brincadeiras com os colegas.

No início da semana, a professora titular de turma e a professora de Educação Especial reuniram para planificar a intervenção. De acordo com a planificação semanal da professora titular de turma, para a turma, no dia da intervenção estava prevista a exploração do texto da página 104 do manual, a realização da ficha de trabalho e a ilustração do texto a partir da qual se faria a articulação com o conteúdo do Estudo do Meio a leccionar. As professoras decidiram desenvolver esta actividade dirigida a todos os alunos uma vez que conteúdos programáticos estavam também definidos nos programas educativos individuais e, por outro lado, era feita a articulação com Estudo do Meio e os alunos utilizariam o manual escolar, que tanto motivou os alunos C5, C6, C7 e C8. A professora de Educação Especial sugeriu o desenvolvimento desta actividade através da estratégia de verificação de pares. Os alunos com mais dificuldades na leitura, na compreensão e/ou na expressão escrita conseguiriam aprender com os pares que dominam estas competências, diminuindo as situações de dependência relativamente às professoras. Os alunos trabalham alternadamente aos pares e em grupos. Os alunos partilham ideias e são encorajados a participar. A professora titular de turma concordou com a estratégia, apesar de algumas reservas quanto à participação dos alunos C5, C6, C7 e C8, que não tinham manual escolar. Tirámos fotocópia das páginas 104 e 105 do manual para estes alunos para que pudessem escrever as respostas e para ficarem com um registo do seu trabalho. Optámos ainda, por alunos preencherem o questionário de auto-avaliação do manual, tendo que assinalar de entre três imagens aquela que correspondia ao seu desempenho escolar, uma vez que o costumam fazer e para não romper com esta prática, que consideramos ser muito importante.

No dia da intervenção, os grupos foram formados de acordo com o rendimento escolar dos alunos, prevalecendo a heterogeneidade. Estes grupos tiveram uma constituição diferente da sessão anterior.

Alguns alunos consultaram o dicionário para procurar o significado de algumas palavras, como e.g. frondoso. Não revelaram dificuldades na tarefa, sendo autónomos na sua execução.

Os alunos C5, C6, C7 e C8 foram ajudados pelos seus pares na escrita das respostas, uma vez que tinham dificuldades na expressão escrita. Nestes grupos, a actividade demorou mais tempo a ser concluída mas todos os alunos concluíram a ficha de

trabalho. À medida que os grupos iam terminando a actividade, os alunos ilustraram o texto, a pares, sendo as imagens 17 e 18 ilustrativas.

A professora titular de turma comentou com a professora de Educação Especial que não estava à espera que todos o conseguissem fazer. A professora de Educação Especial observou que a aluna A4 pegou na mão do aluno C5 para o ajudar na escrita das letras em que este tinha mais dificuldades. Os alunos resolveram as suas dúvidas com os pares e as professoras só foram chamadas a intervir em cinco situações para esclarecimento das perguntas, sendo em grupos diferentes. Através da análise da grelha de competências da turma, pudemos constatar que todos os alunos cooperam entre si e aceitaram a ajuda dos colegas. Os alunos C5, C6 e A2 partilharam as suas ideias às vezes. Destacamos o facto do aluno C5 manifestar algumas dificuldades em dar a sua opinião perante os seus pares. Os alunos A1 e C2 nem sempre esperaram pela sua vez para falar enquanto os restantes alunos o fizeram. Os alunos C5 e C6 nem sempre estiveram atentos aos colegas. O aluno A1 algumas vezes não respeitou a opinião dos colegas. Em algumas situações, as professoras observaram uma tentativa de liderança do aluno A1, de imposição da sua opinião face aos colegas, mas estes não o permitiram. Durante a leitura do texto em grupo, todos os alunos seguiram a leitura à excepção do aluno C5 que por vezes estava distraído a olhar pela janela, sendo necessário chamar-lhe a atenção. A primeira vez foi a professora titular de turma e as restantes os colegas do grupo com um pequeno toque no braço e a indicação no texto com o dedo. Todos os alunos responderam oralmente e por escrito às perguntas da ficha.

Quanto à autoavaliação, os alunos realizaram o questionário integrado na ficha do manual, todos os alunos seleccionaram a imagem ilustrativa do melhor desempenho, bem como no mapa da turma.

Com esta intervenção, foi possível a realização de uma actividade relacionada com os conteúdos programáticos do ano de escolaridade de todos os alunos no respectivo manual escolar sem a necessidade permanente da ajuda das professoras.

Durante a intervenção, as professoras verificaram uma melhoria significativa pelas regras de trabalho de grupo, nomeadamente o falar num tom de voz adequado à actividade.

Família

Em casa, os alunos estudaram os meses até Agosto. O aluno C5 conseguiu sem dificuldade. O aluno C6 ainda “saltava” alguns meses. O aluno C7 só não se lembrava do

Janeiro, mas depois da professora lhe dizer sabia todos os outros até Dezembro. O aluno C8 indicou os meses até Agosto sem dificuldade. Estes alunos terão que estudar todos os meses do ano para a próxima semana. O aluno C7 terá que estudar as estações do ano.

A história escrita pelos alunos continua a ser levada para casa por cada um dos alunos à vez.

Equipa de Apoio

Em reunião de equipa de apoio, as técnicas e a professora de Educação Especial decidiram que o aluno irá trabalhar as seguintes áreas: em terapia ocupacional, sequências de cores e imagens e em terapia da fala iniciará a omissão de sílabas em palavras de duas sílabas.

Escola

A professora titular de turma comentou com as colegas que todos os alunos usaram o manual escolar.

4.2.2.9- Semana de 3 a 7 de Maio

Durante esta semana a intervenção em contexto de sala de aula visou os mesmos objectivos da semana anterior. A nível familiar assentou do tomar conhecimento da situação escolar do aluno e no acompanhar o trabalho desenvolvido pelo aluno. Com a equipa de apoio, pretendemos fazer o balanço das actividades desenvolvidas e definir as áreas a trabalhar.

Quadro 30- 9ª semana - Plano de sessão

Sessão nº 9	Data: 6 de Maio de 2010
Objectivos gerais	
• Desenvolver competências sociais essenciais ao trabalho cooperativo; • Diminuir as situações de dependência em relação às professoras; • Desenvolver a comunicação oral e escrita.	
Objectivos específicos	
• Respeita a sua vez; • Escuta os outros; • Fala num tom de voz adequado à actividade; • Participa de forma igual.	

Objectivos da actividade	
- Ouve a história; - Identifica os absurdos; - Lê o texto escrito pelos colegas do grupo, com ajuda; - Escreve uma frase absurda, na sequência do texto já escrito, com ajuda.	
Estratégias	
Discussão em rotação	
Descrição das actividades e metodologias a desenvolver	
- A professora titular de turma lê o texto: “O conto das mentiras”; - A professora titular de turma explica os significados de algumas palavras; - A professora titular de turma sugere a criação de um conto das mentiras, por grupo; - É distribuída uma folha em branco a cada grupo, na qual um aluno escreve uma frase da história, em silêncio; - Depois de ter escrito a frase, este aluno passa a folha no sentido dos ponteiros do relógio; - O outro aluno após ter lido aquilo que foi escrito antes, adiciona mais uma frase à história que recebeu e assim sucessivamente; - Cada aluno deve escrever duas frases, rodando a folha duas vezes; - Um aluno de cada grupo lê a história à turma.	
Recursos	
- Texto: “O conto das mentiras”; - Folhas brancas; - Lápis; - Borracha.	
Avaliação	
- Registo da auto-avaliação no mapa da turma; - Preenchimento da grelha de avaliação de competências da turma; - Preenchimento da grelha de avaliação em conjunto com a Professora Titular de Turma.	

Quadro 31- 9ª semana - Avaliação de competências da turma

Sessão nº 9

Data: 6 de Maio de 2010

Aluno		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
		B3	C3	B1	A1	C5	C2	A4	B5	C6	C1	A2	B2	A3	A5	C7	C8	B7	C4	B6	B4
Competências Sociais	Respeita a sua vez	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Escuta os outros	+	+	+	+	±	+	+	+	+	+	+	+	+	+	±	+	+	+	+	+
	Fala num tom de voz adequado à actividade	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Participa de forma igual	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	±	+	+	+	+	+
Competências Académicas	Ouve a história	+	+	+	+	±	+	+	+	+	+	+	+	+	+	±	+	+	+	+	+
	Identifica os absurdos	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Lê o texto escrito	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+

	pelos colegas do grupo, com ajuda																					
	Escreve uma frase absurda, na sequência do texto já escrito, com ajuda	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+

Legenda : + - Sim ± - Às vezes _ - Não

Quadro 32- 9ª semana - Grelha de avaliação de sessão

Sessão nº 9

Data: 6 de Maio de 2010

		Sim	Não	Observações
Plano de sessão	Os objectivos foram alcançados	X		
	A tarefa foi adequada ao grupo	X		
	Os recursos fornecidos foram suficientes	X		
Funcionamento dos grupos de trabalho	A constituição do grupo foi a mais correcta	X		
	Todos os membros do grupo participaram activamente na tarefa		X	O aluno C7 esteve desconcentrado e manteve uma atitude pouco participativa.
	Todos os membros do grupo contribuíram para a realização da tarefa	X		Com a ajuda do colega de grupo (C4) e após alguma insistência por parte deste, o aluno C7 contribuiu para a realização da tarefa.
	Os membros do grupo ajudaram-se mutuamente a alcançar os objectivos da actividade	X		Destaca-se a ajuda e o incentivo do aluno C4 ao aluno C7. Os alunos C5, C6 e C8 foram ajudados pelos seus pares na leitura do texto elaborado pelo grupo e na escrita das suas ideias.
	Os grupos foram produtivos	X		
Participação dos alunos	Os alunos aderiram à tarefa	X		Inicialmente manifestaram dificuldades em perceber a estratégia mas, depois, aderiram à tarefa.
	Os alunos tinham noção das suas responsabilidades	X		
	Os alunos realizaram a tarefa com sucesso	X		
	Houve alunos que não participaram		X	
	Houve alunos que dominaram os colegas		X	
Papel das professoras	A tarefa foi demonstrada de forma clara	X		Foi preciso exemplificar a estratégia para que os alunos percebessem a estratégia.
	Os alunos foram devidamente motivados para a sua execução	X		
	A supervisão do trabalho foi a	X		

	adequada			
	As docentes cooperaram no desenvolvimento da sessão	X		
	Foi promovida a reflexão dos alunos sobre as suas aprendizagens		X	A tarefa demorou mais tempo que o previsto.

O que foi particularmente conseguido nesta actividade	A execução da estratégia. O respeito pelas regras da actividade. A cooperação entre os alunos.
Que dificuldades foram encontradas	A postura do aluno C7. A falta de tempo para os alunos lerem a sua história à turma e promover a reflexão dos alunos sobre as suas aprendizagens.
Que mudanças permitiriam melhorar a actividade	A professora titular de turma não ler o texto à turma. O texto deveria ser lido nos grupos de trabalho e o significado das palavras que levantassem dúvidas ser consultado no dicionário e discutido em grupo, promovendo-se a autonomia dos alunos e a partilha de ideias entre os pares.
Auto-avaliação dos alunos	Não foi realizada por falta de tempo.
Propostas para a sessão seguinte	Desenvolver outro tipo de auto-avaliação que contemple o desempenho individual no grupo e o desempenho do grupo uma vez que se registaram progressos significativos ao nível das competências sociais.

Descrição e balanço das actividades desenvolvidas nos diferentes contextos de intervenção

Sala de Aula

Esta semana realizaram-se as provas de aferição e houve uma distribuição de serviço, sendo que a professora de Educação Especial, nos dias das provas, acompanhou a turma à Oficina da Criança para o desenvolvimento de actividades lúdicas. Na quarta-feira os alunos C7 e C8 faltaram. Todos os alunos participaram nas actividades planeadas pelas técnicas da Oficina da Criança, nomeadamente: jogo da malha, saltar à corda, jogos on-line e leitura do livro “ A lebre e a tartaruga” por parte de quatro colegas das duas turmas de terceiro ano. O jogo da malha foi realizado em equipas. Na sexta-feira, estiveram presentes todos os alunos. Desta vez, fizeram um painel de turma sobre a Primavera, em que todos se desenharam a si próprios, escreveram o seu nome na blusa, recortaram e colaram no painel. Depois, recortaram e colaram flores, andorinhas e o sol e desenharam nuvens. Em seguida, foram para os jogos em equipa e para os “cantinhos”. Todos os alunos interagiram entre si e desenvolveram as actividades com o grupo.

No início da semana, a professora Titular de Turma e a professora de Educação Especial reuniram para definir o trabalho a realizar no dia da intervenção. Face às dificuldades da turma na expressão escrita e na compreensão oral, a professora titular de turma deu especial ênfase a actividades relacionadas com estas competências. Assim, de

forma a incentivar a escrita e a criatividade decidimos seleccionar um texto diferente do usual. A professora de Educação Especial sugeriu o “Conto das Mentiras” e como estratégia a discussão em rotação, promovendo a partilha de ideias e o respeito pela opinião dos outros. A professora titular de turma desconhecia a estratégia e achou-a interessante. Decidiu-se ler o conto à turma para explicar o significado de algumas palavras.

No dia da intervenção, o aluno C7 disse à professora de Educação Especial que não tomou a medicação usual para a concentração. Segundo o irmão gémeo deixou de tomar por causa das dores de cabeça e porque tem que fazer um exame. Foi o irmão que informou a funcionária para esta não lhe dar o comprimido ao almoço, como habitualmente. A mãe não escreveu nenhum recado na caderneta nem telefonou a informar quer a funcionária quer as professoras. A professora de Educação Especial telefonou à mãe, que confirmou a informação dada pelos alunos. O aluno C7 estava muito irrequieto, desconcentrado e lento na execução das tarefas. Parecia que o aluno meigo e empenhado tinha desaparecido.... Estava à frente de um aluno “lunático”, distante, ausente, sem acção e provocador...

Na sala de aula, quando a professora de Educação Especial perguntou aos alunos que novidades tinham para lhe contar, como faz habitualmente, os alunos C5, C6, C7 e C8 contaram, com muito entusiasmo, que foram para junto dos colegas da turma fazer uma ficha. Era uma história sobre o leão e o burro e que foram ao quadro escrever palavras do texto. “Eu escrevi leão”, disse o C8, “E eu burro”, afirmou o C6. Os colegas da turma confirmaram verbalmente e a professora titular de turma com o abanar da cabeça.

A intervenção teve início com a leitura do conto por parte da professora titular e a explicação do significado de algumas palavras. Depois, esta professora sugeriu a criação de um conto das mentiras e explicou a estratégia. Os alunos demoraram algum tempo a perceber a estratégia, sendo necessário exemplificar o que se pretendia. Era a primeira vez que a desenvolviam. Depois, os alunos perceberam e desenvolveram-na sem problemas. Ao lerem o texto, os alunos riram muito e identificaram de imediato os absurdos referidos. Durante a leitura, os alunos, nomeadamente C3, A1, C2, A4 e B4 interromperam a professora titular de turma para contarem as suas vivências relacionadas com as personagens do conto. A professora deu-lhe oportunidade para exporem as suas ideias, o que fez com que a actividade demorasse mais tempo do que o previsto. Não foi possível que os grupos lessem as histórias à turma nesta sessão e fazer a auto-avaliação dos alunos.

As professoras intervenientes formaram cinco grupos de alunos, heterogéneos, de acordo com o rendimento escolar. A constituição dos grupos foi diferente da sessão anterior. As imagens 19, 20, 21 e 22 mostram os diferentes grupos de trabalho durante a actividade.

Durante a actividade, o aluno C7 esteve desconcentrado e manteve uma atitude pouco participativa. A atitude de ajuda e incentivo do aluno C4 ao aluno C7 contribuiu para que este realizasse a tarefa. Os alunos C5, C6 e C8 foram ajudados pelos pares na tarefa de leitura e escrita. A professora titular de turma verbalizou que se a actividade não fosse desenvolvida num espírito cooperativo, o aluno C7 não a desenvolveria.

As imagens 23 e 24 são exemplos dos textos elaborados pelos alunos.

Na avaliação das competências da turma, as professoras intervenientes registaram que todos os alunos respeitaram a sua vez durante a actividade, falaram num tom de voz adequado, identificaram os absurdos, leram o texto escrito pelos colegas e escreveram duas frases. Os alunos C5 e C7 não escutaram os colegas algumas vezes, nomeadamente quando estes contavam as suas experiências relacionadas com as personagens do conto. Da mesma forma, relativamente à leitura da história.

Uma mudança a realizar na sessão seria a professora titular de turma não ler o texto à turma. O texto deveria ser lido nos grupos de trabalho e o significado das palavras que levantassem dúvidas ser consultado no dicionário e discutido em grupo, promovendo-se a autonomia dos alunos e a partilha de ideias entre os pares.

Conseguiu-se que os alunos experimentassem uma estratégia nova com sucesso, respeitando as suas regras, promovendo a cooperação entre pares e o espírito cooperativo da turma e consequentemente a diminuição das situações de dependência das professoras.

Por outro lado, veio a registar-se progressos significativos ao nível do respeito pelas regras de funcionamento da sala de aula, pelo que a auto-avaliação poderia vir a realizar-se noutros moldes contemplando o desempenho individual no grupo e o desempenho do grupo.

Equipa de Apoio

Segundo a terapeuta da fala, o aluno C7, durante a semana passada desenvolveu actividades de omissão da sílaba inicial sem dificuldades. Esta semana, os trabalhos dirigiram-se para a omissão da sílaba final. O aluno revelou algumas dificuldades, pelo que continuará esta tarefa na próxima semana.

Em terapia ocupacional, foram desenvolvidas actividades que envolveram capacidades sensório-perceptivas, designadamente puzzles. O aluno precisou de ajuda na concretização das tarefas.

Família

Quando a professora de Educação Especial telefonou à mãe do aluno C7 para esclarecer a questão da medicação, esta solicitou às professoras um registo das atitudes diferentes das habituais do aluno para comunicar ao médico. A professora pediu à encarregada de educação que em situações futuras, esta comunicasse por escrito ou pessoalmente este tipo de informações, uma vez tratar-se de medicamentos.

Os alunos C5, C6 e C8 sabiam todos os meses do ano, tal como tinha sido proposto. Para a próxima semana, tiveram que estudar as estações do ano. O aluno C7 sabia as estações do ano.

Uma vez que os alunos já conheciam os meses do ano, a professora de Educação Especial propôs uma actividade a realizar em casa, com a família. Num calendário, marcar as actividades que frequentaram no mês de Maio, utilizando diferentes simbologias caso seja necessário.

4.2.2.10- Semana de 17 a 21 de Maio

Para esta semana, a intervenção teve como objectivos, em contexto de sala de aula, diminuir as situações de dependência em relação às professoras e desenvolver o espírito cooperativo da turma. Com a família, mantiveram-se os objectivos da semana anterior. Ao nível da equipa de apoio, foi necessário reunir com a encarregada de educação a fim de avaliar a situação escolar do aluno. Na Escola, em reunião de Núcleo pretendemos sensibilizar para as práticas inclusivas dando conhecimento do trabalho desenvolvido durante a intervenção.

Quadro 33-10ª semana - Plano de sessão

Sessão nº 10	Data: 20 de Maio de 2010
Objectivos gerais	
• Diminuir as situações de dependência em relação às professoras; • Desenvolver a comunicação oral e escrita.	

Sandra Catarino - “Com e no grupo, eu consigo aprender”. Uma experiência de aprendizagem cooperativa, numa turma de 3º ano.

Objectivos específicos	
- Ouvir com atenção; - Respeitar diferentes opiniões; - Participar activamente; - Defender posições, criticando as ideias, não as pessoas.	
Objectivos da actividade	
- Encontrar argumentos para defender a sua opinião; - Apresentar argumentos com clareza.	
Estratégias	
Controvérsia criativa	
Descrição das actividades e metodologias a desenvolver	
- A turma é dividida em três grupos; - A cada grupo é apresentado um tema/posição a defender: “Defendemos os animais”, “Maltratamos os animais” e “Caçamos os animais”; - Dentro de cada grupo, os alunos terão que encontrar argumentos que defendam a posição que lhe foi atribuída, registando-as numa folha; - Os grupos apresentam e defendem as suas posições e os ataques ao seu ponto de vista; - Cada grupo sintetiza, oralmente, através de um porta-voz, a principal ideia de cada um dos grupos; - A professora titular de turma encerra a discussão e faz um balanço da actividade.	
Recursos	
- Folhas brancas; - Lápis; - Borracha.	
Avaliação	
- Síntese oral da principal ideia de cada um dos grupos; - Questionário sobre o desempenho individual e o do grupo; - Preenchimento da grelha de avaliação de competências da turma; - Preenchimento da grelha de avaliação da sessão em conjunto com a Professora Titular de Turma.	

Quadro 34- 10ª semana - Avaliação de competências da turma

Sessão nº 10

Data: 20 de Maio de 2010

Aluno		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
		B3	C3	B1	A1	C5	C2	A4	B5	C6	C1	A2	B2	A3	A5	C7	C8	B7	C4	B6	B4
Competências Académicas	Encontrar argumentos para defender a sua opinião	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Apresentar argumentos com clareza	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Competências Sociais	Ouvir com atenção	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Respeitar diferentes opiniões	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Participar activamente	+	+	+	+	+	+	+	+	-	-	-	+	+	-	-	+	+	+	+	+
	Defender posições, criticando as ideias, não as pessoas	+	+	+	+	+	±	+	±	+	+	+	±	+	+	±	+	+	+	+	+

Legenda : + - Sim ± - Às vezes - - Não

Quadro 35- 10ª semana - Grelha de avaliação de sessão

Sessão nº 10

Data: 20 de Maio de 2010

		Sim	Não	Observações
Plano de sessão	Os objectivos foram alcançados	X		
	A tarefa foi adequada ao grupo	X		
	Os recursos fornecidos foram suficientes	X		
Funcionamento dos grupos de trabalho	A constituição do grupo foi a mais correcta		X	Os grupos eram muito grandes.
	Todos os membros do grupo participaram activamente na tarefa		X	
	Todos os membros do grupo contribuíram para a realização da tarefa	X		
	Os membros do grupo ajudaram-se mutuamente a alcançar os objectivos da actividade	X		
	Os grupos foram produtivos	X		Poderiam ter sido mais produtivos se fossem mais pequenos.
Participação dos alunos	Os alunos aderiram à tarefa	X		
	Os alunos tinham noção das suas responsabilidades	X		
	Os alunos realizaram a tarefa com sucesso	X		
	Houve alunos que não participaram		X	
	Houve alunos que dominaram os colegas		X	
Papel das professoras	A tarefa foi demonstrada de forma clara	X		
	Os alunos foram devidamente motivados para a sua execução	X		
	A supervisão do trabalho foi a adequada	X		
	As docentes cooperaram no desenvolvimento da sessão	X		
	Foi promovida a reflexão dos alunos sobre as suas aprendizagens		X	

O que foi particularmente conseguido nesta actividade	A expressão oral e a capacidade de argumentação. O cumprimento pelas regras de funcionamento da actividade. Autonomia dos alunos na execução da tarefa.
Que dificuldades foram encontradas	A fraca participação dos alunos C6, C7, A2, C1 e A5 no debate entre grupos.
Que mudanças permitiriam melhorar a actividade	A formação de grupos de trabalho mais reduzidos, com um tema a ser estudado por dois grupos de trabalho ao invés de um, como aconteceu.
Auto-avaliação dos alunos	Como participei no trabalho de grupo, vinte alunos consideraram ter estado atentos, partilhado as ideias, encorajado os colegas a participar, participado nas tarefas de grupo, feito o resumo e alcançado os objectivos propostos. Quanto ao respeito pela

	opinião dos colegas, dezoito alunos avaliasse como tê-lo feito sempre e dois às vezes, tal como ter estado concentrado no trabalho. Quanto à forma como trabalharam em grupo, vinte alunos afirmaram ter ouvido o que os colegas do grupo tinham a dizer, todos contribuíram com ideias, discutiram as suas ideias, conseguiram chegar a um consenso, ajudaram-se mutuamente para a estar concentrados no trabalho e ajudaram-se uns aos outros para conseguirmos realizar a tarefa. Segundo dezasseis alunos, todos os membros do grupo contribuíram para a realização da tarefa enquanto que para quatro alunos este aspecto não foi conseguido na íntegra.
Propostas para a sessão seguinte	Atribuição de papéis de forma a promover a participação de todos os alunos.

Descrição e balanço das actividades desenvolvidas nos diferentes contextos de intervenção

Sala de Aula

No início da semana, a professora titular de turma e a professora de Educação Especial reuniram para definir a actividade e as estratégias para o dia da intervenção. Uma vez que os alunos melhoraram consideravelmente o seu desempenho nas competências sociais tanto no dia da intervenção como nos restantes dias, segundo a professora titular de turma, decidimos desenvolver uma estratégia diferente, em que um grupo alunos teve que defender uma posição, muitas vezes contrária às posições individuais. Assim, planificou-se a actividade baseada na controvérsia criativa.

Na sequência dos temas abordados em Estudo do Meio e Formação Cívica e dos interesses dos alunos, decidimos abordar o tema “Os animais” através de três grandes ideias a desenvolver, nomeadamente “Defendemos os animais”, “Maltratamos os animais” e “Caçamos os animais”, tal como se pode observar nas imagens 25,26 e 27. Eram assuntos que já tinham sido tratados ao longo do ano lectivo, não sendo necessária uma pesquisa a priori. A turma foi dividida em três grupos, sendo dois de sete alunos e um de seis alunos. Pretendia-se que cada grupo de alunos preparasse argumentos que defendessem a sua posição, refutasse as posições contrárias e ataques ao seu ponto de vista. Depois, desenvolvera-se uma discussão entre os diferentes grupos.

Em virtude da reflexão da sessão anterior relativamente à auto-avaliação, elaborámos uma ficha de auto-avaliação dividida em duas partes: Como participei no Trabalho de Grupo e Como trabalhámos em grupo.

No dia da intervenção a professora de Educação Especial explicou a tarefa, a estrutura da discussão, a importância da interdependência positiva e da responsabilidade

individual. As professoras definiram os grupos de trabalho e o papel/posição de cada grupo. Foi definido um tempo, quinze minutos, para que cada grupo preparasse o seu ponto de vista e contradissesse as posições contrárias. Passado o tempo definido, a professora titular de turma deu início à discussão entre os diferentes grupos, representadas nas imagens 28 e 29. Durante a discussão, as professoras controlaram a discussão e intervieram quando necessário.

Alguns comentários registados pelas professoras, durante a intervenção, foram:

- “Eles são como nós. Precisam de comida e carinho” (C5);
- “Preferimos ficar pobres mas ter os animais” (C8);
- “Somos pobres mas temos orgulho em defender os animais” (B6);
- “Para caçarem precisam de cães”; (C5)
- “Não devemos tratar mal os animais” (C5);
- “Gostavas que eu te matasse e te tirasse a pele?” (A4);
- “Os cães ajudam os cegos a andar na rua” (B7);
- “Podem comer vegetais”(B4);
- “ O dinheiro não é o mais importante, mais vale um amigo e um animal é um amigo” (B6);
- “Caçamos os animais para sobreviver” (B2);
- “ Nós cultivamos a terra mas os animais vão lá e destroem as culturas” (C4).

O aluno B4 esqueceu-se várias vezes do que ia dizer. É um aluno que mostra muita ansiedade, o seu discurso é pouco claro e por vezes desajustado do contexto.

Os alunos ouviram com atenção tanto as professoras como os colegas nas diferentes situações, dentro e entre grupos.

O tom de voz dos alunos elevou-se muitas vezes com o entusiasmo da defesa das opiniões, tendo estas sido respeitadas por todos.

Os alunos B3, C2, B2, B1, B6, A1, A4 e B4 estiveram muito participativos enquanto os alunos C6, C7, A2, C1 e A5 participaram pouco.

Numa ou outra situação, os alunos C2, B5, B2 e C7 criticaram os seus pares e não as suas ideias.

Todos os alunos conseguiram encontrar e apresentar argumentos, uns mais construtivos do que outros, para defender a sua opinião tanto dentro do grupo como no debate com os outros grupos.

Após o debate, cada grupo sintetizou oralmente, através de um porta-voz, a principal ideia de cada um dos grupos. Depois, a professora titular de turma encerrou a discussão e fez um balanço da actividade, congratulando os alunos pela concretização dos objectivos propostos. Em cada grupo, os alunos celebraram os resultados conseguidos.

Quando tocou para a saída, nenhum aluno se levantou. Todos os alunos queriam continuar a actividade. O aluno C4 perguntou à professora titular de turma se da parte da tarde iam continuar a actividade. Quando iam no corredor, os alunos continuavam a falar do assunto.

Quanto à constituição dos grupos de trabalho, estes eram muito grandes. Uma mudança que permitiria melhorar a actividade seria a formação de grupos de trabalho mais reduzidos, com um tema a ser estudado por dois grupos de trabalho ao invés de um, como aconteceu.

Com a actividade os alunos desenvolveram a expressão oral e a capacidade de argumentação numa actividade em que o respeito pela opinião dos outros era fundamental. Pela positiva, destacamos ainda o cumprimento pelas regras de funcionamento da actividade.

Os alunos sintetizaram as principais ideias de cada grupo.

No que diz respeito à autoavaliação dos alunos, as professoras explicaram a leitura que fazem do mapa de auto-avaliação, dando os parabéns aos alunos, concordando estes com a leitura. A professora de Educação Especial disse que dados os resultados conseguidos, poderíamos passar para outro tipo de auto-avaliação.

Os resultados ao questionário da auto-avaliação da actividade podem ser observados no quadro 36 que se segue.

Quadro 36 – Resultados da Auto-avaliação da actividade “Defesa dos animais”

• Como participei no Trabalho de Grupo			
Estive atento ao que os meus colegas diziam	20		
Partilhei as minhas ideias	20		
Respeitei a opinião dos meus colegas	18	2	
Encorajei os outros a participar	20		
Estive concentrado no trabalho	18	2	

Participei nas tarefas do grupo	20		
Fiz o resumo das nossas ideias	20		
Consegui alcançar os objectivos propostos	20		
• Como trabalhámos em grupo			
Ouvimos o que os outros colegas do grupo tinham a dizer	20		
Todos contribuímos com ideias	20		
Discutimos as nossas ideias	20		
Conseguimos chegar a um consenso	20		
Ajudámo-nos mutuamente para estarmos concentrados no trabalho	20		
Ajudámo-nos uns aos outros para conseguirmos realizar a tarefa	20		
Todos os membros do grupo contribuíram para a realização da tarefa	16	4	

Assim, na resposta ao questionário, como participei no trabalho de grupo, vinte alunos consideraram ter estado atentos, partilhado as ideias, encorajado os colegas a participar, participado nas tarefas de grupo, feito o resumo e alcançado os objectivos propostos. Quanto ao respeito pela opinião dos colegas, dezoito alunos avaliasse como tê-lo feito sempre e dois às vezes, tal como ter estado concentrado no trabalho. Quanto à forma como trabalharam em grupo, vinte alunos afirmaram ter ouvido o que os colegas do grupo tinham a dizer, todos contribuíram com ideias, discutimos as suas ideias, conseguiram chegar a um consenso, ajudaram-se mutuamente para a estar concentrados no trabalho e ajudaram-se uns aos outros para conseguirmos realizar a tarefa. Segundo dezasseis alunos, todos os membros do grupo contribuíram para a realização da tarefa enquanto que para quatro alunos este aspecto não foi conseguido na íntegra.

Relativamente à avaliação das competências da turma, todos os alunos ouviram com atenção, respeitaram diferentes opiniões, encontraram argumentos para defender a sua opinião e apresentaram argumentos com clareza. Os alunos C6, C1, A2, A5 e C7 não participaram activamente contrariamente aos restantes alunos. Na próxima sessão poderia – se atribuir diferentes papéis de forma a promover a participação de todos os alunos. Os alunos C2, B5, B2 e C7 por vezes criticaram as pessoas e não as suas ideias.

Ainda no dia da intervenção, os alunos C7 e C8 contaram à professora de Educação Especial que na semana passada estiveram a fazer uma ficha do livro de Língua Portuguesa

com os colegas da turma que ensinava um truque de magia com uma caixa dos lápis e que tinham experimentado o truque na aula e depois em casa.

Equipa de Apoio

A equipa de apoio, as professoras e a encarregada de educação do aluno C7 reuniram para avaliar o desempenho, a atitude e o comportamento do aluno desde que este deixou e tomar a medicação. Todos os intervenientes consideraram que o aluno relevava mais dificuldades ao nível da atenção/concentração, solicitava com maior frequência a ajuda do professor, modificou algumas posturas (mais distraído, mais aéreo, brincava constantemente com tudo o que aparecia, maior desafio perante a autoridade), nomeadamente dentro da sala de aula, a execução das tarefas propostas foi realizada com mais tempo e a apresentação dos seus trabalhos piorou, a caligrafia piorou de forma significativa e nos intervalos, as funcionárias também relataram situações de conflito com os colegas, o que não era usual. Com base nestas informações foi elaborado o relatório solicitado pelo médico e entregue à encarregada de educação. No dia seguinte a esta reunião, o irmão gémeo do aluno C7 disse à funcionária para que esta voltasse a dar a medição ao irmão. Mais uma vez, não veio nenhuma informação escrita ou por parte da encarregada de educação. Quando contactada pela professora de Educação Especial, disse não ter tido tempo para escrever o recado ou telefonar, estava com a agenda muito ocupada, mas que era para tomar o comprimido. Segundo a mesma, depois da reunião com a equipa de apoio, contactou com o médico, via telefone, que prescreveu novamente a medicação habitual. O relatório elaborado foi entregue a quatro de Junho.

Quanto ao trabalho desenvolvido nas terapias que frequenta, em terapia da fala continuou a desenvolver actividades que envolvem a omissão de sílabas. Em terapia ocupacional, fez actividades que implicaram capacidades cognitivas, nomeadamente sequências temporais. Conseguiu organizar sequências de cinco imagens sem ajuda.

Família

Os alunos C5, C6 e C8 sabiam as estações do ano.

Os alunos trouxeram a actividade do calendário realizada, cujos resultados se encontram no quadro 37 que se segue.

Quadro 37- Resultados da avaliação dos Encarregados de Educação da actividade do calendário

O aluno conseguiu:	Sim	Não	Com ajuda
Identificar os dias da semana no calendário	3		1
Identificar os meses do ano no calendário			4
Associar as actividades com os dias da semana	4		
Anotar no calendário as actividades que frequenta			4
O aluno necessita de mais tempo para desenvolver com sucesso a actividade	4		

Os alunos conseguiram realizar a actividade com ajuda. Segundo a opinião dos pais, é necessário mais tempo para que o aluno consiga realizar a actividade autonomamente e com sucesso. Assim, durante esta semana os alunos voltarão a desenvolver a mesma actividade.

Escola

As professoras e as auxiliares de acção educativa da EB1 perguntaram à professora titular de turma o que se tinha passado na aula porque os alunos vinham todos entusiasmados.

Em reunião de Núcleo, demos conhecimento dos resultados do trabalho desenvolvido.

4.2.2.11- Semana de 24 a 28 de Maio

A intervenção desta semana visou os seguintes objectivos: em contexto de sala de aula, diminuir as situações de dependência em relação às professoras e desenvolver o espírito cooperativo da turma, à semelhança da semana anterior; com a família, participar na avaliação do trabalho e com a equipa de apoio, avaliar o trabalho desenvolvido.

Quadro 38-11ª semana - Plano de sessão

Sessão nº 11	Data: 27 de Maio de 2010
Objectivos gerais	
• Diminuir as situações de dependência em relação às professoras; • Desenvolver a comunicação oral e escrita.	
Objectivos específicos	
• Entreaajuda; • Escuta os pares; • Respeita a opinião dos pares;	

- Partilha ideias; - Cria um espírito de equipa.
Objectivos da actividade
- Ouvir a história; - Escrever palavras associadas à história, individualmente; - Discutir as ideias escritas; - Seleccionar uma palavra associada à história, em grupo.
Estratégias
- Leitura do texto; - Grafitti cooperativo.
Descrição das actividades e metodologias a desenvolver
- A turma é dividida em grupos de quatro alunos; - A cada aluno é atribuído um papel: leitor, verificador, moderador e porta-voz. - Um aluno de cada grupo, à vez, lê o livro “A festa de anos”, de Luísa Ducla Soares, à turma; - A cada grupo é atribuída uma folha branca; - Cada elemento do grupo escreve as ideias que o texto lhe sugere, tendo cinco minutos para o fazer; - Após terminada a tarefa, os alunos discutem as suas ideias; - O grupo chega a um consenso sobre uma única palavra, pode ser uma das já escritas ou não, e escreve-a no centro da folha com uma cor diferente; - Cada grupo apresenta à turma a sua folha e um resumo das suas conclusões.
Recursos
- Livro “A festa de anos”, de Luísa Ducla Soares; - Folhas brancas; - Lápis; - Marcadores de cores diferentes.
Avaliação
- Síntese oral da principal ideia de cada um dos grupos; - Questionário sobre o desempenho individual e o do grupo; - Preenchimento da grelha de avaliação de competências da turma; - Preenchimento da grelha de avaliação da sessão, em conjunto com a Professora Titular de Turma.

Quadro 39- 11ª semana - Avaliação de competências da turma

Sessão nº 11

Data: 27 de Maio de 2010

Alu no		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
		B 3	C 3	B 1	A 1	C 5	C 2	A 4	B 5	C 6	C 1	A 2	B 2	A 3	A 5	C 7	C 8	B 7	C 4	B 6	B 4
Competências académicas	Ouve história	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Escreve palavras associadas à história, individualmente	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Selecciona uma palavra associada à história, em grupo	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Competências Sociais	Ajuda colegas	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Escuta os pares	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+

Sandra Catarino - “Com e no grupo, eu consigo aprender”. Uma experiência de aprendizagem cooperativa, numa turma de 3º ano.

Respeita a opinião dos pares	+	+	+	±	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Partilha ideias	+	+	+	+	+	+	+	+	+	±	±	+	+	±	+	+	+	+	+	+
Cria um espírito de equipa	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+

Legenda : + - Sim ± - Às vezes _ - Não

Quadro 40- 11ª semana - Grelha de avaliação de sessão

Sessão nº 11

Data: 27 de Maio de 2010

		Sim	Não	Observações
Plano de sessão	Os objectivos foram alcançados	X		
	A tarefa foi adequada ao grupo	X		
	Os recursos fornecidos foram suficientes	X		
Funcionamento dos grupos de trabalho	A constituição do grupo foi a mais correcta	X		
	Todos os membros do grupo participaram activamente na tarefa	X		
	Todos os membros do grupo contribuíram para a realização da tarefa	X		
	Os membros do grupo ajudaram-se mutuamente a alcançar os objectivos da actividade	X		
	Os grupos foram produtivos	X		
Participação dos alunos	Os alunos aderiram à tarefa	X		
	Os alunos tinham noção das suas responsabilidades	X		
	Os alunos realizaram a tarefa com sucesso	X		
	Houve alunos que não participaram		X	
	Houve alunos que dominaram os colegas		X	
Papel das professoras	A tarefa foi demonstrada de forma clara	X		
	Os alunos foram devidamente motivados para a sua execução	X		
	A supervisão do trabalho foi a adequada	X		
	As docentes cooperaram no desenvolvimento da sessão	X		
	Foi promovida a reflexão dos alunos sobre as suas aprendizagens	X		

O que foi particularmente conseguido nesta actividade	Os alunos não solicitaram a ajuda das professoras. A cooperação de todos os alunos na actividade do grupo. O cumprimento pelas regras de funcionamento da actividade.
Que dificuldades foram encontradas	Num grupo de trabalho, os alunos tiveram dificuldade em chegar a um consenso quanto à palavra final, pois o aluno A1 tentava impor a sua opinião. Foi necessária a intervenção da professora titular de turma para esclarecer que todos tinham que estar

	de acordo.
Auto-avaliação dos alunos	Estive atento ao que os meus colegas diziam e respeitei a opinião dos meus colegas - vinte alunos; Partilhei as minhas ideias – dezassete alunos, três alunos às vezes; Encorajei os outros a participar - dezoito alunos, dois alunos às vezes; Estive concentrado no trabalho – quinze alunos, cinco alunos às vezes. Ouvimos o que os outros colegas do grupo tinham a dizer, todos contribuímos com ideias, ajudámo-nos mutuamente para estarmos concentrados no trabalho e ajudámo-nos uns aos outros para conseguirmos realizar a tarefa - vinte alunos; Discutimos as nossas ideias e conseguimos chegar a um consenso – dezasseis alunos, quatro alunos às vezes.
Propostas para a sessão seguinte	Promover actividades que visem a partilha e o respeito de opiniões.

Descrição e balanço das actividades desenvolvidas nos diferentes contextos de intervenção

Sala de Aula

No início da semana, na reunião da planificação da intervenção, a professora titular de turma disse, que na semana passada, os alunos tinham desenvolvido a ficha do manual escolar de Matemática, página 130, em pequenos grupos, utilizando a estratégia verificação em pares. No final, ficou satisfeita com os resultados.

Na preparação da intervenção, a professora titular de turma voltou a referir que preferia actividades que visassem a expressão oral e escrita e a promoção da leitura. A professora de Educação Especial sugeriu uma nova estratégia, graffiti cooperativo, visando a liberdade de expressão e a criatividade. As professoras foram à biblioteca da escola e seleccionaram o livro “A festa de anos”, de Luísa Ducla Soares, por se tratar de uma história de leitura agradável e não muito extensa. Ao pedirmos sugestões à responsável da biblioteca, esta respondeu: “Com essa turma, não é fácil escolher porque a professora Paula trabalha muito a leitura e já levou muitos dos nossos livros.”

Decidimos formar grupos de quatro alunos, baseados na heterogeneidade dos resultados escolares, sendo a constituição diferente das outras sessões. Pretendíamos que todos os alunos trabalhassem e interagissem com o maior número de pares.

No dia da intervenção, as professoras dividiram a turma em grupos de alunos, tal como definido previamente. Em cada grupo, atribuíram diferentes papéis aos elementos de forma a encorajar a participação de todos, nomeadamente: leitor, moderador, secretário e porta-voz. A professora de Educação Especial explicou os diferentes passos da actividade.

Depois, a professora titular de turma, entregando o livro, solicitou ao porta-voz do primeiro grupo que se encontrava à sua direita para iniciar a leitura. Este leu as páginas indicadas pela professora. O processo repetiu-se até à leitura integral do livro, terminando no último porta-voz. Quando a leitura terminou, a professora de Educação Especial distribuiu uma folha branca A4 a cada grupo e pediu aos membros de cada grupo para escreverem a (s) ideia (s) que o texto lhe (s) sugere. Cada aluno tinha cinco minutos para o fazer. Após a conclusão desta tarefa, os alunos discutiram as suas ideias, com a intervenção do moderador, chegando a um consenso sobre uma única palavra, podendo ser uma das já escritas ou não. Depois, o secretário escreveu-a no centro da folha com uma cor diferente. Finalmente, o porta-voz apresentou à turma a folha do grupo e as suas ideias. No final da actividade, os alunos pediram para ilustrar o texto em grupo. As professoras aceitaram ao pedido.

As imagens 30,31,32,33,34 e 35 mostram alguns dos grupos de trabalho e o trabalho realizado por estes.

No decorrer da actividade, os alunos não solicitaram a ajuda das professoras, tendo conseguido alcançar os objectivos propostos, verificou-se a cooperação de todos os alunos na actividade do grupo e o cumprimento pelas regras de funcionamento da actividade.

Num grupo de trabalho, os alunos tiveram dificuldade em chegar a um consenso quanto à palavra final, pois o aluno A1 tentava impor a sua opinião. Foi necessária a intervenção da professora titular de turma para esclarecer que todos tinham que estar de acordo.

Relativamente à auto-avaliação dos alunos, os resultados são apresentados no quadro 41.

Quadro 41- Resultados da Auto-avaliação dos alunos da actividade “A festa de anos”

• Como participei no Trabalho de Grupo			
Estive atento ao que os meus colegas diziam	20		
Partilhei as minhas ideias	17	3	
Respeitei a opinião dos meus colegas	20		
Encorajei os outros a participar	18	2	
Estive concentrado no trabalho	15	5	

• Como trabalhámos em grupo			
Ouvimos o que os outros colegas do grupo tinham a dizer	20		
Todos contribuímos com ideias	20		
Discutimos as nossas ideias	16	4	
Conseguimos chegar a um consenso	16	4	
Ajudámo-nos mutuamente para estarmos concentrados no trabalho	20		
Ajudámo-nos uns aos outros para conseguirmos realizar a tarefa	20		

Pela análise do quadro 41, quanto à forma de como participaram no trabalho de grupo, vinte alunos consideraram que estive atento ao que os meus colegas diziam e respeitei a opinião dos meus colegas; dezassete alunos que partilhei as minhas ideias; três alunos, partilhei as minhas ideias às vezes; dezoito alunos encorajaram os outros a participar; dois alunos encorajaram os outros a participar às vezes; quinze alunos estiveram concentrados no trabalho; cinco alunos estiveram concentrados no trabalho às vezes. Quanto ao desempenho no grupo de trabalho, vinte alunos consideraram que ouvimos o que os outros colegas do grupo tinham a dizer, todos contribuímos com ideias, ajudámo-nos mutuamente para estarmos concentrados no trabalho e ajudámo-nos uns aos outros para conseguirmos realizar a tarefa. Dezasseis alunos autoavaliaram-se como discutimos as nossas ideias e conseguimos chegar a um consenso e quatro alunos fizeram-no às vezes.

No que diz respeito à avaliação das competências da turma, todos os alunos ouviram a história, escreveram palavras associadas à história, seleccionaram uma palavra associada à história, em grupo, entreajudaram-se e criaram um espírito de equipa. O aluno C5 ouviu os pares às vezes. O aluno A1 respeitou a opinião dos outros às vezes. Os alunos C6, A2 e A5 partilharam as ideias às vezes. Assim sendo, na próxima sessão desenvolveu-se actividades que visaram a partilha e o respeito de opiniões.

Família

Os alunos trouxeram a actividade do calendário realizada. Os alunos conseguiram realizar a actividade. Segundo a opinião dos pais, o aluno conseguiu realizar a actividade autonomamente e com sucesso.

Depois da intervenção, os alunos realizaram uma actividade que consistiu na elaboração de um convite dirigido a um colega da sala. Depois preencheram o envelope

com o remetente e o destinatário. As professoras recolheram o trabalho, que pode ser verificado nas imagens 36,37,38 e 39. A professora de Educação Especial enviou para casa dos alunos C5, C6, C7 e C8 os convites e uma ficha de avaliação da actividade a ser preenchida pelos pais, cujos resultados são apresentados no quadro45.

Equipa de Apoio

Em reunião de equipa de apoio, todos os intervenientes consideraram que o desempenho do aluno C7 melhorou consideravelmente durante a última semana.

A terapeuta da fala explicou que terminou o trabalho no âmbito da omissão de sílabas. Decidiu avançar para a intervenção na consciência fonológica até ao final do ano lectivo.

A terapeuta ocupacional desenvolveu actividades que implicaram capacidades cognitivas, nomeadamente leitura e interpretação de pequenas histórias. O desempenho do aluno foi satisfatório.

Escola

Durante a última semana de aulas, a biblioteca da escola vai expor trabalhos de alunos, realizados em contexto de sala de aula, que promovam a literacia. Neste sentido, a responsável da biblioteca solicitou a colaboração da professora titular de turma. Esta conjuntamente com a professora de Educação Especial seleccionou os trabalhos realizados na sexta sessão, cartaz da “sopa” e na nona sessão, o conto das mentiras. Esta última actividade será apresentada com todos os passos que a constitui, a estratégia e os diferentes trabalhos realizados.

4.2.2.12- Semana de 14 a 18 de Junho

Para esta semana, em contexto de sala de aula, tivemos como objectivos trabalhar de forma autónoma e desenvolver o espírito cooperativo da turma. Tanto com a família como com a equipa de apoio, a prioridade centrou-se em avaliar o trabalho desenvolvido.

Quadro 42-12ª semana - Plano de sessão

Sessão nº 12	Data: 17 de Junho de 2010
Objectivos gerais	
• Trabalhar de forma autónoma; • Desenvolver a comunicação oral e escrita.	
Objectivos específicos	
• Participa activamente; • Ajuda os colegas; • Respeita a opinião dos pares; • Partilha ideias; • Elogia os colegas.	
Objectivos da actividade	
• Colorir as peças de tangran desenhadas numa folha de papel; • Recortar as peças de tangran; • Construir uma imagem com as peças recortadas; • Explicar aos colegas a imagem que construiu.	
Estratégias	
• Resolver – elogiar/ajudar – passar	
Descrição das actividades e metodologias a desenvolver	
• A professora forma grupos de quatro alunos; • A professora distribui a cada aluno uma fotocópia do desenho das peças de tangran; • Cada aluno pinta as peças de tangran na fotocópia que lhe foi entregue; • Cada aluno recorta as peças coloridas; • A professora solicita à turma para construir imagens com as peças; • Os membros de cada par constroem, individualmente, a imagem durante cinco minutos; • Passados os cinco minutos, os membros de cada par trabalham em conjunto para analisarem o estado da construção; • Cada elemento do par explica ao outro como tentou montar a figura; • Os dois elementos chegam a um acordo quanto à forma mais correcta; • Os alunos colam a sua resposta numa folha de papel; • Cada par partilha com o outro par do grupo a sua construção.	
Recursos	
• Fotocópias das peças de tangran, • Canetas e lápis de cor; • Tesoura; • Cola, • Folhas brancas e de cor.	
Avaliação	
• Questionário sobre o desempenho individual e o do grupo; • Preenchimento da grelha de avaliação de competências da turma; • Preenchimento da grelha de avaliação da sessão, em conjunto com a Professora Titular de Turma.	

Sandra Catarino - “Com e no grupo, eu consigo aprender”. Uma experiência de aprendizagem cooperativa, numa turma de 3º ano.

Quadro 43- 12ª semana - Avaliação de competências da turma

Sessão nº 12

Data: 17 de Junho de 2010

Aluno		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
		B3	C3	B1	A1	C5	C2	A4	B5	C6	C1	A2	B2	A3	A5	C7	C8	B7	C4	B6	B4
Competências académicas	Pinta as peças de tangran	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Recorta as peças de tangran	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Constrói uma imagem	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Explica como construiu a imagem	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Competências Sociais	Participa activamente	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Ajuda os colegas	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Respeita a opinião dos pares	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Partilha ideias	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Elogia os colegas	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+

Legenda : + - Sim ± - Às vezes _ - Não

Quadro 44- 12ª semana - Grelha de avaliação de sessão

Sessão nº 12

Data: 17 de Junho de 2010

		Sim	Não	Observações
Plano de sessão	Os objectivos foram alcançados	X		
	A tarefa foi adequada ao grupo	X		
	Os recursos fornecidos foram suficientes	X		
Funcionamento dos grupos de trabalho	A constituição do grupo foi a mais correcta	X		
	Todos os membros do grupo participaram activamente na tarefa	X		
	Todos os membros do grupo contribuíram para a realização da tarefa	X		
	Os membros do grupo ajudaram-se mutuamente a alcançar os objectivos da actividade	X		
	Os grupos foram produtivos	X		
Participação dos alunos	Os alunos aderiram à tarefa	X		
	Os alunos tinham noção das suas responsabilidades	X		
	Os alunos realizaram a tarefa com sucesso	X		
	Houve alunos que não participaram		X	
	Houve alunos que dominaram os colegas		X	
Papel das professoras	A tarefa foi demonstrada de forma clara	X		

	Os alunos foram devidamente motivados para a sua execução	X		
	A supervisão do trabalho foi a adequada	X		
	As docentes cooperaram no desenvolvimento da sessão	X		
	Foi promovida a reflexão dos alunos sobre as suas aprendizagens	X		

O que foi particularmente conseguido nesta actividade	A participação de todos os alunos na execução das tarefas de forma autónoma. O respeito pela opinião dos colegas.
Auto-avaliação dos alunos	Todos os alunos se avaliaram com a imagem correspondente ao “sim”  em todos os itens.

Descrição e balanço das actividades desenvolvidas nos diferentes contextos de intervenção

Sala de Aula

No início da semana, tal como habitualmente, as professoras de Educação Especial e titular de turma reuniram para planear a sessão de intervenção. Esta foi a última semana de aulas e como tal resolvemos desenvolver uma actividade mais lúdica, promovendo o trabalho independente e a criatividade, por um lado, e por outro a partilha e o elogio entre pares. Assim sendo, decidimos que os alunos deveriam construir imagens com as peças de *tangran*. A professora de Educação Especial propôs como estratégia: resolver – elogiar/ajudar – passar, explicando-a à professora titular de turma e os seus objectivos. Desenvolve a interdependência entre pares e a responsabilidade individual, em que o grupo trabalha com o intuito de conseguir um trabalho comum dando cada um o seu contributo individual. Esta estratégia permite que todos os alunos estejam simultaneamente envolvidos no trabalho. Por outro lado, desenvolve competências sociais como falar em tom de voz baixo, partilhar ideias, escutar e elogiar os colegas. A professora titular de turma concordou com a estratégia. Disse que já tinha aprendido algumas estratégias e que nunca tinha pensado que dentro do trabalho de grupo fosse possível desenvolver tantas “nuances”. Na preparação da actividade, fotocopiámos um esquema das peças para cada aluno e decidimos a formação dos grupos de trabalho, baseada na heterogeneidade do rendimento escolar, sendo a constituição diferente da última sessão.

No dia da intervenção, a professora titular de turma formou cinco grupos de trabalho com quatro alunos. A cada aluno distribuiu uma fotocópia com o esquema das peças. Cada um, individualmente pintou as peças a seu gosto, recortou-as e com elas formou uma imagem. Destacamos que para a construção, o aluno não teve acesso a nenhum modelo ou sugestão. Os resultados surgiram da criatividade e habilidade de cada um. Passados cinco minutos, dentro de cada grupo, a pares (ao seu critério), os alunos analisaram o estado da construção, em que cada elemento explica ao outro como tentou montar a figura. Os dois chegaram a um acordo quanto à forma mais correcta de construção e cada um colou a imagem numa folha. Os alunos comentaram a imagem do colega, dando sugestões e elogiando-as. Depois, cada par partilhou com o outro par do grupo a sua construção. Finalmente, os alunos preencheram, individualmente, o questionário sobre o seu desempenho e o do grupo.

As imagens 40,41,42 e 43 ilustram alguns dos trabalhos realizados pelos alunos.

Durante a realização da actividade todos os alunos tiveram empenhados nas suas tarefas, conseguindo-as desenvolver de forma autónoma. Não solicitaram a presença das professoras em nenhuma ocasião. Em todos os grupos, os alunos realizaram as tarefas propostas, respeitando a opinião dos colegas.

No que diz respeito à avaliação de competências da turma, todos os alunos conseguiram desenvolver as competências previstas.

Relativamente à auto-avaliação, todos os alunos se avaliaram com a imagem correspondente ao “sim” em todos os itens.

Família

Os alunos trouxeram a ficha de avaliação da actividade da carta/convite preenchida pelos pais, cujos resultados são apresentados no quadro 45 que se segue.

Quadro 45- Resultados da avaliação dos Encarregados de Educação da actividade da carta

O aluno conseguiu:	Sim	Não	Com ajuda
Identificar o seu nome no envelope	4		
Identificar o remetente no envelope	4		
Ler o convite	3		1
Contar, por palavras suas, a actividade desenvolvida na aula que originou o envio da carta	2		2
O aluno necessita de mais tempo para desenvolver com sucesso a actividade		4	

A avaliação da actividade foi: quatro alunos identificaram o seu nome e o remetente; três alunos leram o convite e um fê-lo com ajuda; dois alunos contaram a actividade que originou o envio da carta e dois fizeram-no com ajuda. Segundo os quatro encarregados de educação, os alunos não necessitam de mais tempo para realizar a actividade com sucesso. As reacções dos alunos quando viram a carta foram: “ Tá maluco”, “ muito contente”, “com espanto” e “euforia”.

Esta semana a professora de Educação Especial preparou um *powerpoint* com as fotografias dos alunos durante algumas das actividades realizadas. Projectou o *powerpoint* na aula aos alunos e entregou um *cd* a todos os alunos da turma para que estes partilhassem com os pais e a família o trabalho realizado. Por outro lado, a professora de Educação Especial quis agradecer a todos, incluindo à professora titular de turma, a cooperação e a disponibilidade durante a intervenção. Os alunos recordaram as actividades desenvolvidas com entusiasmo e manifestaram interesse em continuar a desenvolver este tipo de tarefas no próximo ano lectivo. Todos, incluindo a professora titular de turma, agradeceram o trabalho realizado. Juntamente com o *cd* foi entregue uma ficha de opinião acerca do *powerpoint* a preencher pelos encarregados de educação que foi devolvida no dia da entrega das avaliações. Os resultados podem ser analisados no quadro 46 que se segue.

Quadro 46- Resultados da avaliação dos Encarregados de Educação relativamente ao *powerpoint*

O aluno conseguiu:	Sim	Não	Com ajuda
Contar a actividade “Come a sopa, Marta!”	20		
Contar a actividade “ Conto das Mentiras”	17		3
Contar a actividade “Os direitos dos animais”	20		
Contar a actividade “Graffiti criativo”	16		4
Explicar que as actividades foram sempre desenvolvidas em grupo	20		
			
Como avalia a motivação do aluno ao mostrar e explicar as fotografias	20		
Como avalia o trabalho desenvolvido	20		

A avaliação foi: vinte alunos conseguiram contar as actividades “Come a sopa, Marta! “Os direitos dos animais” e explicar que as actividades foram sempre desenvolvidas em grupo. Relativamente à actividade “Conto das Mentiras”, dezassete alunos conseguiram

contá-la e três fizeram-no com ajuda. Quanto à actividade “ Graffiti criativo”, dezasseis alunos contaram e quatro conseguiram contar com ajuda. No que concerne à motivação do aluno ao mostrar e explicar as fotografias, todos os encarregados de educação avaliaram com cor verde e o mesmo acontece quanto à avaliação do trabalho desenvolvido.

Equipa de Apoio

A terapeuta da fala explicou que desenvolveu a intervenção baseada na consciência fonológica, tendo os resultados sido minimamente satisfatórios.

A terapeuta ocupacional leu uma história ao aluno e depois, este teve que organizar a história de acordo com as imagens.

Os intervenientes consideraram que o aluno deverá continuar a usufruir destas terapias no próximo ano lectivo.

Escola

Esta semana realizou-se a exposição de trabalhos na Biblioteca Escolar, a funcionar na EB1 onde desenvolvemos a intervenção, com a participação das escolas do 1º ciclo e do pré-escolar do Agrupamento. Ao longo da semana, as turmas deslocaram-se à Biblioteca Escolar para visitar a exposição que também esteve aberta a toda a comunidade escolar.

A exposição, imagens 44 e 45, manteve-se até ao fim do mês de Junho, altura em que os encarregados de educação se deslocaram à escola para receber as avaliações dos seus educandos.

4.3- Avaliação global

A avaliação global da intervenção foi feita semanalmente pelos diferentes contextos de intervenção. Desta forma, para cada semana de intervenção fez-se uma leitura qualitativa dos resultados conseguidos por contexto de intervenção. De modo a facilitar a leitura dos resultados, optámos por apresentar um quadro síntese para cada contexto de intervenção.

Para o contexto de sala de aula, organizámos um quadro síntese do qual consta o número da sessão, os objectivos gerais, os objectivos específicos, a actividade, as estratégias, o que foi conseguido com a intervenção e as dificuldades encontradas. Depois, realizámos uma avaliação global da intervenção comparando a situação inicial e a situação final, com recurso às técnicas aplicadas nomeadamente a sociometria, a observação de aula e as entrevistas à professora titular de turma e à encarregada de educação.

A nível do contexto escolar, fizemos um quadro do qual constam os objectivos gerais, os objectivos específicos, as estratégias/actividades, o que foi conseguido e as dificuldades encontradas. Em seguida, à semelhança do que aconteceu na análise dos resultados em contexto de sala de aula, apresentámos uma leitura dos resultados.

Na avaliação da intervenção com a família, elaborámos um quadro síntese com as sessões de intervenção, os objectivos, as actividades, o que foi conseguido com a intervenção e as dificuldades encontradas. Posteriormente, analisámos os resultados obtidos.

No contexto da equipa de apoio, apresentámos um quadro síntese dos objectivos trabalhados em cada semana de intervenção e posterior leitura dos resultados.

A avaliação da intervenção na escola foi feita de forma descritiva na qual mencionámos as actividades realizadas e os obstáculos encontrados.

Por fim, concluímos com a avaliação ao nível do processo evidenciando os principais aspectos positivos da intervenção, o que não correu da melhor forma e aspectos a evitar em próximos projectos.

4.3.1- A nível do grupo

Na situação inicial, no grupo-turma, encontrámos como problema o facto dos alunos considerados com NEE's estarem afastados da turma física e pedagogicamente com trabalho baseado em fichas e diferentes das dos restantes colegas. O quadro 47 documenta a síntese do trabalho realizado na turma, para colmatar e ou melhorar as situações consideradas problemáticas.

Quadro 47– Síntese da avaliação do trabalho desenvolvido com o grupo-turma

Sessão nº	Objectivos gerais	Objectivos específicos	Actividade	Estratégias	O que foi conseguido	Dificuldades encontradas
1	- Promover a participação de todos os alunos nas actividades da turma; - Desenvolver a comunicação oral e escrita.	- Interage com os pares em situações de aprendizagens significativas; - Colabora nas tarefas de grupo; - Respeita a opinião dos colegas.	Classificar as palavras quanto à posição da sílaba tónica: palavras agudas, graves e esdrúxulas.	Trabalho de pares	- Desfazer do “subgrupo”; - Aprendizagem com e através dos pares.	- Controlar o comportamento do aluno C5; - Falta de respeito pelas regras de funcionamento da sala de aula.
2	- Promover a participação de todos os alunos nas actividades da turma; - Desenvolver a comunicação oral e escrita.	- Interage com os pares em situações de aprendizagens significativas; - Coopera com os pares; - Colabora nas tarefas de grupo; - Respeita a opinião dos colegas.	Exercício de expressão escrita: “Se eu fosse uma lebre”.	- Leitura e interpretação oral da história; - Trabalho de pares	- Desfazer do “subgrupo”; - Aprendizagem com e através dos pares.	Falta de respeito pelas regras de funcionamento da sala de aula.
3	- Desenvolver competências sociais essenciais ao trabalho cooperativo; - Desenvolver a comunicação oral e escrita.	- Exprime a sua opinião; - Respeita a opinião dos pares.	Avaliar os textos e eleger o texto mais criativo	- Brainstorming - Trabalho de pares	Participação de todos os alunos	Barulho
4	- Desenvolver competências sociais essenciais ao trabalho cooperativo; - Desenvolver a comunicação oral e escrita.	- Interage com os pares em situações de aprendizagens cooperativas; - Respeita as regras de	Exercício de expressão escrita a partir das imagens “Come a sopa Marta!”	Diálogo com os alunos, através de perguntas sobre o	- Participação de todos os alunos; - Aprendizagem com e através dos pares.	O não respeito pelas regras de participação na actividade

	escrita.	participação na • Partilha ideias.		texto; • Aprendizagem cooperativa.		
5	- Desenvolver competências sociais essenciais ao trabalho cooperativo; - Desenvolver a comunicação oral e escrita.	- Interage com os pares em situações de aprendizagens cooperativas; - Respeita as regras de participação na actividade; - Partilha ideias.	“Come a sopa, Marta!": formar palavras; seleccionar ingredientes para a sopa.	- Leitura da história; - Trabalho de grupo.	- Participação de todos os alunos; - Aprendizagem com e através dos pares.	• Barulho
6	- Desenvolver competências sociais essenciais ao trabalho cooperativo; - Desenvolver a comunicação oral e escrita.	- Interage com os pares em situações de aprendizagens cooperativas; - Respeita as regras de participação na actividade; - Partilha ideias.	“Come a sopa, Marta!": elaboração do cartaz de turma	Trabalho de grupo.	• Melhoria das competências sociais.	
7	- Desenvolver competências sociais essenciais ao trabalho cooperativo; - Desenvolver a comunicação oral e escrita.	- Respeita as regras de participação na actividade; - Partilha ideias;	Expressão escrita alusiva ao 25 de Abril	Mesa Redonda	- Melhoria das competências sociais; - Uso do manual escolar por todos os alunos.	• Falta de tempo para escrever a palavra
8	- Desenvolver competências sociais essenciais ao trabalho cooperativo; - Diminuir as situações	- Ajuda os colegas; - Partilha ideias; - Respeita a sua vez; - Escuta os outros;	Realização da ficha de trabalho do manual escolar.	Verificação em pares	- Uso do manual escolar por todos os alunos; - Autonomia dos	• Falta de tempo para concluir a tarefa

	de dependência em relação às professoras; Desenvolver a comunicação oral e escrita.	Respeita a opinião dos outros.			alunos; Melhoria das regras de trabalho de grupo	
9	- Desenvolver competências sociais essenciais ao trabalho cooperativo; - Diminuir as situações de dependência em relação às professoras; - Desenvolver a comunicação oral e escrita.	- Respeita a sua vez; - Escuta os outros; - Fala num tom de voz adequado à actividade; - Participa de forma igual.	Expressão escrita baseada no “Conto das mentiras”	Discussão em rotação	- Cooperação entre os alunos; - Respeito pelas regras da actividade.	Falta de tempo para a leitura da história escrita pelos alunos e para a reflexão dos alunos para a sua própria aprendizagem
10	- Diminuir as situações de dependência em relação às professoras; - Desenvolver a comunicação oral e escrita.	- Ouvir com atenção; - Respeitar diferentes opiniões; - Participar activamente; - Defender posições, criticando as ideias, não as pessoas.	Debate “Defesa dos animais”	Controvérsia criativa	- Cumprimentos pelas regras da actividade; - Autonomia dos alunos; - Expressão oral.	- Dimensão dos grupos de trabalho; - Fraca participação dos alunos C6, C7, A2, C1 e A5 no debate entre os grupos.
11	- Diminuir as situações de dependência em relação às professoras; - Desenvolver a comunicação oral e escrita.	- Entreajuda; - Escuta os pares; - Respeita a opinião dos pares; - Partilha ideias; - Cria um espírito de equipa.	Leitura e expressão escrita baseada no livro “A festa de anos”	- Leitura do texto; - Graffiti cooperativo	- Cumprimentos pelas regras da actividade; - Autonomia dos alunos; - Cooperação entre os alunos.	Tentativa de imposição do aluno A1
12	Trabalhar de forma autónoma;	- Participa activamente; - Ajuda os colegas;	Construção de imagens com as peças de Tangran	Resolver – elogiar/ajudar	Participação de todos os alunos;	

Sandra Catarino - “Com e no grupo, eu consigo aprender”. Uma experiência de aprendizagem cooperativa, numa turma de 3º ano.

	• Desenvolver a comunicação oral e escrita.	• Respeita a opinião dos pares; • Partilha ideias; • Elogia os colegas.		– passar	• Autonomia dos alunos; • Respeito pela opinião dos colegas	
--	---	---	--	----------	--	--

As estratégias definidas assentaram na articulação com o Plano Nacional de Leitura, área privilegiada pela professora titular de turma, como consta do descritivo da quarta semana de intervenção, e de grande interesse por parte dos alunos. Esta articulação permitiu desenvolver áreas como a expressão oral e escrita, consideradas como dificuldades pela professora titular de turma no Projecto Curricular de Turma. As estratégias desenvolvidas foram: trabalho de pares e de grupo, brainstorming, mesa redonda, verificação em pares, discussão em rotação, controvérsia criativa, grafitti cooperativo e resolver – elogiar/ajudar – passar. A partir da sétima sessão as estratégias foram diferentes de sessão para sessão. Até aí conseguiu-se fomentar a aprendizagem com a diversidade e a melhoria das competências sociais. A partir da sétima sessão os ganhos fizeram-se sentir essencialmente na cooperação entre os colegas e na autonomia dos alunos. Os alunos revelaram dificuldade em compreender os procedimentos da discussão em rotação. As estratégias que despertaram mais interesse foram a controvérsia criativa e o grafitti cooperativo. Deveríamos ter desenvolvido mais estratégias com a atribuição de papéis de forma a solicitar uma maior participação de alguns alunos, nomeadamente do aluno C5. Com esta atribuição existe uma menor possibilidade de alguns alunos terem uma atitude passiva e outros, uma atitude dominante no grupo. “Atribuir papéis ao grupo é uma das maneiras mais eficazes de se assegurar de que os membros do grupo trabalham juntos sem se atrapalharem uns aos outros e de forma produtiva” (Lopes & Silva, 2009:24).

Após a análise do quadro 47 atrás apresentado, das técnicas utilizadas (apêndices 16, 19 e 22) e das reflexões realizadas concluímos que a intervenção permitiu a aprendizagem com e através dos pares, o fim da diferenciação pedagógica assente em fichas de trabalho com conteúdos programáticos diferentes dos colegas da turma, limitando-se o seu trabalho apenas a estas fichas, o uso do manual escolar por todos os alunos, promoção da autonomia dos alunos e a melhoria das competências sociais. Acrescentamos ainda a mudança na disposição na sala de aula, em que os alunos considerados com NEE’s deixaram de estar “agrupados” ao fundo da sala afastados dos seus pares, como podemos constatar na observação realizada (apêndice 22) e referido pela professora titular de turma (apêndice 16) e pela encarregada de educação (apêndice 19). Durante as sessões de intervenção estiveram sempre junto com os seus pares e em grupos diferentes ao longo das sessões. A constituição dos grupos de trabalho foi diferente ao longo das sessões, prevalecendo a heterogeneidade de acordo com o

rendimento escolar e as relações interpessoais, como e.g. no descritivo da oitava e nona semana de intervenção.

Inicialmente, um factor que condicionou o sucesso das actividades foi o incumprimento das regras da sala de aula que, no entanto, foi melhorando ao longo das intervenções como podemos verificar nas grelhas de avaliação de competências da turma em que a mancha do sinal + aumentou progressivamente. Destacamos ainda a fraca participação de alguns alunos, e.g. o referido no descritivo da décima sessão e a gestão eficiente do tempo. Verificou-se uma evolução na dinâmica de turma, nomeadamente a nível da definição das estratégias, das reflexões realizadas, do produto e de uma maior autonomia dos alunos. Segundo Lopes e Silva (2009), o clima de cooperação pressupõe uma margem de autonomia para a execução da tarefa e os alunos deverão conseguir exercer essa autonomia. No início da intervenção, promoviam-se actividades para todos os alunos da turma, formavam-se os grupos aos quais era distribuída uma tarefa, sem fixar condições para a tarefa se desenvolver. Ao longo da intervenção, fixaram-se condições de desenvolvimento da tarefa e atribuídos papéis aos alunos. Foi estrategicamente definido um conjunto de regras que os alunos tinham que cumprir o que contribuiu para a melhoria das competências sociais e consequentemente um maior envolvimento e melhor desempenho escolar dos alunos nas tarefas de grupo. Na observação realizada (apêndice 22) foi visível, mesmo não tendo sido definidas regras para o trabalho de grupo, a cooperação por parte dos alunos na tarefa, a solicitação de uns alunos face a outros, o usar o tom de voz adequado à actividade, o respeito pela opinião dos pares. As competências sociais são um dos elementos básicos dos grupos cooperativos, pelo que se torna imprescindível o seu ensino para o sucesso dos grupos.

Também na autoavaliação dos alunos se verificou uma evolução, passando da realização individual para a grupal, sendo esta um elemento básico do processo cooperativo.

Ao longo da intervenção foram trabalhados cinco objectivos gerais desdobrados em catorze objectivos específicos. Progressivamente, todos os alunos conseguiram concretizar os objectivos propostos sendo que o número de registo do sinal + aumentou.

Através da análise da matriz sociométrica das escolhas (apêndice 13) e da matriz sociométrica das rejeições (apêndice 14), verificámos alterações na sociometria. Assim, os totais das reciprocidades nos diferentes critérios aproximaram-se e registou-se o aumento significativo do número de escolhas relativamente ao aluno A1. Ao nível das rejeições,

diminui o número de alunos sem rejeições, acentuaram-se as rejeições dos alunos C5 e B5 e as reciprocidades que existiam deixaram de existir mas, surgiram novas.

4.3.2- A nível do contexto escolar

O trabalho com a professora titular de turma assentou na cooperação da planificação, realização e avaliação de práticas inclusivas de modo a potenciar as mais-valias do grupo-turma respeitando as especificidades de cada um, ajudando a mudar as práticas pedagógicas desenvolvidas na sala de aula. Dos três momentos atrás referidos, demos particular ênfase à planificação de modo a permitir a participação de todos os alunos, por um lado, e por outro a diminuir a necessidade de apoio individualizado como defendido por Booth e Ainscow (2002) contrariamente ao que a professora titular de turma e a encarregada de educação pretendiam quando na situação inicial.

O quadro 48 faz a síntese do trabalho desenvolvido com a professora.

Quadro 48– Síntese da avaliação do trabalho desenvolvido com a professora titular de turma

Objectivos gerais	Objectivos específicos	Estratégias/Actividades	O que foi conseguido	Dificuldades encontradas
Ajudar a mudar as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula, de modo a incluir todos os alunos nas actividades	-Planifica as actividades e estratégias, em conjunto, de acordo com as capacidades dos alunos	Planificação das actividades	- Definir actividades para todo o grupo-turma; tendo em conta as especificidades de cada um e os conteúdos programáticos; - Definir estratégias para todo o grupo-turma tendo em conta as especificidades de cada um e os conteúdos programáticos; - Elaboração de materiais; - Elaboração das grelhas de avaliação; - Receptividade por parte da professora titular de turma a diferentes estratégias cooperativas; - Conhecimento por parte da professora titular de turma das estratégias, dos seus objectivos e vantagens.	Persistência da Professora Titular de Turma em desenvolver actividades relacionadas com a leitura de um livro acompanhada inicialmente de uma ficha de trabalho.
	-Coopera na realização das actividades	Realização das actividades	- Aplicação das estratégias cooperativas; - Gestão dos problemas decorrentes durante	

			as actividades;	
			• Articulação na tomada de decisões.	
	-Identifica aspectos positivos da actividade; -Identifica aspectos negativos da actividade; -Afere se os objectivos propostos foram conseguidos; - Identifica as causas se os objectivos não foram alcançados; - Identifica as estratégias para os conseguir atingir os objectivos se estes não foram alcançados.	Avaliação das actividades	• Cooperação nas avaliações realizadas para cada sessão	

A intervenção com a professor titular de turma teve como ganho a parceria pedagógica na definição, implementação e avaliação de estratégias inclusivas dirigidas a todos os alunos permitindo a sua participação em todas as actividades, mesmo quando a professora titular de turma não o esperava, como consta do descritivo da oitava sessão. Na planificação das actividades, houve uma insistência da professora titular de turma na realização de actividades no âmbito do plano nacional de leitura associadas à escrita, área definida como problemática na entrevista inicial (apêndice 5).

Foi possível mostrar que os alunos podem desenvolver actividades além de fichas de trabalho e sem a presença permanente de um professor, recorrendo-se a estratégias cooperativas. Destacamos ainda a receptividade da professora titular de turma para implementar diferentes estratégias apesar de muitas serem do seu desconhecimento, e.g. a realizada na nona sessão. No entanto, este processo foi gradual tendo existindo uma certa rotina no início da intervenção.

Um outro aspecto a salientar é a repercussão das estratégias inclusivas utilizadas à prática pedagógica da professora, como nos relataram tanto a professora, e.g. no descritivo da sétima sessão, como os alunos, e.g. no descritivo da nona sessão.

Por outro lado, a professora titular de turma verbalizou que esperava que alguns alunos não conseguissem realizar as tarefas propostas, o que não aconteceu, tal como referido no descritivo da oitava sessão.

Uma consequência da intervenção foi o reflexo desta na prática pedagógica da professora titular de turma como consta no descritivo da sétima semana de intervenção, “Eles até já trabalham em grupo com a turma noutras situações”.

4.3.3- A nível da família

Antes da intervenção verificámos uma insatisfação por parte da encarregada de educação face à escola, nomeadamente a falta de apoio dentro da sala de aula, a formação de um subgrupo dentro da sala de aula com os alunos considerados com NEE's e às actividades diferentes desenvolvidas por estes alunos, como foi transmitido na entrevista realizada a 17 de Dezembro de 2009 (apêndice 8).

Assim sendo, os objectivos definidos para a intervenção neste contexto assentaram em chamar os pais a colaborar (Sanches, 2001), mostrando-lhes o trabalho desenvolvido na escola e implicando-os nesse mesmo trabalho.

A intervenção realizada teve diferentes destinatários de acordo com as actividades desenvolvidas. Ou seja, os pais envolvidos na intervenção tanto foram os do aluno desencadeador da nossa intervenção, como os dos restantes alunos considerados com NEE's ou ainda os de toda a turma.

De seguida apresentamos um quadro síntese dos objectivos trabalhados em cada semana de intervenção e posteriormente a respectiva avaliação.

Quadro 49- Quadro síntese do trabalho desenvolvido com a família

Sessão	Objectivos	Destinatário(s)	Actividades	O que foi conseguido	Dificuldades encontradas
1	Acompanha o trabalho desenvolvido na escola	Aluno desencadeador da intervenção	Pergunta o que foi trabalhado em contexto de sala de aula	O aluno contou o que fez na aula, que esteve a trabalhar com um colega da turma na mesma actividade da turma, mostrando-se muito satisfeito	
2	Acompanha o trabalho desenvolvido na escola	- Aluno desencadeador da intervenção - Os alunos considerados com NEE's	- Pergunta o que foi trabalhado em contexto de sala de aula; - Trabalhar o nome completo do aluno, a morada e o número de telefone de contacto	- Valorização da mãe relativamente ao exercício dos dados pessoais; - O aluno memorizou os dados pessoais	
3	- Toma conhecimento da situação escolar - Participa na definição de estratégias e actividades	Aluno desencadeador da intervenção	Reunião com a equipa de apoio	Acompanhamento diário da mãe face à vida escolar do aluno	
4	- Acompanha o trabalho desenvolvido na escola - Realiza e participa na avaliação do trabalho realizado em casa e na escola	Os alunos da turma	- Leitura do livro elaborado pelos alunos; - Avaliação do livro	- Tomada de conhecimento do trabalho realizado; - Participação na avaliação do trabalho	
5	- Acompanha o trabalho desenvolvido na escola - Realiza e participa na avaliação do trabalho realizado em casa e na escola	Os alunos da turma	- Leitura do livro elaborado pelos alunos; - Avaliação do livro	- Tomada de conhecimento do trabalho realizado; - Participação na avaliação do trabalho	
6	Realiza e participa na avaliação do trabalho	Os alunos da turma	Leitura do livro elaborado pelos alunos;	Tomada de conhecimento do	

	- realizado em casa e na escola - Acompanha o trabalho desenvolvido na escola	Os alunos considerados com NEE's	- Avaliação do livro; - Ajuda a memorizar os primeiros quatro meses do ano	- trabalho realizado; - Participação na avaliação do trabalho	
7	- Toma conhecimento da situação escolar - Realiza e participa na avaliação do trabalho realizado em casa e na escola	- Os alunos considerados com NEE's - Os alunos da turma	- Reunião com a equipa de apoio; - Ajuda a memorizar os primeiros oito meses do ano; - Leitura do livro elaborado pelos alunos; - Avaliação do livro	- Feed-back do que os alunos conseguem contar em casa; - Reflexos das aprendizagens realizadas no contexto da intervenção no discurso dos alunos e em situações concretas da vida familiar; - Tomada de conhecimento do trabalho realizado	- Insatisfação da mãe do aluno desencadeador da intervenção por este frequentar o 3ºano de escolaridade face às competências académicas que apresenta; - Desejo da mãe do aluno desencadeador da intervenção em que o aluno C5 não esteja dentro da sala de aula
8	Acompanha o trabalho desenvolvido na escola	- Os alunos considerados com NEE's - Os alunos da turma	- Ajuda a memorizar os primeiros oito meses do ano; - Leitura do livro elaborado pelos alunos;	- O aluno C5 conseguiu sem dificuldade; - O aluno C6 ainda “saltava” alguns meses; - O aluno C7 só não se lembrava do Janeiro, mas depois da professora lhe dizer sabia todos os outros até Dezembro; - O aluno C8 indicou os meses até Agosto sem dificuldade. - Tomada de conhecimento do	

			Avaliação do livro	trabalho realizado	
9	- Acompanha o trabalho desenvolvido na escola - Toma conhecimento da situação escolar	- Os alunos considerados com NEE's; - Aluno desencadeador da intervenção	- Ajuda a memorizar os todos os meses do ano; - Esclarecimento face à mudança de atitudes do aluno em virtude de alteração da medicação	Todos os alunos sabiam os meses do ano;	
10	- Acompanha o trabalho desenvolvido na escola - Realiza e participa na avaliação do trabalho realizado em casa e na escola	Os alunos considerados com NEE's	- Ajuda a memorizar as estações do ano; - Assinala no calendário as actividades do aluno no mês de Maio - Avalia a actividade do calendário	Todos os alunos sabiam as estações do ano;	Os alunos precisavam de mais tempo para realizar, com sucesso, a actividade do calendário
11	- Acompanha o trabalho desenvolvido - Realiza e participa na avaliação do trabalho realizado em casa e na escola	Os alunos considerados com NEE's	- Assinala no calendário as actividades do aluno no mês de Maio - Avalia a actividade do calendário	Os alunos conseguiram realizar a tarefa	
12	Realiza e participa na avaliação do trabalho realizado em casa e na escola	- Os alunos considerados com NEE's; - Os alunos da turma	- Avalia a actividade do convite enviada para casa - Avalia o powerpoint com as fotografias das actividades realizadas durante a actividade	- Os alunos conseguiram realizar as tarefas com sucesso; - Todos os pais avaliaram positivamente o trabalho desenvolvido.	

Os quatro objectivos definidos para a intervenção com a família foram trabalhados dezanove vezes. Aquele que teve maior expressão, oito das dezanove vezes, foi o acompanhamento do trabalho desenvolvido na escola, implicando a encarregada de educação no processo de ensino aprendizagem, como e.g. perguntar o que o aluno fez na escola, os dados pessoais e as estações do ano. Quisemos articular o trabalho feito na escola com o que era solicitado aos pais, se por um lado estes sabiam o que era pedido na aula, por outro acompanhavam-nos nas tarefas escolares e ainda permitiam desenvolver a memória e a expressão oral.

No que diz respeito à tomada de conhecimento da situação escolar do aluno, a intervenção realizou-se em parceria com a equipa de apoio, sendo marcada por reuniões entre a encarregada de educação, a equipa de apoio e a professora de Educação Especial, à excepção do que se aconteceu na nona semana. Nesta semana, o contacto foi feito via telefone, em que foi necessário aferir uma situação relacionada com o comportamento do aluno, a medicação e a falta de informação por parte da encarregada de educação.

Destacamos a intervenção realizada na sétima sessão. Por um lado, num determinado contexto familiar, a encarregada de educação ficou muito contente com o facto do seu educando ter tomado a iniciativa de telefonar ao pai porque já sabia o número do seu telemóvel, objectivo trabalhado em casa e na escola. Do mesmo modo, manifestou o entusiasmo do aluno em trabalhar com os colegas. Mas, por outro lado, a mesma considerou que os seus educandos deveriam estar ainda no 1º ano de escolaridade porque não sabiam ler e escrever correctamente, queixou-se da falta de professores de apoio na sala de aula e deu a entender que o aluno C5 não deveria estar na sala de aula porque o seu comportamento perturbava.

Nas semanas seguintes, a intervenção centrou-se em mostrar à encarregada de educação o trabalho desenvolvido e a situação escolar do aluno de forma a evidenciar os seus progressos e a participação de todos os alunos nas actividades da turma.

Na entrevista do fim da intervenção (apêndice 19), a encarregada de educação mostrou-se satisfeita com o trabalho realizado não só a nível das aprendizagens como da dinâmica da turma, a título de exemplo: “(...) já conseguiram escrever; (...) a nível dos trabalhos de grupo (...) foi muito importante para a ajuda dele; (...) e os outros meninos também os ajudavam.”. Resultado foi também a percepção de que o aluno foi capaz de *fazer*, verbalizada pela encarregada de educação na entrevista (apêndice 19), “ (...) tem evoluído bastante a nível da linguagem, de articulação (...) já conseguiram escrever (...) fazer uma cartinha, que ia muito

bem feita” e pela professora titular de turma, descritivo da oitava sessão: “ (...) não estava à espera que todos o conseguissem fazer”.

O objectivo trabalhado com menos frequência, nomeadamente duas, foi a participação na definição das estratégias e actividades a implementar no contexto da família. Face ao contexto, designadamente a insatisfação da mãe face à escola e o seu desconhecimento do que se faz na escola e do que o seu filho é capaz de fazer, julgámos mais pertinente centrar a intervenção neste domínio. De futuro, a intervenção deveria assentar, então, na planificação das estratégias e das actividades a desenvolver neste contexto, em articulação com o trabalho desenvolvido na escola, de forma a promover a utilidade prática e funcional das aprendizagens.

O envolvimento de todos os pais dos alunos da turma relacionou-se com o facto de mostrar a estes que todos os alunos conseguem aprender com os pares, no grupo - turma, desenvolvendo as mesmas actividades e que todos contribuíram para o produto final.

A avaliação das actividades foi realizada pela encarregada de educação, indo ao encontro do que se pressupõe num projecto de investigação – acção em que a reflexão sistemática deve ser realizadas por todos os intervenientes num processo interactivo e cooperativo (Sanches, 2005). Contudo, julgámos que dever-se-ia ter feito uma avaliação registada mais sistemática do trabalho desenvolvido, por parte da família do aluno desencadeador da nossa intervenção.

Em conclusão, considerámos que os objectivos propostos foram conseguidos uma vez que os pais passaram a ter uma participação mais activa na vida escolar dos seus educandos, envolvendo-se no trabalho desenvolvido com a respectiva avaliação.

4.3.4- A nível da equipa de apoio

A intervenção neste contexto visou a articulação da intervenção com a professora de Educação Especial e com a encarregada de educação, nomeadamente a definição de áreas a trabalhar, e na avaliação do trabalho desenvolvido fomentando a partilha de experiências e saberes (Sanches, 1996). Esta intervenção foi sempre realizada em reuniões, cujos resultados das reuniões da síntese descritiva de cada semana de intervenção.

O quadro que se segue mostra a síntese da intervenção ao nível da equipa de apoio.

Quadro 50– Síntese do trabalho desenvolvido com a equipa de apoio

Sessões Objectivos	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	9ª	10ª	11ª	12ª
Articular intervenção	X							X	X			
Avaliar o trabalho desenvolvido					X	X			X		X	X
Fazer propostas de actuação			X				X			X		

Os três objectivos definidos foram trabalhados onze vezes, com um maior destaque para a avaliação do trabalho desenvolvido.

Pensamos que deveria ter existido uma maior articulação da intervenção entre os diferentes agentes do processo. Tal não aconteceu como inicialmente previsto devido à fraca disponibilidade da equipa, uma vez que tinham poucas horas para o Agrupamento e muitos alunos para atender o que deixava muito pouco tempo para as reuniões. Contudo, as reuniões com a encarregada de educação eram agendadas no seu horário de trabalho pelo que não se realizaram com a pressão do tempo.

Em balanço final, julgamos que toda a equipa tinha conhecimento do trabalho que todos estavam a desenvolver e da evolução do aluno, o que também era transmitido à encarregada de educação. De futuro, a intervenção deveria ter como objectivo principal a cooperação na planificação das estratégias e actividades a realizar nos contextos da família, escola e equipa de apoio de forma de acordo com o perfil de funcionalidade do aluno e com os objectivos definidos para cada contexto.

4.3.5- A nível da Escola

Na Escola a intervenção não decorreu como previsto, nomeadamente com a publicação dos trabalhos realizados no jornal escolar. Como foi referido no descritivo da quinta semana de intervenção, registaram-se problemas com a edição do respectivo jornal. Desta forma, a professora titular de turma, à semelhança de muitos outros docentes do 1º ciclo decidiram não enviar mais documentos para o jornal.

O cartaz elaborado na quinta e sexta semana de intervenção, alusivos à história “Come a sopa, Marta!” e o referente à sétima semana, “A liberdade é...” estiveram afixados na sala de aula.

O trabalho desenvolvido ao longo da intervenção foi sendo dado a conhecer aos restantes colegas nas reuniões de núcleo e em conversas informais, como e.g. o descrito no balanço das actividades das sexta e oitava sessão.

No final do ano lectivo, alguns dos trabalhos realizados pelos alunos no âmbito da intervenção foram expostos na biblioteca escolar.

4.3.6- A nível do processo

Ao nível do processo, parece-nos que os principais triunfos assentam na parceria pedagógica estabelecida com a professora, essencialmente na planificação e avaliação das actividades, no trabalho desenvolvido na sala de aula com todos os alunos que mostrou que é possível aprender com os pares, com o mínimo de apoio individualizado e sem a permanente diferenciação pedagógica exclusiva (que exclui uns alunos em relação ao grupo). Este ambiente de aprendizagem permitiu a melhoria das competências sociais.

Durante a observação da aula no dia 9 de Junho de 2010 (apêndice 22) foi notória a diferença de comportamento e de participação dos alunos durante a tarefa de exploração oral do que é a notícia, participação individual e a tarefa de elaboração da notícia, em grupo, na qual os alunos participaram mais e num tom de voz adequado à actividade, sem perturbarem o seu decorrer, tal como confirmam os registos da descrição de situações e de comportamentos e o testemunho da professora titular de turma.

Contudo, o processo foi marcado por aspectos menos positivos, nomeadamente a demora em definir as estratégias correctas para o grupo no início da intervenção, a rotina das actividades desenvolvidas, o pouco envolvimento dos pais na definição e implementação das estratégias e a fraca articulação com a equipa de apoio.

Quanto à avaliação do projecto, a professora titular de turma considerou que “funcionou muito bem” (apêndice 16). A encarregada de educação mostrou-se satisfeita apesar de ser pouco tempo (apêndice 19).

Reflexões conclusivas

No balanço final deste Trabalho de projecto, desenvolvido na modalidade de investigação - acção, consideramos que os objectivos a que nos propusemos foram conseguidos, proporcionando a socialização das aprendizagens com actividades dirigidas a todo o grupo – turma através de estratégias cooperativas em que os alunos aprendem com e através dos pares e consequentemente, diminuindo a necessidade de apoio individualizado. Existiram dinâmicas interactivas nos pequenos grupos para a contribuição do trabalho final, em que cada um contribuiu com as suas capacidades. O aluno sentiu que o que aprendeu foi útil para o grupo e este percebeu que o aluno pode contribuir para o trabalho do grupo, existindo um enriquecimento não só do aluno como de todo o grupo. Os alunos tiveram um papel activo no processo, rentabilizando o seu desempenho, sendo esta uma das vantagens da investigação – acção no campo educativo. Em simultâneo, todos os intervenientes foram envolvidos e responsabilizados no processo.

Contra a cultura vigente, de que na sala de aula é preciso a homogeneidade do grupo relativamente aos perfis cognitivos para que se consiga uma aprendizagem efectiva e de qualidade, aferimos que a heterogeneidade de níveis cognitivos permitiu aprendizagens significativas através da aprendizagem cooperativa. Esta heterogeneidade tornou-se numa mais valia para a turma.

Na sala de aula, verificámos uma reorganização do espaço físico (apêndices 10 e 21) que se tornou promotora de uma certa igualdade de oportunidades assumida pela Educação Inclusiva. Por outro lado, a sistemática diferenciação pedagógica, assente em fichas de trabalho, que era mais um motivo de exclusão dos alunos considerados com NEE's, foi alterada recorrendo à aprendizagem cooperativa, numa perspectiva de diferenciação pedagógica inclusiva.

A cooperação com a professora titular de turma permitiu modificar práticas, quebrando o seu isolamento na sala de aula, dando-lhe segurança para experienciar novas metodologias, rompendo rotinas, um pequeno passo para a mudança inerente ao processo de inclusão. Cada professor pode contribuir, de acordo com a sua especialidade, para alterar a dinâmica da sala de aula, envolvendo todo o grupo nas aprendizagens e fomentando o equilíbrio social no respeito pelas diferenças.

Desta forma, provámos a eficácia da aprendizagem cooperativa que poderá ser aplicada em situações futuras com os ajustes necessários à sua especificidade.

A acção – reflexão – acção sistemática possibilitou aferir aprendizagens e comportamentos, corrigindo situações de forma a se obterem melhores resultados. Permitiu ainda, a experimentação de outras estratégias, abrindo porta à inovação, ao mesmo tempo que a partir dos interesses e necessidades dos alunos e das próprias professoras em procurar e experimentar outras respostas. A intervenção foi um processo reflexivo contínuo, participativo e sistemático da aprendizagem fundamentando as práticas (Marques & Sarmiento, 2007). Esta acção reflexiva deverá ser uma prática diária do professor que questionará por que se fazem as coisas.

Confirmámos que os princípios de investigação-acção permitem a implementação das práticas inclusivas como defende Arends (1995 cit in Sanches, 2005).

Referências bibliográficas

- Albarelo, L. et al (2005). *Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em Educação*. Porto: Asa Editores.
- American Psychiatric Association (2002). *DSM IV – TR - Manual de diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Barroso, J. (2003). Factores organizacionais da exclusão escolar. In D. Rodrigues (org.), *Perspectivas sobre a inclusão. Da Educação à Sociedade*. Porto: Porto Editora. Colecção Educação Especial.
- Belo, C. et al (2008). Deficiência Intelectual: terminologia e conceptualização. *Revista Diversidades*, 22, 4-8.
- Benavente, A. & Machado, F. (1990). Práticas de mudança e de investigação – Conhecimento e intervenção na escola primária. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 29, 55-80.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Booth, T. & Ainscow, M. (2002). *Index para a inclusão*. Sintra: Cidadãos do Mundo.
- César, M. (2003). A escola inclusiva enquanto espaço-tempo de diálogo de todos para todos. In D. Rodrigues (org.), *Perspectivas sobre a Inclusão. Da Educação à Sociedade*. Porto: Porto Editora. Colecção Educação Especial.
- Correia, L M. (2001). Educação Inclusiva ou educação apropriada. In D. Rodrigues (org.), *Educação e Diferença*. Porto: Porto Editora. Colecção Educação Especial.
- Correia, L. M. (2003). *Educação Especial e Inclusão*. Porto: Porto Editora. Colecção Educação Especial.
- Estrela, A. (1994). *Teoria e prática de observação de classes*. Porto: Porto Editora.
- Leitão, Francisco (2006). Aprendizagem cooperativa, uma estratégia de inclusão. <http://www.grupolusofona.pt/pls/porta1/docs/PAGE/OPECE/INVESTIGACAO/CENTROESTUDOS/ESTUDOSDESPORTO/APRENDIZAGEM%20COOPERATIVA%2C%20UMA%20ESTRAT%20C3%89GIA%20DE%20INCLUS%20C3%83O.PDF> consultado em 27 de Fevereiro de 2010.
- Leitão, Francisco (2007). Aprendizagem cooperativa e inclusão. <http://www.grupolusofona.pt/pls/porta1/docs/PAGE/OPECE/INVESTIGACAO/CENTROESTUDOS/ESTUDOSDESPORTO/APRENDIZAGEM%20COOPERATIVA%20E%20INCLUS%20C3%83O%20%28%20%29.PDF> consultado em 27 de Fevereiro de 2010.

- Lopes, J. & Silva, H. (2009). *A aprendizagem cooperativa na sala de aula*. Porto: Lidel.
- Marchesi, A. (2001). *A prática das escolas inclusivas*. In D. Rodrigues (org.), *Educação e Diferença*. Porto: Porto Editora. Coleção Educação Especial.
- Marques, J. & Sarmiento, T. (2007). *Investigação-acção e construção da cidadania*. *Revista Lusófona de Educação*, 9, 85-102.
- Martins, E.D. (2002), *Dinâmicas de envolvimento da família na vida escolar*. *Actas da III Conferência- Desenvolvimento Comunitário e Saúde Mental - Participação, Empowerment e liderança comunitária*, 225-233.
- Máximo - Esteves, L.M. (2008). *Visão panorâmica da investigação-acção*. Porto: Porto Editora. Coleção Infância.
- Morato, P. (2010). *Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais. A Mudança de Paradigma na Conceção da Deficiência Mental*. Conferência proferida no *III Seminário de Educação Inclusiva*, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Rodrigues, D. (2003). *Perspectivas sobre Inclusão*. Porto: Porto Editora. Coleção Educação Especial.
- Sanches, I. (1996). *Necessidades educativas especiais e apoios e complementos educativos no quotidiano do professor*. Porto: Porto Editora.
- Sanches, I. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Sanches, I. (2005). *Compreender, agir, mudar, incluir. Da investigação – acção à educação inclusiva*, *Revista Lusófona da Educação*, 5, 127-142.
- Sanches, I. & Teodoro, A. (2007). *Procurando indicadores de educação inclusiva: as práticas dos professores de apoio educativo*, *Revista Portuguesa de Educação*, 20 (2), 105-149, Universidade do Minho.
- Santos, S. & Morato, P. (2002). *Comportamento adaptativo*. Porto: Porto Editora. Coleção Educação Especial.
- Unesco (1994). *Declaração de Salamanca, 10 de Junho de 1994 – Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais*

Sandra Catarino - “Com e no grupo, eu consigo aprender”. Uma experiência de aprendizagem cooperativa, numa turma de 3º ano.

Apêndices

Apêndice 1- Ficha de pesquisa documental

Caracterização da situação em que se interveio e dos contextos em que a mesma se insere	
O contexto escolar	
Espaço físico e logístico	“Agrupamento de Escolas (...) abrange os estabelecimentos de educação pré-escolar, 1º, 2º e 3º ciclos do Ensino básico. Corresponde a quatro jardins de infância, quatro escolas do 1º ciclo e uma de 2º e 3º ciclos” (Projecto Educativo: 23).
Recursos humanos	“São 22 os docentes do 1º ciclo e 9 os do pré-escolar. Os auxiliares da acção educativa são 7 no 1º ciclo e 5 no pré-escolar. Quanto às instalações do 1º ciclo e Jardins-de-Infância, todas são de raiz” (Projecto Educativo: 23).
Dinâmica educativa	- “ (...) abertura da iniciativa Novas Oportunidades (...), de 3 cursos EFA” (Projecto Educativo: 15); - “ (...) abertura aos Cursos de Educação e Formação (...)” (Regulamento Interno: 5); - “ (...) cultura totalmente cooperante e reveladora de um empenhamento forte . (...) pondo em prática os direitos de cidadania de cada um e de todos , resultará (...) na diminuição da resistência aos processos de mudança.” (Projecto Educativo: 33); - “Continuar a dar lugar a uma concepção diferente, ligada à associação, valorização e partilha de ideias e, a uma democracia participativa, que promova o envolvimento de todos os actores na definição de práticas pedagógicas de qualidade” (Projecto Educativo: 34); - “ É pois, importante pensar no desenvolvimento de protocolos com outras entidades, umas por imperativo legal (Câmara Municipal, Juntas de Freguesia) e outras, pelo enfoque no papel da sociedade civil, do local e do meio no desenvolvimento da escola (...)” (Projecto Educativo: 35); - “Garantir o direito a uma justa e efectiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares” (Projecto Educativo: 36); - “Promover actividades que apelem à visita dos pais (exposições, colóquios, teatro, festas/noites temáticas) ” (Projecto Educativo: 38); - “Envolver activamente, todos os “actores” no processo educativo” (Projecto Educativo: 40); - “ O Agrupamento tem como objectivos: assegurar a formação geral dos alunos: (...) fomentando a integração dos alunos com necessidades educativas especiais, potenciando as capacidades dos alunos com necessidades educativas especiais, tendo em vista a sua realização pessoal e social (...), promover a interacção Escola/Comunidade: (...) sensibilizando os encarregados de educação e a comunidade para a participação activa no processo educativo” (Regulamento Interno: 7); - Para atingir os seus objectivos, a escola desenvolve estratégias múltiplas: (...) implementação de apoios e complementos educativos, (...) elaboração de protocolos e/ou parcerias com instituições complementares da actividade escolar, facilitação dos contactos entre a escola e a família (...) (Regulamento Interno: 7); - “A escola pode desenvolver parcerias com instituições particulares de solidariedade social, centros de recursos especializados ou outras, sempre que tal seja necessário para o desenvolvimento do ensino especial” (Regulamento Interno: 25); - Diferentes actividades que envolvem toda a comunidade educativa, tais como: comemoração do dia de S. Martinho e participação da Escola na Festa da Vinha e do Vinho, festa de Natal, decoração das árvores de Natal do comércio local, Natal no Lar de Idosos, celebração do Carnaval, feira do livro, comemoração do dia da Criança e comemoração do final do ano lectivo (Plano Anual de Actividades).
Preocupações explícitas para	- “ O número de alunos por turma será estabelecido em função de: a) Alunos do Ensino Especial; b) Alunos com dificuldades de aprendizagem;

dinamização de uma escola de sucesso para todos e com todos	c) Opções de Língua Estrangeira/Educação Tecnológica/ Educação Musical; d) Melhoria do rendimento/integração dos alunos” (Projecto Educativo: 31; Regulamento Interno: 33) - “A educação especial organiza-se segundo modelos diversificados de integração em ambientes de escola inclusiva e integradora, garantindo a utilização de ambientes o menos restritivos possível, desde que dessa integração não resulte qualquer tipo de segregação ou de exclusão da criança ou jovem com necessidades educativas especiais” (Regulamento Interno: 21);
O grupo/a turma	
Caracterização estrutural	20 alunos 5 género feminino 15 género masculino (PCT: 2) - “ (...) tem integrados quatro meninos do regime educativo especial, é por isso que tenho também apoio praticamente a tempo inteiro (...). Depois tirando isso, temos dezasseis, mais dezasseis meninos integrados na turma.” (protocolo da entrevista à professora titular de turma). - “funciona com um despacho autorizador do Director Regional” (lista nominal de alunos)
Caracterização dinâmica educativa	“(…) nível de comportamento não posso dizer que é, são das turmas, da turma pior (...) tem integrados quatro meninos do regime educativo especial, é por isso que tenho também apoio praticamente a tempo inteiro. (...) dentro do normal, da normalidade. Nos dias em que, pronto como tenho apoio praticamente a tempo inteiro atendendo às características da turma, nomeadamente dos meninos do regime educativo especial porque há um menino que em determinados momentos prejudica mesmo o normal funcionamento das actividades. Nos dias em que ou uma das colegas está doente e depois temos o caso da professora Joana que faz substituições constantemente eu com a turma toda e aí é muito difícil trabalhar (...)” (protocolo da entrevista à professora titular de turma). “(…) Ao longo do ano lectivo, foram desenvolvidas diversas actividades em grupo de forma a fomentar o espírito cooperativo da turma, a promover a socialização das aprendizagens e a autonomia” (relatório circunstanciado de avaliação final).
Casos específicos do grupo/da turma	“João Pandeiro, do da Carolina que são os casos mais graves e do Diogo Ganito (...) Diogo Ganito e o João Pandeiro com muitas dificuldades ao nível da linguagem, as quais se vão depôs reflectir depois ao nível da escrita, ” (protocolo da entrevista à professora titular de turma); “Bruno”- hiperactividade do tipo impulsivo e atraso psicomotor , alínea e) currículo específico individual ; “Diogo”- Perturbação da Linguagem de Tipo Expressivo _ Dispraxia Verbal associada a um Défice de Atenção e Concentração, alínea e) currículo específico individual ; “Joaquim”- Deficiência Mental e dificuldades na expressão e comunicação, alínea e) currículo específico individual ; “José”- Deficit cognitivo ligeiro e dificuldades na expressão e comunicação, alíneas a), b) e d). (PCT:4)
História compreensiva do/s aluno/s	- “a avaliação da eficiência intelectual é reveladora de grandes dificuldades que tendem a reflectir-se na sua adaptação às exigências escolares. Apresenta ainda uma irrequietude motora e dificuldades ao nível da concentração e mobilização da atenção (...)”(relatório psicológico datado de 7 de Julho de 2009); - “atraso significativo na aprendizagem da leitura e escrita” (relatório da terapeuta da fala datado de Maio de 2009); -“Deficiência Mental Moderada e atraso importante do seu desenvolvimento, com irrequietude marcada e acentuada dificuldade na manutenção da atenção” (relatório clínico datado de 3 de Novembro de 2008); -“atraso significativo do seu desenvolvimento, com compromisso intelectual e psicomotor importante”(relatório médico recebido em 19 de Setembro de 2008) ; -“Atraso de Desenvolvimento da Linguagem, patente nas 4 áreas linguísticas(...)

	(relatório da terapeuta da fala de 19 de Setembro de 2008); - “Atraso a nível do desenvolvimento psicomotor mais evidentes a nível da linguagem, sobretudo expressiva. (...) valores abaixo do esperado sobretudo na área da Audição/Fala e Raciocínio Prático (...) Atraso do Desenvolvimento da Linguagem do tipo misto (compreensão e expressão)” (relatório médico datado de 27 de Maio de 2008); - “diagnóstico de Atraso de Desenvolvimento da Linguagem (ADL)” (relatório da terapeuta da fala de 12 de Maio de 2008); - “De início, a família tinha grandes expectativas em relação ao aluno, no entanto, tem vindo a aperceber-se gradualmente das grandes dificuldades que lhe são inerentes, cooperando de uma forma mais eficaz” (PEI: 4); . - “No contexto sócio-familiar e, em virtude da ocupação profissional dos pais, o apoio prestado ao aluno era nulo, o que contribuiu para a falta de responsabilização e autonomia do aluno.” (PEI: 2); - “Durante o 3º período notou-se uma grande preocupação por parte dos pais, procurando respostas para as dificuldades do...” (relatório pedagógico de final de ano lectivo 2007/2008).
Caracterização do percurso escolar	-“O "Joaquim" entrou pela primeira vez para o Jardim de Infância da Santa Casa da Misericórdia deno ano lectivo 2004/2005 com o seu irmão gémeo. Foi apoiado pela Equipa de Intervenção Precoce nos anos lectivos 2005/206 e 2006/2007 por apresentar um atraso de desenvolvimento global e perturbações da linguagem e fala. No ano lectivo 2007/2008 ingressou no 1º Ciclo tendo beneficiado de um Plano de Recuperação, uma vez que logo no início das suas aprendizagens se distanciava do grande grupo, muito significativamente. Beneficiou de apoio por parte de um professor de apoio educativo que contribuiu para o desenvolvimento de algumas competências cognitivas. (...) No início do ano a família revelava expectativas elevadas em relação ao Joaquim, não aceitando os conselhos da educadora e da psicóloga para que o aluno ficasse mais um ano no Jardim de Infância, devido à sua grande imaturidade. (...) Durante o ano lectivo 2008/2009 beneficiou de apoio educativo 20 horas semanais, sempre que não havia substituições para fazer por parte da professora de apoio. Foi também acompanhado, semanalmente, cerca de 40 minutos em sessões de terapia de fala. Continua a ser seguido nas consultas de desenvolvimento no Hospital D. Estefânia” (PEI: 2); -No presente ano lectivo “o aluno está a ser reavaliado em psicologia e vai iniciar sessões de terapia da fala e terapia ocupacional, na escola, pela Equipa do Centro de Recursos para a Inclusão da A.P.P.A.C.D.M.” (relatório de avaliação do 1º período) e “apoio praticamente a tempo inteiro” (protocolo da entrevista à professora titular de turma)
Nível actual de competências	“ (...) lê e escreve pequenas frases com alguma ajuda ” (relatório de avaliação do 1º período). O aluno está mais empenhado nas tarefas que desenvolve, mais responsável e com maior capacidade de organização dos materiais. Na área de Expressão Plástica tem vindo a realizar alguns progressos, notando-se evolução na pintura e nas actividades de corte. (Fichas de observação da professora

Apêndice 2-1ª Matriz sociométrica - Escolhas

		Sexo masculino														Sexo feminino						N.º de escolhas	N.º de indivíduos escolhidos
		C3	A1	C5	B5	B6	C1	A3	A5	C7	C8	B7	C4	B6	B4	B3	B1	C2	A4	A2	B2		
Sexo masculino	C3		020						300			003	111	232								9	5
	A1	003											331	222			110					9	4
	C5																						
	B5	010						300	130			220				001	002		003			9	7
	B6						300	003	200	100		030			010			020	002		001	9	9
	C1	010							003			300	121	232								9	5
	A3								020			111		030							202	9	5
	A5	010	020		100		030	200				002	001	003			300					9	9
	C7				002						001	200	310					123			030	9	6
	C8				020						012					100		300				9	6
	B7																					9	3
Sexo feminino	C4	202					300	020				033		101	010							9	6
	B6	302	233									020	111									9	4
	B4		322						030			103		211								9	4
	B3								003				120	010			231				302	9	5
	B1		200					300	020							003		030	002		111	9	7
	C2															333	112				221	9	3
	A4							020	030	003		300				010	102			200	001	9	8
	A2																						
	B2							003								232	111	320				9	4
	Totais por Critério	233	342	000	101	010	210	433	352	112	001	655	777	788	020	334	746	341	003	100	436		
	Totais combinados	8	9	0	2	1	3	10	10	4	1	16	21	23	2	10	17	8	3	1	13	162	
	N.º de indivíduos por quem cada um é escolhido	6	5	0	2	1	3	8	9	3	1	11	9	10	2	6	8	5	3	1	7		

Legenda	1º critério – situação de classe	2º critério – situação de trabalho	3º critério – situação de recreio
---------	----------------------------------	------------------------------------	-----------------------------------

Apêndice 3 - 1ª Matriz sociométrica – Rejeições

Sexo masculino												Sexo feminino																					
												C3	A1	C5	B5	B6	C1	A3	A5	C7	C8	B7	C4	B6	B4	B3	B1	C2	A4	A2	B2	N.º de escolhas	N.º de indivíduos escolhidos
Sexo masculino	C3				100			001																			010			3	3		
	A1				101																					010				3	2		
	C5																																
	B5																																
	B6		010	100																													
	C1	001	100																														
	A3		100																														
	A5																																
	C7			100																													
	C8			111																													
	B7			010																													
Sexo feminino	C4				100																												
	B6				010																												
	B4				010																												
	B3				001																												
	B1																																
	C2																																
	A4				100																												
	A2																																
	B2																																
Totais por Critério	001	210	321	422	001	002	002	000	000	000	000	000	000	211	001	000	111	172	534	010													
Totais combinados	1	3	6	8	1	2	2	0	0	0	0	0	0	4	1	0	3	10	12	1													
N.º de indivíduos por quem cada um é escolhido	1	3	4	7	1	2	2	0	0	0	0	0	0	4	1	0	3	9	5	1													

Legenda	1º critério – situação de classe	2º critério – situação de trabalho	3.º critério – situação de recreio
---------	----------------------------------	------------------------------------	------------------------------------

Apêndice 4-1º Guião de entrevista Professora titular de turma

Temática: Situação educativa da Turma

Objectivos da entrevista

- Recolher informação para caracterizar o entrevistado.
- Recolher informação para caracterizar a turma e sua inserção no contexto escolar.
- Recolher informação para caracterizar os casos emergentes da turma.
- Recolher informação para caracterizar o caso concreto do “Joaquim”.
- Recolher informação para fazer o levantamento de estratégias e actividades que tenham resultado bem.
- Implicar o entrevistado no desenvolvimento do processo de investigação-acção em curso.

Entrevistado: Professora titular de turma

Data: 9 de Dezembro de 2009

Bloco A Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	- Conseguir que a entrevista se torne necessária, oportuna e pertinente - Motivar o entrevistado - Garantir confidencialidade	- Apresentação entrevistador/entrevistado - Motivos da entrevista - Objectivos	- Entrevista semi-directiva - Usar linguagem apelativa e adaptada ao entrevistado - Tratar o entrevistado com delicadeza e recebê-lo num local aprazível - Pedir para gravar a entrevista
Bloco B Perfil do entrevistado	Caracterizar o entrevistado	- Idade - Habilitações académicas e profissionais - N.º filhos - Experiência profissional - Experiência profissional com alunos incluídos no Regime Educativo Especial - Formação na área da Educação Especial	- Estar atento às reacções do entrevistado e anotá-las por escrito - Mostrar disponibilidade e abertura para a compreensão das situações apresentadas
Bloco C Perfil da Turma	- Caracterizar a turma em termos sócio-escolares - Fazer o levantamento de representações e expectativas, em relação à turma	- Dados estruturais - Enquadramento sócio-escolar - Aprendizagem - Comportamento - Expectativas	Ter atenção aos comportamentos não verbais denunciadores de certas reacções ao discurso do entrevistado
Bloco D Casos emergentes da Turma	- Fazer a listagem dos casos emergentes da turma - Caracterizar, individualmente, os	- Nº de casos emergentes - Dados pessoais e sócio-escolares	Prestar atenção ao posicionamento da professora em relação aos alunos que destaca do

	alunos que sobressaem do conjunto da turma		conjunto da turma
Bloco E O caso emergente	• Caracterizar o caso emergente • Conhecer a opinião da professora sobre a inclusão do aluno na turma • Caracterizar a interacção existente entre a escola e a família	• Enquadramento familiar • Percurso escolar: aspectos positivos e aspectos negativos • Situação actual a nível de aprendizagem e inclusão na turma • Avaliação das respostas educativas que estão a ser implementadas • Resposta da família às solicitações da escola • Colaboração/continuidade do trabalho desenvolvido na escola	• Estar atento às reacções do entrevistado e anotá-las por escrito
Bloco F Estratégias eficazes implementadas/a implementar	• Fazer o levantamento de estratégias possíveis para actuação • Pedir a colaboração para o desenvolvimento do projecto	• Objectivos a atingir • Estratégias implementadas/a implementar	• Mostrar disponibilidade e vontade de ajudar a concretizar as soluções encontradas
Bloco G Dados complementares	• Dar oportunidade ao entrevistado para abordar outros assuntos pertinentes e oportunos • Agradecer o contributo prestado	• Vivências • Constrangimentos... • Agradecimentos	

Nota: Adaptado de Estrela (1994:343-344)

Apêndice 5 -1º Protocolo de Entrevista – Professora titular de turma

Temática: Situação educativa da Turma

Objectivos da entrevista

- Recolher informação para caracterizar o entrevistado.
- Recolher informação para caracterizar o grupo/a turma e sua inserção no contexto escolar.
- Recolher informação para caracterizar os casos emergentes do grupo/da turma.
- Recolher informação para caracterizar o caso concreto do “Joaquim”.
- Recolher informação para fazer o levantamento de estratégias e actividades que tenham resultado bem.
- Implicar o entrevistado no desenvolvimento do processo de investigação-acção em curso.

Entrevistado: Professora titular de turma

Data: 9 de Dezembro de 2009

PROTOCOLO DA ENTREVISTA À PROFESSORA TITULAR DE TURMA

Entrevistador (E) – Então tal como tínhamos combinado vamos conservar um pouco sobre a tua turma com a qual tens uma boa relação e tens desenvolvido um trabalho muito interessante. Podemos começar por falar um pouco de ti e da tua experiência profissional.

Professora (P) – Portanto, actualmente encontro-me a leccionar esta turma, a turma do 3ºA. Sou natural de Borba, resido em Borba, tenho dois filhotes, sou casada, os meus filhos, um tem oito e outro tem dez. Um deles está a frequentar este estabelecimento de ensino também. Mais... trabalho há, é este o décimo quinto ano de serviço.

E - E tens trabalhado com crianças com necessidades educativas especiais?

P- Sim, algumas. A maior parte delas, lembro-me houve um ano que estive a trabalhar com uma miúda que tinha trissomia 21, outro miúdo. Pronto a maior parte deles é mais dificuldades ao nível cognitivo.

E- E já fizeste alguma formação no âmbito da Educação Especial?

P- Am, estive, am, tinha, tive uma formação sobre dislexia, mas essa foi só um dia, tive outra no, o título era, salvo erro, no rumo de uma escola inclusiva, tive outra também, que também acabámos por abordar meninos com necessidades educativas especiais, regime educativo especial, que era o tema daquela formação penso que era a Escola e a Família, mais ou menos. Pronto, agora ultimamente temos feito mais no âmbito da Língua Portuguesa. Mas pronto, sempre que surgem esse tipo de acções de formação também gosto de frequentar até para nós nos actualizarmos em termos de ter conhecimentos e adquirir às vezes e saber mais alguma coisa relativamente às dificuldades destas crianças e à forma como trabalhamos com eles, não é? Uma vez que estão inseridas nesta turma.

E- E como é esta turma?

P- Esta turma, pronto a nível de comportamento não posso dizer que é, são das turmas, da turma pior. São meninos um pouco tagarelas mas normalmente acatam com naturalidade quando repreendemos, quando lhe chamamos a atenção, acatam com naturalidade, acatam com naturalidade o que se lhe diz. Relativamente, pronto, tem integrados quatro meninos do regime educativo especial, é por isso que tenho também apoio praticamente a tempo inteiro, duas colegas, uma és tu e a outra é a colega Joana. Depois tirando isso, temos dezasseis, mais dezasseis meninos integrados na turma. Estas crianças, portanto, as dificuldades delas centram-se mais ao nível de área língua portuguesa e da matemática. Ao nível do cálculo mental, na matemática, na parte da língua portuguesa mais ao nível, portanto, essencialmente mais ao nível da expressão escrita, muitas dificuldades ao nível da ortografia.

E- Quais são os alunos que se destacam na turma?

P- Pela positiva?

E- Sim.

P- Pela positiva, temos o caso do Bernardo, o Miguel, o Manuel e o Afonso também são bons alunos. Am... essencialmente esses.

E- E casos, digamos, mais complicados?

P- Casos mais complicados, portanto meninos dentro do regime educativo especial temos o, pronto ...eu no início, atendendo ao que li dos programas deles do ano passado, vinha na expectativa deles até terem adquirido e apreendido mais conhecimentos, só que entretanto, entretanto meteram-se as férias e eles

esqueceram muito, houve muito retrocesso nas aprendizagens deles, de maneira a que tivemos que voltar um pouco atrás em relação ao que já tinham aprendido. Depois dos outros meninos temos também meninos com dificuldades, e que tem manifestado dificuldades ao nível da apreensão ao nível da apreensão e da aplicação de conhecimentos.

E- Como e.g.?

P- O caso, e.g., do João, do João Pandeiro, do da Carolina que são os casos mais graves e do Diogo Ganito. Inclusivamente, eles, já fiz um relatório, porque são crianças, dois deles, o Diogo Ganito e o João Pandeiro com muitas dificuldades ao nível da linguagem, as quais se vão depôs reflectir depois ao nível da escrita, né? Então, fiz um relatório, foi elaborado um relatório que já dei conhecimento à equipa, pedi autorização aos pais a ver se eles poderiam beneficiar de observação ao nível da terapia da fala.

E- Como é o Joaquim? Vamos chamar-lhe assim, um nome fictício.

P- O Joaquim é uma criança com imensas dificuldades ao nível da atenção, concentração. A nível da memória tem também muitas dificuldades em memorizar, esquece com muita, muita facilidade, o que hoje aprende, amanhã já esqueceu. Temos que batalhar na mesma tecla constantemente inclusivamente ao nível das, das letras trabalhadas esqueceu muitas. Precisa de um apoio individualizado constantemente, tem uma auto-estima muito baixa, precisa constantemente de lhe, de ser apoiado, de se dar reforços para ele conseguir terminar as actividades com mais sucesso, digamos assim.

E- De que forma é que os pais têm conhecimento do que se passa na escola?

P- De todos os meninos ou do regime, dos alunos do regime educativo especial? De todos?

E- Neste caso do nosso aluno, o “Joaquim”.

P- Faço reuniões sempre que entendo, não é. Além dessas reuniões, temos as reuniões por período que normalmente os pais vêm à escola, recebem as avaliações, fala-se do percurso escolar de cada criança, não é. Depois sempre que haja necessidade, que eu queira falar com o pai, com a mãe ou com o encarregado de educação telefono, mando um recado na caderneta e eles são muito receptivos nesse sentido.

E- De uma forma geral, como é que decorrem as aulas?

P- Com natu, dentro do normal, da normalidade. Nos dias em que, pronto como tenho apoio praticamente a tempo inteiro atendendo às características da turma, nomeadamente dos meninos do regime educativo especial porque há um menino que em determinados momentos prejudica mesmo o normal funcionamento das actividades. Nos dias em que ou uma das colegas está doente e depois temos o caso da professora Joana que faz substituições constantemente eu com a turma toda e aí é muito difícil trabalhar porque tento atender, sei que há colegas que às vezes dão-lhe um desenho para pintar e eu não desse tipo, não sou melhor do que ninguém, mas, pronto, tento que eles não estejam sem fazer nada, então tento acudir a todos o que é muito complicado e extremamente cansativo nesses dias.

E- Como são geridos os conflitos na turma?

P- Os conflitos, portanto, nós temos trabalhado muito essa parte ao nível da Formação Cívica e sempre que haja necessidade, eles são repreendidos. Já temos feito actividades lúdicas nesse sentido, de forma, porque há meninos que, por vezes, são rejeitados na turma e mesmo assim notam-se situações de conflito entre pares ou no grupo e tentamos sempre, repreendo-os sempre que possível de forma a colmatar essa situação.

E- Na tua opinião, o que se pode fazer para responder de forma mais adequada à situação do “Joaquim”?

P- É assim, o “Joaquim”, tal como os outros meninos do regime educativo especial, sempre que possível, estão integrados nas actividades programadas para o grupo, pronto. Depois, é de acordo com as capacidades e com as aptidões dele, de acordo com as indicações também do programa elaborado para ele, eu acho que é proporcionar-lhe o máximo de actividades diversificadas e de actividades promotoras de sucesso atendendo às capacidades dele. Eu acho que é essa a nossa finalidade enquanto profissionais e como professores.

E- Muito bem, queres acrescentar mais alguma coisa.

P- Não e tu queres fazer mais alguma pergunta.

E- Por agora não. Obrigada pela disponibilidade e pela colaboração e para depois fazermos a intervenção com a turma.

P- Obrigada, estou sempre à disposição.

E- Obrigada.

Apêndice 6— 1ª Grelha de análise do conteúdo – Entrevista Professora titular de turma

Categorias	Subcategorias	Unidades de registo
Perfil da professora	Habilitações académicas e profissionais	“(…) trabalho há, é este o décimo quinto ano de serviço”.
	Experiência profissional com alunos incluídos no Regime Educativo Especial	“(…) houve um ano que estive a trabalhar com uma miúda que tinha trissomia 21, outro miúdo. Pronto a maior parte deles é mais dificuldades ao nível cognitivo”.
	Formação na área da Educação Especial	“(…) tive uma formação sobre dislexia (...), tive outra no, o título era, salvo erro, no rumo de uma escola inclusiva, tive outra também, que também acabámos por abordar meninos com necessidades educativas especiais, regime educativo especial, que era o tema daquela formação penso que era a Escola e a Família (...)”
Perfil da Turma	Dados estruturais	“(…) tem integrados quatro meninos do regime educativo especial (...), temos dezasseis, mais dezasseis meninos integrados na turma.”
	Aprendizagem	“(…) as dificuldades delas centram-se mais ao nível de área língua portuguesa e da matemática. Ao nível do cálculo mental, na matemática, na parte da língua portuguesa mais ao nível, portanto, essencialmente mais ao nível da expressão escrita, muitas dificuldades ao nível da ortografia.”
	Comportamento	“São meninos um pouco tagarelas mas normalmente acatam com naturalidade quando repreendemos (...)” “(…) sempre que haja necessidade, eles são repreendidos.” “(…) há meninos que, por vezes, são rejeitados na turma e mesmo assim notam-se situações de conflito entre pares ou no grupo (...)” “(…) meninos do regime educativo especial porque há um menino que em determinados momentos prejudica mesmo o normal funcionamento das actividades.”
Casos emergentes da Turma	Nº de casos emergentes	“(…) portanto meninos dentro do regime educativo especial temos o, [não indica nenhum aluno, considerando os quatro] “Depois dos outros meninos temos (...) o caso, e.g., do João, do João Pandeiro, do da Carolina que são os casos mais graves e do Diogo Ganito.”
	Características	“[os alunos do regime educativo especial] meteram-se as férias e eles esqueceram muito, houve muito retrocesso nas aprendizagens deles, de maneira a que tivemos que voltar um pouco atrás em relação ao que já tinham aprendido. Depois dos outros meninos temos também meninos com dificuldades, e que tem manifestado dificuldades ao nível da apreensão ao nível da apreensão e da aplicação de conhecimentos. (...) dois deles, o Diogo Ganito e o João Pandeiro com muitas dificuldades ao nível da linguagem, as quais se vão depois reflectir depois ao nível da escrita (...)”
O caso emergente	Situação actual a nível de aprendizagem e inclusão na turma	“(…) imensas dificuldades ao nível da atenção, concentração (...) muitas dificuldades em memorizar, esquece com muita, muita facilidade, o que hoje aprende, amanhã já esqueceu. (...) tem uma auto-estima muito baixa.”
	Avaliação das respostas educativas que estão a ser implementadas	“Temos que batalhar na mesma tecla constantemente inclusivamente ao nível das, das letras trabalhadas esqueceu muitas.”

	Resposta da família às solicitações da escola	“Faço reuniões sempre que entendo, não é. Além dessas reuniões, temos as reuniões por período que normalmente os pais vêm à escola, recebem as avaliações, fala-se do percurso escolar de cada criança, não é. Depois sempre que haja necessidade, que eu queira falar com o pai, com a mãe ou com o encarregado de educação telefono, mando um recado na caderneta e eles são muito receptivos nesse sentido.”
Estratégias eficazes implementadas/a implementar	Estratégias implementadas	“Temos que batalhar na mesma tecla constantemente inclusivamente ao nível das, das letras trabalhadas esqueceu muitas. Precisa de um apoio individualizado constantemente (...) precisa constantemente de lhe, de ser apoiado, de se dar reforços para ele conseguir terminar as actividades com mais sucesso” “ É assim, o “Joaquim”, tal como os outros meninos do regime educativo especial, sempre que possível, estão integrados nas actividades programadas para o grupo (...)”
	Estratégias a implementar	“ (...) eu acho que é proporcionar-lhe o máximo de actividades diversificadas e de actividades promotoras de sucesso atendendo às capacidades dele.”

Apêndice 7 -1º Guião de entrevista Encarregada de Educação

Temática: Perfil sócio - familiar e educativo do “Joaquim”

Objectivos da entrevista:

- Recolher informação para caracterizar a entrevistada.
- Recolher informação para caracterizar o ambiente sócio - familiar do “Joaquim”.
- Recolher informação para caracterizar o “Joaquim” no ambiente familiar e com adultos e pares.
- Recolher informação para caracterizar o “Joaquim” em termos escolares e educativos e a relação família/escola.
- Implicar a entrevistada no desenvolvimento do processo de investigação-acção em curso.

Entrevistado: Encarregada de educação

Data: 17 de Dezembro de 2009

Bloco A Legitimação da entrevista e motivação da entrevistada	Conseguir que a entrevista se torne necessária, oportuna e pertinente Motivar o entrevistado Garantir confidencialidade	Apresentação entrevistador/entrevistado Motivos da entrevista Objectivos	Entrevista semi-directiva Usar linguagem apelativa e adaptada ao entrevistado Tratar o entrevistado com delicadeza e recebê-lo num local aprazível Pedir para gravar a entrevista
Bloco B Perfil da entrevistada	Caracterizar a entrevistada	Habilitações académicas e profissionais Profissão	Estar atento às reacções do entrevistado e anotá-las por escrito Mostrar disponibilidade e abertura para a compreensão das situações apresentadas
Bloco C Ambiente sócio-familiar	Caracterizar o “Joaquim” em termos sócio-escolares	Nº de elementos no agregado familiar Enquadramento sócio -	Ter atenção aos comportamentos não verbais denunciadores de

		escolar	certas reacções ao discurso do entrevistado
Bloco D O “Joaquim” na família	Caracterizar a relação do “Joaquim” no meio familiar	Aspectos pessoais (quem é o “Joaquim” Desenvolvimento Relação com os familiares próximos Relação dos familiares com o “Joaquim”	Estar atento às reacções do entrevistado e anotá-las por escrito
Bloco E O “Joaquim” na escola	Conhecer a opinião do encarregado de educação sobre a inclusão do aluno na turma Conhecer a opinião do encarregado de educação sobre as medidas educativas implementadas Fazer o levantamento de representações e expectativas, em relação à escola	Situação actual a nível de inclusão na turma Avaliação das respostas educativas que estão a ser implementadas Expectativas próximas (a curto prazo)	
Bloco F Relação Escola/família/Escola	Caracterizar a interacção existente entre a escola e a família Caracterizar a interacção existente entre a família e a escola	Contactos com a escola por iniciativa própria Resposta às solicitações da escola	Mostrar disponibilidade e vontade de ajudar a concretizar as soluções encontradas
Bloco G Dados complementares	Dar oportunidade à entrevistada para abordar outros assuntos pertinentes e oportunos Agradecer o contributo prestado	Vivências Constrangimentos... Agradecimentos	

Nota: Adaptado de Estrela (1994:343-344)

Apêndice 8– 1º Protocolo de Entrevista – Encarregada de Educação

Temática: perfil sócio - familiar e educativo do “Joaquim”

Objectivos da entrevista:

- Recolher informação para caracterizar a entrevistada.
- Recolher informação para caracterizar o ambiente sócio - familiar do “Joaquim”.
- Recolher informação para caracterizar o “Joaquim” no ambiente familiar e com adultos e pares.
- Recolher informação para caracterizar o “Joaquim” em termos escolares e educativos e a relação família/escola.
- Implicar a entrevistada no desenvolvimento do processo de investigação-acção em curso.

Entrevistado: Encarregada de Educação

Data: 17 de Dezembro de 2009

PROTOCOLO DA ENTREVISTA À ENCARREGADA DE EDUCAÇÃO

Entrevistador (E) – Então tal como tínhamos combinado, vamos conversar um pouco sobre a situação educativa do seu filho. Podemos começar por falar um pouco sobre a senhora.

Encarregada de Educação (EE) – Eu de momento, agora estou em casa. Somos empresários, tanto eu como o meu marido, temos duas empresas e agora tou para os apoiar mais, desde que eles nasceram tenho estado sempre mais em casa a apoiá-los no que posso e pronto.

E - E tem mais filhos?

EE - Sim tenho três filhos. Dois incluindo este, o Joaquim.

E - Como é o Joaquim lá em casa?

EE - É um menino meigo, pacato, é muito afectivo, é uma criança além de não brincar muito, anda muito de volta da mãe, é muito pieguinhas, mas é menino meiguinho, pronto não dá grandes trabalhos, mas não é rebelde em questões de andar sempre a pular, a fazer birras, mas é um menino meigo.

E - E dá-se bem com os irmãos?

EE - Dá, depende dos momentos da brincadeira como qualquer criança quando têm um brinquedo que, às vezes, não vêm ou que é novo brigam também tal como outros irmãos quaisquer, mas dão-se bem.

E - Quais são as expectativas que tem para o “Joaquim” até ao final do ano lectivo?

EE - Bem, eu expectativas tinha muitas como mãe, mas isto vou a pouco e pouco derivado à situação dele, por isso está no apoio. Vamos lá ver o que é que vai dar, eu gostava que ele passasse, mas

E - Como tem conhecimento do que se passa aqui na escola?

EE - É ele que chega a casa, lá nisso ele é muito pieguinhas, conta tudo, queixinhas, conta tudo que o mano fez assim, que o mano fez assado porque tão na mesma classe, na mesma sala e então como são gémeos conta tudo, que o Zé se portou mal no recreio ou na sala e quando venho às reuniões.

E - Ele é capaz de transmitir os recados? Se a professora tem um recado ele é capaz de transmitir?

EE - Às vezes, eu digo à professora pa pôr num papel pa na me esquecer.

E - E como acha que nós aqui na escola poderíamos ajudar a aprendizagem do?

EE - Mais estímulo, mais acompanhamento diário, não como tem sido até aqui porque sabe muito bem que as posses financeiras do Estado também são poucas, da Câmara, não sei e que eles deveriam ter mais apoio permanente.

E - Esse mais apoio é o quê, mais uma pessoa sempre com eles ou dar-lhe mais recursos?

EE - Dar-lhe mais recursos e estar mais tempo tanto com a terapeuta ocupacional como com a psicóloga que neste momento está também a trabalhar com ele, penso que a tempo inteiro, não sei, acho que não.

E - É pontual.

EE - Pois, exacto. É estas pequeninas coisas que a gente vê se ele tivesse mais apoio que ele talvez melhorasse porque a gente quando o estima, está a estimulá-lo ele consegue mas é uma coisa lenta, mas vê-se que, pronto, que consegue.

E - E dentro da sala de aula, nós enquanto professores, o que podemos fazer para o ajudar?

EE - Não estar muito tempo com as mesmas actividades, tentar diferenciar as actividades a ver se, pronto lá está, é o tal estímulo que eu já falei à pouco, a ver se, que ele precisa de muito estímulo, o cérebro dele parece que está adormecido, pronto, precisa de muito estímulo, muito ânimo a ver se ele.

E - E o que, que conselhos é que os médicos dão daquilo que se pode fazer na escola? Dão sugestões não é?

EE - Dão sugestões, foi aqui que eu disse à bocado, ter mais a tempo inteiro a terapeuta ocupacional.

E- Para desenvolver outras actividades?

EE- Sim e para variar muito, muito o trabalho deles, não estar pelo menos meia hora, três quartos de hora não mais com os mesmos trabalhos porque depois desinteressam-se, cansam-se principalmente estas crianças com dificuldades.

E- Ele está tomar medicação, não é?

EE- Sim está tomar, agora já não é o Ritalina, de momento não me lembro, derivado àquele problema que lhe apareceu desceu de, porque o Ritalina era muito forte, desceu para outro mais fraco mas de momento não me lembro.

E- E nota que essa medicação também o ajuda?

EE- Noto um bocadinho, mas como ainda é há pouco tempo, relativamente pouco tempo não posso ainda abreviar muito acerca da medicação.

E- E ele fala dos colegas aqui da Escola?

EE- Sim, muito. Fala do Diogo, do Bruno, de todos.

E- E gosta deles?

EE- Sim gosta. Às vezes, o Bruno é um bocadinho chato, tem aqueles problemas que se esquece de tomar o comprimido, mas gosta.

E- E dos outros?

EE- Do Diogo até diz que é o primo dele, porque dá-lhe tudo e ele dá ao Bruno também, ao Diogo.

E- Eles são muito amigos.

EE- São.

E- E dos outros colegas da turma?

EE- Também fala muito deles, tanto que quando há anos, todos dividem os convites, quando é um dá ao outro, quando é o outro dá ao outro, trocam os convites. São todos muito amigos.

E- E fala que dentro da sala trabalha com eles, com os restantes da turma ou só com aquele grupinho?

EE- Não, só aqueles que estão no grupo só dele. É isso havia, que achei que devia mudar mais isso.

E- Trabalhar mais com a turma?

EE- A nível do grupo todo do que só refugiados naqueles quatro porque eles ficam muito activos, muito contentes que fizeram com os outros meninos, que fizeram aquele trabalho, que já estou mais crescido porque fui para a outra classe. Eu noto muito esse ânimo neles, muito.

E- Portanto, em determinadas situações trabalhar mais com o grupo?

EE- Sim, sim não estarem sempre ali refugiados os quatro.

E- O que acha nós poderíamos mudar na Escola, na Escola em si para que o seu filho se sentisse mais feliz ainda?

EE- Pronto, foi isto que eu acabei de dizer. Mudá-lo mais vezes para o pé dos outros grupos, porque não se compreende que numa sala de 3ª ter um menino com livros de 1ª. Ele no princípio sentiu-se rejeitado, vá entre aspas, por causa, derivado aos materiais e essas coisas todas, que ele já tem e não faz. Não faço cópias, nem ditados como os outros meninos, porquê? Eu já sei escrever mas, o Zé também sabe e não faz cópias nem ditados, mãe.

E- Portanto mudar mais as actividades e adequar as estratégias?

EE- Exacto.

E- Quer acrescentar mais alguma coisa?

EE- Sei lá.

E- Mais alguma coisa que possa dizer para que se consiga trabalhar, ajudar mais o seu filho.

EE- Praticamente foi o que eu disse, dentro do possível do que aqui têm já os estão a ajudar, não é. Além de havia de ser mais tempo, pronto, com os terapeutas.

E- Das terapias?

EE- Exacto, porque como ele é um menino muito calmo, muito, como é que eu hei-de dizer, não é fechado. Pronto lá está, precisa de muito, muito estímulo e acho se fosse mais tempo ele conseguia alcançar mais os seus objectivos.

E- Ok, obrigada pela disponibilidade.

EE- De nada, disponha sempre.

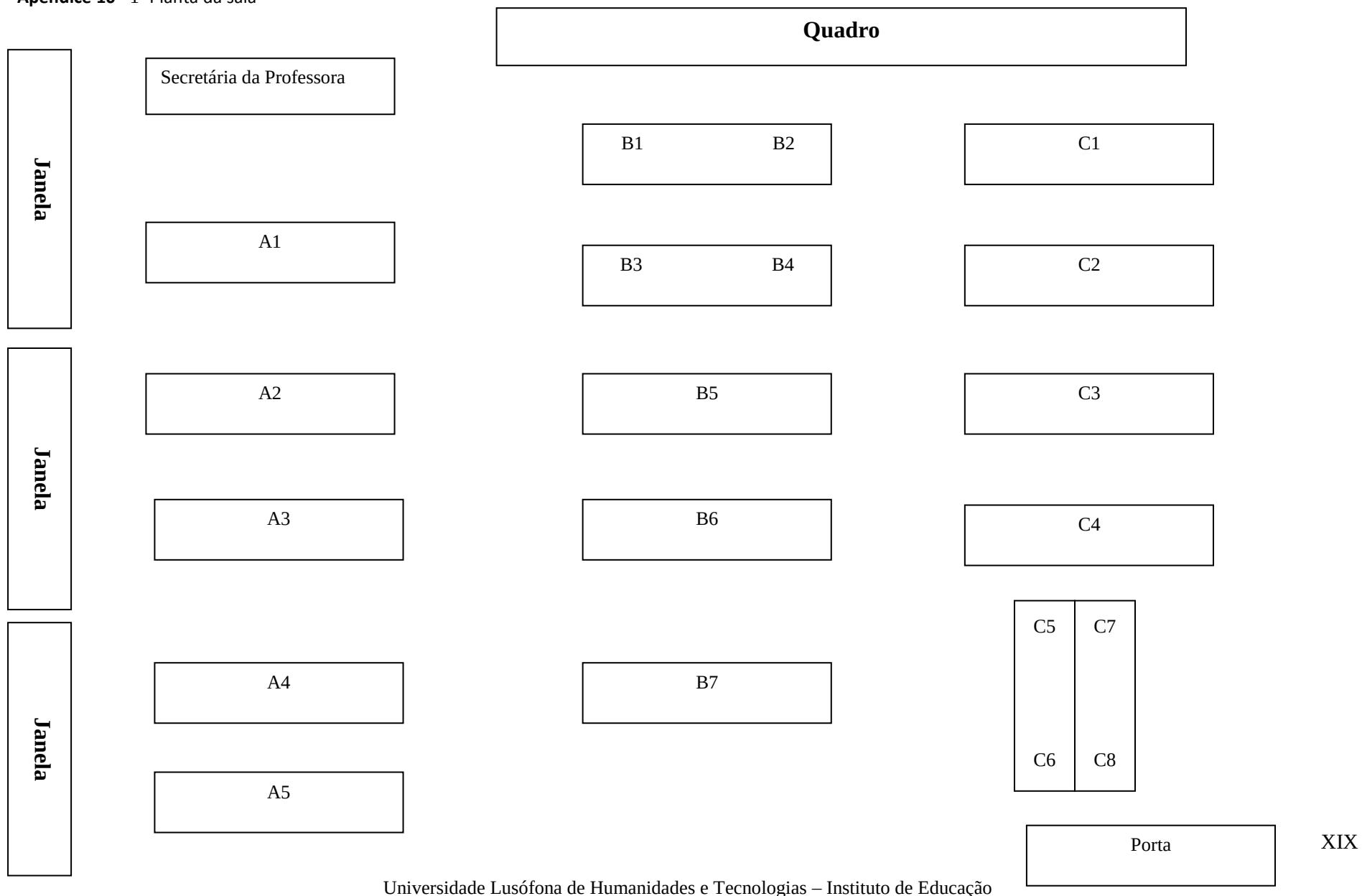
Apêndice 9 – 1ª Grelha de análise do conteúdo – Entrevista à Encarregada de Educação

Categorias	Subcategorias	Unidades de registo
Perfil da entrevistada	Profissão	“(…) agora estou em casa. Somos empresários, tanto eu como o meu marido, temos duas empresas (...)”
Ambiente sócio-familiar	Nº de elementos no agregado familiar	“(…) tenho três filhos (...)”
	Enquadramento sócio -escolar	“(…) agora tou para os apoiar mais, desde que eles nasceram tenho estado sempre mais em casa a apoiar-los no que posso e pronto.”
O “Joaquim” na família	Aspectos pessoais (Quem é o “Joaquim”)	“É um menino meigo, pacato, é muito afectivo, é uma criança além de não brincar muito, anda muito de volta da mãe, é muito pieguinhas, mas é menino meiguinho, pronto não dá grandes trabalhos, mas não é rebelde em questões de andar sempre a pular, a fazer birras, mas é um menino meigo.”
	Desenvolvimento	“(…) ele precisa de muito estímulo, o cérebro dele parece que está adormecido (...)”. “(…) derivado àquele problema que lhe apareceu desceu de, porque o ritalina era muito forte, desceu para outro mais fraco(...)”. “(…) ele é um menino muito calmo, muito, como é que eu hei-de dizer, não é fechado (...)”
	Relação com os familiares próximos	“Dá, depende dos momentos da brincadeira como qualquer criança quando têm um brinquedo que, às vezes, não vêem ou que é novo brigam também tal como outros irmãos quaisquer, mas dão-se bem.” [os irmãos]
	Relação dos familiares com o “Joaquim”	“Dá, depende dos momentos da brincadeira como qualquer criança quando têm um brinquedo que, às vezes, não vêem ou que é novo brigam também tal como outros irmãos quaisquer, mas dão-se bem.” [os irmãos]
O “Joaquim” na escola	Situação actual a nível de inclusão na turma	“(…) tanto que quando há anos, todos dividem os convites, quando é um dá ao outro, quando é o outro dá ao outro, trocam os convites. São todos muito amigos.” [os colegas da turma] [trabalha] “(…) só aqueles que estão no grupo só dele.” “(…) sempre ali refugiados os quatro (...)”. “Ele no princípio sentiu-se rejeitado, vá entre aspas, por causa, derivado aos materiais e essas coisas todas, que ele já tem e não faz.”
	Avaliação das respostas educativas que estão a ser implementadas	“Mais estímulo, mais acompanhamento diário (...)” “Não faço cópias, nem ditados como os outros meninos, porquê?” “(…) dentro do possível do que aqui têm já os estão a ajudar (...)” “Além de havia de ser mais tempo, pronto, com os terapeutas.” “(…) precisa de muito, muito estímulo e acho se fosse mais tempo [de terapias] ele conseguia alcançar mais os seus objectivos.”
	Sugestões para outras respostas	“Dar-lhe mais recursos e estar mais tempo tanto com a terapeuta ocupacional como com a psicóloga (...)” “É estas pequeninas coisas que a gente vê se ele tivesse mais apoio que ele talvez melhorasse porque a gente quando o estima, está a estimulá-lo ele consegue mas é uma coisa lenta, mas vê-se que, pronto, que consegue.” “Não estar muito tempo com as mesmas actividades, tentar diferenciar as actividades (...)” “(…) variar muito, muito o trabalho deles (...)” “Mudá-lo mais vezes para o pé dos outros grupos (...)”

Sandra Catarino - “Com e no grupo, eu consigo aprender”. Uma experiência de aprendizagem cooperativa, numa turma de 3º ano.

	Expectativas próximas (a curto prazo)	“Bem, eu expectativas tinha muitas como mãe, mas isto vai a pouco e pouco derivado à situação dele, por isso está no apoio. Vamos lá ver o que é que vai dar, eu gostava que ele passasse, mas”
Relação Escola/família/Escola	Resposta às solicitações da escola	“ (...) quando venho às reuniões.”

Apêndice 10– 1ª Planta da sala



Sandra Catarino - “Com e no grupo, eu consigo aprender”. Uma experiência de aprendizagem cooperativa, numa turma de 3º ano.

Apêndice 11-1º- Protocolo de Observação Naturalista

Turma: 3ºA

Data: 16 de Dezembro

Duração: 30 minutos

Observadores: recurso à filmagem

Simbologia utilizada:

Professora - P

Alunos – A1,A2, A3, A4, A5, B1, B2, B3, B4, B5, B6, B7, C1, C2, C3, C4, C5, C6, C7 e C8

Actividade: Conto de uma história e exploração oral da mesma.

Objectivos da observação: observar a dinâmica da turma, a postura da professora face ao aluno emergente e a relação dos colegas com este aluno.

Protocolo de observação naturalista			
Hora	Observadores	Descrição de situações e de comportamentos	Notas complementares e inferências
10.00		P , com um livro de histórias aberto nas mãos, motiva os alunos para a leitura durante as férias, propondo que leiam os livros que recebam de prenda de Natal ou com o dinheiro que recebam comprem livros. No regresso às aulas, cada aluno conta, à turma, o livro que leu. C8 mexe nas unhas. B6 volta-se para trás e mexe na mochila. B7 diz: “Eu tenho dez euros.” B4 diz: “Eu também tenho dinheiro.” B7repete: “Eu tenho dez euros.” P diz: “Oçam a regra é (levanta o dedo) para falar.” B5 volta-se para trás e tira uma garrafa de água da mochila. C8 mexe nas unhas. A1 e C3 levantam o braço para intervir. C4 pergunta se é preciso contar o livro todo. C6 brinca com o caderno. Professora esclarece que é contar o que se leu. C5 olha para baixo. B7 diz que quando se conta, não se dizem os pormenores todos. A1 e C3 continuam com o braço levantado, aguardando autorização para intervir. A1 fala, sem autorização, das suas preferências sobre uma colecção de livros, enquanto balança a cadeira.	Todos os alunos ouvem a professora

10.05	A P pede a A1 para se sentar correctamente. C3 continua com o braço levantado. C7 mexe no nariz. A P sensibiliza para a importância da leitura como meio de adquirir vocabulário para posteriormente aplicar nos textos escritos. C3 baixa o braço. C2 levanta-se e dirige-se à secretária de B4 e volta a sentar-se. B4 tenta falar mas a P continua o seu discurso. A4 tenta falar. P alerta para quem quiser falar, tem que levantar o braço. B4 levanta o braço e de imediato começa a contar os livros que tanto ela como a prima tem. A P dirige-se à secretária de B1 e folheia um livro que aí está. C1 levanta o braço, mas baixa-o de seguida. B6 ia falar mas a P faz o gesto para ele levante o dedo. B6 e A3 levantam o braço a fim de participar. B6 volta-se para trás e mexe na mochila. P conta que também tem muitos livros tal como os seus filhos. Conta ainda que o seu filho André já lê à imenso tempo e que quando tem um livro novo, lê-o numa tarde. B7 diz: “Ihhhhh. Professora, eu também tenho muitos livros”. A P diz que devemos ler os livros. A3 diz que lê. C3 diz que quando está cansado de ler os seus livros, lê os da mãe. B5 diz que deu um livro ao Manel e que ele o leu todo. B6 levanta o braço. Professora diz que o filho também lhe ofereceu um livro. C4 diz que o livro era engraçado e conta a história. B4 vira-se para trás. A P dá a palavra a B6. B6 conta que tem uma colecção de livros no quarto. P diz:” A nossa história de hoje e agora não quero mais conversa.” B3 sussurra a B4. A4 quer contar uma história que leu. P dirige-se a A4 e diz-lhe que ela não vai contar a história agora. Dirige-se à turma e diz o título da história. A1 tenta interromper mas a P diz que não quer ser interrompida e que depois vai fazer perguntas. C2 Pergunta se depois vão fazer uma ficha. P responde que sim. B5 limpa a secretária. C2 mexe no estojo dos lápis. P começa a contar história e solicita a participação dos alunos que respondem : “macaco”. C7 tira qualquer coisa do bolso. A4 tira os livros que estão na lateral esquerda da secretária para cima da secretária.	Os alunos começam a mexer-se nos lugares. O aluno ficou muito admirado. Os alunos olham
-------	---	--

	C2 levanta-se para puxar as calças. B5 mexe na mochila. C8 mexe nas unhas. P pede à turma para repetir uma frase do texto. Os alunos repetem a frase. P mostra a imagem ao grupo e depois continua a contar a história. B6 brinca com o estojo dos lápis. C8 mexe nas unhas. C7 olha para C8. C6 levanta-se para ajeitar as calças. B7 brinca com o caderno. C2 guarda os lápis e a cola dentro do estojo. Levanta-se e ajeita as calças. P pergunta: “Sabem o que é terra batida?” Os alunos respondem que sim e B7 diz: “É terra lisa.” P explica o que é e continua a contar a história. C5 levanta-se durante uns instantes. C8 mexe nas unhas. B3 e A2 deitam-se sobre o braço. P continua a contar a história e pergunta à turma: “ele era um bocado quê?” C5 debruça-se para trás, para o colo de C6. B7 diz: “Batoteiro”. B6 responde: “Malcheiroso”. P responde que não. B5 diz: “Mentiroso”. P ajuda os alunos na resposta dizendo: “Com” Os alunos respondem: “Convencido”. P reforça: “Convencido, exactamente.” P desloca-se para o fundo da sala e continua a contar a história. A1 coloca os pés em cima da cadeira. C8 mexe nas unhas. C7 mete as mãos nos bolsos e olha para as cartolinas afixadas atrás de si. P pede aos alunos que repitam umas frases da história. Os alunos repetem as frases depois da P as dizer. C5 repete as frases abanando-se na cadeira. P mostra a imagem do livro à turma. A1 continua com os pés em cima da cadeira e diz que a P não mostrou a outra imagem. P corrige a palavra incorrecta do aluno e diz que mostrou. Os restantes alunos concordam. A P manda sentar correctamente A1. P continua a contar a história. C6 balança-se na cadeira. C8 mexe nas unhas.	para quem está a falar.
10.10		Os alunos ouvem a história.
10.15		Os alunos movimen- tam-se nas cadeiras e

10.20	C7, com as mãos nos bolsos, olha em redor. A P faz uma pergunta à turma. C5 balança-se na cadeira. A1 e A4 respondem. A P continua a falar num tom de voz mais alta à dos alunos. P faz uma pergunta à turma. Os alunos respondem. P continua a contar a história. B6 deixa cair um lápis para o chão e apanha-o de seguida. C6 mexe na mochila. C2 deita-se sobre o braço em cima da mesa. A4 diz qualquer coisa ao que a P responde: “Exactamente”. P continua a contar a história. C5 mexe no cachecol. C8 mexe nas unhas. C5 levanta-se da cadeira. P pede a C5 que se sente. P continua a ler a história. P mostra a imagem do livro. B6 pede para P lhe mostrar e levanta-se da cadeira. B6 senta-se. C4 e A1 levantam-se da cadeira. C4 senta-se. A1 diz:” Professora, aí na capa está um macaco e um peixe-dourado”. P aponta para A1 e diz para se sentar. P fecha o livro para ver a capa. P diz a A1 que se sente. A1 senta-se. B5 balança-se na cadeira. C3 pergunta: “ O que é um pitéu?” P responde. C8 mexe nas unhas. P pergunta: “ O que é que os macacos normalmente comem?”. Os alunos respondem: “Bananas e amendoim.” P continua a contar a história. C5 brinca com o cachecol. C4 levanta-se da cadeira e senta-se logo de seguida. P explica o significado de uma palavra do texto, reforça com: “Certo?”. B7 confirma. Os restantes alunos permanecem calados.	mexem em qualquer coisa que têm em cima da secretária. A P gesticula enquanto conta a história. Os movimentos são exagerados. O aluno está muito entusias-
-------	--	---

10.25	P solicita, gestualmente, que os alunos repitam as frases do texto. Os alunos repetem. C8 mexe nas unhas. P acaba de ler a história. Os alunos começam a falar entre si. P diz: “Agora vou fazer umas perguntinhas” e relembra a regra para responder. P dirige uma pergunta a C6. A3,B4, C2 e C4 levantam o braço. C6 responde incorrectamente. P pergunta a C5 que responde correctamente. P valoriza a resposta de C5. A1, B5 e B7 batem palmas a C5. P fala com C5 acerca da história. C5 abana com a cabeça e responde correctamente à questão. P dirige uma pergunta a A1 que responde de imediato. P faz uma nova questão. B1 levanta o braço. P pergunta a A1. A1 responde à pergunta. P reforça positivamente a resposta e acrescenta mais informação. C3 e A1 dizem que o Homem descende do Homem sapiens sapiens. P diz que não vamos agora de Homem sapiens sapiens e continua o resumo da história. P faz uma pergunta a A2. A2 responde correctamente. B4 baloiça-se na cadeira. A1 estica-se na cadeira. P chama a atenção de A1. P faz uma pergunta à turma. A4 levanta o braço. P solicita a B1 que responda. Este responde e P faz-lhe nova pergunta. B4 levanta o braço. B1 responde. P faz uma outra pergunta a B2. B5 diz que sabe e responde. B3 boceja. P faz uma nova pergunta. C3 levanta o braço. P chama C2 para que este responda. C6 e C8 põem o braço no ar , mas baixam-no de imediato.	mado. A1 diz “amostrou ” em vez de “mostrou” . Os alunos movimen- tam-se nas cadeiras, viram-se de um lado para o outro e mexem em qualquer coisa que têm em cima da mesa.
-------	--	---

	P coloca a mesma pergunta a C8. C3 continua com o braço levantado. P gesticula com as mãos e diz que isso às vezes ela chama às meninas. C3 responde. P diz: “Uma borboleta exactamente.” P pergunta a C4 se ele se lembra onde pousou a borboleta. C5 diz que sabe. C4 responde. P abana a cabeça que não. B6 levanta o braço e balança-se para trás. Os alunos respondem todos ao mesmo tempo. P continua a falar. A4 começa a falar, chamando P que não responde. P faz uma pergunta a A4. C8 levanta o braço. B4, B5 e B6 começam a falar todos ao mesmo tempo. B2 queixa-se a P de B5. P chama a atenção dos alunos para a necessidade de [não conclui a frase]. P vira-se para A4 para que esta responda. A4 responde. P diz: “Muito bem” a A4 e faz-lhe outra pergunta. C5 brinca com o cachecol. A4 responde à pergunta. P continua a falar. A3 acrescenta um pormenor ao resumo de P, que lhe responde: “Muito bem”. Olhando para A3, P faz uma pergunta. A1, B2 e B7 dizem que sabem. C7 levanta o braço. P manda calar e diz que é o A3 a responder. A3 responde. A4 e P acrescentam a resposta. A5 levanta o braço. P continua o resumo da história. C8 levanta o braço. P faz uma pergunta à turma. A1 responde. P responde à pergunta. P continua a falar e faz uma pergunta a B3. A1 põe o braço no ar. B3 responde. P reforça a resposta de B3 prosseguindo o resumo.	Não se percebe o que o aluno diz. Os alunos observam a imagem. O aluno está agitado. B7, C5 e C6
--	---	--

10.30	C8 mexe nos óculos. C5 mexe no cachecol. B6 acrescenta uma informação. P continua a falar. P faz uma pergunta à turma. A3 responde. P diz que isso já tinha sido visto. P repete a pergunta, gesticulando a resposta. B3 e C8 levantam o braço. Os alunos respondem em coro. P continua. C7 brinca com as mãos. P faz um balanço das ideias transmitidas na história. C5 levanta-se da cadeira. C7 puxa a cadeira para a frente. A4 transmite a sua opinião. P informa que vão fazer uma ficha. B5 pergunta: “E então os outros?” P responde que eles também vão fazer um trabalhinho. B5 pergunta: “Sobre isso?” P responde que não têm nada a ver com isso e o que é que acham. C5 continua em pé. P começa a distribuir as fichas a C2, B3 e B4 e diz para escreverem o nome e a data e para pintarem o macaco. C5 senta-se. Os restantes alunos perguntam se não fazem. P pede para esperarem. P escreve a data no quadro. A1 levanta-se para ir pendurar o caso. A4 diz que faz anos no dia 18.	acompanham a repetição com o baloiçar do corpo.
-------	--	---

Apêndice 12-Análise do 1º Protocolo de Observação naturalista

Categorias	Subcategorias	Comportamentos observados
Perfil de actuação da professora	Actividades de ensino aprendizagem	- “P , com um livro de histórias aberto nas mãos, motiva os alunos para a leitura durante as férias (...);” - Professora esclarece que é contar o que se leu; - A P sensibiliza para a importância da leitura como meio de adquirir vocabulário para posteriormente aplicar nos textos escritos; - A P diz que devemos ler os livros; - Dirige-se à turma e diz o título da história; - (...) depois vai fazer perguntas; - P começa a contar história e solicita a participação dos alunos; - P pede à turma para repetir uma frase do texto; - P mostra a imagem ao grupo e depois continua a contar a história; - P pergunta: “Sabem o que é terra batida?” (...) explica o que é e continua a contar a história; - P continua a contar a história e pergunta à turma: “ ele era um bocado quê?”; - P ajuda os alunos na resposta dizendo: “Com”; - P reforça: “Convencido, exactamente.”; - P pede aos alunos que repitam umas frases da história; - P mostra a imagem do livro à turma; - P corrige a palavra incorrecta do aluno; - P continua a contar a história; - A P faz uma pergunta à turma; - P faz uma pergunta à turma; - P continua a contar a história; - P continua a contar a história; - P continua a ler a história; - P mostra a imagem do livro; - P responde; - P pergunta: “ O que é que os macacos normalmente comem?”; - P continua a contar a história; - P explica o significado de uma palavra do texto, reforça com: “Certo?”; - P acaba de ler a história; - P diz: “Agora vou fazer umas perguntinhas”; - P dirige uma pergunta a C6; - P pergunta a C5; - P valoriza a resposta de C5; - P dirige uma pergunta a A1; - P faz uma nova questão; - P pergunta a A1; - P reforça positivamente a resposta e acrescenta mais informação; - (...) continua o resumo da história; - P faz uma pergunta a A2; - P solicita a B1 que responda; - P faz uma pergunta à turma; - P faz-lhe nova pergunta [B1]; - P faz uma outra pergunta a B2; - P faz uma nova pergunta; - P chama C2 para que este responda;

	- P coloca a mesma pergunta a C8; - P diz: “Uma borboleta exactamente.”; - P pergunta a C4 se ele se lembra onde pousou a borboleta; - P continua a falar; - P faz uma pergunta a A4; -P diz:”Muito bem” a A4 e faz-lhe outra pergunta; - P continua a falar; - (...) que lhe responde:”Muito bem” [a A3]; - Olhando para A3, P faz uma pergunta; - P continua o resumo da história; - P faz uma pergunta à turma; -P responde à pergunta; -P continua a falar e faz uma pergunta a B3; -P reforça a resposta de B3 prosseguindo o resumo; -P continua a falar; -P faz uma pergunta à turma; -P diz que isso já tinha sido visto; -P continua; -P faz um balanço das ideias transmitidas na história; - P começa a distribuir as fichas a C2, B3 e B4 e diz para escreverem o nome e a data e para pintarem o macaco; - P escreve a data no quadro.
Controlo de regras na sala de aula	- “Oíçam a regra é (levanta o dedo) para falar.”; - A P pede a A1 para se sentar correctamente; - A4 tenta falar. P alerta para quem quiser falar, tem que levantar o braço; - B6 ia falar mas a P faz o gesto para ele levante o dedo. - P diz:” A nossa história de hoje e agora não quero mais conversa.”; - P dirige-se a A4 e diz-lhe que ela não vai contar a história agora; - A1 tenta interromper mas a P diz que não quer ser interrompida; - A P manda sentar correctamente A1; - P pede a C5 que se sente; - P aponta para A1 e diz para se sentar. - P diz a A1 que se sente; - (...) relembra a regra para responder; - P chama a atenção de A1; - P manda calar e diz que é o A3 a responder; - P chama a atenção dos alunos para a necessidade de [não conclui a frase]; - P manda calar e diz que é o A3 a responder.
Inter-acção com os alunos	- P conta que também tem muitos livros tal como os seus filhos. Conta ainda que o seu filho André já lê à imenso tempo e que quando tem um livro novo, lê-o numa tarde; - Professora diz que o filho também lhe ofereceu um livro; - A P dá a palavra a B6; - P responde que sim; - P responde que não; - P responde: “Exactamente”; - P solicita, gestualmente, que os alunos repitam as frases do texto; - P fala com C5 acerca da história; - P gesticula com as mãos e diz que isso às vezes ela chama às meninas; - P abana a cabeça que não; - P vira-se para A4 para que esta responda;

		- P responde [a B5] que eles também vão fazer um trabalhinho; -P responde [a B5] que não têm nada a ver com isso e o que é que acham.
Perfil de actuação do grupo em sala de aula	Realização das tarefas propostas	(...) respondem: “macaco”; - Os alunos repetem a frase; - Os alunos respondem que sim e B7 diz: “É terra lisa.”; - B7 diz: “Batoteiro”; - B6 responde: “Malcheiroso”; - B5 diz: “ Mentiroso”; - Os alunos respondem: “Convencido”; - Os alunos repetem as frases depois da P as dizer; - C5 repete as frases abanando-se na cadeira; - A1 e A4 respondem; - Os alunos respondem: “Bananas e amendoim.”; - Os alunos repetem; - C6 responde incorrectamente; - [C5] responde correctamente; - [A1] que responde de imediato; - A1 responde à pergunta; - A2 responde correctamente; -[B1] Este responde; - B1 responde; - B5 diz que sabe e responde; - C3 responde; - C4 responde; - Os alunos respondem todos ao mesmo tempo; - A4 responde; - A4 responde à pergunta; - A3 acrescenta um pormenor ao resumo de P (...); - A3 responde; - A4 e P acrescentam a resposta; - A1 responde; - B3 responde; -B6 acrescenta uma informação; -A3 responde; -Os alunos respondem em coro.
	Interação com a professora	- B7 diz: “Eu tenho dez euros.”; - B4 diz: “Eu também tenho dinheiro.”; - B7repete: “Eu tenho dez euros.”; - A1 e C3 levantam o braço para intervir; - C4 pergunta se é preciso contar o livro todo; - B7 diz que quando se conta, não se dizem os pormenores todos; - A1 e C3 continuam com o braço levantado, aguardando autorização para intervir; - A1 fala, sem autorização, das suas preferências sobre uma colecção de livros, enquanto balança a cadeira; - C3 continua com o braço levantado; - C3 baixa o braço; - B4 tenta falar mas a P continua o seu discurso; - B4 levanta o braço e de imediato começa a contar os livros que tanto ela como a prima tem; - B6 e A3 levantam o braço a fim de participar;

	- B6 volta-se para trás e mexe na mochila; - B7 diz: “Ihhhhh. Professora, eu também tenho muitos livros”; - A3 diz que lê; - C3 diz que quando está cansado de ler os seus livros, lê os da mãe; - B6 conta que tem uma colecção de livros no quarto; - C2 pergunta se depois vão fazer uma ficha; - (...) diz que a P não mostrou a outra imagem; - A4 diz qualquer coisa; - A1 diz:” Professora, aí na capa está um macaco e um peixe-dourado”; - C3 pergunta: “ O que é um pitéu?”; - B7 confirma; - A3,B4, C2 e C4 levantam o braço; - C5 abana com a cabeça e responde correctamente à questão; - B1 levanta o braço; - C3 e A1 dizem que o Homem descende do Homem sapiens sapiens; - A4 levanta o braço; - B4 levanta o braço; - C3 levanta o braço; - C6 e C8 põem o braço no ar , mas baixam-no de imediato; - C3 continua com o braço levantado; - C5 diz que sabe; - A4 começa a falar, chamando P que não responde; - C8 levanta o braço; - A1, B2 e B7 dizem que sabem; - C7 levanta o braço; - A5 levanta o braço; - C8 levanta o braço; - A1 põe o braço no ar; - A4 transmite a sua opinião; - B5 pergunta:”E então os outros?” - B5 pergunta: “Sobre isso?”.
Inter-acção com os colegas	- B5 diz que deu um livro ao Manel e que ele o leu todo; - C4 diz que o livro era engraçado e conta a história; - B3 sussurra a B4; - A1, B5 e B7 batem palmas a C5; - B4, B5 e B6 começam a falar todos ao mesmo tempo.
Comportamentos individuais	- C8 mexe nas unhas; - B6 volta-se para trás e mexe na mochila; - B5 volta-se para trás e tira uma garrafa de água da mochila; - C8 mexe nas unhas; - C6 brinca com o caderno; - C5 olha para baixo; - C7 mexe no nariz; - C2 levanta-se e dirige-se à secretária de B4 e volta a sentar-se. - C1 levanta o braço, mas baixa-o de seguida; - B4 vira-se para trás; - B5 limpa a secretária; - C2 mexe no estojo dos lápis; - C7 tira qualquer coisa do bolso; - A4 tira os livros que estão na lateral esquerda da secretária para cima da secretária;

		- C2 levanta-se para puxar as calças; - B5 mexe na mochila; - C8 mexe nas unhas; - B6 brinca com o estojo dos lápis; - C8 mexe nas unhas; - C7 olha para C8; - C6 levanta-se para ajeitar as calças; - B7 brinca com o caderno; - C2 guarda os lápis e a cola dentro do estojo. Levanta-se e ajeita as calças; - C5 levanta-se durante uns instantes; - C8 mexe nas unhas; - B3 e A2 deitam-se sobre o braço; - C5 debruça-se para trás, para o colo de C6; - A1 coloca os pés em cima da cadeira; - C8 mexe nas unhas; - C7 mete as mãos nos bolsos e olha para as cartolinas afixadas atrás de si; - A1 continua com os pés em cima da cadeira (...); - C6 balança-se na cadeira; - C8 mexe nas unhas; - C7, com as mãos nos bolsos, olha em redor; - C5 balança-se na cadeira; - B6 deixa cair um lápis para o chão e apanha-o de seguida; - C6 mexe na mochila; - C2 deita-se sobre o braço em cima da mesa; - C5 mexe no cachecol; - C8 mexe nas unhas; - C5 levanta-se da cadeira; - B6 senta-se; - C4 e A1 levantam-se da cadeira; - C4 senta-se; - A1 senta-se; - B5 balança-se na cadeira; - C8 mexe nas unhas; - C5 brinca com o cachecol; - C4 levanta-se da cadeira e senta-se logo de seguida; - C8 mexe nas unhas; - B4 baloiça-se na cadeira; - A1 estica-se na cadeira; - B3 boceja; - B2 queixa-se a P de B5. - C5 brinca com o cachecol; - C8 mexe nos óculos; - C5 mexe no cachecol; - C5 levanta-se da cadeira; - C7 puxa a cadeira para a frente; - C5 continua em pé; - C5 senta-se; - A1 levanta-se para ir pendurar o caso; - A4 diz que faz anos no dia 18.
--	--	--

Apêndice 13- 2ª Matriz sociométrica – Escolhas

		Sexo masculino														Sexo feminino										N.º de escolhas	N.º de indivíduos escolhidos
		C3	A1	C5	B5	B6	C1	A3	A5	C7	C8	B7	C4	B6	B4	B3	B1	C2	A4	A2	B2						
Sexo masculino	C3		333										111	222								9	3				
	A1	003											112	221	230							9	4				
	C5							020	101			200	112	221	030	002	300		013			9	7				
	B5											020	001	010			002	100		233	300	9	7				
	B6			200			100		001	302	010			030	003		020					9	8				
	C1	220	003										311	132								9	4				
	A3		030		300						200	111		020				003			002	9	7				
	A5		010		200		300					003	021	032	100							9	7				
	C7	030					003	300				111	200	020							002	9	7				
	C8	003								200			311	032								9	5				
	B7												222		330					001		9	4				
	C4	020	302		010		003		100			030		201								9	7				
Sexo feminino	B6	300	221									003	112								030	9	5				
	B4		333										222	111								9	3				
	B3		110										002	021	003		230				300	9	6				
	B1							003					220	030		002				300	111	9	6				
	C2													222		333					111	9	3				
	A4											012	031	203			020	100			300	9	6				
	A2											011		030		303	222	100				9	5				
	B2							001					033			220	112	300				9	5				
Totais por Critério		232	565	100	210	000	201	124	412	201	110	366	9-11-12	7-14-10	332	324	453	301	111	212	534						
Totais combinados		7	16	1	3	0	3	7	7	3	2	15	42	41	8	9	12	4	3	5	12	200					
N.º de indivíduos por quem cada um é escolhido		6	8	1	3	0	3	5	5	2	2	9	14	16	6	5	7	4	2	3	8						

Legenda	1º critério – situação de classe	2º critério – situação de trabalho	3.º critério – situação de recreio
---------	----------------------------------	------------------------------------	------------------------------------

Apêndice 14-2ª Matriz sociométrica – Rejeições

		Sexo masculino														Sexo feminino						N.º de escolhas	N.º de indivíduos escolhidos
		C3	A1	C5	B5	B6	C1	A3	A5	C7	C8	B7	C4	B6	B4	B3	B1	C2	A4	A2	B2		
Sexo masculino	C3																			111		9	1
	A1				101			010														9	2
	C5				101	010																9	2
	B5															001			010			9	3
	B6		001					100											001		100	9	3
	C1							111														9	1
	A3																					9	1
	A5			111																		9	1
	C7				111																	9	1
	C8			100	010														001			9	3
	B7				100					001								010				9	3
	C4						010															9	3
	B6			010		100					001							001	100			9	3
	B4				010														101			9	2
Sexo feminino	B3			010	101																	9	2
	B1			110																		9	2
	C2			001																		9	2
	A4			010																		9	3
	A2			110																			2
	B2				001														100	010		9	3
Totais por Critério		000	001	462	535	111	210	221	000	002	001	000	112	000	000	001	001	110	213	121	100		
Totais combinados		0	1	12	13	3	3	5	0	2	1	0	4	0	0	1	1	2	6	4	1	59	
N.º de indivíduos por quem cada um é escolhido		0	1	8	8	3	3	3	0	2	1	0	2	0	0	1	1	2	5	2	1		

Legenda	1º critério – situação de classe	2º critério – situação de trabalho	3.º critério – situação de recreio
---------	----------------------------------	------------------------------------	------------------------------------

Apêndice 15- 2º Guião de entrevista à Professora Titular de Turma

Temática: Situação educativa da Turma X

Objectivos da entrevista

- Recolher informação para fazer o levantamento de estratégias e actividades que tenham resultado bem;
- Recolher informação para caracterizar as mudanças no grupo/ turma decorrentes do processo de investigação-acção;
- Recolher informação para caracterizar os progressos dos alunos emergentes;
- Recolher informação para fazer o levantamento das mudanças registadas na prática lectiva do entrevistado;
- Recolher informação sobre os reflexos do trabalho desenvolvido na comunidade escolar;
- Agradecer ao entrevistado a sua cooperação no processo de investigação-acção em curso.

Entrevistado: Professora da turma

Data: 17 de Junho de 2010

Designação dos blocos	Objectivos específicos	Tópicos	Observações
Bloco A Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	• Conseguir que a entrevista se torne necessária, oportuna e pertinente • Motivar o entrevistado • Garantir confidencialidade	• Apresentação entrevistador/entrevistado • Motivos da entrevista • Objectivos	• Entrevista semi-directiva • Usar linguagem apelativa e adaptada ao entrevistado • Tratar o entrevistado com delicadeza e recebê-lo num local apazível • Pedir para gravar a entrevista
Bloco B Estratégias e actividades eficazes implementadas	• Fazer o levantamento de estratégias e actividades eficazes	• Objectivos alcançados • Estratégias e actividades implementadas	• Estar atento às reacções do entrevistado e anotá-las por escrito • Mostrar disponibilidade e abertura para a compreensão das situações apresentadas
Bloco C Mudanças ocorridas no grupo-turma	• Fazer o levantamento das mudanças ocorridas no grupo-turma	• Aprendizagem • Comportamento • Relações inter-pessoais	• Ter atenção aos comportamentos não verbais denunciadores de certas reacções ao discurso do entrevistado
Bloco D Casos	• Fazer o levantamento dos progressos dos alunos que sobressaíam do conjunto da turma	• Situação actual	• Estar atento às reacções do entrevistado e anotá-las por

XXXIV

emergentes da Turma	Fazer o levantamento sobre a inclusão do aluno emergente		escrito
Bloco E Mudanças ocorridas na prática lectiva do entrevistado	Fazer o levantamento das mudanças ocorridas na prática lectiva do entrevistado	- Estratégias utilizadas e sua aplicabilidade - Cooperação entre docentes	
Bloco F Dados complementares	- Dar oportunidade ao entrevistado para abordar outros assuntos pertinentes e oportunos - Agradecer o contributo prestado	- Vivências - Constrangimentos... - Agradecimentos	

Nota: Adaptado de Estrela (1986:355-357)

Apêndice 16- 2º Protocolo de Entrevista – Professora titular de turma

Temática: Situação educativa da Turma

Objectivos da entrevista

- Recolher informação para fazer o levantamento de estratégias e actividades que tenham resultado bem;
- Recolher informação para caracterizar as mudanças no grupo/a turma decorrentes do processo de investigação-acção;
- Recolher informação para caracterizar os progressos dos alunos emergentes;
- Recolher informação para fazer o levantamento das mudanças registadas na prática lectiva do entrevistado;
- Recolher informação sobre os reflexos do trabalho desenvolvido na comunidade escolar;
- Agradecer ao entrevistado a sua cooperação no processo de investigação-acção em curso.

Entrevistado: Professora titular de turma

Data: 17 de Junho de 2010

Excerto de PROTOCOLO DA ENTREVISTA À PROFESSORA TITULAR DE TURMA

Entrevistador (E) – Olá, tal como tínhamos combinado vamos conservar um bocadinho sobre o trabalho desenvolvido com a turma dentro do projecto de intervenção que estivemos a desenvolver. Vamos começar por balançar um balanço como correram as aulas da intervenção.

Professora (P) – Olá, bom dia. Eu penso que resultaram muito bem. Todas as actividades desenvolvidas resultaram bem. Noto que, inclusivamente ao nível das atitudes comportamentais, portanto, notaram-se grandes progressos, independentemente dos colegas com que se trabalhava porque foi-se sempre alterando essa situação... ah, grupos com meninos diferentes, eles também se entenderam muito bem e ao nível da cooperação e das atitudes comportamentais também se registaram bastantes progressos.

E - E ao nível das aprendizagens?

P – Noto que de um modo geral, principalmente estes meninos estavam sempre mais dispostos para as aprendizagens e para trabalhar em grupo. Gostaram muito.

E – E o que é que mudou na tua sala de aula?

P – Portanto, essencialmente a disposição dos alunos. Eles mudaram de lugares.

E – E como descreves como decorreu a planificação e o desenvolvimento das actividades?

P – Eu penso que correu tudo muito bem. Foi um trabalho feito em conjunto, fomos falando, inclusivamente, nos progressos e nas dificuldades e penso que funcionou bem.

E – E ao nível das estratégias utilizadas?

P – Aí também se adaptaram e alteraram – se algumas estratégias no sentido das coisas funcionarem cada vez melhor.

E – E do trabalho que fizemos dentro da sala de aula, notas algum reflexo desse trabalho ao nível da escola?

P - Eles também deram a conhecer alguns dos trabalhos realizados uns ao nível do Jornal da Escola, outros que entretanto foram para apreciação dos encarregados de educação que puderam tomar conhecimento e inclusivamente deixar um registo no trabalho. Um desses trabalhos e.g. foi para a Biblioteca, onde outros meninos e colegas nossos puderam observar e puderam ter acesso. Neste momento, também trabalhinhos de sessões de leitura que fizemos em que depois surgiu um trabalho colectivo está a ser exposto ah, numa exposição que está a decorrer ali na Biblioteca e que vão ter conhecimento e podem apreciar não só os professores da escola e meninos da escola mas também a comunidade em geral, que está alargada a toda a comunidade.

E - Ok. Queres acrescentar mais alguma coisa?

P – Não, acho que... Não i.e., penso que é importante dizer uma coisa. Que este trabalho funcionou muito bem e que é sempre bom trabalharmos em equipa porque expondo as nossas ideias e partilhar-mos actividades e sugestões de trabalho é sempre gratificante.

E – Tá, obrigada pela atenção e por toda a colaboração. Obrigada.

P - Obrigada, também. Adeus, bom dia.

Apêndice 17–2ª Grelha de análise do conteúdo – Entrevista Professora titular de turma

Categorias	Subcategorias	Unidades de registo
Estratégias e actividades eficazes implementadas	Objectivos alcançados	“ (as sessões de intervenção) Eu penso que resultaram muito bem. Todas as actividades desenvolvidas resultaram bem”. “Que este trabalho funcionou muito bem (...)”.
	Estratégias e actividades implementadas	“independentemente dos colegas com que se trabalhava porque foi-se sempre alterando essa situação... ah, grupos com meninos diferentes eles também se entenderam muito bem (...)” “disposição dos alunos. Eles mudaram de lugares.” “Aí também se adaptaram e alteraram – se algumas estratégias no sentido das coisas funcionarem cada vez melhor.”
Mudanças ocorridas no grupo-turma	Aprendizagem	“nível da cooperação e das atitudes comportamentais também se registaram bastantes progressos”.
	Comportamento	“atitudes comportamentais, portanto, notaram-se grandes progressos”.
Casos emergentes da Turma	Situação actual a nível de aprendizagem e inclusão na turma	“ (...) principalmente estes meninos estavam sempre mais dispostos para as aprendizagens e para trabalhar em grupo. Gostaram muito.”
Cooperação entre docentes	Planificação e desenvolvimento das actividades	“Foi um trabalho feito em conjunto, fomos falando, inclusivamente, nos progressos e nas dificuldades e penso que funcionou bem.” “(...) que é sempre bom trabalharmos em equipa porque expondo as nossas ideias e partilhar-mos actividades e sugestões de trabalho é sempre gratificante.”
Reflexos do trabalho realizado na Comunidade Educativa	Família	“outros que entretanto foram para apreciação dos encarregados de educação que puderam tomar conhecimento e inclusivamente deixar um registo no trabalho.”
	Escola	“Eles também deram a conhecer alguns dos trabalhos realizados uns ao nível do Jornal da Escola, (...) Um desses trabalhos e.g. foi para a Biblioteca, onde outros meninos e colegas nossos puderam observar e puderam ter acesso. Neste momento, também trabalhinhos de sessões de leitura que fizemos em que depois surgiu um trabalho colectivo está a ser exposto ah, numa exposição que está a decorrer ali na Biblioteca e que vão ter conhecimento e podem apreciar não só os professores da escola e meninos da escola mas também a comunidade em geral, que está alargada a toda a comunidade.”

Apêndice 18 -2º Guião de entrevista Encarregada de Educação

Temática: Perfil sócio - familiar e educativo do “Joaquim”

Objectivos da entrevista:

- Recolher informação para caracterizar o “Joaquim”
- Recolher informação para caracterizar o aluno em termos escolares e educativos;
- Recolher informação para caracterizar a relação família/escola;
- Agradecer à entrevistada a sua cooperação no processo de investigação-acção em curso.

Entrevistado: Encarregada de educação

Data: 23 de Junho de 2010

Designação dos blocos	Objectivos específicos	Tópicos	Observações
Bloco A Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	• Conseguir que a entrevista se torne necessária, oportuna e pertinente • Motivar o entrevistado • Garantir confidencialidade	• Apresentação entrevistador/entrevista do • Motivos da entrevista • Objectivos	• Entrevista semi-directiva • Usar linguagem apelativa e adaptada ao entrevistado • Tratar o entrevistado com delicadeza e recebê-lo num local aprazível • Pedir para gravar a entrevista
Bloco B O “Joaquim”	• Caracterizar o aluno(a) a nível pessoal e educativo	• Modificações a nível comportamental • Atitude perante as tarefas escolares • Relação com os pares	• Estar atento às reacções do entrevistado e anotá-las por escrito • Mostrar disponibilidade e abertura para a compreensão das situações apresentadas
Bloco C Relação Escola/família/Escola	• Caracterizar a interacção existente entre a família e a escola • Conhecer a opinião do encarregado de educação sobre as respostas educativas	• Contactos com a escola por iniciativa própria • Resposta às solicitações da escola • Avaliação das respostas educativas implementadas	• Ter atenção aos comportamentos não verbais denunciadores de certas

Sandra Catarino - “Com e no grupo, eu consigo aprender”. Uma experiência de aprendizagem cooperativa, numa turma de 3º ano.

	implementadas	Situação actual a nível de inclusão na turma	reações ao discurso do entrevistado
Bloco D Dados complementares	- Dar oportunidade ao entrevistado para abordar outros assuntos pertinentes e oportunos - Agradecer o contributo prestado	- Vivências - Constrangimentos... - Agradecimentos	

Nota: Adaptado de Estrela (1986:355-357)

Sandra Catarino - “Com e no grupo, eu consigo aprender”. Uma experiência de aprendizagem cooperativa, numa turma de 3º ano.

Apêndice 19 -2º Protocolo de Entrevista – Encarregada de Educação

Temática: Perfil sócio - familiar e educativo do “Joaquim”

Objectivos da entrevista

- Recolher informação para caracterizar o “Joaquim”
- Recolher informação para caracterizar o aluno em termos escolares e educativos;
- Recolher informação para caracterizar a relação família/escola;
- Agradecer à entrevistada a sua cooperação no processo de investigação-acção em curso.

Entrevistado: Encarregada de educação

Data: 23 de Junho de 2010

Excerto de PROTOCOLO DA ENTREVISTA À ENCARREGADA DE EDUCAÇÃO

Entrevistador (E) – Bom dia, obrigada por tem vindo. Gostava de saber então como é que avalia a intervenção que fizemos ao longo do ano com o seu educando.

Encarregado de Educação (EE) – Eu gostei, pelo menos tem sido razoável e tem evoluído bastante a nível de linguagem, de articulação das, dos cortes e disso tudo. Pronto gostei, foi até mesmo quando tiveram a trabalhar com os calendários, das estações do mês, da semana eles já têm uma pequena noção, não baralham tanto a semana com o mês, que era mais a dificuldade que eles tinham, penso que está a correr bem e espero que para o ano tenhamos outra vez, não é.

E- E ao nível dos dados pessoais, eles foi também uma das tarefas que tiveram de fazer?

EE- Sim, foi. Já conseguiram escrever, com a ajuda da professora, fazer uma cartinha, que ia muito bem feita, não é, com as capacidades deles. Ficaram muito orgulhosos, mostraram-me, o nome, a direcção e o convite que ia por dentro. Ficaram radiantes.

E- E eles contavam o que faziam na escola a nível dos trabalhos de grupo?

EE- Sim, a nível dos trabalhos de grupo, muitos fizeram, mandavam uns para os outros e contaram, pronto.

E- E acha que isso foi importante?

EE- Sim, foi muito importante para a ajuda deles. Foi importante, eles conseguiram pôr as datas todas, a data, o nome e em questões de raciocínio, não é, conseguiram fixar o nome, a data e a direcção da casa deles, não é, é um passo muito importante para ele.

E- E eles contavam quando trabalhavam com os outros colegas dentro da sala?

EE- Sim, contavam, diziam que tinham estado a fazer trabalhos de grupo e os outros meninos também os ajudavam, eles gostavam muito, é pena ser pouco tempo. Tinha que ser mais vezes.

E- Quer dizer mais alguma coisa?

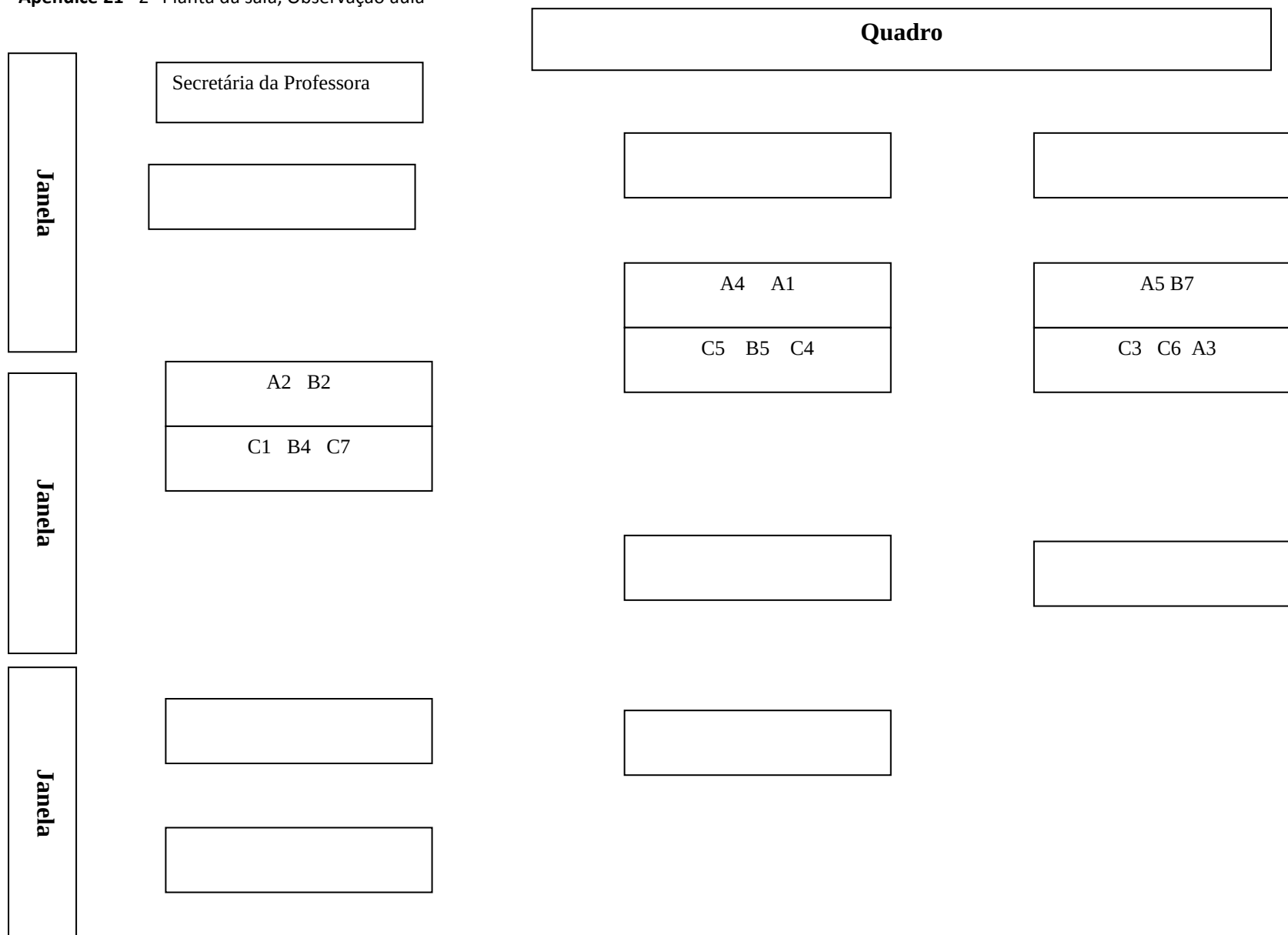
EE- Não.

E- Então, obrigada pela colaboração.

Apêndice 20-2ª Grelha de análise de conteúdo da entrevista à Encarregada de Educação

Categorias	Subcategorias	Unidades de registo
O “Joaquim”	Modificações a nível comportamental	“ (...) tem evoluído bastante a nível de linguagem, de articulação das, dos cortes e disso tudo. (...) tiveram a trabalhar com os calendários, das estações do mês, da semana eles já têm uma pequena noção, não baralham tanto a semana com o mês, que era mais a dificuldade que eles tinham, penso que está a correr bem e espero que para o ano tenhamos outra vez, não é” “Já conseguiram escrever, com a ajuda da professora, fazer uma cartinha, que ia muito bem feita, não é, com as capacidades deles.”
	Atitude perante as tarefas escolares	“Ficaram muito orgulhosos, mostraram-me, o nome, a direcção e o convite que ia por dentro. Ficaram radiantes.”
	Relação com os pares	“ (...) diziam que tinham estado a fazer trabalhos de grupo e os outros meninos também os ajudavam, eles gostavam muito (...)”.
Relação Escola/família/ Escola	Avaliação das respostas educativas implementadas	“ Eu gostei, pelo menos tem sido razoável”. “ Pronto gostei (...)”. “Sim, foi muito importante para a ajuda deles. Foi importante, eles conseguiram pôr as datas todas, a data, o nome e em questões de raciocínio, não é, conseguiram fixar o nome, a data e a direcção da casa deles, não é, é um passo muito importante para ele.” “ (...) é pena ser pouco tempo. Tinha que ser mais vezes.”

Apêndice 21– 2ª Planta da sala, Observação aula



Apêndice 22 -2º Protocolo de Observação Naturalista

Turma: 3ºA

Data: 9 de Junho

Duração: 30 minutos

Observadores: recurso à filmagem

Simbologia utilizada: Professora – P Alunos – A1,A2, A3, A4, A5, B1, B2, B3, B4, B5, B6, B7, C1, C2, C3, C4, C5, C6, C7 e C8

Actividade: Elaboração de uma notícia

Estratégia: Trabalho de grupo

Objectivos da observação: observar a dinâmica da turma, a postura da professora face ao aluno emergente e a relação dos colegas com este aluno.

Protocolo de observação naturalista

Hora	Observadores	Descrição de situações e de comportamentos	Notas complementares e inferências
12.00		P diz “O desafio tenho para vos fazer é: vocês têm que inventar uma notícia, mas tem que ser uma notícia assim uma coisa bombástica! Vocês sabem que eu posso dizer, e.g., vou dar um exemplo de duas ou três notícias, uma suposição. Há várias coisas importantes na notícia: título”. C5 bata na mão com a gaita. A2 está levantada da cadeira. P faz “chiu!” P escreve a palavra título no quadro. Diz “ É fundamental o título. E o título deve ser muito grande ou pequenino?”, gesticulando. A2 senta-se. Os alunos respondem: “Grande!”. B4 gesticula também. P diz: “O título deve ocupar três ou quatro linhas, acham?” C5 mete a gaita na boca e olha para a câmara. Os alunos respondem “Não!” B7 diz que um título do jornal é maior do que o outro. P escreve qualquer coisa no quadro. Em todos os grupos, os alunos começam a folhear o jornal, fazendo algum barulho. C5 brinca com a gaita, fazendo que está tocar. P diz: “Oiçam”. P bate com o pé no chão e olha para a janela à espera que os alunos lhe dêem atenção. P dirige-se para o grupo 3 e pergunta-lhe: “Eu mandei alguém folhear o jornal a alguém neste momento? Eu tenho aqui gente muito atrevida, valha-me deus.” B4 desvia o jornal para a ponta da mesa. B2 puxa o jornal para perto de si e lê qualquer coisa na capa. A3 começa a fechar e a dobrar o jornal.	Os alunos estão atentos à professora. Os alunos do grupo 3 folheiam o jornal.

	P olha para o grupo 3 diz:”Larga o jornal imediatamente” C4 diz à professora que quando esta referiu “ isso do atrevido, o B5 diz que ele é” ao que P responde: “ Mas ele é atrevido, bastante e mal-educado também”. A1 diz “Professora” A2 levanta-se da cadeira. Com o giz na mão e junto ao quadro, a P diz “Ora bem, para além do título temos que desenvolver a notícia e eu acho que há coisas importantes. E.g. o local, escrevendo no quadro, mais o local onde aconteceu. B2 folheia o jornal. A1 diz “Haiti”. B2 olha para o relógio. Professora responde “Sim”, batendo com o pé e olhando para a janela. A2 senta-se. C7 mexe no jornal do seu grupo e depois apoia a cabeça com a mão. C5 brinca com a gaita P diz “ O dia também é importante ou não?”, escrevendo no quadro. Os alunos respondem que sim. B2 diz “A hora”. P responde “ A hora também poderemos meter ou não”. B5e C4 mexem em qualquer coisa que está em cima da mesa. O grupo 3 está muito agitado. P faz”CHHHH” para mandar calar. B7 diz “ Os minutos”. P responde “Sim, os minutos e os segundos, achas que sim? C6 ri. C5 ri alto e olha para a câmara. P responde “O dia sim, para se saber no dia tal tal, tal tal e por aí fora”, gesticulando com os braços. C3 diz “A semana”. P responde “ Se nós já dizemos o dia e a hora, inclusivamente e depois desenvolvemos a notícia. Todos os alunos estão calados. C5 toca a gaita. A3 olha para C5. P diz , num tom de voz mais alto: “Para desenvolvermos a notícia, temos que dizer as coisas principais. E.g., rapto de professora, uma suposição. (gesticulando) No dia tal tal, cerca das não sei quantas desapareceu”. C5 guarda a gaita na mochila. C5 ri e tira a gaita da mochila. P continua: “ Ou foi raptada, na, na, na”, gesticulando, “ a professora estava a leccionar na escola tal, tal, tal....alguém viu... A1está com os pés na cadeira. Os alunos agitam-se nas cadeiras, em silêncio e olham para a professora.	
--	--	--

	P continua “ e tentou seguir o carro, e.g., mas não conseguiu, os ladrões meteram-se em fuga e foram nã ssê quê,nã sê quê, a polícia foi avisada nan, nan, nan. Pronto” C5 brinca com a gaita. C5 levanta o braço para participar. A1 diz “Mas a polícia”. P continua “ Até hoje nunca mais soubemos do paradeiro da professora.” C5 baixa o braço e brinca com a gaita. C7 levanta o braço para participar. A1 diz “ Ó professora”. P continua “ Ave rara”. A1 insiste “ Mas ó professora”. P continua “ Ave rara apareceu ontem ”. C7 continua com o braço no ar. P continua “Cerca das 12 e 15, apontando para os alunos, apareceu em Borba uma ave rara. C1 fala com B4. P continua “A ave tinha as penas muito coloridas e foi pousar no pátio da escola”. C7 ajeita a blusa e levanta novamente o braço. P continua “imaginem, e.g.”. C1e B4 deixam de conversar. P continua: “ Os meninos, todos curiosos, quiserem logo saber de que bicho se tratava”. C5 arruma a cadeira, voltado para trás. A1 tenta dizer qualquer coisa a P. P continua: “ mas até à data, ninguém ainda conseguiu detectar qual”. B5 apoia a cabeça à mão sobre a mesa. A4 pergunta a P: “ o que é detectar?”. P responde: “Detectar é descobrir, é, sei lá, e.g.”. C7 continua com o braço no ar. A1 levantado na cadeira, diz: “Ó professora, mas a polícia, mas a GNR” . P continua: “Assalto a, a nã sê quê”. B7 diz “A um banco”. P diz “A um banco, a uma livraria, CHHHH”. A1, com os joelhos na cadeira, diz: “Mas a GNR cá de Borba vai seguir não vai seguir o carro dos ladrões porque primeiro têm que ver a casa toda e isso tudo”. P pára de falar e ouve A1. C7 continua com o braço no ar. P responde a A1: “Não sei se não vai porque aconteceu uma situação, não sei se foi algum acidente ou se o que é que foi, porque o meu marido viu um carro aqui na rua que vai dar ao ciclo. Ele passou lá em baixo na rua do posto e viu o carro da GNR a acender os pirilampos (gesticula os pirilampos a rodar) e a sair muito rápido. E eu depois vinha na rua, para o lado do ciclo, eles vinham com o	
--	--	--

12.05	pirilampo ligado, pararam o carro e foram bater a uma porta. Não sei se foi se foi acidente ou se o que é que foi”. C7 continua com o braço no ar. A1 diz: “Mas”. P diz, gesticulando com os braços abertos: “ Pronto, já dei alguns exemplos”. A1 insiste: “Mas, olhe lá”. P continua: “A notícia mais criativa vai ter direito a um prémio”. C4 pergunta: “Qual é o prémio?”. P responde, encolhendo os ombros: “Surpresa, aliás todos os elementos do grupo. Porque eu depois vamos, aquele grupo vai ler a notícia a este grupo e vice-versa para todos os colegas ouvirem”. C7 continua com o braço no ar. B2 fala com A2. C5 toca a gaita. C7 baixa o braço. A1, meio levantado da cadeira, diz: “Mas, professora olhe lá”. P dirige-se à sua secretária para ir buscar as folhas brancas, enquanto responde a A1 “Mas olhe lá, mãos à obra, cheguem a um consenso, vejam qual é a notícia mais original”. O grupo 1 reúne-se e começa a falar entre si. A1: “Professora assaltaram ali a casa do”. C5 está voltado para trás na cadeira, começa a tocar a gaita. P distribui folha ao grupo 3. No grupo 3 os diferentes elementos começam a falar entre si. P distribui a folha ao grupo do C5 e quando esta se dirige para junto do aluno, este guarda a gaita entre as mãos. A1 continua a contar a história do assalto, ao que P lhe responde “Sim”. O grupo 2 ainda não está a conversar entre si. P distribui folhas ao grupo 1. Existe barulho na sala. P ouve a história de A1. Quando este acaba de contar, P diz: “Oiçam! Dentro do grupo tem que haver minimamente silêncio”. A2 levanta-se para ir buscar qualquer coisa à sua secretária. A4 levanta-se, no próprio lugar, para guardar alguma coisa na capa. C5 tira uma boneca da mochila, mexe-lhe, toca gaita e de seguida guarda a boneca na mochila. A1 diz: “Mas ó professora eu faço...” B7 diz qualquer coisa a A5 e os dois riem. P responde “Não” e tira o jornal de cima das mesas dos grupos 2 e 3, ao mesmo tempo que diz para B7: “À tarde sabes onde vais ficar, não sabes Luís?” B7 diz qualquer coisa a P ao que esta lhe responde: “É como eu te digo!”. A4 dá instruções aos seus colegas do grupo, apontando para cada um deles. C5 diz para A4 “ Depois eu?”. P recolhe o jornal da mesa do grupo 1, passa junto de C5 e incentiva-o a participar: “Vá, Bruno dá ideias, vamos aí dar sugestões”.	A turma, em silêncio, ouve P.
-------	---	-------------------------------

12.10	C5 pergunta a P: “Sobre o quê?”. P responde:”Ahm, assim uma notícia em que as pessoas leiam todas e vocês leiam.” Não há barulho na sala e todos os grupos estão a trabalhar. A1 mostra a P uma caneta e pergunta se pode fazer ao que P responde: “Não, a lápis”. P diz para todos os grupos: “É para ser feito a lápis, sim”. C5 toca a gaita, depois guarda-a e ouve os colegas do grupo. P, circulando pela sala, diz: “Título, vamos sugerir vários títulos, pensar numa notícia e escrever um fruto, para chegarem a um consenso, sim”. C5 toca a gaita. P dirige-se a C5 e diz:”Dá-me isso para a minha mão já!” C5 tenta guardar a gaita na mochila mas P tira-lha da mão e leva-a para sua secretária. C5 tenta-se sobre a cabeça sobre a mesa e esconde-a entre os braços. C1 levanta-se, dirige-se à professora, diz-lhe qualquer coisa a que esta consente com a cabeça e sai da sala. C5 levanta-se da cadeira e senta-se de imediato. B7 tem o braço no ar. C5 fala com os colegas do grupo. Há silêncio na sala e todos os alunos estão a trabalhar com os respectivos grupos. B4 pergunta:” Ave leva acento no a?”. C3 tem a cabeça apoiada nos braços sobre a mesa. P está a beber água, quando termina diz a B4: “Diz, desculpa”. C5 olha para a professora. B4 repete a pergunta. C5 levanta-se da cadeira e mexe na mochila. P abana a cabeça que não e diz que não leva acento. No grupo 3 há algum barulho. P olha para o grupo 3 e diz: “CHHHH, baixinho”. B5 brinca com o lápis. A1 fala com os colegas do grupo que o ouvem, segue-se a A4. C5 senta-se. B5 quase que se deita na cadeira. P arruma uns papéis numa mesa. P dirige-se à sua secretária. C3 diz a P que o C6 não está a participar. P diz a C6: “Diogo, tens que dar ideias”. C5 diz ao mesmo tempo que levanta o braço:”Já sei!” A4 diz a C5: “Cala-te!” P dirige-se a C5 e diz-lhe que tem que falar para o grupo e diz a A4: “Não é cala-te nada” A4 diz: “É que ele ia a dizer”	
-------	--	--

12.15	B5 acrescenta: “Em voz alta”. P está junto de C5, apoia as mãos na mesa e diz qualquer coisa para o grupo. C1 volta a entrar na sala dirige-se ao seu grupo. B4 está em pé. B2 escreve. A1 escreve. Não há barulho na sala. P está na sua secretária. Os diferentes elementos dos grupos falam entre si. P circula pela sala. C3 pergunta: “ Professora, podemos escrever o título à máquina, a letra à máquina?”. P responde que sim. C5 brinca com uma boneca. B4 circula à volta do C7 e diz qualquer coisa a C1. C4 diz a P: “Professora, o Bruno está só a brincar”. A4 concorda com C4: “Pois é!” P diz: “Bruno, vou-me zangar, ai, ai”. P senta-se à sua secretária. C7 fala com os colegas do grupo. Os alunos continuam a trabalhar sem existir barulho. C5 levanta-se da cadeira, sem sair do lugar e brinca com a boneca. A3, A5 e B7 conversam. Quando P se dirige à sua secretária, C5 senta-se e esconde a boneca. P diz que o grupo 3 é o único que ainda não escreveu nada. A1 e B5 levantam-se da cadeira e dizem a P que A3 estava a olhar para o trabalho deles. B4 e C7 olham para A1, enquanto C1, A2 e B2 continuam a escrever. P manda calar e diz: “ Ninguém tem nada que olhar para ninguém, tá bem?”. P dirige-se ao grupo 1e diz para a turma: “Este grupo já tem quase a notícia feita, não se queiram despachar”. P vai para a sua secretária e diz: “Eles estão a trabalhar, não estão a brincar” e faz CHHHH. B4 levanta-se e fala ao ouvido de P. C5 levanta-se para ir buscar o estojo, A4 diz-lhe que não é preciso mas ele vai na mesma. B4 volta para o grupo. P volta a fazer CHHHH e olha para o grupo 3. A3 olha para o grupo 2 e ri. A1 levanta-se e vai mostrar a notícia a P. C4 queixa-se a P de A3 e dirige-se à secretária de P. B5 e B7 discutem sobre o facto de A3 estar a olhar para o grupo 2 e alegadamente ver a notícia deste grupo. A1 e C4 sentam-se.	
-------	--	--

12.20	P bate na mesa a pedir pouco barulho, faz CHHHH e diz para o grupo 3: “Será possível que é o grupo que pior se organiza hoje?”. C5 levanta-se e foi falar com P. Depois, volta a sentar-se. Todos os grupos estão a trabalhar. C5 brinca com a boneca. A4 mexe na cabeça de C5. C5 pára de brincar com a boneca. P pergunta se alguém já acabou a notícia e pede para se despacharem. C5 levanta-se. B4 queixa-se a P que C5 foi espreitar a sua notícia. P diz que ninguém espreita nada. Os elementos do grupo 2, grupo a que pertence C5, defendem C5. P diz: “Bruno, vamos lá sentar sossegadinho”. C5 senta-se e amua. P dirige-se ao grupo 2, escuta os alunos e lê a notícia. C5 brinca com a boneca. B2 levanta-se e pergunta alguma coisa a P. B2 senta-se e escreve. Depois fala com os colegas do grupo. C5 ri-se com o que A1 diz. P chama a atenção. P, junto do grupo 1, lê a notícia e aponta com o dedo para a folha. B2 apaga e escreve de novo. C6 fala com os colegas do grupo. C4 queixa-se a P de C5. P dirige-se ao grupo 3 e diz: “Afonso, também tu hoje!”. B7 fala com P. P fala com o grupo 3 sobre a notícia. No grupo 2 todos trabalham à excepção de C5. No grupo 1 todos trabalham. Não há barulho na sala. B2 pergunta alguma coisa a P. P está junto do grupo 1. B2 solicita a participação de B4. C5 levanta-se do lugar. P diz: “Vamos a despachar, Joana”. P circula pela sala. Junto do grupo 2 diz: “Despachem-se, senão nem amanhã. Ai tantos erros que eu estou a ver!” e aponta para a folha. A1 apaga e escreve de novo. C7 fala com os colegas do grupo. P dirige-se ao grupo 3.	
-------	---	--

12.25	P circula pela sala e pergunta ao grupo 1: “Tá?” Toca para a saída. C5 levanta-se do lugar e olha para a notícia do grupo 1. Depois, volta para o seu grupo e em pé brinca com a boneca. P pede à turma para ouvir a notícia do grupo 1, que já acabou. B2 escreve. C6 levanta-se e veste o casaco. B5 e C5 estão em pé. C5 vai à secretária de P buscar a gaita. P faz CHHHH e diz: “Eu já mandei levantar alguém?”. P diz: “Olhem, vamos só ler”. B5 pergunta se podem sair. Os alunos começam a levantar-se. Há barulho e alguma confusão na sala. B2 escreve. P diz: “Eu mandei levantar alguém, Luís?” C5 toca a gaita. Os cinco alunos chegam à sala e sentam-se. P diz: “Afonso, vai fechar a porta”. P pede a B2 para ler a notícia. B2 lê a notícia. P repete o título. Os alunos em silêncio ouvem a colega. P, com gestos, pede aos alunos para se sentarem. P repete o nome da espécie da ave. P faz CHHHH. P diz: “Não está lá alimenta-se, é alimentava-se”. B2 acaba de ler a notícia. P diz: “Está muito bem. Só tenho duas coisas a dizer. Quando eu digo aí, quando disse ali (aponta para o quadro) que era importante a hora, o local não é preciso dizer aqui na notícia. Poderia dizer que a ave tinha sido avistada em assim assim, não é preciso dizer o local é, a hora, estão a perceber? E a hora a mesma coisa. Pronto. Acho que está muito boa.” B5 bate as palmas.	Ouve-se muito barulho dos corredores.
-------	---	--

Apêndice 23– Análise do 2º Protocolo de Observação naturalista

Categorias	Subcategorias	Comportamentos observados
Perfil de actuação da professora	Actividades de ensino aprendizagem	- P diz “O desafio tenho para vos fazer (...);” - P escreve a palavra título no quadro (...); - Os alunos respondem: “Grande!”; - B4 gesticula também; - P diz: “O título deve ocupar três ou quatro linhas, acham?”; - Os alunos respondem “Não!”; - B7 diz que um título do jornal é maior do que o outro; - P escreve qualquer coisa no quadro; - Com o giz na mão e junto ao quadro, a P diz “Ora bem (...); - P responde “O dia sim, para se saber no dia tal tal, tal tal e por aí fora”, gesticulando com os braços; - P responde “Se nós já dizemos o dia (...); - P diz, num tom de voz mais alto: “Para desenvolvermos (...); - P continua: “Ou foi raptada (...); - P continua “e tentou seguir o carro (...); - P continua “Até hoje nunca mais soubemos do paradeiro da professora”; - P continua “Ave rara”; - P continua “Ave rara apareceu ontem”; -P continua “Cerca das 12 e 15, apontando para os alunos, apareceu em Borba uma ave rara; - P continua “A ave tinha as penas muito coloridas e foi pousar no pátio da escola”. - P continua “imaginem, e.g.” - P continua: “Os meninos, todos (...);” - P continua: “mas até à data (...); - P continua: “Assalto a, a não sei quê”; - P diz “A um banco, a uma livraria, CHHHH”; - P diz, gesticulando com os braços abertos: “Pronto, já dei alguns exemplos” -P continua: “A notícia mais criativa vai ter direito a um prémio”; - P responde, encolhendo os ombros: “Surpresa (...); - P (...) “Mas olhe lá, mãos à obra (...); - P (...) passa junto de C5 e incentiva-o a participar (...); - P, circulando pela sala, diz: “Título (...);” - P dirige-se ao grupo 1 e diz para a turma: “Este grupo (...); - P pede à turma para ouvir a notícia do grupo 1, que já acabou; - P diz: “Olhem, vamos só ler”; - B2 lê a notícia; - P repete o título; - P, com gestos, pede aos alunos para se sentarem; - P repete o nome da espécie da ave; - P diz: “Não está lá alimenta-se, é alimentava-se”; - B2 acaba de ler a notícia; - P diz: “Está muito bem (...).
	Supervisão do trabalho realizado	- P está junto de C5, apoia as mãos na mesa e diz qualquer coisa para o grupo; - P dirige-se ao grupo 2, escuta os alunos e lê a notícia; - P, junto do grupo 1, lê a notícia e aponta com o dedo para a folha. B2 apaga e escreve de novo; - P fala com o grupo 3 sobre a notícia; - P está junto do grupo; - P diz: “Vamos a despachar, Joana”;

		- P (...) Ai tantos erros que eu estou a ver! (...); - P dirige-se ao grupo 3; - P circula pela sala e pergunta ao grupo 1: “Tá?”.
	Controlo de regras na sala de aula	- P faz “chiu!”; - P diz: “Oiçam”; - P bate com o pé no chão e olha para a janela à espera que os alunos lhe dêem atenção; - P dirige-se para o grupo 3 e pergunta-lhe (...); - P olha para o grupo 3 diz: “Larga o jornal imediatamente”; - P faz “CHHHH” para mandar calar; - (...) P diz: “Oiçam! Dentro do grupo tem que haver minimamente silêncio”; - (...) “À tarde sabes onde vais ficar, não sabes Luís?”; - P dirige-se a C5 e diz: “Dá-me isso para a minha mão já!”; - P olha para o grupo 3 e diz: “CHHHH, baixinho”; - P manda calar e diz: “Ninguém (...); - P vai para a sua secretária e diz: “Eles estão a trabalhar, não estão a brincar” e faz CHHHH; - P volta a fazer CHHHH e olha para o grupo 3; - P bate na mesa a pedir pouco barulho (...); - P diz que ninguém espreita nada; - P diz: “Bruno, vamos lá sentar sossegadinho”; - P chama a atenção; - P faz CHHHH e diz: “Eu já mandei levantar alguém?”; - P diz: “Eu mandei levantar alguém, Luís?”; - P faz CHHHH.
	Interacção com os alunos	- P responde: “Mas ele é atrevido (...); - Professora responde “Sim”, batendo com o pé e olhando para a janela; - P diz “O dia também (...); - P responde “A hora também poderemos meter ou não”; - P responde “Sim, os minutos e os segundos, achas que sim?”; - P responde: “Detectar é descobrir, é, sei lá, e.g.”; - P pára de falar e ouve A1”; - P responde a A1; - (...) ao que P lhe responde “Sim”; - P responde “Não”; - P responde: “Ahm, assim uma notícia em que as pessoas leiam todas e vocês leiam”; - (...) P responde: “Não, a lápis”; - P diz para todos os grupos: “É para ser feito a lápis, sim”; - “Diz, desculpa”; - P abana a cabeça que não e diz que não leva acento; - P diz a C6: “Diogo, tens que dar ideias”; - P dirige-se a C5 e diz-lhe que tem que falar para o grupo e diz a A4: “Não é cala-te nada”; - P responde que sim; - P diz: “Bruno, vou-me zangar, ai, ai”; - P diz que o grupo 3 é o único que ainda não escreveu nada; - P pergunta se alguém já acabou a notícia e pede para se despacharem; - P dirige-se ao grupo 3 e diz: “Afonso, também tu hoje!”; - P diz: “Afonso, vai fechar a porta”; - P pede a B2 para ler a notícia.
Perfil de actuação do grupo em sala de aula	Funcionamento dos grupos/ Participação dos alunos na tarefa	- Em todos os grupos, os alunos começam a folhear o jornal (...); - C5 fala com os colegas do grupo; - O grupo 3 está muito agitado; - O grupo 1 reúne-se e começa a falar entre si; - No grupo 3 os diferentes elementos começam a falar entre si;

		- O grupo 2 ainda não está a conversar entre si; - Todos os alunos estão a trabalhar com os respectivos grupos;
		- A4 dá instruções aos seus colegas do grupo, apontando para cada um deles; - (...) todos os grupos estão a trabalhar; - C5 (...) ouve os colegas do grupo; - No grupo 3 há algum barulho; - A1 fala com os colegas do grupo que o ouvem, segue-se a A4; - C5 diz ao mesmo tempo que levanta o braço: “Já sei!”; - A4 diz a C5: “Cala-te!”; - B2 escreve; - A1 escreve; - Os diferentes elementos dos grupos falam entre si; - C7 fala com os colegas do grupo; - Os alunos continuam a trabalhar; - B4 e C7 olham para A1, enquanto C1, A2 e B2 continuam a escrever; - Todos os grupos estão a trabalhar; - B2 senta-se e escreve. Depois fala com os colegas do grupo; - C6 fala com os colegas do grupo; - No grupo 2 todos trabalham à excepção de C5; - No grupo 1 todos trabalham; - B2 solicita a participação de B4; - A1 apaga e escreve de novo; - C7 fala com os colegas do grupo; - B2 escreve; - B2 escreve.
	Interacção com a professora	- C4 diz à professora que quando esta referiu “isso do atrevido (...); - A1 diz “Professora”; - A1 diz “Haiti”; - Os alunos respondem que sim; - B2 diz “A hora”; - B7 diz “Os minutos”; - C3 diz “A semana”; - C5 levanta o braço para participar; - A1 diz “Mas a polícia”; - C7 levanta o braço para participar; - A1 diz “Ó professora”; - A1 insiste “Mas ó professora”; - C7 continua com o braço no ar; - C7 (...) levanta novamente o braço; - A1 tenta dizer qualquer coisa a P; - A4 pergunta a P: “o que é detectar?”; - C7 continua com o braço no ar; - A1 levantado na cadeira, diz: “Ó professora, mas a polícia, mas a GNR”; - B7 diz “A um banco”; - A1, com os joelhos na cadeira, diz: “Mas a GNR (...); - C7 continua com o braço no ar; - C7 continua com o braço no ar; - A1 diz: “Mas”; - A1 insiste: “Mas, olhe lá”; - C7 continua com o braço no ar; - A1, meio levantado da cadeira, diz: “Mas, professora olhe lá”; - A1: “Professora assaltaram ali a casa do”; - A1 continua a contar a história do assalto (...); - P ouve a história de A1; - A1 diz: “Mas ó professora eu faço...”; - C5 pergunta a P: “Sobre o quê?”;

		- B4 pergunta: “Ave leva acento no a?”; - B4 repete a pergunta; - C3 diz a P que o C6 não está a participar; - A4 diz: “É que ele ia a dizer”; - B5 acrescenta: “Em voz alta”; - C3 pergunta: “Professora, podemos escrever o título à máquina, a letra à máquina?”; - C4 diz a P: “Professora, o Bruno está só a brincar”; - A4 concorda com C4: “Pois é!”; - A1 e B5 (...) dizem a P que A3 estava a olhar para o trabalho deles; - B4 levanta-se e fala ao ouvido de P; - A1 levanta-se e vai mostrar a notícia a P; - C4 queixa-se a P de A3 (...); - B4 queixa-se a P que C5 foi espreitar a sua notícia; - B2 levanta-se e pergunta alguma coisa a P; - C4 queixa-se a P de C5; - B7 fala com P; - B2 pergunta alguma coisa a P; - B5 pergunta se podem sair.
	Interacção com os colegas	- C1 fala com B4; - B2 fala com A2; - B7 diz qualquer coisa a A5 e os dois riem; - C5 diz para A4 “Depois eu?”; - B4 circula à volta do C7 e diz qualquer coisa a C1; - A3, A5 e B7 conversam; - (...) A4 diz-lhe que não é preciso (...); - B5 e B7 discutem sobre o facto de A3 (...); - Os elementos do grupo 2, grupo a que pertence C5, defendem C5.
	Comportament os individuais	- C5 bata na mão com a gaita; - A2 está levantada da cadeira; - A2 senta-se; - C5 mete a gaita na boca e olha para a câmara; - C5 brinca com a gaita, fazendo que está tocar; - B4 desvia o jornal para a ponta da mesa; - B2 puxa o jornal para perto de si e lê qualquer coisa na capa; - A3 começa a fechar e a dobrar o jornal; - A2 levanta-se da cadeira; - B2 folheia o jornal; - B2 olha para o relógio; - A2 senta-se; - C5 brinca com a gaita; - C7 mexe no jornal do seu grupo (...); - B5 e C4 mexem em qualquer coisa que está em cima da mesa; - C6 ri; - C5 ri alto e olha para a câmara; - C5 toca a gaita; - A3 olha para C5; - C5 guarda a gaita na mochila; - C5 ri e tira a gaita da mochila; - A1 está com os pés na cadeira; - Os alunos agitam-se nas cadeiras, em silêncio e olham para a professora; - C5 brinca com a gaita; - C5 baixa o braço e brinca com a gaita; - C5 arruma a cadeira, voltado para trás; - B5 apoia a cabeça à mão sobre a mesa; - C5 toca a gaita; - C7 baixa o braço;

		- C5 está voltado para trás na cadeira, começa a tocar a gaita; - A2 levanta-se para ir buscar qualquer coisa à sua secretária; - A4 levanta-se, no próprio lugar, para guardar alguma coisa na capa; - C5 tira uma boneca da mochila, mexe-lhe, toca gaita e de seguida guarda a boneca na mochila; - C5 toca a gaita, depois guarda-a (...); - C5 toca a gaita; -C5 tenta-se sobre a cabeça sobre a mesa e esconde-a entre os braços; -C1 levanta-se, dirige-se à professora, diz-lhe qualquer coisa (...); -C5 levanta-se da cadeira e senta-se de imediato; -C3 tem a cabeça apoiada nos braços sobre a mesa; -C5 olha para a professora; -B5 brinca com o lápis; -C5 senta-se; -B5 quase que se deita na cadeira; -C1 volta a entrar na sala dirige-se ao seu grupo; -B4 está em pé; -C5 brinca com uma boneca; -C5 levanta-se da cadeira, sem sair do lugar e brinca com a boneca; - (...) C5 senta-se e esconde a boneca; - C5 levanta-se para ir buscar o estojo (...); - B4 volta para o grupo; - A3 olha para o grupo 2 e ri; - A1 e C4 sentam-se; - C5 levanta-se e foi falar com P. Depois, volta a sentar-se; - C5 brinca com a boneca; - A4 mexe na cabeça de C5; - C5 pára de brincar com a boneca; - C5 levanta-se; - C5 senta-se e amua; - C5 brinca com a boneca; - C5 levanta-se do lugar; - C5 levanta-se do lugar (...) brinca com a boneca; - C6 levanta-se e veste o casaco; - B5 e C5 estão em pé; - C5 vai à secretária de P buscar a gaita; - C5 toca a gaita.
--	--	---

Sandra Catarino - “Com e no grupo, eu consigo aprender”. Uma experiência de aprendizagem cooperativa, numa turma de 3º ano.

Apêndice 24– Imagens de trabalhos realizados e dos grupos de trabalho, ao longo da intervenção

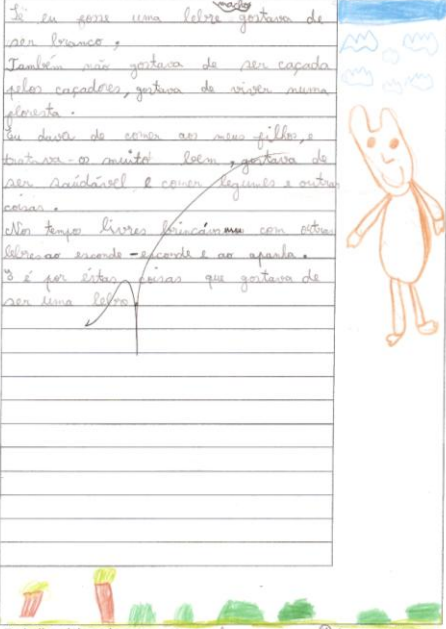
Sandra Catarino - “Com e no grupo, eu consigo aprender”. Uma experiência de aprendizagem cooperativa, numa turma de 3º ano.

Imagens 1 e 2 - Textos elaborados pelos alunos “Se eu fosse uma lebre...”, segunda sessão de intervenção

Língua Portuguesa

Actividade de expressão escrita

Se eu fosse uma lebre...

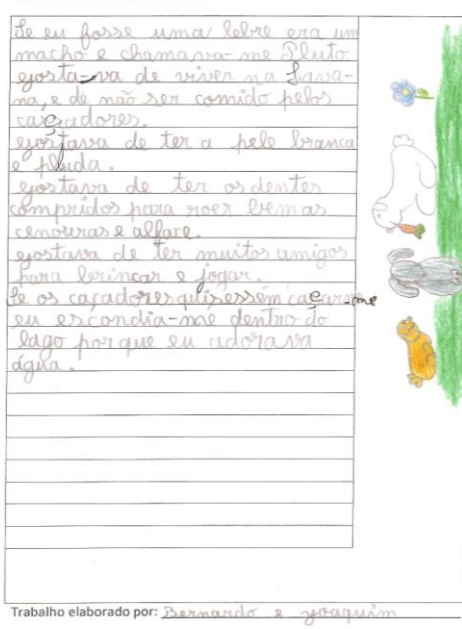


Trabalho elaborado por: João Miguel e Ana Sofia

Língua Portuguesa

Actividade de expressão escrita

Se eu fosse uma lebre...



Trabalho elaborado por: Bernardo e Jotaquim

Imagem 3- Avaliação dos Encarregados de Educação do trabalho realizado na quarta sessão de intervenção

Gostaríamos que registassem a Vossa opinião sobre o trabalho realizado.

Nome do aluno	E. de Educação	Opinião
Adriana Isabel Peruzinha dos Anjos	Silvia Baurigah	Está bonita
Afonso Pisco Pereira	Helena Pisco	Está maravilhosa
Ana Sofia Bilro Genebra	Helena Bilro	Gostei bastante
Bernardo António Canhão Lameira	Helena do Brasil	Está um trabalho muito interessante. PARABÉNS
Bruno Miguel Cardoso Mendes	Zélia Cardoso	Está muito bom. Parabéns por uma iniciativa.
Carolina Jeremias Malinha	Helena Malinha	Muito interessante. Parabéns.
Débora Cristina da Silva Abelho	Helena Silva	Está muito bom. Parabéns.
Diogo Filipe Serrano Ganito	Helena Ganito	Está muito bom. Parabéns.
Diogo Silveira Carapinha	Helena Carapinha	Está muito bom. Parabéns.
Hugo Miguel Camholas Lobinho	Susana Lobinho	Gostei do trabalho. Parabéns.
Jessica Calhau do Prior	Helena Prior	Está muito bom. Parabéns.
Joana Filipa Lambuzana trindade	M.ª Elisa Trindade	Está muito bonito.
João Filipe Alpalhão Pandeiro	Ana Rita Pandeiro	Parabéns. Está muito bom.
João Miguel Bilro Genebra	Helena Bilro	Está interessante.
Joaquim Miguel Bartolo da Palma Martins	M.ª Paula Martins	Está muito bonito.
José Artur Bartolo da Palma Martins	Paula Martins	Está muito bom.
Luis Henrique Carapinha Caldeira	Paula Caldeira	Está muito bom.
Manoel Filipe Ferrão Vicente	Daniela Vicente	Está muito bom.
Miguel Mendes Vicente	Edna Mendes	Parabéns. Está muito bom.
Paulo Duarte Pombeiro Infante	M.ª Paula Infante	Parabéns. Está muito bom.

Sandra Catarino - “Com e no grupo, eu consigo aprender”. Uma experiência de aprendizagem cooperativa, numa turma de 3º ano.

Imagens 4,5 e 6 - Palavras formadas pelos alunos na actividade “Come a sopa, Marta!”, quinta sessão de intervenção



Imagens 7 e 8 - Grupos de trabalho no desenvolvimento da actividade “Come a sopa, Marta!”, quinta sessão de intervenção



Imagens 9,10,11 e 12- Grupos de trabalho na execução da actividade “Come a sopa, Marta!”, sexta sessão de intervenção



Sandra Catarino - “Com e no grupo, eu consigo aprender”. Uma experiência de aprendizagem cooperativa, numa turma de 3º ano.

Imagens 13,14 e 15- Trabalhos realizados pelos alunos na actividade “Come a sopa, Marta!”, sexta sessão de intervenção



Imagem 16- Cartaz de turma “A liberdade é...” desenvolvido na sétima sessão de intervenção



Imagens 17 e 18- Desenhos elaborados pelos alunos na oitava sessão de intervenção

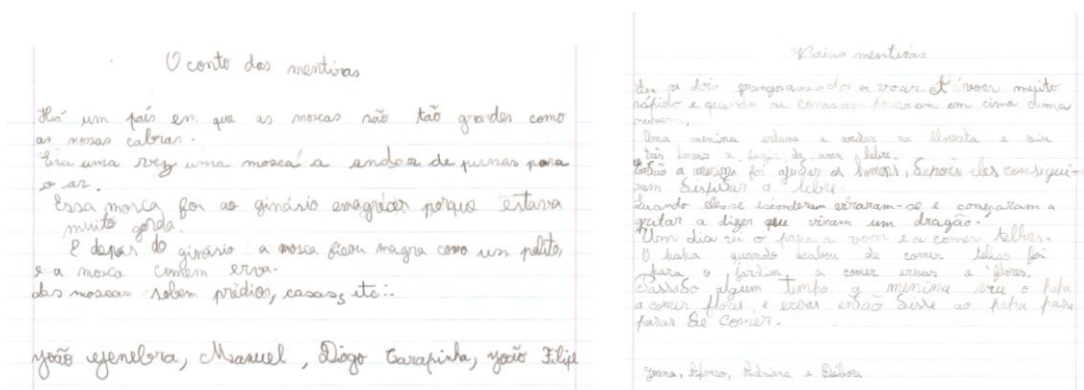


Sandra Catarino - “Com e no grupo, eu consigo aprender”. Uma experiência de aprendizagem cooperativa, numa turma de 3º ano.

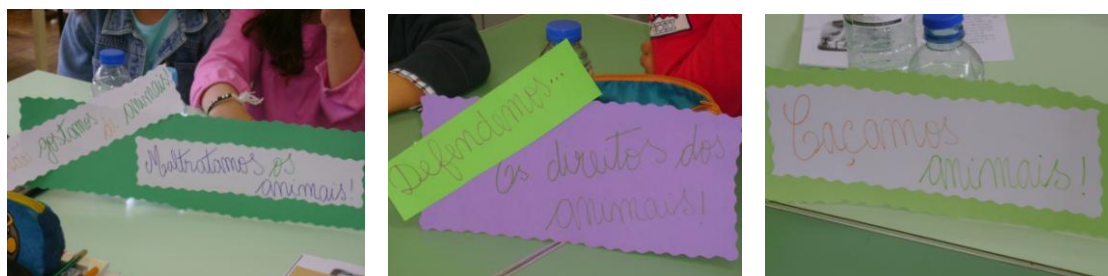
Imagens 19,20,21 e 22- Alunos no desenrolar da actividade “Conto das mentiras”, nona sessão de intervenção



Imagens 23 e 24- Textos elaborados pelos alunos através da discussão em rotação, nona sessão de intervenção



Imagens 25,26 e 27 – Temas do debate da décima sessão de intervenção

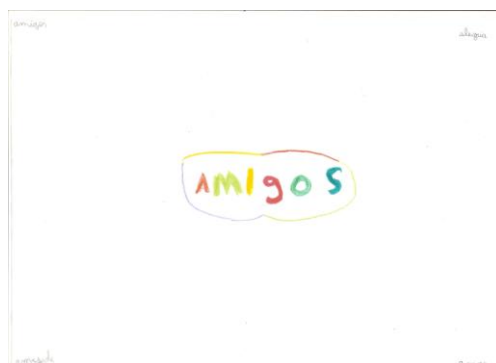


Sandra Catarino - “Com e no grupo, eu consigo aprender”. Uma experiência de aprendizagem cooperativa, numa turma de 3º ano.

Imagens 28 e 29 – Discussão entre os grupos de trabalho na décima sessão de intervenção

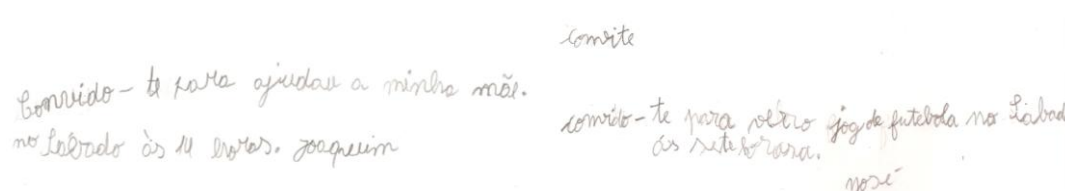


Imagens 30,31,32,33,34 e 35 – Grupos e trabalhos realizados pelos alunos na décima - primeira sessão de intervenção

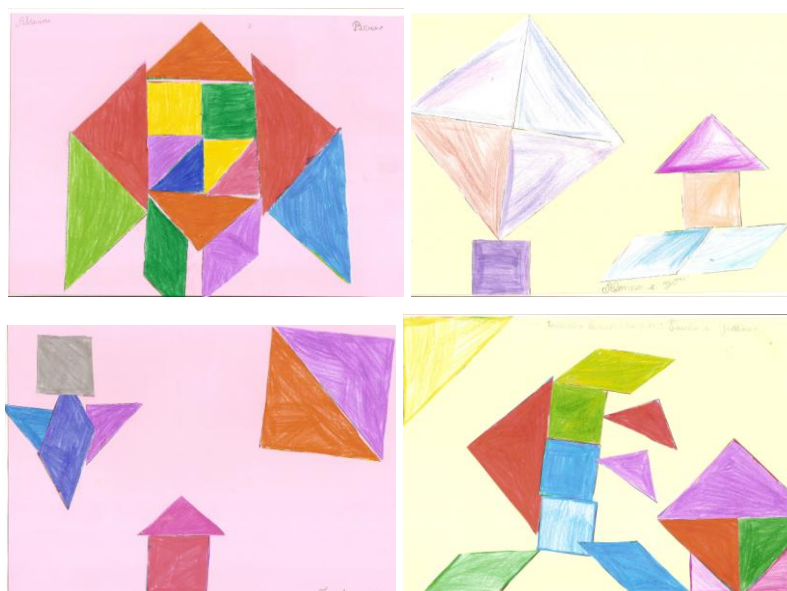


Sandra Catarino - “Com e no grupo, eu consigo aprender”. Uma experiência de aprendizagem cooperativa, numa turma de 3º ano.

Imagens 36,37,38 e 39 – Exemplos dos convites e envelopes preenchidos pelos alunos



Imagens 40,41,42 e 43 - Trabalhos realizados pelos alunos a partir de peças de tangran, décima-segunda sessão de intervenção



Imagens 44 e 45 - Exposição de trabalhos na Biblioteca Escolar, no final do ano lectivo



Sandra Catarino - “Com e no grupo, eu consigo aprender”. Uma experiência de aprendizagem cooperativa, numa turma de 3º ano.

Anexos

Anexo 1– Teste Sociométrico

I-1. Se pudesses escolher o teu colega de carteira, quem escolherias? _____

Indica outro colega _____

E ainda outro _____

E quem não escolherias? _____

II-1. Para realizar um trabalho de grupo, quem escolherias para trabalhar contigo? _____

Indica outro colega _____

E ainda outro _____

E quem não escolherias? _____

III-1. Quem gostarias de escolher para jogar contigo nos intervalos das aulas? _____

Indica outro colega _____

E ainda outro _____

E quem não escolherias? _____

Nome _____ Nº _____ T. _____

Nota: Adaptado de Estrela (1994:370)

Anexo 2- Programa educativo individual

1- Identificação do aluno

Nome: nº _____

Ano 3º turma: Idade: 7

Encarregado de Educação:

Morada:

Telefones:

2. DADOS FAMILIARES:

Nome do pai: Idade:

Profissão:

Nome da mãe: Idade: _____

Profissão:

Irmãos:

Nome: Idade: 6

Nome: Idade: 10

3. RESUMO DA HISTÓRIA ESCOLAR E OUTROS ANTECEDENTES RELEVANTES (aspectos relevantes do contexto e percurso escolar, apoios que beneficiou, efeitos da aplicação de PEI, resultados da avaliação, aspectos relacionais, expectativas em relação ao aluno, informações relevantes da família ...)

O _____ entrou pela primeira vez para o Jardim de Infância da Santa Casa da Misericórdia de _____ no ano lectivo 2004/2005 com o seu irmão gémeo.

Foi apoiado pela Equipa de Intervenção Precoce nos anos lectivos 2005/2006 e 2006/2007 por apresentar um atraso de desenvolvimento global e perturbações da linguagem e fala.

No ano lectivo 2007/2008 ingressou no 1º Ciclo tendo beneficiado de um Plano de Recuperação, uma vez que logo no início das suas aprendizagens se distanciava do grande grupo, muito significativamente. Beneficiou de apoio por parte de um professor de apoio educativo que contribuiu para o desenvolvimento de algumas competências cognitivas.

Relativamente ao relacionamento com colegas e adultos podemos considerar que estabelecia com os colegas uma boa relação, mas, por vezes era teimoso para com os adultos quando se exigia alguma tarefa que menos gostava. Revelava ainda apatia, desinteresse e desmotivação.

No início do ano a família revelava expectativas elevadas em relação ao _____, não aceitando os conselhos da educadora e da psicóloga para que o aluno ficasse mais um ano no Jardim de Infância, devido à sua grande imaturidade.

Quando a família verificou o grande distanciamento que havia do grande grupo, tomou uma atitude de negação, responsabilizando os docentes pelo insucesso do seu educando.

Posteriormente, e após insistência dos docentes, começaram a surgir relatórios médicos, psicológicos e de terapia da fala que confirmaram as suspeitas dos docentes e os motivos do fraco rendimento escolar.

No contexto sócio-familiar e, em virtude da ocupação profissional dos pais, o apoio prestado ao aluno era nulo, o que contribuiu para a falta de responsabilização e autonomia do aluno.

O aluno apresenta um quadro clínico de importante imaturidade global, perturbação da linguagem do tipo misto, bem como significativo compromisso da sua capacidade de atenção.

Durante o ano lectivo 2008/2009 beneficiou de apoio educativo 20 horas semanais, sempre que não havia substituições para fazer por parte da professora de apoio. Foi também acompanhado, semanalmente, cerca de 40 minutos em sessões de terapia de fala. Continua a ser seguido nas consultas de desenvolvimento no Hospital D. Estefânia. Foi recentemente reavaliado psicologicamente aguardando-se o relatório

4. CARACTERIZAÇÃO DOS INDICADORES DE FUNCIONALIDADE

4.1. AUTONOMIA E INDEPENDÊNCIA PESSOAL

O aluno não revela autonomia na realização dos trabalhos escolares de todos os tipos.

4.2. COMPETÊNCIAS SOCIAIS

É um aluno meigo, sociável, amigo de todas as crianças do grupo e principalmente do seu irmão gémeo.

Tem alguma dificuldade em cumprir as regras estabelecidas, sendo altamente influenciado pelo irmão, acompanhando-o por todo o lado.

4.3. POTENCIALIDADES E NÍVEL DE AQUISIÇÕES

De uma maneira geral o faz as aquisições ao seu ritmo, o qual se tem respeitado.

Na área da Língua Portuguesa foram trabalhadas quase todas as consoantes, à excepção do h, x e q. Copia palavras e pequenas frases, mas só consegue lê-las de forma silábica e com muita ajuda. Por vezes, parece que se esquece das letras já trabalhadas. Associa algumas palavras a imagens. Com muita ajuda vai escrevendo palavras simples. De acordo com o relatório de avaliação em terapia de fala o seu discurso é ainda um pouco desorganizado e com erros gramaticais. Tem ainda dificuldade em resumir oralmente uma história lida, não conseguindo referir as ideias principais nem responder a perguntas directas sobre a mesma. Todas as actividades desenvolvidas nesta área são realizadas com muito apoio.

Na área de Matemática foram trabalhados os números até ao 15. Há medida que se foi avançando na numeração, o aluno começou a revelar mais dificuldade, necessitando sempre de concretização e dos cartazes de apoio para identificar os números a partir do 10. Também nesta área as actividades foram desenvolvidas com muita ajuda.

Na área de estudo do Meio procurou-se que o aluno acompanhasse oralmente os temas abordados pelo seu grupo/turma, realizando actividades adaptadas, uma vez que tem pouca capacidade de retenção da informação, bem como de aquisição e aplicação dos conteúdos.

Na área de Expressão Plástica tem vindo a realizar alguns progressos, notando-se evolução na pintura, mas continua a não gostar de pintar.

Gosta de fazer jogos ao ar livre.

Manifesta interesse pela utilização do computador, nomeadamente por jogos.

4.4. DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM

A sua capacidade de atenção e execução das tarefas é mínima. Cansa-se facilmente O seu desinteresse, é quase constante e dificilmente se prende a sua atenção. Ao iniciar uma tarefa, se não tiver ajuda e se insistir, dificilmente a conclui.

Dispersa-se facilmente, alheando-se de tudo o que o rodeia.

É pouco organizado.

O seu grau de autonomia é quase nulo, necessitando de ajuda e incentivo para quase tudo.

Ao nível da Língua Portuguesa, o seu discurso é pouco fluente e perceptível. Fala de uma maneira ainda muito infantil e há dificuldade na construção das frases.

Para recontar uma história é necessário que a tenha ouvido com muita atenção, questiona

frequentemente porque não retém a informação.

Tem dificuldades em identificar as palavras trabalhadas bem como as suas famílias.

Tem revelado alguma dificuldade ao nível da coordenação óculo-manual.

Não consegue ler nem escrever autonomamente, mas copia de letra de imprensa para manuscrita trocando algumas letras, como por exemplo o b pelo d.

Na área da Matemática só consegue efectuar os cálculos mediante concretização e ajuda, caso contrário não possui autonomia. Tem dificuldade em contar números por ordem decrescente. Por vezes, revelou dificuldade em atribuir um número de elementos a uma quantidade, tendo que recorrer, inúmeras e repetidas vezes aos cartazes que possuíam a quantidade associada a um número.

Na área de Estudo do Meio, por apresentar graves problemas e tempos reduzidos de atenção, não consegue reter a informação nem aplicar conhecimentos.

Apesar de gostar de jogos ao ar livre, nem sempre cumpria as regras por falta de atenção.

5. FACTORES AMBIENTAIS QUE FUNCIONAM COMO FACILITADORES OU COMO BARREIRAS À APRENDIZAGEM E À PARTICIPAÇÃO

Como agentes facilitadores temos a família que acompanha o Joaquim às consultas de psicologia e de terapia da fala, todos os técnicos de saúde e os professores.

De início, a família tinha grandes expectativas em relação ao aluno, no entanto, tem vindo a aperceber-se gradualmente das grandes dificuldades que lhe são inerentes, cooperando de uma forma mais eficaz.

6. ADEQUAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM - DEFINIÇÃO DAS MEDIDAS EDUCATIVAS ¹

6.1.

MEDIDAS:				
a) – Apoio Pedagógico Personalizado – art.17º	a)	b)	c)	d)
b) – Adequações Curriculares Individuais – art. 18º	Adequações do currículo comum		Introdução de áreas específicas	
c) – Adequações no Processo de matrícula – art. 19º				
d) – Adequações no processo de Avaliação – art. 20º				
e) – Currículo Específico Individual – art.21º	X			
f) – Tecnologias de Apoio – art. 22º	X			

6. 2. Especificação das medidas

Atendendo à problemática do aluno será benéfico reduzir-se o número de alunos da sua turma, de acordo com a norma prevista no ponto 5.4 do Despacho 14026/2007, de 3 de Julho, de modo a desenvolver as seguintes competências:

¹ As medidas educativas podem ser aplicadas cumulativamente com excepção das medidas b) Adequações Curriculares Individuais e alínea e) Currículo Específico Individual que não são cumuláveis entre si.

- Saber comportar-se adequadamente em diferentes situações sociais.
- Melhorar as relações interpessoais e o seu comportamento em grupo.
- Desenvolver a autonomia.
- Desenvolver a auto-estima.
- Estimular as áreas de atenção concentração.
- Melhorar o seu comportamento.
- Controlar emoções.

Para o desenvolvimento destas competências irão ser aplicadas as estratégias indicadas no ponto 7.2. deste documento.

7. INTERVENÇÃO

7.1. OBJECTIVOS GERAIS DA INTERVENÇÃO.

Permitir a aquisição de competências básicas essenciais ao desenvolvimento do aluno, atendendo às suas características, necessidades e problemas de forma a promover o sucesso escolar.

7.2. ESTRATÉGIAS E RECURSOS ESPECÍFICOS (linhas metodológicas a adoptar, recursos humanos e materiais)

Estratégias:

- Ter regras bem definidas e manter uma sala de aula bem estruturada.
- Desenvolver rotinas.
- Ajudar o Joaquim a organizar-se sem ser através da força e da pressão.
- Acompanhar de perto o trabalho do aluno e elogiar frequentemente quando merecido em vez de só criticar.
- Tornar o aluno responsável por determinadas tarefas.
- Alternar o trabalho que deve realizar com outras tarefas na sala de aula.
- Treinar competências de organização e de estabelecimento de objectivos.
- Modificar a apresentação das aulas e introduzir adaptações nas tarefas a realizar.
- Planear antecipadamente com a criança as mudanças e transições.
- Identificar pontos fortes e usá-los.
- Beneficiar e utilizar estrategicamente os seus interesses e competências para desenvolver actividades e motivar e/ou facilitar as aprendizagens, compensando as dificuldades. Ex: Exercícios relacionados com um tema do seu interesse de modo a motivá-lo inicialmente para se envolver na tarefa proposta.
- Usar os seus interesses para aumentar comportamentos desejáveis. Ex: Fornecer tempo extra para realizar uma tarefa de que goste muito, depois completar determinada tarefa que lhe exija uma maior concentração e empenho.
- Dar explicações adicionais, fazer simplificações ou dar exemplos concretos (de preferência relacionados com o dia-a-dia da criança) quando as aprendizagens se basearem em conceitos abstractos ou metafóricos. Relacionar as aprendizagens com conhecimentos do interesse do aluno.
- Usar instruções verbais simples, explícitas e curtas. Pode ser necessário pedir-lhe para que ele as repita, como forma de certificação de que ele compreendeu a mensagem. Antes de fornecer qualquer instrução será necessário em primeiro lugar captar a sua atenção, permitir a conclusão (ou facilitar a interrupção) da actividade que ele poderá estar a realizar em determinado momento, e só depois de fornecer a instrução.
- Monitorizar o discurso de quem se dirige ao Joaquim dando-lhe instruções, de modo a garantir que a voz de quem dá instruções é o principal som e não está a competir contra algum ruído de fundo; são feitas pausas entre as frases para dar tempo ao processamento de estímulos; é dada apenas uma instrução de cada vez; são evitados segundos sentidos.
- Decompor tarefas complexas em partes mais simples e dar uma tarefa de cada vez de forma a facilitar a conclusão da tarefa final.

- Diminuir o tempo de trabalho contínuo e fazer alternância de tarefas (simples e mais complexas) de modo a fazer coincidir as tarefas mais significativas com o intervalo de tempo onde a atenção é maior.
- Colocar o aluno num local perto do professor e afastado de estímulos distractores.
- Orientar a família no sentido de as tarefas de casa serem monitorizadas por um adulto, não com o objectivo de produzir em vez dele ou de pressionar a elaboração de trabalhos perfeitos, mas sim, com o principal intuito de orientar o aluno na organização da execução dessas tarefas e na promoção da motivação, atenção e da concentração.
- Promover a sua auto-estima valorizando o seu esforço e sucessos, incentivando-o a não desistir perante as dificuldades.

Recursos humanos:

- Professor Titular de turma
- Professor de Ensino Especial
- Professor de Apoio Educativo
- Psicóloga
- Terapeuta da fala
- Pedopsiquiatra

Recursos materiais:

- Materiais da sala de aula e outros a requisitar
- Materiais do aluno
- Computador

7.3 – Currículo Específico Individual (art.21º)

7.3.1. ÁREA DE SÓCIO-AFFECTIVA

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	INTERVENIENTES	CONTEXTO	PARTICIPAÇÃO		AVALIAÇÃO		
					Sim	Não	C	CA	NC
- Melhorar as relações interpessoais e o seu comportamento em grupo. - Desenvolver a autonomia. - Desenvolver a auto-estima. - Estimular as áreas de atenção concentração. - Melhorar o seu comportamento. - Controlar emoções.	Regras de conduta	- Participação activa em todas as actividades curriculares e não curriculares.	- Professora titular da turma. - Professora do Ensino Especial - Professor/a de Apoio Educativo - Colegas - Auxiliares de acção educativa - Pais (família/Enc. de Educação)	Sala de aula e outros espaços escolares Casa					

7.3.2. ÁREA DE PSICOMOTORA

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	INTERVENIENTES	CONTEXTO	PARTICIPAÇÃO		AVALIAÇÃO		
					Sim	Não	C	CA	NC
- Desenvolver a coordenação fina e global. - Conhecer melhor o esquema corporal vivido. -Desenvolver noções espaço-temporais e de lateralidade.	Mobildade / motricidade	- Execução de actividades de modelagem, pintura e colagem. - Exploração de jogos diversos.	- Professora titular da turma. - Professora do Ensino Especial - Professora de Apoio Educativo - Pais (família/Enc. de Educação)	Sala de aula Biblioteca Escolar Casa					

7.3.3. ÁREA DE LÍNGUA PORTUGUESA

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	INTERVENIENTES	CONTEXTO	PARTICIPAÇÃO		AVALIAÇÃO		
					Sim	Não	C	CA	NC
- Ser capaz de reter informações básicas. - Expressar-se por iniciativa própria. - Aumentar o seu leque vocabular. - Relatar acontecimentos. - Contar e recontar histórias simples. - Descrever imagens ou gravuras. - Compreender mensagens muito simples. - Transmitir recados muito simples. - Iniciar e manter uma conversa.	Compreensão oral	- Leitura de histórias a partir de livros ilustrados. - Visualização de imagens e ou sequência de imagens. - Visualização de pequenos filmes de histórias e contos infantis. - Exploração de palavras/sílabas e respectivas imagens. - Realização de jogos de combinação de palavras com imagens. - Realização de jogos de associação/selecção de palavras com imagens. - Execução de fichas de trabalho adaptadas. - Exploração de jogos multimédia. - Escrita no computador.	- Professora titular da turma. - Professora do Ensino Especial - Professora de Apoio Educativo - Terapeuta da fala - Colegas - Auxiliares de acção educativa - Pais (família/Enc. de Educação)	Sala de Aula Biblioteca Escolar					
- Ler palavras simples do seu quotidiano - Ler e reconhecer as sílabas das palavras. - Separar palavras silabicamente. - Construir e ler novas palavras. - Associar a palavra à imagem e a imagem à palavra. - Identificar as palavras conhecidas em pequenas frases ou textos. - Reconhecer sílabas iguais em diferentes palavras. - Copiar palavras e frases com interesse prático. - Escrever o seu nome completo sem copiar. - Escrever palavras com o apoio do computador.	Leitura Expressão escrita								

7.3.5. ÁREA DE ESTUDO DO MEIO

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	INTERVENIENTES	CONTEXTO	PARTICIPAÇÃO		AVALIAÇÃO		
					Sim	Não	C	CA	NC
- Conhecer o seu nome completo. - Identificar características familiares. - Reconhecer modificações no seu corpo. - Reconhecer partes constituintes do seu corpo. - Saber o nome dos dias da semana e dos meses do ano. - Reconhecer a importância do ar puro e do sol para a saúde; - Identificar perigos do consumo do álcool e tabaco;	À descoberta de si mesmo	- Exploração de jogos de discriminação, selecção e associação. - Execução de fichas de trabalho adaptadas. - Exploração de jogos multimédia.	- Professora titular da turma. - Professora do Ensino Especial - Professora de Apoio Educativo - Colegas - Pais (família/Enc. de Educação)	Sala de aula Biblioteca Escolar					
- Conhecer os nomes próprios dos membros da sua família - Conhecer e aplicar algumas regras de convivência social. - Respeitar os interesses individuais e colectivos. - Reconhecer a bandeira nacional;	À descoberta dos outros e das instituições	- Realização de experiências. - Utilização das TIC. - Pintura de imagens. - Participação nas actividades colectivas orais.							
- Reconhecer seres vivos do seu ambiente próximo. - Reconhecer situações agradáveis e desagradáveis e diferentes possibilidades de reacção; - Reconhecer a utilidade das plantas; - Comparar e classificar animais segundo as suas características	À descoberta do ambiente natural								

externas; - Realizar experiências; - Contactar, observar e identificar diferentes locais de comércio. - Manusear objectos em situações concretas.	À descoberta dos materiais e dos objectos À descoberta das inter-relações entre espaços	-Participação nas actividades do grupo/turma - Manipulação de diferentes materiais. - Visitas a instituições locais. - Visitas a comércios locais.							
--	--	---	--	--	--	--	--	--	--

7.3.6. ÁREA DE EXPRESSÃO PLÁSTICA

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	INTERVENIENTES	CONTEXTO	PARTICIPAÇÃO		AVALIAÇÃO		
					Sim	Não	C	CA	NC
- Desenhar livremente. - Pintar livremente. - Explorar e tirar partido da resistência e plasticidade. - Fazer e desmanchar construções. - Explorar a técnica da colagem com diversos materiais.	Desenho Pintura Modelação/ modelagem Construções Colagem	- Exploração e experimentação de actividades, técnicas e materiais diversos.	- Professora titular da turma. - Professora do Ensino Especial - Professora de Apoio Educativo	Sala de aula Biblioteca Escolar					

7.3.7. ÁREA DE EXPRESSÃO FÍSICO-MOTORA

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	INTERVENIENTES	CONTEXTO	PARTICIPAÇÃO		AVALIAÇÃO		
					Sim	Não	C	CA	NC
- Elevar o nível das capacidades coordenativas. - Cooperar com os companheiros nos jogos e exercícios.	Movimento Jogos	- Exploração e experimentação de movimentos e de jogos.	- Professora titular da turma. - Professora de Apoio Educativo	Sala de aula Recreio					

7.3.8. ÁREA DE EXPRESSÃO MUSICAL

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	INTERVENIENTES	CONTEXTO	PARTICIPAÇÃO		AVALIAÇÃO		
					Sim	Não	C	CA	NC
- Expressar-se livremente. - Dizer rimas e lengalengas muito simples. - Cantar canções.	Canções	- Exploração e experimentação de diversas formas de se expressar - Cantar	- Professora titular da turma. - Professora de Apoio Educativo - Colegas	Sala de aula Biblioteca escolar					

7.3.9. ÁREA DE EXPRESSÃO DRAMÁTICA

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	INTERVENIENTES	CONTEXTO	PARTICIPAÇÃO		AVALIAÇÃO		
					Sim	Não	C	CA	NC
- Desenvolver progressivamente as possibilidades expressivas do corpo.	Corpo	- Exploração e experimentação de diversas formas de se expressar com o corpo	- Professora titular da turma. - Professora de Apoio Educativo - Colegas	Sala de aula Biblioteca Escolar					

Legenda: C – Conseguiu CA – Conseguiu com ajuda NC-Nãoconsegui

8. NÍVEL DE PARTICIPAÇÃO DO ALUNO NAS ACTIVIDADES EDUCATIVAS DA ESCOLA

O aluno participa, sem restrições, nas actividades para que for solicitado ou por iniciativa própria naquelas em que estiver interessado, tendo em consideração as suas necessidades, capacidades e problemas.

9. Distribuição horária das diferentes Actividades Previstas

9.1 – Horário do aluno

9.2. RESPONSÁVEIS PELAS ACTIVIDADES (Técnicos, professores, auxiliares....)

Professor Titular de turma	
Professora Ensino Especial	
Professora Apoio Educativo	
Psicóloga Centro de Saúde Borba	Teresa Santos
Psicólogo	

10. AVALIAÇÃO DO PROGRAMA - DEFINIÇÃO DO PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO.

A avaliação será contínua e sumativa.
Contínua – Avaliação formativa dos progressos do aluno (conhecimentos, competências, capacidades, atitudes e comportamentos).
Sumativa – As competências serão avaliadas no final de cada período, através da análise do portefólio do aluno, de forma descritiva e qualitativa.
Os instrumentos de avaliação serão adequados às suas capacidades e potencialidades, numa perspectiva de reforço positivo.
Os professores envolvidos reúnem periodicamente para formalizar a avaliação, definir ou redefinir objectivos e estratégias, tendo em conta os progressos alcançados pelo aluno

10.1 – TRANSIÇÃO ENTRE CICLOS

11. ASSINATURA DOS INTERVENIENTES

NA ELABORAÇÃO DO PROGRAMA EDUCATIVO INDIVIDUAL:

Professor da Turma/Director de Turma

Professor de Educação Especial

Professor de Apoio Educativo

Encarregado de Educação

Outros: _____

NO DESENVOLVIMENTO DO PROGRAMA EDUCATIVO INDIVIDUAL

Professor/Director de Turma _____

Professor de Educação Especial _____

Outros Professores da Turma

Outros intervenientes

11.3. Concordância do Encarregado de Educação

Encarregado de Educação _____

Programa Elaborado em 9 de Julho de 2009

Anexo 3- Relatório Técnico-Pedagógico



EQUIPA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ...

RELATÓRIO TÉCNICO - PEDAGÓGICO

(de acordo com o previsto no artigo 6º do Decreto - Lei nº3/2008, de 7 de Janeiro)

Ano lectivo: 2008 /2009

1. Identificação da criança/aluno

Nome: _____

Data de nascimento: 29 /08 /2001

Homologação

Data: 29 /06 /2009

Assinatura do Conselho Executivo

Situação educativa:

Nível de Educação ou Ensino: Pré-Escolar 1º CEB 2º CEB 3º CEB E. Secundário

Ano de escolaridade: 2º Turma: A

Estabelecimento de educação/ensino: EB1/JI de

Perfil de funcionalidade

1- Funções do Corpo

Os testes psicológicos aplicados vieram a verificar um défice ligeiro a moderado de algumas funções mentais globais como a orientação no espaço e no tempo, funções intelectuais, funções psicossociais globais e do temperamento; sendo que ao nível das funções mentais específicas como a atenção, memória, percepção, cognitivas básicas e superiores, mentais da linguagem e do cálculo também se observa um défice de ligeiro a moderado.

Em relação aos níveis de desenvolvimento nas áreas, motora, pessoal e social, audição e fala, coordenação olho-mão, realização e raciocínio prático, avaliados através da escala de Avaliação em Desenvolvimento de Ruth Griffiths, a idade mental obtida é de 63 meses.

2- Actividade e Participação

Segundo relatório psicológico e observação por parte dos professores, o é uma criança que apresenta significativas dificuldades em se organizar e concentrar em tarefas que requeiram esforço mental prolongado, devido a ter períodos de concentração e atenção reduzidos para a sua idade cronológica.

Ao nível da Língua Portuguesa o seu discurso é pouco fluente e perceptível. Segundo a terapeuta da fala tem uma perturbação articulatória mista que abrange as áreas da fonética e da fonologia e atraso no desenvolvimento da linguagem tipo misto, onde há comprometimento da compreensão e da expressão. As aquisições feitas estão muito aquém do grupo em que está inserido, não havendo resultados positivos, apesar de se terem utilizado dois métodos de leitura distintos.

Ao nível da Matemática faz contagens até 10, mas só identifica os



EQUIPA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE

números até 7, possui dificuldades ao nível do cálculo, para o qual necessita de grande ajuda, mesmo recorrendo à concretização.

Ao nível de Estudo do Meio revela dificuldades em acompanhar o grupo, oralmente, devido em parte à sua falta de concentração/atenção e imaturidade.

O é bastante imaturo, revelando graves problemas de aprendizagem, atenção, concentração e organização, não revelando qualquer autonomia na realização de tarefas propostas.

3- Factores Ambientais

Como agentes facilitadores temos a família que acompanha o às consultas de psicologia e de terapia da fala, todos os técnicos de saúde e os professores.

De início, a família tinha grandes expectativas em relação ao aluno, no entanto, tem vindo a aperceber-se gradualmente das grandes dificuldades que lhe são inerentes, cooperando de uma forma mais eficaz.

3 – Medidas Educativas:

Apoios a disponibilizar pela Escola (cursos de educação e formação (Despacho conjunto n.º453/2004), a elaboração de planos de recuperação, de acompanhamento e de desenvolvimento (Despacho normativo n.º50/2005)...) ☐

Medidas do Decreto-Lei n.º 3/2008

a) – Apoio Pedagógico Personalizado – art. 17º	☐
b) – Adequações Curriculares Individuais – art. 18º	☐
c) – Adequações no Processo de matrícula – art. 19º	☐
d) – Adequações no processo de Avaliação – art. 20º	☐
e) – Currículo Específico Individual – art. 21º	☒
f) – Tecnologias de Apoio – art. 22º	☒



EQUIPA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE

4- Fundamentação das medidas

O _____ é um aluno que se enquadra no Regime Educativo Especial por haver um comprometimento bastante significativo, de carácter permanente, ao nível das funções do corpo e da actividade e participação, agravadas por factores ambientais, as quais se reflectem essencialmente nas áreas da aprendizagem da leitura e da escrita, bem como no raciocínio lógico-matemático. Atendendo à sua problemática e após terem sido feitas reavaliações psicológica e pedagógica, o Conselho de Docentes realizado a 22 de Junho de 2009, conjuntamente com a Equipa de Ensino Especial, decidiu que será necessário alterar as medidas do Decreto-Lei nº3/2008, adoptadas anteriormente. Decidiu-se pois, que será mais adequado o aluno passar a usufruir de um **Curriculo Especifico Individual**, no próximo ano lectivo.

Data: 25/06/09

O Director/professor da turma: _____

O Docente de Apoio: _____

O Docente de Educação Especial: _____

O Psicólogo: _____

Outros: Dr. _____ (Pedopsiquiatra)

Dr.ª _____ (CADIN)

Terapeuta da Fala: _____

Declaro que **concordo** com as medidas educativas a adoptar para o meu educando

Data: 25/06/09

Assinatura: _____

Declaro que **não concordo** com as medidas educativas a adoptar para o meu educando

Data: ____/____/____

Assinatura: _____

Anexo 4- 1º Relatório da Terapia da Fala

Relatório

Nome: _____

Data de Nascimento: 29/08/2001

Idade: 6.08

Local do acompanhamento em Terapia da Fala: Cruz Vermelha Portuguesa de _____

O _____ é acompanhado em sessões de Terapia da Fala com a periodicidade de uma vez por semana, devido a um diagnóstico de Atraso de Desenvolvimento da Linguagem (ADL).

As suas dificuldades incidem ao nível da articulação de alguns sons da Língua Portuguesa – isolados, nas palavras e em frases – (sobretudo /R/, /l/, /r/, /s/, /3/ /Λ/). A este nível, têm-se registado algumas melhorias, embora ainda subsistam algumas dificuldades nas competências articulatórias, sobretudo ao nível da generalização da produção correcta para os novos contextos de articulação (produção espontânea de palavras que contenham os sons ainda não adquiridos pela criança ou de aquisição emergente).

Por outro lado, em algumas das suas produções, regista-se a presença de reduções silábicas, o que faz com que as palavras que produz se tornem pouco perceptíveis em algumas situações.

Para além das suas dificuldades articulatórias, o _____ apresenta também algumas alterações ao nível das competências semânticas e sintáticas, o que se traduz pela alteração da ordem dos elementos que formam as frases (em algumas situações) e pelo não enquadramento de algumas palavras (envolvendo noções mais abstractas e complexas) nos seus devidos contextos.

A intervenção na área da Terapia da Fala tem vindo a ser desenvolvida com vista a promover o treino articulatório na produção dos sons não adquiridos pela criança, isoladamente, na palavra, em frases e no discurso

espontâneo. Por outro lado, a intervenção tem incidido também no desenvolvimento das capacidades linguísticas da criança, através da realização de jogos e de outras actividades do seu interesse (com o intuito de captar a sua atenção). Estas actividades visam melhorar as competências da criança para organizar o seu discurso de forma correcta e funcional, aumentando o sucesso das suas interacções com os seus pares e com os adultos que o rodeiam.

Coloco-me à disposição para o esclarecimento de qualquer dúvida que possa surgir.

Atenciosamente.

, 12 de Maio de 2008

A Terapeuta da Fala

Anexo 5 - 2º Relatório de Terapia da Fala

RELATÓRIO

Nome:

Data de Nascimento: 29/08/2001

Morada:

Área de Intervenção: Terapia da Fala

Local de Acompanhamento: Cruz Vermelha Portuguesa - Delegação de

O [] é uma criança de 7 anos que é acompanhada em sessões de Terapia da Fala com a periodicidade de uma vez por semana. Este apoio é prestado devido a um Atraso de Desenvolvimento da Linguagem, patente nas 4 áreas linguísticas: Semântica (o vocabulário que é usado e o que é compreendido), Sintaxe (a forma como as frases são construídas e organizadas), Fonologia (a forma como são produzidos os vários sons que constituem as palavras) e Pragmática (a forma como é dado uso às competências linguísticas).

O [] apresenta um vocabulário abaixo do que já é esperado para a sua idade, não conseguindo, por vezes, enquadrar algumas palavras nos seus devidos contextos. No que respeita à elaboração de frases, é notório que a complexidade das construções frásicas que a criança utiliza também se encontra abaixo do que é esperado para a sua faixa etária e para o seu nível de escolaridade. O [] utiliza frases pouco criativas no seu discurso e, muitas vezes, efectua trocas entre os vários elementos que constituem as frases, devido às suas dificuldades em organizar as ideias para as expressar numa conversação com os seus parceiros comunicativos.

Por outro lado, a criança demonstra *dificuldades na articulação* de alguns fonemas da Língua Portuguesa, revelando dificuldades em imitar o modelo correcto, bem como em generalizar as produções correctas dos fonemas para novos contextos. O [] revela também dificuldades ao nível da

consciência fonológica, o que tem dificultado, em conjunto com outros factores, a aprendizagem das competências de leitura e escrita.

No que diz respeito às competências pragmáticas, o apresenta muitas dificuldades em esperar e pegar a sua vez de forma correcta durante uma conversação, realizar inferências sobre o que é dito pelas pessoas que o rodeiam, assim como em iniciar, manter e terminar uma conversação com sucesso, respeitando o que é esperado pelos seus interlocutores.

O é uma criança que revela tempos de atenção e concentração muito curtos, mesmo quando participa em actividades que são do seu interesse. Neste sentido, e tendo em consideração todas as suas dificuldades na área da linguagem, deve-lhe ser proporcionado um ambiente estável, organizado e rico em experiências, tanto em casa como na escola, de modo a que a criança possa desenvolver as suas capacidades de forma harmoniosa e segura.

Deste modo, é importante que o ambiente à sua volta seja estruturado para que, através de um apoio educativo e terapêutico eficaz, o possa desenvolver as suas competências nas variadas áreas de aprendizagem, em conjunto com as outras crianças da sua idade.

Sem mais a acrescentar, coloco-me à disposição para o esclarecimento de qualquer dúvida que possa surgir após a leitura deste relatório.

Com os melhores cumprimentos.

, 19 de Setembro de 2008

A Terapeuta da Fala

Anexo 6- 1º Relatório médico



Centro de Apoio ao Desenvolvimento Infantil

DECLARAÇÃO MÉDICA

Para os devidos efeitos se declara que o menino
, de 6 anos de idade, é seguido no CADi desde Junho de
2007.

Apresenta um atraso a nível do desenvolvimento psicomotor mais evidentes
a nível da linguagem, sobretudo expressiva.

Foi feita uma avaliação formal do desenvolvimento com a Escala de
Desenvolvimento de Griffiths, apresentando um QG=90%, com valores
abaixo do esperado sobretudo na área da Audição/Fala e Raciocínio Prático,
sendo a área Pessoal/Social a sua área forte.

Foi adicionalmente feita uma avaliação da Linguagem que evidenciou um
Atraso do Desenvolvimento da Linguagem do tipo misto (compreensão e
expressão).

Face aos resultados acima referidos, o tem indicação para
ter Apoio Pedagógico Especializado ao abrigo do Decreto-Lei 3/2008.

Cascais, 27 de Maio de 2008



Anexo 7- 2º Relatório médico

 CENTRO HOSPITALAR DE LISBOA CENTRAL, E. P. E. HOSPITAL D. ESTEFÂNIA

Exmo. Senhor
Presidente do Conselho Executivo
Escola EB1

O menino, de 7 anos de idade, foi encaminhado a esta consulta de Pedopsiquiatria por alterações importantes no seu desenvolvimento e prob. comportamento.

Encontra-se em período de observação, em presença clínica com outros especialistas. Deles deste Hospital, destacando-se até este momento, atraso significativo

H.D.E. Mod. 6 - C.I.

 CENTRO HOSPITALAR DE LISBOA CENTRAL, E. P. E. HOSPITAL D. ESTEFÂNIA

preferencialmente verbal, e onde não sejam previsíveis situações de confronto / aprendizagem problemáticas e que possam, de forma, contribuir também para a sua evolução satisfatória desta situação.

Do dispôs para qualquer esclarecimento adicional, e certo da melhoria da V-Exec para este assunto, após os exames realizados.

Quidico de Pedopsiquiatria

Equipa da Lapa
Departamento de Pedopsiquiatria
Esq.
1200-622 Lisboa - Telf: 213930154

H.D.E. Mod. 6 - C.I.

do seu desenvolvimento, com compromissos intelectual e psicoemocionais importantes.

Este quadro clínico condiciona grave repercussão no nível das suas aprendizagens e desempenhos escolares, devendo, a Escola que frequentar, adotar as medidas que a Equipa Pedopsiquiatria entende adequadas à optimização das suas competências.

Recomenda-se ainda que o Joaquim seja avaliado pela equipa da sua escola de acordo com o des. lei 3/2008, sob pena de o quadro clínico se agravar na ausência de adequadas medidas educativas.

Consideramos que deve ser interpretado

Anexo 8- 3º Relatório médico



Departamento de Psiquiatria da
Infância e da Adolescência
Equipa da Lapa

Resumo de Informação Clínica

O , de 7 anos de idade, veio pela primeira vez a esta consulta de Pedopsiquiatria do H.D. Estefânia em Julho deste ano, referenciado por Psicóloga do Hospital do Espírito-Santo (Évora), para Avaliação Diagnóstica e Orientação Terapêutica em contexto atraso de desenvolvimento, problemas de comportamento e aprendizagem.

Foi submetida a Avaliação Psicológica e tem vindo a ser alvo de acompanhamento Pedopsiquiátrico em regime de Consultas Terapêuticas Periódicas apresentando Deficiência Mental Moderada e atraso importante do seu desenvolvimento, com irrequietude marcada e acentuada dificuldade na manutenção da atenção.

Neste sentido tem indicação para manter seguimento nesta consulta de Pedopsiquiatria, com suporte familiar aos pais, e recurso a terapêutica psicofarmacológica. A sua situação clínica está ainda a ser estudada por um conjunto de outras especialidades médicas deste Hospital no sentido de melhor se definir e caracterizar qualquer diagnóstico e intervenção terapêutica futura.

Considera-se ainda que, atendendo ao quadro clínico apresentado, deverá ser planeada a sua integração em Estabelecimento de Ensino Especial na área de residência ou, caso tal não seja possível, dever-se-á garantir que beneficie, na escola que frequenta, de Apoio Especializado, cinco vezes por semana, individual, bem como de todas as restantes Medidas Educativas Especiais que a equipa pedagógica entender úteis e adequadas às suas dificuldades.

Apenas dessa forma se pode perspectivar uma optimização das competências e desempenhos do , visando uma melhor adaptação social e profissional futura.

Ao dispor para qualquer informação adicional e colaboração que venha a ser necessária.

Com os melhores cumprimentos.

Lisboa, 3 de Novembro de 2008.

Equipa da Lapa
O médico da Pedopsiquiatria
Departamento de Pedopsiquiatria
Rua Buenos Aires, N.º 27-1.º Esq.º
1200-622 Lisboa - Telf: 213930154



Ministério da Saúde

Rua Buenos Aires, n.º 27 – 1.º Esq., 1200 – 622 Lisboa Tel: 213930154 / 213930155 Fax: 213930154

Anexo 9 - 3º Relatório Terapia da Fala

Relatório de avaliação em Terapia da Fala

Nome: _____

A avaliação do paciente em Terapia da Fala teve início em Janeiro do presente ano. Foi-lhe primeiramente aplicado o Teste de Articulação Verbal de Isabel Guimarães, tendo-se verificado a substituição dos fonemas /N/ (lh), /j/ (j) e /ʃ/ (ch), na produção de palavra isolada.

Em seguida foi avaliado através da Grelha de Observação da Linguagem – nível escolar (Kay & Tavares).

O texto apresenta um nível de vocabulário razoável para a sua faixa etária. No entanto, o seu discurso é um pouco desorganizado. Tem dificuldade em fazer a nomeação das classes de palavras e não tem noção de opostos.

Relativamente à estrutura morfo-sintáctica, tem muita dificuldade no reconhecimento de frases agramaticais, não realizou a tarefa de coordenação e subordinação de frases e teve muita dificuldade na ordenação de palavras na frase. Mostrou ainda muita dificuldade na tarefa de derivação de palavras.

Quanto à estrutura fonológica, apresenta dificuldades na discriminação auditiva e na identificação de rimas, conseguindo realizar, embora com alguma dificuldade, a tarefa de segmentação silábica.

O aluno mostrou, ao longo de toda a avaliação, dificuldades na compreensão do que lhe é pedido, bem como dificuldades em manter a atenção.

Tendo em conta todas as suas dificuldades, o _____ irá beneficiar de apoio semanal em Terapia da Fala, de forma a tentar superar as suas dificuldades.

A Terapeuta da Fala

, Fevereiro de 2009

Anexo 10- 4º Relatório de Terapia da Fala

Relatório de avaliação em Terapia da Fala

Nome:

D.N.:29/08/2001

O é acompanhado em Terapia da Fala desde Janeiro do presente ano. Foi-lhe primeiramente aplicado o Teste de Articulação Verbal de Isabel Guimarães, tendo-se verificado a substituição dos fonemas [ʎ] (lh), [ʒ] (j) e [ʃ] (ch), na produção de palavra isolada.

Em seguida foi avaliado através da Grelha de Observação da Linguagem – nível escolar (Kay & Tavares).

O apresenta um nível de vocabulário razoável para a sua faixa etária. No entanto, o seu discurso é um pouco desorganizado. Tem dificuldade em fazer a nomeação das classes de palavras e não tem noção de opostos.

Relativamente à estrutura morfo-sintáctica, tem muita dificuldade no reconhecimento de frases agramaticais, não realizou a tarefa de coordenação e subordinação de frases e teve muita dificuldade na ordenação de palavras na frase. Mostrou ainda muita dificuldade na tarefa de derivação de palavras.

Quanto à estrutura fonológica, apresenta dificuldades na discriminação auditiva e na identificação de rimas, conseguindo realizar, embora com alguma dificuldade, tarefas de segmentação silábica.

O apresenta ainda um atraso significativo na aprendizagem da leitura e escrita.

O mostrou, ao longo de toda a avaliação, dificuldades na compreensão do que lhe é pedido, bem como dificuldades em manter a atenção.

Tendo em conta as dificuldades verificadas na avaliação, o tem beneficiado de apoio semanal em Terapia da Fala, tendo-se já verificado algumas evoluções na articulação bem como na compreensão verbal.

A Terapeuta da Fala

Maio de 2009

Anexo 11- Relatório de avaliação psicológica



**Centro Hospitalar
Lisboa Central -
EPE**

**Hospital de Dona
Estefânia**

**Unidade
de
Desenvolvimento**

Director de Serviço
Dr. Gonçalo Cordeiro Ferreira

Coordenador
Dr.ª Maria do Carmo Vale

Equipa Médica
Dr. Filipe Silva
Dr. João Estrada
Dr.ª Mónica Pinto

Enfermagem
Enf.ª M.ª José Quintela

Prof. Educação Especial
Dr.ª Manuela Martins

Psicóloga Clínica
Dr.ª M.ª João Pimentel

Terapeuta da Fala
Dr.ª Isabel Santos

Morada
R. Jacinta Marto
1169-045 Lisboa
Contactos
Tel.: 213596535



Ministério da Saúde

RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA

Nome:

Data de Nascimento: 29/08/2001

Período de Observação: 16/06/2009

Idade à Data de Observação: 7 anos e 9 meses

Foi realizada uma avaliação psicológica, centrada nos domínios cognitivo e grafo-perceptivo com o objectivo de avaliar as competências intelectuais e instrumentais

. Recorreu-se, para o efeito, aos seguintes procedimentos:

- WISC-III – Escala de Inteligência de Wechsler para Crianças (3ª Edição);
- Prova de Organização Grafo-perceptiva de Bender-Santucci;
- Observação livre de comportamento.

é uma criança agitada que mostrou alguma dificuldade em adaptar-se à situação de avaliação e em respeitar as regras e limites impostos. Foi evidente um padrão de desistência e recusa perante as tarefas que considerava ser mais difíceis, apesar do permanente incentivo e reforço positivo. Verificaram-se também grandes dificuldades ao nível da concentração e mobilização da atenção.

Numa prova que avalia a eficiência intelectual, situa-se num nível *Muito inferior*. Considera-se o seu desempenho nas partes Verbal e de Realização homogéneo, não obstante verificar-se uma discrepância nos resultados obtidos nos subtestes que constituem a parte Verbal. Destacam-se grandes dificuldades nas tarefas que implicam as aprendizagens adquiridas em contexto académico, bem como as capacidades de concentração e mobilização da atenção e organização perceptiva e estruturação espacial.

A avaliação da capacidade grafo-perceptiva situa o seu desempenho num nível muito inferior ao esperado para a sua idade. O tipo de erros prende-se com a reprodução de ângulos, tangências e secâncias, bem como com a reprodução de tamanhos. Foram também evidentes dificuldades no que respeita à organização do estímulo apresentado na folha.

Em conclusão, a avaliação da eficiência intelectual do [] é reveladora de grandes dificuldades que tendem a reflectir-se na sua adaptação às exigências escolares. Apresenta ainda uma irrequietude motora e dificuldades ao nível da concentração e mobilização da atenção que podem condicionar a sua capacidade adaptar-se às aprendizagens em contexto escolar.

Pelo exposto, o Joaquim necessita de estar abrangido pelo D.L. 3/2008 de 7 de Janeiro nas alíneas consideradas importantes para uma melhor progressão em contexto escolar.

A Psicóloga

Psicóloga Estagiária

Lisboa, 7 de Julho de 2009.

Anexo 12- Relatório pedagógico

**EQUIPA DE ENSINO ESPECIAL
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE**

Relatório de Currículo Específico Individual

Estabelecimento de ensino: E.B.1/JI de

Ano lectivo 2009/2010

IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO

Nome:
Idade: 8 anos

O apresenta muitas dificuldades ao nível da memória, o que condiciona o seu aproveitamento nas tarefas propostas, apesar da motivação e do empenho. Apresenta ainda dificuldades de atenção e concentração, na orientação espacial e temporal, no raciocínio lógico e na expressão oral, sendo o discurso confuso com vocabulário pouco diversificado e com problemas na dicção.

No início do ano lectivo, não se lembrava das letras trabalhadas anteriormente. Neste momento lê e escreve pequenas frases com alguma ajuda.

Na área da Matemática, foram trabalhados os números até ao 14, embora tenha dificuldade em distinguir o 13 e o 14.

Em Estudo do Meio, o aluno acompanhou a turma de acordo com o delineado no PEI.

Paralelamente, foram trabalhadas de forma sistemática as áreas relacionadas com a atenção e concentração, expressão oral, consciência fonológica, noções temporais, lateralidade e o conhecimento de si próprio.

O cumpriu de forma satisfatória as competências definidas no PEI, salientando-se uma melhoria nas suas aprendizagens dado o seu perfil de funcionalidade.

O aluno está a ser reavaliado em psicologia e vai iniciar sessões de terapia da fala e terapia ocupacional, na escola, pela Equipa do Centro de Recursos para a Inclusão da A.P.P.A.C.D.M. de.

, 18 de Dezembro de 2009

A professora de Ensino Especial